

Lucy Vine



É fresco, ritmado
e um encanto.

Beth O'Leary

Divertido, familiar e sábio.

Rosie Walsh



EU TENHO 7 AMORES



Sete ex-namorados.
Sete oportunidades perdidas.

Qual terá escapado?







Lucy Vine é escritora, editora e autora *bestseller*, com livros traduzidos para 16 línguas. Apresentadora de um *podcast* que celebra mulheres divertidas, colabora com publicações como *Grazia*, *Stylist*, *Heat*, *Fabulous*, *New*, *Now*, *Marie Claire*, *Cosmopolitan*, *Daily Telegraph*, *Sun* e *Mirror*.

Eu tenho 7 amores

Lucy Vine

Publicado em Portugal por:

Porto Editora

Divisão Editorial Literária - Porto

Email: delporto@portoeditora.pt

Título original:

Seven Exes

© Lucy Vine, 2023

Tradução: Miguel Marques da Silva

Design da capa: Simon & Schuster UK

1.^a edição em papel: junho de 2023

Rua da Restauração, 365

4099-023 Porto

Portugal

www.portoeditora.pt

ISBN 978-972-0-67131-8

Prólogo

És a pessoa certa para mim?

És o tal? És aquele com quem finalmente, de algum modo, serei verdadeiramente *eu*?

Imagina que és essa pessoa! Imagina que és alguém com quem me posso *soltar*. Alguém diante de quem posso deixar de me preocupar com parecer que aguento tudo. Imagina que posso ser tudo aquilo em *mim* que tanto detesto; que és a única pessoa no mundo que não me censura por isso. Imagina que não tenho de pedir desculpa sempre que deixo escapar as partes de mim de que não gosto. Que me abraças com força quando fico ansiosa sem motivo aparente. Que me afagas o cabelo durante as ressacas sem juízos de valor, que me trazes chá com três colheres de açúcar de manhã sem que eu tenha pedido, que deixas as toalhas da maneira específica que gosto. Imagina que és alguém a quem posso mostrar o meu peito flácido e a minha barriga descaída e gostas ainda *mais* de mim. Imagina que finges que não estás acordado quando me peido na cama ou compras mais chocolate sem dizer nada sempre que como todas as reservas para o teu pequeno-almoço uma semana antes do período. Imagina que és o tal.

És a pessoa com quem conseguirei falar de todas as coisas que me entristecem? Serei capaz de chorar diante de ti sobre tudo o que aconteceu, sem sentir vergonha de mim

mesma? Posso embebedar-me contigo e dizer disparates demasiado alto, ficar obcecada por aquela rapariga que detestava na escola e agora tem um negócio de bolos no Facebook que parece estar a correr irritantemente bem... e *não* acordar às 2h00, com o coração a ribombar de horror com receio de te ter enojado e alienado com o verdadeiro eu? És o tal?

Olho para esses maravilhosos olhos grandes, observando as pestanas longas e escuras, bem mais agradáveis do que as minhas, e interrogo-me em silêncio: és O Tal?

Seguras a minha mão, beijando a parte que tem as veias a latejar no lado de dentro do meu pulso e, por fim, após segundos que mais parecem toda uma vida, aproximas-te para me beijar na boca.

Porra. Acho que podes bem ser O Tal.

CAPÍTULO UM

TRÊS MESES ANTES

- Então, fomos passear o cão dele, mas acontece que não tínhamos levado aqueles saquinhos para o cocó - comento com uma careta, recordando o horror. - Por isso, tivemos de apanhar a porcaria de cão com...

Faço uma pausa dramática para verificar se estão a ouvir.

- ... um preservativo.

A Bibi contorce-se acima de mim ao tapar a cara com uma mão.

- Credo.

- Espera lá. - Da sua posição no meu colo, a Louise vira-se para me ver melhor, o rosto encantador uma máscara de confusão. - O que queres dizer? Tipo, um preservativo *usado*?

- Não, não - respondo, dando-lhe uma palmadinha reconfortante no braço. - Por usar. Mas, sim, diante de um grupo de velhinhas e de um carteiro, todos a deitarem-nos olhares de reprovação do outro lado da rua para ver se apanhávamos a porcaria que o cão tinha feito, ele abriu a embalagem do preservativo novo em folha, que por acaso trazia no bolso de trás, e apanhou aquilo tudo.

A Bibi ainda tem o rosto escondido atrás da mão.

- Porque é que ele tinha um preservativo? Achava que iam fazer sexo *enquanto passeavam o cão*? Tipo, isso agora é uma cena que as pessoas fazem? A cena de encontros já chegou a isso?

E estremece.

Estamos as três deitadas na minha cama, como uma centopeia humana. A Bibi está em cima, a alfa da casa, apoiada nas almofadas, enquanto eu estou esparramada sobre ela, com a cabeça no seu colo. A Louise está deitada em cima de mim, a esmagar-me as coxas, com os dedos dos pés já fora da cama. É estranhamente confortável e estranhamente reconfortante, estar assim entrelaçada com estas pessoas que adoro... especialmente quando a minha cabeça está a latejar com uma ressaca verdadeiramente horrível.

- Porque é que as embalagens de preservativos são sempre roxas e metalizadas? - interroga-se a Bibi, pegando de forma ociosa no comando para aumentar o som da televisão. O *BBC Breakfast* fica vagamente mais alto, mas continua insípido e facilmente ignorado. - Acham que um monte de fabricantes de preservativos se reuniu um dia, numa conferência de *marketing* de preservativos, e um jovem executivo de preservativos, à procura da grande oportunidade no mundo dos preservativos, se debruçou sobre a mesa com um ar intenso e disse: "Já repararam como o papel de alumínio roxo é sensual?"

- Tenho a certeza de que foi exatamente isso que aconteceu - assinto com sinceridade. - Ah, talvez pudesses arranjar um emprego em *marketing* de preservativos, Bibs?

A Bibi trabalha atualmente num bar, mas já estive no departamento de *marketing* de uma grande empresa, antes de ser despedida no ano passado, quando a empresa fez cortes de pessoal. Tentou arranjar outro emprego nessa área

durante imenso tempo, mas acontece que os muitos anos de formação e o mestrado em Psicologia foram um dispendioso e inútil desperdício de tempo. Pelos vistos, só servem para trabalhar como empregada de bar. Pobre Bibi, com uma inútil dívida estudantil de 25 mil libras.

Na verdade, quase cometi o mesmo erro quando tinha 18 anos e comecei o curso de História, antes de desistir ainda no primeiro semestre. Oh, só que me esqueci de avisar o departamento financeiro e consegui gastar um ano inteiro de empréstimo estudantil antes de pararem de depositar dinheiro na minha conta. Mas não faz mal, porque o semestre de História que ainda estou a pagar é *muito* útil no meu emprego de organizadora de eventos, deixem-me que vos diga. A Louise, uma atriz que nunca tem trabalho e sobrevive com uma dieta de feijão cozido e a ocasional e decadente fatia de pão, mantém um ar cuidadosamente sério sempre que nos queixamos das cartas acerca dos empréstimos estudantis, enviadas apenas para fazer troça de nós. Somos umas idiotas; um derivado da geração dos nossos pais, que tiveram tudo de graça e nos pressionaram a fazer tudo o que eles tinham feito, mas sem todas as drogas divertidas e as consequências do tempo deles. Ou casas de 35 mil libras à espera do outro lado.

Mas, sim, claro, ralhem connosco por não termos um rumo na vida.

- Nada disso. - Sinto o corpo da Bibi a encolher os ombros por baixo de mim. - Acho que os preservativos estão em vias de extinção. Já ninguém os usa, até as doenças venéreas são

mais divertidas do que usar preservativos. Mais valia arranjar um emprego a promover CD ou disquetes.

- Disquetes é um eufemismo? - murmuro.

A Louise senta-se na cama, levando com ela o calor corporal. As minhas pernas sentem-se subitamente frias e solitárias.

- Acham que os preservativos são maus para o ambiente? - pergunta, ansiosa. - São muito plásticos e não imagino que apodreçam facilmente.

A Louise é, tipo, mesmo pura. Está sempre a tentar ser uma pessoa melhor, sempre preocupada com o mundo e a sociedade; sempre a querer aprender e ensinar... se bem que isso significa, essencialmente, recitar frases que memorizou na página de Instagram de Florence Given.

- Se são, a Esther é pessoalmente responsável por montes de alterações climáticas - graceja a Bibi. - Deviam debater a vida sexual dela na próxima reunião do G7.

Sento-me para lhe poder deitar um olhar zangado.

- Não tenho culpa por toda a cena dos encontros ser tão terrível - protesto. - Só faço sexo com eles porque é a maneira mais fácil de apressar um encontro aborrecido.

A Bibi assente, aceitando a verdade das minhas palavras, apesar de nunca sair em encontros. É solteira há vários anos, mas não se importa. Na verdade, a cabra parece realmente *gostar* de estar solteira.

Eu costumava ser assim. Costumava não me importar.

- Usei montes de preservativos antes de conhecer o Sven - continua a Louise, ainda com um ar preocupado. - Talvez me devesse tornar vegana para compensar a pegada de

carbono da minha vagina? Tenho de ser mais como a Greta Thunberg.

- Oh, porra, isso *não*. - A Bibi deixa-se cair na cama e afunda a cara no edredão. - Sei que ela está a fazer cenas superimportantes - continua, a voz abafada pelo edredão imundo -, mas, CREDO, imaginem a seca que deve ser passar tempo com ela. Ninguém quer ser *amigo* da Greta Thunberg.

Assinto com entusiasmo.

- Sim, Lou, experimenta o veganismo, se quiseres. Mas fá-lo porque a Beyoncé foi vegana durante meio minuto, não para ser boa pessoa... Que seca.

A Louise continua preocupada.

- Oh, está bem. Não comi carne durante uma semana depois de ver o documentário *Cowspiracy*, isso provavelmente ajudou o ambiente, não acham? E só como *bacon* quando estou *mesmo* ressecada, ou sempre que preciso de comida reconfortante após mais uma audição falhada ou uma discussão com o Sven.

Abstenho-me de revirar os olhos porque, na verdade, ela e o Sven nunca discutem uma porra. São os dois demasiado simpáticos.

A Louise namora com o Sven há quase três anos e são, tipo, o casal mais lindo e adorável de sempre, toda a gente diz isso.

Mas não são propriamente perfeitos, digo a mim mesma. Todos sabemos que a vida sexual deles é chata como o caracas. Mas são suficientemente íntimos para fazer todo o meu corpo estremecer com uma onda de fúria ciumenta que

odeio, sempre que os apanho a rirem-se juntos na sala de estar, com aquela familiaridade satisfeita que apenas existe em relações de longo prazo. É óbvio que estou feliz por eles e adoro ver a minha amiga feliz, mas também, ah, podem ir os dois para o raio que os parta por terem encontrado algo que se tem revelado tão impossível para mim.

A Bibi muda suavemente de assunto. Ela conhece a minha profunda mesquinhez quando se trata da alegria dos outros.

- Então, dormiste com ele e ficaste tempo suficiente para ir passear o cão, mas decididamente não vai haver um segundo encontro com esse tal... Qual era mesmo o nome dele?

- Andrew - respondo. - Mas passou a maior parte do encontro a tentar convencer-me a chamar-lhe *And*. - Faço uma careta. - Não Andy, ou Drew, ou outro diminutivo normal de Andrew... mas *And*.

A Bibi não consegue disfarçar o sorriso.

- Imagina se tivesses de o apresentar a alguém, ia ser do tipo: "*O And anda comigo!*" Tenta dizer isso sem dar um nó na língua.

- Isso não é um nome, é um prefixo! - exclamo, ultrajada.
- Mas tens cá uma moral, *Belinda*.

Ergo um sobrolho para a Bibi e ela ri-se.

- Errado. O meu nome, *definitivamente*, não é Belinda.

- Raios te partam - protesto, agitando um punho no ar. -
Hã, Brianna?

Ela abana a cabeça.

Quando a Bibi se mudou para cá, há alguns anos, cometeu o erro de confirmar que Bibi era, na verdade, uma alcunha.

Nunca nos disse o nome verdadeiro e andamos a tentar adivinhá-lo desde então... sem sucesso.

A Louise chega-se mais perto. Tem um aroma familiar e quente, e deixo-me aconchegar um pouco. Se a Bibi é a voz severa da razão no nosso apartamento, então a Louise é o meu animal de apoio emocional.

- Lamento muito, Esty, sei que tinhas grandes esperanças para este encontro.

Contra a minha vontade, as lágrimas chegam-me aos olhos.

- Estou tão farta, meninas. - Uso o cinto do roupão da Louise para secar os olhos chorosos. - Sinto que fico constantemente cheia de esperança, apesar de prometer a mim mesma que não o vou fazer e de saber que é parvo continuar a acreditar. Troco umas mensagens com a foto de alguém e parece ser fantástico. Até me aparecer no encontro um tipo que parece o tio do Charles Manson, só que mais velho e mais arrepiante. Faz-me sempre sentir tão estúpida e tão *desiludida*. Estou esgotada.

A Bibi faz-me uma carícia invulgarmente gentil através do roupão. Não costuma exprimir emoções de forma tão explícita; a coisa *deve* estar mesmo mal.

- Ah, querida, ultimamente, tens *mesmo* passado um mau bocado na frente amorosa.

- É verdade! - concordo, sentindo-me legitimada pela compaixão de ambas. - Lembram-se do tipo que não parava de tocar no meu cabelo? Ou do tipo com o fetiche de pés que estava sempre a queixar-se de que eu não tinha ido para o encontro de sandálias? Ou o negacionista que estava sempre

a tentar pôr ímãs de frigorífico em cima de mim para provar que a vacina da COVID me tinha deixado magnetizada? Ah, ou aquele cabrão que disse que não precisava de usar preservativo porque o *Febreze* o deixara imune a doenças venéreas? – Fungo dramaticamente. – E depois houve o tipo que, afinal, trabalhava num esquema em pirâmide e era no *Tinder* que encontrava as clientes-barra-vítimas.

– Não te esqueças do sujeito que pôs pornografia na televisão cinco minutos depois de chegarem a casa dele – acrescenta a Louise, sempre prestável.

– Como podia esquecer esse? – suspiro. – Já para não falar dos dois anos de oportunidades que perdi por causa da pandemia.

A Bibi estala a língua.

– Eu disse-te que devias ter tido encontros no Zoom, como toda a gente.

– Nunca percebi o objetivo – protesto, abanando a cabeça.
– Se não é possível encontrarmo-nos pessoalmente para que eu verifique se ele não tem algum defeito na pila, qual é o objetivo de meses de conversa *online*? Além disso, o Zoom parecia-se demasiado com trabalho. – Baixo o olhar para o meu colo. – A sério, estou a fazer tudo o que nos dizem para fazer... Estou a *sair para o mundo*. Mantenho uma *mente aberta*. Estou a experimentar com homens que podem não parecer o meu tipo. Estou a *baixar as minhas exigências*. Aceito sair num segundo encontro mesmo quando eles deixam um enorme poio inamovível na nossa sanita.

A Louise fica subitamente alerta.

- Acho que foi esse que nos avariou a sanita! Nunca mais funcionou direito.

- Esse era a porra de uma pérola - resmunga a Bibi, mas isso não me abrandá.

- Juro que ter 29 anos muda tudo quando estamos na cena dos encontros. Os homens pensam que devemos estar horrorizadas com a ideia de fazer 30 anos e que o nosso relógio biológico é agora uma bomba-relógio, o que nos leva a aceitar todo o tipo de tretas abusivas da parte deles. E a parte triste é que, secretamente, acho que sou bem *capaz*. - Pestanejo com força, fitando as minhas duas melhores amigas. - Mas nenhum destes falhados colossais gosta de mim!

Já ouviram este discurso antes, mas continuo a fazê-lo, porque *sei* que elas não entendem. Não de verdade. A Bibi está feliz sozinha e a Louise tem namorado. Podem fazer os sons certos nos momentos corretos, mas não sabem até que ponto é frustrante para mim. Não sabem como me odeio por não me sentir completa sozinha. Como odeio não ser suficientemente forte para fazer tudo isto sem Alguém. O quanto odeio o facto de antes adorar estar solteira e sair em encontros, e rir-me de como eram horríveis. Não conseguem entender como odeio que o meu último ano na casa dos 20 tenha mudado algo em mim; como sinto um aperto na barriga sempre que vejo um bebé. Como o meu olhar segue casais idosos pela rua enquanto me interrogo se morrerei sozinha. Como é fisicamente doloroso ver os meus amigos, um por um, a encontrar o respetivo par. Não sabem que concorri ao *Dinner Date*, ao *Take Me Out*, ao *First Dates*, ao

Married at First Sight, ao *Guardian's Blind Date* e até ao *Love Island* num momento de desespero.

Às vezes, desejo tanto poder dar uma olhadela rápida – num piscar de olhos! – a cinco anos no meu futuro. Se simplesmente pudesse ver que tinha conhecido alguém fantástico e assentara, então acho que conseguiria relaxar. Poderia apreciar a vida tal como é agora, sem andar sempre obcecada com esta aflição agonizante no estômago. A preocupação de que as coisas não me vão correr bem. Que eu *vou* ser a pessoa que nunca vai conhecer alguém.

Um silêncio deprimente cai sobre nós. Os apresentadores do *BBC Breakfast* introduzem mais um segmento sobre um miúdo qualquer que está a angariar dinheiro para receber atenção (caridade) e observo a mancha amarelada de humidade no teto. Está a alastrar, a ficar maior a cada dia que passa, mas tenho demasiado medo do ruído do nosso senhorio para fazer algo acerca do assunto.

Esta manhã, sinto-me assombrada. Tenho o tipo de ressaca que não é bem uma ressaca, porque não me sinto assim *tão* mal. Não tenho dores de cabeça nem enjoos, mas estou com aquela sensação sempre presente de desespero que me percorre por ondas. A Lou, a Bibi e eu preferimos o termo *ressequidas* a *ressacadas*, porque nos sentimos secas como um deserto, apesar de termos passado a noite a beber vinho rosé com rótulos insultuosos que nos chamam “vadia do vinho” ou “cabra básica”. Seja como for, sinto que a minha vida acabou, como se tivesse estragado tudo, e não consigo especificar uma causa em particular para me sentir assim.

Com exceção do óbvio, claro: que vou virar trintona dentro de alguns meses com um sentimento de que não fiz nada da vida. Não tenho um namorado de jeito há séculos, vivo num apartamento decrepito e não consigo, por muito que me esforce, fazer com que a porra das sobrancelhas fiquem alinhadas.

Sei que devia ser feliz como solteira; *eu sei isso*. Sou uma mulher adulta com um emprego divertido e amigas que adoro, mas há qualquer coisa em mim que continua a interrogar-se. A interrogar-se se andarei a passar ao lado de *algo*. E se todas as comédias românticas com a Vanessa Hudgens que vejo sempre que o algoritmo da *Netflix* as recomenda estiverem certas? Que não é possível ter uma vida satisfatória sem um parceiro? Às vezes, à noite, quando estou deitada sozinha na minha enorme cama, lembro-me de como isto é bom; como é agradável ter o colchão todo para mim e como tenho de lidar com muito menos pentelhos quando estou solteira. Mas, mas, mas. Algo em mim continua a querer e a ter esperança. Porque, às vezes, seria agradável encontrar um pentelho que não fosse meu.

A Bibi empurra-me para o lado.

– Esta porra é deprimente. E eu tenho a solução.

Tanto a Louise como eu nos viramos para ela, olhos arregalados e esperançosos. A Bibi tem sempre a resposta, é tão sábia e conhecedora. Ela vai resolver a minha vida lamentável.

Ela domina o quarto por um momento, estendendo uma pausa demasiado dramática enquanto nos fita a ambas. E então revela a solução, e é exatamente a resposta certa.

- Vamos apanhar uma bebedeira matinal.

CAPÍTULO DOIS

Por volta do meio-dia, já estamos podres de bêbedas e cambaleamos para o *The Swan*, o nosso sórdido bar local, a cinco minutos da nossa porta.

Meu Deus, adoramos este sítio. Quer dizer, para quem se deita às onze da noite e tenta dormir enquanto bandos de idiotas bêbedos gritam junto à janela, é um pesadelo viver tão perto de um bar. Mas, felizmente, nós costumamos estar aqui, somos *nós* o pesadelo.

Não é que seja um bar agradável. Na verdade, é completamente nojento e tem muito pouco de cisne. Costumamos chamar-lhe *The Swab*¹, em vez de *The Swan*, porque, francamente, depois de consumir seja o que for aqui dentro, uma pessoa precisa de toda uma bateria de testes na clínica gratuita mais próxima. Mas o hábito gera desprezo – e alegria. É o *nosso* antro nojento de doenças e não aceitamos que digam mal dele. A não ser que sejamos nós a dizer mal.

A Bibi vai buscar as bebidas, vinho rosé e insultuoso, como é habitual, e sentamo-nos numa mesa de canto. Somos as primeiras e únicas pessoas no bar, e estamos suficientemente embriagadas para nos orgulharmos disso.

– ODEIO ENCONTROS – grito para a sala vazia.

O Franco, o gerente do bar, deita-nos um olhar assustado e encolhe-se um pouco atrás do balcão. Ele conhece-nos. Sabe que somos desleixadas e agressivas quando bebemos demasiado. O pobre coitado viu-me nua uma vez, mas isso é ooooooutra história.

- EU TAMBÉM ODIAAAAAAVA, ANTES DO SVEN - grita a Louise, e rimo-nos as duas.

- EU NÃO TENHO UMA OPINIÃO FORTE ACERCA DO ASSUNTO PORQUE NUNCA SAIO EM ENCONTROS - grita a Bibi, e caímos as três nos sofás do recanto.

- O que é isto?

A Louise, zonza, estende a mão para baixo e tira uma revista entalada entre as almofadas cor-de-rosa do canto. Atira a revista para a Bibi, que a atira para mim.

Pousa no meu colo e fito-a com olhos turvos e intoxicados. É um número antigo e maltratado da *Cosmour*, a melhor revista que alguma vez saiu dos anos 90. Eu era assinante, até a revista morrer de morte súbita, há uns anos, e voltar a vê-la agita toda uma série de sentimentos. Curiosa, observo os cantos dobrados e os títulos apelativos acerca de orgasmos e dos talibãs. Não reconheço este número.

- Oh, não posso, eu adorava a *Cosmour*! - grita a Louise, arrastando-se pelo sofá para olhar por cima do meu ombro.

- Também eu. - Rio-me ao folhear as páginas.

Tanta diversão e nostalgia refletem-se das páginas. Paro a meio da revista, num artigo ilustrado a cores vivas com um título chamativo.

- Lê para nós!

A Louise bate palmas e até a cínica Bibi presenteia-me com um sorriso sincero e encorajador.

Clareio a garganta e começo na minha melhor voz de adulta.

Os sete relacionamentos que todas as mulheres têm na sua busca para encontrar O Tal

Estudos indicam que todas vivenciamos as mesmas histórias amorosas nas nossas vidas. Aqui, a escritora da *Cosmour*, Demi Doris, dissecas-as em pormenor.

Uma voz ansiosa interrompe a minha leitura e deitamos olhares zangados ao Franco.

- Hã, Bibi, achas que hoje vais fazer algum trabalho?

Tecnicamente, a Bibi trabalha aqui.

- Talvez, Franco - balbucia a Bibi, de forma muito óbvia, como diria a minha avó, bêbeda como um cacho.

- Hã, bem. - O Franco franze os lábios, incapaz de sustentar qualquer tipo de autoridade. - Está bem, cinco minutos, pode ser?

- Bela porcaria, Franco, és mesmo um tipo às direitas - exclama a Bibi, insultando-o com toda a casualidade.

Ela fita-o até ele se afastar, com um ar assustado.

- Ei, devias ser mais simpática com ele - comenta a Louise, sempre a melhor de nós as três.

- É um idiota - declara a Bibi, e, enquanto a Lou solta uma risadinha, vira-se para mim no recanto. - Continua a ler - pede com urgência, parecendo excitada.

Os sete relacionamentos que todas as mulheres têm na sua busca para encontrar O Tal

Estudos indicam que todas vivenciamos as mesmas histórias amorosas nas nossas vidas. Aqui, a escritora da *Cosmour*, Demi Doris, dissecas-as em pormenor.

Há muitas coisas deprimentes que as mulheres têm em comum: o período, pelos esquisitos nos mamilos, ganhar muito menos do que os homens por fazer o mesmo trabalho (é melhor nem falar disso). E agora podemos acrescentar mais uma coisa à lista: os nossos padrões de relacionamentos. Estudos recentes mostram que todas nós, mais ou menos, passamos pelos mesmos tipos de relacionamentos antes de assentarmos com O Tal. Mas, quer seja o amigo com quem dormimos porque estava lá, quer seja o tipo no emprego que temos a certeza de que foi um erro, o nosso grande amor está algures entre eles – isso é um FACTO.

Intrigada, desço pelo artigo, lendo por alto as sete caixas que detalham os diferentes tipos de relacionamento: O Primeiro Amor; O Erro no Trabalho; A Transição; O Amigo Colorido; A Oportunidade Perdida; O Sacana; e O Namorado Sério.

– Ah! – solta a Louise, ainda a ler por cima do meu ombro.
– Tive alguns desses. Lembram-se do Gabriel, aquele tipo com quem fiz uma pantomina há uns anos? Que me disse que a pila dele era alérgica a preservativos e me deu sífilis? Isso é que foi um erro no trabalho!

Ri-se e apoia afetuosamente a cabeça no meu ombro, mas não lhe estou a prestar atenção. Estou a pensar; a contar.

O Primeiro Amor
O Erro no Trabalho
A Transição
O Amigo Colorido
A Oportunidade Perdida
O Sacana
O Namorado Sério

Um som tonitruante começa a rugir nos meus ouvidos enquanto leio as palavras uma e outra vez. Leio as caixas de texto do início ao fim, bebendo as palavras; as descrições detalhadas. Reparo vagamente que a Bibi se afasta e regressa pouco depois, pousando com força na mesa outra garrafa cor-de-rosa que, decididamente, não pagou. Senta-se então à nossa frente, ignorando os olhares do Franco, do outro lado da sala.

– Podes servir.

Ela empurra o vinho para a Louise, que aceita a tarefa com alegria, vertendo mais líquido para os nossos copos.

Alistair, Carl, Alex, Paul, Idris, Will e Rich.

Todos os meus relacionamentos, todas as ligações, reais, estúpidas, intensas, absurdas, horríveis, comoventes, patetas, excitantes, estão todas ali na página. *O Primeiro Amor, O Erro no Trabalho, A Transição, O Amigo Colorido, A Oportunidade Perdida, O Sacana, O Namorado Sério: Alistair, Carl, Alex, Paul, Idris, Will e Rich.* Talvez não pela ordem certa, mas estão todos lá. Volto a ler os detalhes de cada um e o rugido nos meus ouvidos torna-se um rufar de tambor, enchendo-me a cabeça com todas as suas vozes ao

mesmo tempo: a implorar, a rir, a insultar, a gemer, a deixarem-me, a serem deixados. É horrível.

Puxo pela manga da Louise, mas ela mal levanta o olhar. Está a pôr o rótulo da garrafa no Instagram.

- Dá mesmo para sentir o aroma a cabra básica - declara solenemente, brindando com a Bibi.

- Meninas - chamo em voz baixa; depois, mais alto: - MENINAS. - Elas viram-se para mim, alarmadas pelo meu tom. Cravo um dedo na página, em pânico. - Eu tive todos estes relacionamentos... *todos*. Não falhei um. - Elas deitam-me um olhar de incompreensão. - Depois disto, não há mais nada!

A Bibi estreita os olhos e deita-me um olhar irritado.

- O que estás para aí a dizer? O que queres dizer com “não há mais nada”?

Lanço-lhe um olhar intenso.

- Quero *dizer* que é por isso que passei os últimos seis meses em encontros piores para lá de horríveis. É por isso que o universo continua a mandar-me homens que pensam que combinar um cachecol com um *blazer* é um traço de personalidade. É porque eu já tive os sete tipos de relacionamento, *estes mesmos relacionamentos*, todos, e um deles é supostamente O Tal. Já usei todos! Usei a minha quota de parceiros e agora nunca vou encontrar O Tal. Oh, meu Deus - gemo, com a cabeça apoiada nas mãos. - Tive a minha quota de amor e descartei-os a todos!

- Isso não pode estar certo.

A Louise ri-se nervosamente e tira-me a revista das mãos, deitando um olhar cauteloso à página. Parece abalada.

– Não, a sério, meninas. – Olho para uma e depois para a outra, sentindo-me alucinada, mas subitamente muito sóbria e plenamente convencida de que tenho razão. – Vocês não estão a perceber. Essas eram as minhas oportunidades, as minhas únicas oportunidades.

Faço uma pausa enquanto algo se agita no fundo dos meus pensamentos; o início de uma ideia. E se eu... Não, isso seria terrível. Seria uma coisa horrível, estúpida, traumatizante e disparatada para fazer.

Mas, e se for a única opção?

E se essa for a única maneira de encontrar O Tal? E se, ao *não* o fazer, estiver condenada a anos de horror sempre que a época dos casamentos se aproxima? De implorar à Bibi que seja a minha acompanhante em festas de trabalho? De ter a tia June, de 78 anos, ao lado do meu pai a perguntar, em todos os postais de Natal e de aniversário, se “finalmente” assentei? Essa vaca ainda tem *anos* de mesquinhez pela frente.

Olho para as páginas da revista acetinada. Ali está, preto no branco. Estudos dizem que uma pessoa só tem sete oportunidades no amor. Isso significa que cientistas analisaram o tema. Pessoas com diplomas universitários que usam batas brancas e parecem extremamente sábias. *Devem* saber do que estão a falar.

Sei o que tenho de fazer. É a única coisa que *posso* fazer.

A Louise espera atentamente, de olhos arregalados, pelas minhas próximas palavras. A Bibi raspa pastilha elástica no tampo da mesa, completamente desinteressada.

Respiro fundo.

- Lou, Bibi, acho que tenho de encontrar os meus relacionamentos passados.

- Quais? - pergunta a Louise, confusa.

Volto a olhar para o artigo, as imagens vívidas a fundirem-se numa só. Engulo em seco.

- Todos.

Ela fica especada a olhar para mim quando lhe tiro a revista e fecho-a.

É isto. É mesmo isto que tenho de fazer, é esta a resposta; é por isso que não consigo encontrar um marido... porque já o encontrei. Só tenho de voltar a encontrá-lo.

E sei exatamente por onde começar. Pelo único por onde podia começar.

Alistair Morris.

¹ Esfregaço. (*N. da T.*)

EX-NAMORADO N.º 1: ALISTAIR MORRIS

O Primeiro Amor

Parte Um

Escola Secundária St. Jude
Arrecadação das bicicletas
12h40

- EI, FANNY ADAMS, O ALISTAIR MORRIS DIZ QUE ÉS TODA BOA.

Cuspo *Apple Tango* para o alcatrão, rodo sobre os calcanhares e aterro meio de cócoras. Normalmente, o som do meu nome, ou aquela variante do meu nome usada pela maioria dos alunos do 9.º ano, é acompanhado por alguém a chutar uma bola de futebol contra a minha cabeça. Aprendi a baixar-me depressa.

A Louise dá um passo à frente, assumindo o seu papel de melhor amiga e porta-voz.

- TU QUÊ? - grita de volta para Nick Wilde, do interior de um enorme casaco cinzento-metálico.

A Lou gosta do Nick porque a mãe dele, a professora Wilde, dá-nos aulas de Teatro, que é a disciplina preferida dela. Diz que quer casar com o Nick para poder fazer improvisação com a professora Wilde todos os fins de semana.

A Shelley junta-se a ela com entusiasmo.

- POIS É, NICK WILDE - grita no seu inconfundível sotaque australiano. - O QUE'TÁS A DIZER SOBRE A ESTHER?

Do outro lado do recreio, o Nick Wilde, rodeado por três ou quatro rapazes de cabelo espetado da equipa de futebol, solta uma risada histérica. Rodeando a boca com as mãos, volta a tentar.

- EU DDDDDDDDISSE - com ênfase exagerada no D - QUE O ALISTAIR - breve pausa para apontar para um dos amigos, encolhido mais atrás - GOSTA DA FANNY ADAMS!

Sinto o corpo inteiro a corar. É como se me erguesse para cima e para fora do meu corpo, olhando para mim aos 15 anos, horrivelmente desajeitada e com um casaco *Ellesse* de imitação comprado na feira. É uma situação sem precedentes. Nunca atraímos este tipo de atenção. Nós as três, eu, a Shelley e a Louise, estamos sempre a tentar ser vistas e sempre a tentar ser invisíveis.

A Louise vira-se para mim, com um ar do mais puro espanto estampado no rosto. Fica sem pescoço com aquele casaco, parece um boneco, paralisada de indecisão.

- Ouviste? - sussurra a Shelley sem parar de mascar a pastilha elástica. - O Alistair Morris, da equipa de futebol, Esther! Da equipa *principal*, Esther!

Este tipo de coisa não me acontece. Também não acontece à Shelley ou à Louise. Simplesmente, não acontece. Nós as três somos melhores amigas desde o 6.º ano, principalmente porque mais ninguém gosta de nós. Unidas pelo nosso estatuto de marginais, passamos a maior parte do

tempo junto à arrecadação das bicicletas, sempre a fingir que fumamos o mesmo cigarro que roubámos há um mês ao irmão mais velho da Lou.

- Deve ser uma piada - sussurro.

Mas, sob o uniforme escolar, estou a tremer com uma sensação desconhecida. O Alistair Morris é todo bom. Parece-se com o Charlie Simpson, dos Busted.

A Louise vira-se de novo para o Nick, que agora está distraído numa guerra de empurrões com outro amigo da equipa de futebol.

- EI, NICK WILDE - grita ela, e ele vira-se. - 'TÁS A GOZAR?

Ele ri-se e murmura algo para um dos outros rapazes antes de responder.

- NÃO! A SÉRIO, O ALISTAR GOSTA MESMO DA TUA AMIGA. DIZ-LHE QUE VENHA CÁ. ELE QUER, TIPO, PERGUNTAR-LHE UMA COISA, 'TÁ?

A Louise e a Shelley fitam-me nos olhos, e eu observo-as de volta. Não fazemos a mais pequena ideia de como lidar com isto. O mais parecido que tivemos com este tipo de atenção foi no período passado, quando a Jodie Matthews, do 10.º ano, ouviu o meu avô a chamar-me Fanny Adams ao deixar-me na escola. É só uma alcunha tonta que ele me deu, porque o meu nome do meio é Annie, mas a Jodie e a Janey Thompson espalharam-no por toda a escola. Foram ver à Internet e descobriram que a alcunha vinha do assassinato de uma menina de 8 anos, no século XIX. Fanny Adams foi esquartejada de tal maneira que os marinheiros começaram a chamar Sweet Fanny Adams ao guisado que comiam nos

navios. Então, toda a gente começou a chamar-me Fanny Adams, que até é uma alcunha gira, não me importo de todo. Está tudo bem.

– Vamos até lá? – volta a sussurrar a Shelley.

Encolho os ombros com algum nervosismo. Sinto o coração aos saltos.

– Não sei! Acham que é uma partida? Vão tentar levantar-nos a camisola ou puxar as alças do sutiã se formos lá?

Olhamos as três para baixo, para os enormes casacos acolchoados que trazemos vestidos. Não dão grandes oportunidades de acesso.

– Acho que devíamos ir – assente a Lou, cheia de coragem, mas consigo ver-lhe o lábio a tremer. – Se *for* uma partida, podem tentar fazer o mesmo em qualquer outra altura, certo? Por isso, porque não acabamos já com isto? Mas – continua ela, chegando tão perto que consigo sentir-lhe o hálito quente na minha cara –, e se for verdade? E se o Alistair Morris gostar *mesmo* de ti?

Voltamos a olhar para o outro lado do recreio. Os rapazes riem-se e chutam as mochilas uns dos outros como se fossem bolas de futebol. O Alistair está ligeiramente à parte, a olhar nervosamente na nossa direção e a desviar rapidamente o rosto.

– Está bem.

Respiro fundo e damos as três os braços, decididas. Com passos lentos e cautelosos, como se estivéssemos a sair das trincheiras para a batalha, atravessamos o recreio. Uma centena de olhos interessados do nosso ano observam-nos e sinto-me mais fraca a cada passo. Apenas a Lou, à minha

direita, e a Shelley, à minha esquerda, de queixo erguido e passada firme, me mantêm em movimento. A uns cinco metros dos rapazes, paramos e deixamos cair as nossas mochilas no chão, sabem, como se decidíssemos subitamente que hoje queremos almoçar num sítio diferente.

O Nick vira-se para nós.

- Ei, Fanny Adams, gostas do Alistair ou quê?

- 'Tá CALADO, Nick! - sussurra o Alistair, e o Nick amua.

Os rapazes começam a empurrar o Alistair até o forçarem para a frente do grupo. Ele mal resiste e fica parado quando os amigos risonhos o abandonam à minha frente.

- FORÇA, MEU FILHO - grita um dos rapazes.

Resisto a todos os impulsos dentro de mim que gritam para fugir dali. Ao meu lado, consigo sentir a Louise a tremer de medo, enquanto a Shelley vibra de excitação com toda aquela atenção. O ano inteiro assiste; um recreio silenciado por Algo a Acontecer.

- Tudo bem, Esther? - diz o Alistair Morris, numa voz grave. - Tudo bem, Louise? Tudo bem, Shelley?

- Oh, meu Deus, o Alistair Morris sabe os nossos nomes - solta a Louise, num tom que provavelmente deveria ser um sussurro.

- Cala-te, Lou - ralha a Shelley, sempre a mais calma sob pressão.

Clareio a garganta, rezando desesperadamente para que a minha voz não saia esganiçada.

- Olá, Alistair - replico numa voz esganiçada.

- Mandei-te um convite no *Bebo* - murmura o Alistair, aos pontapés no chão.

Sinto a visão a ficar turva. A minha mãe só me deixa usar a Internet em casa ao sábado. Como é que vou aceitar o convite?

- Fixe - respondo, incapaz de dizer qualquer outra coisa.

- Queres um *Monster Munch*?

Ele estende-me um saco a meio. Estraleja na mão dele e é o som mais sensual que alguma vez ouvi.

- Nã - respondo numa voz fraca. - Tenho aqui *Apple Tango*. Gosto mesmo, mesmo de *Apple Tango*.

- Fixe - assente ele.

Acho que ele *entende* como *Apple Tango* é fantástico.

Estamos agora rodeados por um círculo de espectadores, todos a observar, à espera. A expectativa paira no ar e ouço uma imitação murmurada do Borat do meio da multidão:

- O Alistair Morris acha que a Fanny Adams *é boooooa!*

- Eu, hã... - O Alistair interrompe-se e eu sustenho a respiração, inalando o aroma potente do *aftershave Lynx Africa* e do cabelo dele, saturado de gel. - Hã, 'tava a pensar se querias ir ao cinema ou algo assim? - Clareia a garganta, acrescentando rapidamente: - Comigo, quero dizer.

A Louise não se contém e deixa escapar um guincho murmurado. Dou-lhe uma cotovelada com força.

- Hã, sim, pode ser - digo por fim.

A minha voz soa a milhas de distância. O meu coração bate descompassado e consigo sentir suor a escorrer-me pelas costas, por baixo das camadas do uniforme e do casaco. A Shelley aperta-me o braço com mais força, em sinal de apoio. Penso em nós as três a dissecar tudo aquilo

em minha casa depois das aulas. Está mesmo a acontecer?
Estou mesmo aqui?

- Fixe.

Ele assente vigorosamente e depois prenda-me com meio-sorriso. Tem um incisivo torto e decido que isso vai ser a coisa de que mais gosto nele. A coisa de que mais gosto no Alistair Morris. Quando, mais tarde, falar com a Louise e a Shelley, vai ser, tipo: "Ele tem um sorriso mesmo giro, adoro aquele dente torto, é a cena de que mais gosto nele, sabem?"

Vou sair com o Alistair Morris, o Alistair Morris vai ser meu namorado.

Ele morde o lábio e volta a sorrir o meu novo sorriso preferido.

- Posso ficar com o teu número?

- Sim, claro.

Sinto-me afogueada quando passo o *Apple Tango* à Shelley. Tiro então o telemóvel e leio em voz alta o número nos meus contactos.

Vamos apaixonar-nos - eu já estou apaixonada por ele. Vamos ser a inveja de toda a gente no nosso ano. Vamos falar todos os dias, o dia todo todos os dias, e aprender tudo sobre o outro. Vamos ficar loucamente apaixonados e depois vamos casar, não muito velhos, talvez aos 20 anos, e vou dizer às pessoas no nosso casamento que o que mais gosto nele sempre foi o sorriso.

- Eu mando-te uma mensagem - diz ele, pendurando a mochila ao ombro. - Até logo.

Acena formalmente para a Louise, depois para a Shelley, antes de regressar para o seu grupo. Os amigos recebem-no

com aplausos e palmadas nas costas. Alguém na multidão volta a imitar o Borat.

Não posso crer. Eu e o Alistair Morris, juntos para sempre.

CAPÍTULO TRÊS

A Bibi assente de modo encorajador enquanto esboço uma Árvore de Pilas dos meus ex-namorados na contracapa da revista. Passo-lhe o desenho e ela observa-o, tentando perceber os detalhes que escrevinhei por cima de uma publicidade de maquilhagem *Kardashian*.

Ela puxa uma passa no *vape*. O pivete do fumo com aroma a framboesa consegue ser pior do que o fumo normal.

- Então, vais começar pelo princípio? Com o teu primeiro namorado?

A Louise dá saltos no sofá.

- Aaaaah, o Alistair Morris! Oh, meu Deus, parece que foi noutra vida!

A Bibi deita-lhe um olhar carregado. Não gosta de referências explícitas ao facto de eu e a Louise nos conhecermos há mais tempo; que a Louise é, implicitamente, a original; que a Bibi preenche um espaço deixado vazio quando a Shelley nos deixou. Engulo em seco só de pensar nisso.

- Ele era tão simpático e vocês tinham uma relação tão querida. - A Louise faz uma pausa, lançando um sorriso atrevido à Bibi. - Eles estavam *sempre* aos beijos, Bibi, não imaginas o desperdício de saliva. A Esther andou perigosamente desidratada durante a maior parte do 9.º e do 10.º anos. - A Bibi solta uma gargalhada e a Louise vira-se para mim. - Como o vais encontrar, Est?

- Da mesma maneira que toda a gente encontra amigos da escola - respondo com desdém. Quando ela me lança um

olhar de incompreensão, acrescento: – No Facebook.

Com as mãos a tremer, abro o Facebook Messenger e procuro o nome dele.

Lá está ele.

O Alistair Morris foi o ponto alto do tempo que passei na escola. Ele era muito, muito mais popular do que a Lou, a Shelley ou do que eu, era a estrela da equipa de futebol, mas era muito mais do que um atleta idiota. Era simpático, engraçado e um pouco maridão; tinha de fingir que não era tão esperto como realmente era, para manter o lugar no bando dos miúdos fixes. E quando reparou em mim, quando gostou de mim, presumi que isso mudaria toda a minha vida.

Talvez ainda o possa fazer?

Ele é, no mínimo, um bom ponto de partida para esta missão. Uma pessoa segura e encantadora com quem vai ser genuinamente agradável retomar contacto.

Começo a escrever.

Esther Adamsonline

Olá, Alistair, desculpa entrar em contacto assim,
após tantos anos... sem mais nem menos, eu sei!

Faço uma pausa.

– Será que devia pôr aqui um LOL? – pergunto, ansiosa.

A Louise e a Bibi respondem ao mesmo tempo.

– Decididamente, sim!

– Definitivamente, não!

E lançam olhares zangados uma à outra.

– Talvez um *emoji* sorridente? – sugiro com cautela.

Ambas assentem com um ar sério.

Esther Adamsonline

Olá, Alistair, desculpa entrar em contacto assim, após tantos anos... sem mais nem menos, eu sei! Pus-me a pensar o que andarias a fazer e como seria a tua vida. Adorava tomar um copo e pôr a conversa em dia, se estiveres para aí virado? Esther

Volto a parar.

- Sei que não é a minha melhor abertura, mas vai direto ao assunto, certo?

Elas encolhem os ombros.

- Está bom assim - diz a Louise, assentindo de modo encorajador.

- Sim - concorda a Bibi, com confiança. - Não podes começar a fazer piadas até saberes ao certo quem é ele, hoje em dia. Não falas com ele há, tipo, dez anos. Ele pode ter-se tornado um adulto sem ponta de humor.

- Devo acrescentar um beijo? - pergunto.

Mas a Bibi já estendeu a mão e premiu enviar. Ficamos as três a olhar para o ecrã, uma sensação de horror a apertar-me o estômago quando vejo o nome dele assinalado com um ponto verde. Ele está *online*.

Oh meu Deus oh meu Deus oh meu Deus.

A resposta dele é quase instantânea e a Louise solta uma exclamação dramática quando as palavras aparecem no ecrã.

Alistair Morrisonline

Vai-te lixar, Esther

Oh.

Talvez todo este projeto não vá ser tão simples como
pensei.

EX-NAMORADO N.º 1: ALISTAIR MORRIS

O Primeiro Amor

Parte Dois

Casa dos meus pais

O meu quarto

23h45

- Faz pouco barulho, sim? - sussurro, puxando os cobertores para cima das nossas cabeças. - Os meus pais estão ao fundo do corredor e sabes que o meu pai mata-nos a sangue-frio se nos apanha aqui.

- Tenta no YouTube - sugere o Alistair, chegando-se mais perto. - Devem ter vídeos de instruções.

Abro a caixa de busca e escrevo: "Pôr um preservativo para definitivamente não haver bebés". *Enter*.

- Ui, tantos.

Observo a lista de resultados e clico no segundo a contar de cima. Alguém me disse, certa vez, que a coisa adulta a fazer num restaurante é pedir o segundo vinho mais barato na ementa, em vez de escolher automaticamente o mais barato, e aplico a mesma filosofia aos resultados de busca. Afinal, faço 17 anos dentro de 14 minutos, por isso é mais do que altura de começar a fazer estas cenas de adulto.

Incluindo sexo, finalmente, com o Alistair Morris.

Vemos o vídeo e contendo um arrepio ao ver a coisa viscosa nas mãos da mulher. É mesmo nojento e estou chocada por ter de usar uma coisa destas durante a nossa noite super-romântica.

Ainda não posso crer que vou finalmente perder a virgindade.

- O professor Havana não vos ensinou isto em Biologia? - pergunta o Alistair, após um minuto a ver o vídeo.

O tom de voz dele é inescrutável.

- Que nojo! - Remexo-me sob os cobertores. Está a ficar calor aqui em baixo. - Como SE eu fosse capaz de olhar para ele a explicar uma coisa dessas! A Shelley teve de me contar depois. Pelos vistos, pegou num preservativo, mas não o conseguiu pôr na banana. Saltou-lhe para a cara, a turma toda passou-se. Além disso, aposto que o professor Havana nunca fez sexo, ele tem *pelos nos ouvidos*, Alistair por amor de Deus. Deve ser por isso que não conseguiu pôr o preservativo. - Estremeço por baixo dos cobertores. - Seja como for, não quero arriscar ficar grávida ou apanhar uma dessas doenças sexuais.

Sinto o Alistair a olhar para mim no escuro.

- Esther, sabes que também sou virgem, não sabes?

- E então?

- E então, não tenho doenças sexuais. Não se *nasce* com doenças sexuais.

Como não sei se é mesmo assim, fico em silêncio.

O vídeo do YouTube chega ao fim e volto a olhar para a pequena embalagem quadrada pousada entre nós; tão

parecida com a embalagem de um chocolate. Ficamos deitados em silêncio por um minuto.

- Muito bem - digo por fim. - Parece bastante simples. Vamos, hã, fazê-lo?

- Hã, achas que primeiro podemos sair de debaixo dos cobertores, só por um minuto? - pergunta gentilmente o Alistair. - Estou a assar aqui em baixo.

- Está bem - resmungo, um pouco impaciente. - Mas fazemos sexo debaixo dos cobertores, é assim que se faz. Além disso, vai abafar os gritos selvagens que pelos vistos vou dar.

Estamos os dois corados como tomates à luz fraca do candeeiro na mesinha de cabeceira.

- Devemos beijar-nos? - pergunta ele a medo.

Assinto com autoridade. Afinal, sou eu que estou encarregada de tudo isto. Fui eu que decidi que estava finalmente pronta para fazer sexo e fui eu que fiz toda a pesquisa.

- Sim - respondo num tom profissional -, aparentemente, os preliminares são muito importantes.

O Alistair debruça-se para cima de mim, o peso dele sobre o meu corpo. Faz-me sentir melhor; familiar. Esta é a parte fácil. Já nos beijámos muito... tipo, *mesmo muito*. A Louise e a Shelley estão constantemente a pegar connosco para pararmos de o fazer à frente delas, mas não consigo evitar. Gosto tanto dele.

A mão dele está no meu peito. Isso também está bem. Já fizemos isso antes... e outras coisas! Já tocámos nas partes privadas um do outro e até pus a pila dele na minha boca

algumas vezes. Da primeira vez soube a sabão, das vezes seguintes a suor.

Ele também já me fez sexo oral.

- Tiramos as cuecas?

Ele ainda está a sussurrar, mas mando-o fazer pouco barulho outra vez, pelo seguro.

- Sim, está bem.

Puxo as cuecas para baixo, para lá dos joelhos e dos pés, enquanto o Alistair faz o mesmo. Estou agora tão nua como alguma vez estive com ele; trago apenas um sutiã novo e uma vagina meio depilada. A minha ideia era depilar tudo, mas desisti depois de demasiados cortes. Espero mesmo ter tirado todos os pedaços de papel higiénico que usei para estancar o sangue.

- Queres que suba para cima de ti?

Ele gesticula na penumbra e eu assinto. Vi na Internet as diferentes posições, mas não as quero experimentar. Ainda não. Para já, missionário serve perfeitamente.

Ele vem para cima de mim e consigo sentir a pila dele dura contra a minha coxa. Isto é romântico, lembro a mim mesma. Amamo-nos, é natural e normal, algo que toda a gente faz! Vou adorar! Vou mesmo adorar! Vai doer um pouco no início, mas depois vai ser fantástico e vamos os dois ter orgasmos múltiplos.

Além disso, ele vai deixar-me se não o deixar fazer sexo. Ele esperou tanto tempo e foi sempre tão simpático e paciente, enquanto toda a gente do nosso ano já o fez, tipo, com 25 pessoas diferentes.

Sinto a mão dele a remexer nas nossas partes privadas e depois uma sensação de pressão, como fazer cocó, mas ao contrário.

- Já entrou? - sussurra ele.

Assinto, com uma sensação desconfortável a irradiar das virilhas.

- Sim, acho que sim.

A seguir, sinto-me dorida, mas extasiada e crescida. Ele segura-me a mão com força e diz que me ama muito. Sei que está a falar a sério, mas também estou a imaginar a miúda linda por quem ele me vai deixar um destes dias.

O Alistair rola para o lado para pôr o preservativo dentro de um saco de plástico. Depois de o esconder na mochila, vira-se de novo para mim.

- Não vais fugir com outro tipo quando fores para a universidade, no próximo ano, pois não?

Ele sorri no escuro, o vulto dele visível quando volta para dentro da cama.

- Claro que não - protesto, apertando-lhe a mão com força.

Como se *eu* o pudesse deixar. Amo-o tanto, tanto. Vai ser ele quem me vai deixar. Sei isso desde o início.

CAPÍTULO QUATRO

Sabem quando dão a primeira dentada em algo doce e a boca enche-se de saliva? Acontece-me o mesmo quando ouço a voz dele atrás de mim.

- Ainda bebes *Malibu* com cola?

Rodo na cadeira, quase caio ao chão, e sinto um aperto no estômago só de o ver.

O Alistair Morris.

É mesmo ele. Tem o mesmo aspeto que tinha há dez anos, mas mais como se fosse o irmão mais velho, se é que isso faz sentido. E se ele tivesse um irmão mais velho, que não tinha, apenas irmãs que me ignoravam. Parece mais velho de uma forma completamente indefinível. Continua o mesmo Alistair de sempre, com o meio-sorriso que mostra aquele querido dente torto. Sempre ligeiramente bem vestido de mais, especialmente para este bar sujo no meio do Soho, e sempre adorável com aquele ar ligeiramente desajeitado, sem saber bem o que fazer com os membros demasiado longos. Não há nada visivelmente diferente nele e, contudo, está diferente. Está crescido.

Rio-me quando finalmente entendo a pergunta.

- Hoje em dia, é mais vinho - respondo ao levantar-me, estendendo instintivamente os braços para um abraço. - *Malibu* é um bocadinho bebida de adolescentes, não achas?

O nosso abraço dura uma fração de segundo a mais e quando me afasto o cheiro dele persiste em mim. Dá-me arrepios na pele e reprimo o impulso de lamber os lábios.

- Na verdade, pedi uma garrafa para nós - gesticulo para a mesa. - Mas claro que podes pedir outra coisa se não apreciares vinho.

Rio-me nervosamente com a estranheza de perguntar a alguém que outrora conheci por dentro e por fora, literalmente, se gosta de vinho.

É certo que ele bebia vinho quando éramos adolescentes. Mas apenas quando eram duas garrafas por 4 libras e apenas quando um de nós se lembrava de levar um saca-rolhas para o parque. O que nunca acontecia. O *Malibu* com cola veio mais tarde, quando tínhamos os dois quase 18 anos e nos deixavam entrar em bares. O nosso último ano juntos.

- Vinho parece-me bem - sorri ele, voltando a revelar o famoso dente torto que eu tanto adorava, e sentamo-nos diante um do outro. - Ainda bem que não pediste tinto - continua o Alistair. - Ultimamente, dá-me uma ressaca horrível!

Respondo com um sorriso simpático e sorvo longamente a minha bebida, sentindo uma onda de irritação. Queria sentir-me esta noite como uma adolescente, uma que achava que uma ressaca era vomitar um líquido verde por cima de alguém com quem, ainda assim, andava aos beijos meia hora depois, e acordar no dia seguinte cheia de vontade de repetir a dose. Não quero ser recordada de como agora somos velhos. Velhos que têm ressacas horríveis por causa do vinho.

Segue-se um longo silêncio enquanto ambos bebemos lentamente dos nossos copos, evitando o contacto visual. O momento de excitação quando ele entrou, das memórias e

dos abraços longos, já passou. Somos agora apenas dois desconhecidos sem nada em comum, exceto uma perda partilhada da virgindade. Sinto uma gota de suor a escorrer-me pelas costas e fico subitamente consciente do couro falso da cadeira a colar-se à pele das minhas coxas. Não vou conseguir ir à casa de banho sem primeiro me descolar.

- Ah, desculpa por te mandar lixar no Facebook - diz ele com uma risada, mas os nervos dão-lhe um som estranho e dissonante. - Pensei que estava a ser engraçado, mas percebi logo como soava mal. Acho que por um momento me esqueci de que já não nos conhecemos muito bem.

Assinto.

- Não tens de pedir desculpa. - Pestanejo ao recordar o horror que senti ao ler aquelas palavras, até aparecer o *emoji* risonho. - Mas acho que tens razão. Dez anos é muito tempo e as pessoas mudam. Mas não tanto assim, ainda adoro dizer palavrões!

Ele ri-se educadamente e o silêncio volta a cair sobre nós.

- E então, o que tens feito na última década? - pergunta ele por fim, num tom demasiado agudo.

Respondo no mesmo tom, a minha voz irreconhecível.

- Ah! - guincho. - Grande pergunta! - Solto uma risada incomodada. - Bem, hum, atualmente, sou organizadora de eventos. Passei algum tempo a trabalhar como *chef* de cozinha depois de desistir da universidade, antes de passar para os eventos. Trabalho para o Museu Norris, no sul de Londres, conheces?

Ele abana a cabeça.

- Tem exposições abertas ao público durante o dia, mas arrendam o espaço à noite e aos fins de semana para eventos. É uma equipa pequena, basicamente sou eu e a minha assistente, a Katie, mas é fantástico. Organizamos casamentos, aniversários, lançamentos empresariais, conferências de negócios... Até fizemos recentemente um lançamento de produto para uma linha de velas de cheiro. Uma delas cheirava a caixa de areia de gato! - Solto uma risada breve. - Bom, é mesmo, hum, divertido e há sempre coisas novas para fazer todos os dias... - Fico sem saber o que dizer. - E é isso, hum, o meu trabalho...

E não me consigo lembrar de mais nada que tenha feito nos últimos dez anos. Talvez não tenha feito mais nada? Qual é o propósito da minha vida? Porque é que não tenho filhos ou animais de estimação ou passatempos? Tenho uma vela que cheira a caixa de areia, talvez seja o mesmo que ter um gato. Ah, e tenho um cato falso na casa de banho! Deveria mencionar isso? Oh, meu Deus, não tenho vida.

Dou a mim mesma um safanão. Está tudo bem. Está tudo muito bem. Porque isto faz parte do que estou a fazer aqui. A Missão dos Sete Ex-Namorados é sobre descobrir mais. Acerca de descobrir uma nova vida. O Alistair pode ser a outra coisa na minha vida. Podemos casar e ter plantas e filhos e uma caixa de areia a sério, *juntos*.

- Hum, e tu? - concluo desajeitadamente. - O que fazes?

- Por acaso, sou polícia.

Ele sorri e o meu primeiro pensamento são os queques de ganza no meu congelador. O meu segundo pensamento é ele de uniforme e fico ainda mais nervosa.

- Uau! - exclamo debilmente. - Isso deve ser muito interessante.

- Às vezes, mas também tem muita papelada - responde ele com uma careta e um encolher de ombros.

O silêncio volta a cair sobre nós.

- E, hum, como andam a Louise e a Shelley? - pergunta ele, à procura de um tema seguro, sem saber que este não é nada seguro. - Ando a pensar em organizar uma reunião escolar, há tanto tempo que não nos vemos uns aos outros! Não seria divertido? Ainda estás em contacto com elas? Vocês andavam sempre juntas no recreio.

Assinto, com um sorriso tenso.

- Pois era, sempre juntas! Clareio a garganta. - Bem, pois, hum, sim, hum... - Respiro fundo e recomponho-me. - Eu e a Lou ainda somos melhores amigas. Na verdade, até vivemos juntas, com a nossa amiga Bibi. Mas, hum, a Shelley... nós, hum... acabámos, bem, hum, um pouco... e ela...

Deixo a frase no ar e ele olha para mim. Os olhos castanhos dele são bondosos.

Como não continuo, o Alistair retoma o fio à meada, numa voz suave.

- As pessoas afastam-se um pouco depois da escola, não é? Podemos ser muito amigos de alguém e depois a vida leva-nos em direções diferentes. Ainda vejo algumas pessoas da equipa de futebol, mas não posso dizer que somos bons amigos. - Ele faz uma pausa. - Mas não faz mal, não significa que não se possa pensar com carinho sobre os tempos que passámos juntos. Não quer dizer que não podemos continuar a gostar deles, ainda que à distância.

Esta bondade tão familiar liga um interruptor no meu interior e dou por mim a sorrir abertamente. Sinto o nó na barriga a soltar-se e a relaxar.

- Eu penso em ti com carinho, em nós - digo, um pouco timidamente.

Os olhos dele reluzem.

- Pensas mesmo?

Assinto e ele sorri.

- Partilhámos muita coisa, não foi? - O Alistair ri-se. - Ei, lembras-te de quando me levaste a esquiar com a tua família e eu quase morri numa pista vermelha porque disse que era um perito?

Tapo a boca com a mão.

- E na verdade nunca tinhas esquiado em toda a tua vida!

- Mas era muito bom a patinar no gelo! - protestou ele. - Achei que seria mais ou menos a mesma coisa!

Encho os nossos copos e começamos a falar com mais à vontade, recordando velhas memórias e criando novas. Dou por mim a observá-lo; a ver os poros da pele e as sardas que tem agora acima do nariz. Tento ser objetiva: se não o conhecesse, achá-lo-ia atraente? É difícil diferenciar este Alistair Morris adulto do Alistair Morris Herói da Escola, Capitão da Equipa de Futebol, Líder do Bando dos Rapazes Fixes.

Mas é atraente, acho eu.

Percebo com um baque que ainda gosto dele. Muito.

- Lembras-te da festa que fiz em casa, no 10.º ano? - pergunta ele com um sorriso relaxado. - Quando a Louise vomitou para a gaveta dos talheres? Não deu para limpar

por completo. Juro que o motivo pelo qual os meus pais acabaram por mudar de casa uns anos mais tarde foi por a minha mãe continuar a encontrar colheres coladas com vómito.

- Isso foi por minha causa - confesso. - Dei-lhe uma mistura altamente tóxica de nove *Blue WKD* e um tubo inteiro de *Pringles* de sal e vinagre.

Ele solta uma risada, mantendo um contacto visual verdadeiramente sensual.

- Ou aquela vez em que tu, a Shelley e a Lou estavam na pantomina de Natal encenada pela professora de Teatro, a professora Wilde, lembras-te, era mãe do Nick Wilde, da equipa de futebol?

- Sim! - assinto com entusiasmo. - Eu era a Amiga n.º 2 das Irmãs Malvadas, um papel completamente inventado que me deixou seriamente irritada. Eu e a Shelley só fizemos audições porque a Lou nos obrigou.

- O que explica porque é que não sabiam as vossas falas na noite do espetáculo - ri-se ele. - A Louise estava sempre a gritar-vos as vossas deixas e depois vocês desapareceram durante toda a segunda parte.

- No intervalo, a professora Wilde disse para nos pormos no caralho mais velho. - Sorrio. - Foi a primeira vez que ouvimos um professor a dizer palavrões à nossa frente.

Faço uma pausa e fico a admirá-lo.

- A Lou ainda é atriz. - Clareio a garganta e desvio o olhar. - Mais ou menos. Tem uma agente e vai a audições.

- Isso é fantástico - diz ele calorosamente.

- E está mesmo apaixonada pelo namorado, o Sven - acrescento, perguntando-me, ao dizer as palavras, porque sinto a necessidade de lhe contar isto. - Estão juntos há anos, sabes como é, são um *casal*. Não deve faltar muito para casarem e terem filhos.

Baixo o olhar para a mesa, tentando manter os ciúmes fora da minha voz.

O Alistair não repara no meu tom de voz e continua a viagem pelas nossas memórias.

- Lembras-te de quando a Louise teve aquela discussão enorme no recreio com o Nick? - Assinto, lembrando-me demasiado bem do drama que durou vários dias. - Ela tinha tanta certeza de que a expressão não era *quem pode, pode*, mas antes *quem pode, fode*. Tinha tanta certeza de que a expressão era ordinária.

- Ainda hoje não sei ao certo qual é a expressão certa - comento, pensativa.

Ele ri-se com vontade, rimo-nos ambos.

- Lembro-me de a Shelley ter ficado do lado dela durante a discussão, mas depois disse a toda a gente no recreio que a Lou não tinha razão. - Ele enche o meu copo, o braço comprido a chegar facilmente através da mesa. - Vocês sempre foram tão unidas. Sempre foram do pior, as miúdas fixes - continua ele, assim que finalmente nos acalmamos o suficiente para falar.

- O quê? - solto, quase cuspendo o vinho para dentro do copo. - Acho que ninguém nos pode acusar de sermos *fixes*.

Volto a rir, e ele inclina a cabeça, de sobrolho franzido.

- Claro que eram - insiste ele, num tom divertido, mas sério. - Vocês as três eram as miúdas mais fixes do nosso ano. Eram um grupinho ligeiramente assustador, para ser franco. Todas as outras miúdas tinham medo de vocês. *Eu* tinha um bocadinho de medo de vocês.

Abano a cabeça, atordoadada.

- Estás a reescrever a história? Eu, a Shelley e a Lou éramos umas autênticas *falhadas*. Ninguém queria andar connosco, era por isso que nos escondíamos todos os dias atrás da arrecadação das bicicletas.

- Hum. - Ele sorri com um ar sabedor. - Acho que *tu* é que estás a reescrever a história. Vocês paravam fora da zona permitida, a fumar os vossos cigarros, a deitar olhares frios ao resto do pessoal porque *vocês eram as miúdas fixes*. Como é que não deste conta?

Fecho a boca, tentando encontrar alguma dessa aparente *fixeza* no meu banco de memórias. Pensei que éramos as rejeitadas da escola, será que todos os outros sentiam que nós os estávamos a rejeitar?

- Pois - continua o Alistair -, tu eras bonita e esperta, a Shelley era valente e atrevida, além de ser australiana e estar sempre a mascar pastilha elástica lhe dar um ar de marginal, e a Lou era mesmo gira e querida. Todas as miúdas queriam fazer parte do vosso grupo ou ser como vocês. - Abano a cabeça, completamente atordoadada por aquela novidade. - Ainda me lembro do dia em que te convidai para o cinema - prossegue o Alistair, com um sorriso. - Eu tinha demasiado medo de falar contigo. O Nick foi o único com coragem suficiente para te chamar.

Pensávamos que o ias mandar à merda, ou que talvez a Shelley o fizesse.

A Shelley estava sempre a mandar as pessoas à merda. Mas parecia menos ofensivo com o sotaque australiano.

- Bom, ainda bem. Que me convidaste, quero dizer - digo.

Segue-se mais um silêncio. Mas desta vez não é embaraçoso. Quando muito, é um silêncio carregado de tensão.

O Alistair é o primeiro a falar.

- E então, conheceste alguém especial depois de, hum - ri-se -, bom, depois de *mim*?

Faço uma pausa, pensando nas outras relações, cada uma importante e especial à sua maneira. Mas sei o que ele quer ouvir.

- Nem por isso.

Encaro-o nos olhos e algo estremece no meu peito.

- Então, ainda sou o melhor namorado da tua vida?

Ele endireita as costas e incha o peito com um sorriso.

- Ah, bem, é difícil de dizer. Foi tudo um pouco pateta, não foi? - Rio-me e sorvo o meu vinho, com a cabeça a andar à roda. - Na altura, éramos duas crianças, não éramos?

Estou à espera que ele se ria, mas uma sombra passa-lhe pelo rosto. Não consigo avaliar bem a mudança no ambiente e aponto para a garrafa quase vazia.

- Queres mais uma bebida? - sugiro, nervosa, no silêncio que se segue. - Vinho ou *Malibu*? Bebida de adultos ou de adolescentes palermas?

- Oh, Esther... - começa ele, mas não completa a frase.

Parece que vai dizer alguma coisa, mas em vez disso arrasta a cadeira para trás, o rosto contorcido por uma emoção indecifrável, e sai sem dizer uma palavra.

Por um momento, fico sentada, desorientada.

- Uau! - murmuro para mim mesma, um momento depois.

O que aconteceu?! Olho de relance para a esquerda e vejo o grupo na mesa ao lado, até então ruidoso, agora sentado em silêncio, a olhar para mim com uma mistura de pena, diversão e olhares acusadores.

Talvez já tivesse bebido o suficiente? Não pode ter ficado ofendido com a sugestão de mais vinho, pois não? Terá sido porque não lhe disse que foi o meu melhor namorado? Apesar de, provavelmente, ter sido.

Engulo o nó na garganta. *Não* vou chorar.

A sério, o que aconteceu? Estávamos a falar dos velhos tempos, estava a ser divertido. E então ele... Porque é que ele... O que aconteceu?

Não posso chorar.

É realmente importante o que aconteceu? O Alistair foi embora e agora preciso de sair daqui. É óbvio que ele é um tipo esquisito que amou sem motivo. Vou só pegar nas minhas coisas e voltar para casa.

Mas não é isso que faço. Fico ali sentada, a sentir todos os olhares sobre mim, a interrogar-me sobre o que terei feito de errado.

EX-NAMORADO N.º 1: ALISTAIR MORRIS

O Primeiro Amor

Parte Três

Universidade de Durham

Dormitório universitário

18h31

- Deixa-te de tretas, faz lá isso!

A minha companheira de quarto revira os olhos.

- A *happy hour* começa daqui a meia hora e têm uma promoção de cinco *snakebites* por 5 libras.

- Mas tenho meeeeeeeedo - gemo, hesitante. - Sei que tenho de o fazer, mas é horrível, não é? Andamos juntos há anos. Ainda gosto muito dele, sabes?

Ela volta a revirar os olhos.

- Oh, deixa-te disso. Toda a gente vem para a universidade com um namorado ou namorada, e toda a gente os deixa ou é deixada no primeiro ano. Tens de agir primeiro, antes que ele te deixe. Foi para isso que inventaram a universidade! É para onde vamos para começar de novo e ter aventuras. - Ela bate com o pé no chão, impaciente. - A sério, Ellie, os *snakebites* estão à espera.

Ela chama-me Ellie desde que nos conhecemos, há umas semanas, e não sei como a corrigir. Especialmente porque não faço a mais pequena ideia de como ela se chama.

Partilhar quarto com uma desconhecida é estranho. Parece que temos de nos atirar de cabeça e agir como se fôssemos melhores amigas logo desde o começo. E se, inicialmente, falharmos alguma coisa importante, como, sei lá, o nome dela, então temos de, tipo, fingir.

Ranjo os dentes ao pegar no telemóvel e primo na tecla rápida 1.

- Olá, fofa! - atende ele rapidamente. - Finalmente, ligas-me de volta! Que tal a vida na universidade? Estás a gostar? - Ele ri-se, mas não me dá tempo para responder. - Parece que nunca tenho notícias tuas. Não estás a telefonar para acabar comigo, pois não?

Oh, meu Deus. Porque foi ele dizer isso?

Ele para de rir quando percebe que eu não me rio com ele.

- Alistair - começo devagar, sentindo-me horrível.

A minha companheira de quarto enfia mais um copo com um líquido verde na minha cara e eu bebo-o num gole rápido.

- Alistair, sei que é uma maneira reles de fazer isto, mas...

A voz dele soa subitamente horrorizada.

- Credo, não estás a falar a sério, pois não, Esther? Vais *mesmo* acabar comigo? A sério?

Abro a boca e volto a fechá-la.

- Lamento muito.

Segue-se um longo silêncio, quando a culpa se abate sobre mim. Estou a fazer a coisa certa? Esta miúda que mal conheço tem razão, não tem? Toda a gente acaba com o namorado quando vai para a universidade, certo? Há tanta gente nova aqui, tantas festas, tantas experiências delirantes para experimentar. Quero ter aventuras, quero descobrir quem sou, quero beijar montes de rapazes e raparigas. Além disso, o Alistair é o meu primeiro amor, não é suposto durar muito, pois não? Especialmente à distância, durante três anos, enquanto eu estiver em Durham! Eu sempre soube que o Alistair, um dia, me deixaria, por isso, mais vale fazê-lo por ele.

- Sem mais nem menos? *Pela porra do telefone?*

Ele soa magoado. Pensei que evitá-lo durante a semana que passou diminuiria o golpe, foi o que sugeri a companheira de quarto, mas é evidente que ele não estava nada à espera.

- Hum... - Sinto-me tonta. E se estiver a tomar a decisão errada? - Tipo, eu estava a pensar que devíamos falar sobre algumas coisas... sobre onde estamos, ou...

A voz dele é trémula e distante.

- Não posso crer. A sério, não posso crer. Estás mesmo a acabar comigo. Depois de três anos juntos. Estás aí há poucas semanas, a porra da universidade é assim tão irresistível?

Não sei o que dizer. Sinto um caroço adocicado na garganta: parte emoção, parte bebidas baratas.

- Prometeste que não fazias isto - diz ele num sussurro devastado. - Prometeste que não me deixavas quando fosses

para a universidade. Nem sequer nos deste uma oportunidade. O primeiro semestre não vai nem a meio.

- Lamento muito, Alistair. - Mal consigo falar. - Não queria fazer isto assim e sei que parece súbito, mas...

Do outro lado do quarto, a minha companheira de quarto impaciente faz o gesto de beber.

“Despacha-te com essa porra”, enuncia agressivamente com os lábios, acrescentando depois em voz alta:

- É A *HAPPY HOUR*, ESTHER!! Os tipos ao fundo do corredor estão à nossa espera!!

- Dá para ver que estás ocupada - diz o Alistair, numa voz subitamente fria. - Não te prendo mais.

- Ouve, podemos falar disto mais tarde? - imploro, sentindo-me devastada. Pensei que acabar com o meu primeiro namorado me faria sentir adulta, mas apenas me sinto horrível e cruel. - Talvez quando eu voltar a casa, no fim de semana? Podemos... oh, espera, este fim de semana já tenho planos, há uma festa de balões na universidade... mas pode ser no fim de semana seguinte ou no outro a seguir? Podemos falar de tudo como deve ser e eu posso explicar? Lamento muito, Alistair.

Em vez de responder, ele desliga a chamada e deixo cair o telemóvel no sofá ao meu lado, sentindo uma dor vazia no peito e na barriga.

- Finalmente!

Do outro lado do quarto, a minha nova amiga solta uma risada maldosa e subitamente sinto imensas saudades da Louise e da Shelley. Parecem tão distantes, agora que mais preciso delas. A Louise está em casa, a fazer uma pausa nos

estudos enquanto tem aulas de Teatro. Aparentemente, quer fazer carreira como atriz, mas calculo que isso não vai durar muito. A Shelley foi estudar Informática na Universidade de Warwick. Tem andado distante, ultimamente, e receio que esteja a substituir-nos. Prometo a mim mesma, ao ver a minha companheira de quarto a pegar na carteira e no casaco, que não também vou perder a Shelley. Não a posso perder, ou à Louise. Não agora, quando acabei tudo com o Alistair.

Ocorre-me subitamente que provavelmente nunca mais voltarei a falar com o meu namorado. Com o meu ex-namorado. O meu primeiro amor, o meu único amor. O que fiz? Corro para a casa de banho, onde vomito um asqueroso líquido verde que me queima a garganta durante dias.

CAPÍTULO CINCO

Não, que se lixe! Não vou deixar que ele me faça isto. Não pode simplesmente ir-se embora e deixar-me assim especada. Eu mereço melhor! Ou, se não melhor, pelo menos mereço respostas.

Casualmente, pego na carteira e sorrio, mostrando um pouco de tédio... como se fosse sempre assim que acaba encontro de uns copos entre amigos! Sabem, eu e o meu amigo saímos sempre uns minutos depois do outro, não é isso que toda a gente faz? Penduro a alça ao ombro, finjo um bocejo para mostrar como estou à vontade com a situação e viro-me para a porta. A andar depressa, mas com uma lentidão calculada.

O ar frio no exterior atinge-me e percebo que estou mais tocada do que tencionava ficar. Será que disse alguma coisa estúpida e o meu cérebro intoxicado já se esqueceu? Porque saiu ele assim de repente? Procuro freneticamente para a esquerda e para a direita, até que avisto a cabeça dele, já longe, mas bem mais alta do que toda a gente na rua, como sempre, a seguir na direção da estação de metro.

- Alistair! - grito numa voz rouca.

Não consigo perceber se me ouviu, mas não se vira para trás.

O que raio aconteceu? O que eu disse sobre a nossa relação não foi *assim* tão mau, pois não? Pensei que nos estávamos a divertir, até começava a pensar que... talvez. Mas isso pode ter sido do vinho. Não, estava a *ser* agradável, *estávamos* a divertir-nos, e ele não pode sair assim sem mais

nem menos. Somos adultos, já não somos miúdos. Amuos e saídas dramáticas estão *tão* fora de moda.

Vou atrás dele, abrindo caminho pela multidão tardia de transeuntes.

- ALISTAIR! - volto a tentar, agora que estou mais perto.
- Algumas pessoas viram-se para mim, mas não a pessoa que eu preciso que se vire. - ALISTAAAAAAAIR!

Continuo atrás dele, quase derrubando um tipo que distribuiu panfletos e uns turistas confusos. Quando finalmente o alcanço, pouco antes de ele chegar às escadas que descem para o metro, agarro-o pelo braço. Ele não resiste.

- Alistair!

Puxo-o pelo braço para o fazer virar-se para mim, mas ele olha para o céu.

- Meu, que porra é esta? Porque foste embora? Porque estás tão zangado? O que fiz eu?

Ele suspira e, por fim, baixa o olhar, fitando-me nos olhos.

- Eu só...

Alguém lhe dá um encontrão com o ombro e resmunga algo acerca dos “malditos turistas”. O Alistair leva-me para longe da entrada movimentada. Paramos diante da torre de vidro alta de um armazém comercial e fico à espera, agora zangada.

- Ouve, Esther... Desculpa ter saído assim sem mais nem menos, mas não podia continuar a ouvir-te a fazer a mesma coisa que fazias quando namorávamos. Contigo é sempre a mesma coisa, mesmo passado tanto tempo.

Estou estupefacta.

- Quê? O que foi que eu fiz? Do que estás a falar?

Ele volta a olhar para o céu, visivelmente desconfortável.

- Tu... bom, tu falavas sempre como se o nosso relacionamento não significasse nada. Como se fosse uma patetice sem importância. Como se fôssemos miúdos na brincadeira.

Não digo nada, a processar o que ele me diz. Será verdade? Lembro-me de dizer a mim mesma para não me entusiasmar muito com a relação. Era uma espécie de mantra: é o primeiro amor e ele é bom de mais para ti, não vai durar. Vai deixar-te por alguém melhor. Fiz questão de recordar a mim mesma de que aquele romance não era importante e não haveria problema quando acabasse porque era apenas o primeiro amor.

Mas não me lembro de o dizer ao Alistair. Não *muitas* vezes. E mesmo que o tivesse dito, ele tinha sempre tanta confiança que presumi que sabia que podia ter-me durante o tempo que quisesse. Depois, deixar-me-ia por uma miúda bem mais bonita e esperta, com quem provavelmente acabaria por casar, e rir-se-iam os dois da namoradinha do secundário que teve a audácia de pensar que poderia ficar com ele.

- Nós estivemos juntos durante *anos*, Esther, anos! - A voz dele baixa para um sussurro. - Tu foste o meu primeiro amor, perdemos a virgindade juntos. Foi importante para mim e eu adorava-te. Mas estavas sempre a afastar-me ou a menosprezar o que havia entre nós. Nunca percebeste o quanto eu gostava de ti, apesar de estar sempre a dizer-te. Quando aceitaste sair comigo, mal consegui falar contigo

durante, tipo, duas semanas, de tão nervoso que estava. O Nick teve de me obrigar a falar contigo!

Penso nos primeiros dias da nossa relação. Como mal olhávamos um para o outro nas semanas que se seguiram ao convite dele. Ficávamos perto um do outro no recreio, ele a dar chutos numa bola, eu a beber *Apple Tango*, e não trocávamos uma palavra. Demorámos séculos a começar a agir como um casal.

Ele solta um suspiro e continua.

- Nós... tu fizeste tantas promessas de ficarmos juntos quando fosses para a universidade. Íamos fazer com que funcionasse, e eu acreditei em ti. Mas depois foste embora e raramente telefonavas. Quando acabaste a relação, agiste como se não tivesse importância. Como se *nós* não tivéssemos importância. Fiquei destruído. - Ele volta a suspirar, como se ainda estivesse a sofrer. - Demorei uma eternidade a recuperar do que me fizeste. E então voltas a aparecer na minha vida do nada, ou antes, no meu Messenger, e ages como se tudo isso não fosse nada de especial. Esther, foi *muito* importante. Eu amava-te. Eu pensava que íamos ficar juntos para sempre. - O Alistair dá um pontapé no chão. - Só não quero que me digas que não teve importância.

No silêncio que se segue, rodeados pelo ruído de Londres, sinto a vergonha a abater-se sobre mim. Porque ele tem razão, foi mesmo assim que acabei as coisas entre nós. Agi como se ele não se importasse, porque pensava mesmo que ele não se importaria. Fiz uma lavagem ao meu próprio cérebro até acreditar que a nossa relação era apenas um

romance pateta de adolescentes e que ele não gostava assim tanto de mim. E acabei com ele de forma tão cruel. Fi-lo pelo telemóvel numa chamada de dois minutos, encorajada por aquela miúda maldosa com quem partilhava o quarto e cujo nome nunca cheguei a saber. E depois vesti-me para sair e fui a uma festa de estudantes num bar local, onde namorisquei com montes de rapazes e fingi que estava bem. Bloqueei toda a tristeza que sentia beijando hordas de rapazes sem pensar duas vezes. Em retrospectiva, foi profundamente injusto.

O Alistair respira fundo.

- Não falavas comigo depois de me deixares. E eu só tinha o Nick para me dizer o que se passava contigo.

- O Nick Wilde, da nossa escola? - solto. - O que te disse ele?

O Nick e eu fomos os únicos do nosso ano a ir para Norte, para a Universidade de Durham, mas mal nos relacionávamos. Ambos queríamos escapar de quem tínhamos sido, ansiosos por começar de novo com novas identidades.

- Pouca coisa - replica ele, encolhendo os ombros. - Apenas que tinhas seguido em frente e parecias feliz. Não era bem o que eu queria ouvir.

O Alistair solta uma risada, um pouco inquieto, e eu baixo a cabeça.

- Lamento muito - sussurro, com sinceridade.

Ele volta a encolher os ombros, mas desta vez é como se estivesse a sacudir uma velha mágoa.

- Ei, é o que é. E também lamento. É como disseste, éramos miúdos. - Volta a rir, agora mais à vontade. - A minha reação foi exagerada, desculpa. Foi estúpido da minha parte. Foi só um pouco perturbador ouvir-te menosprezar o que tínhamos na altura... Claramente, o “eu” de 18 anos ainda não seguiu em frente! Mas o Alistair de 29 anos entende um bocadinho melhor.

- Não, tinhas razão.

Abano a cabeça e alguém estala a língua para mim, dando-me um encontrão e empurrando-me para cima do Alistair. Subitamente, apenas uma fina camada de ar nos separa e ele fita-me intensamente. Por um momento, penso que me vai beijar e uma grande parte de mim quer que ele o faça. Ainda há tantos sentimentos entre nós e pode haver ainda mais, se eu me debruçar uns centímetros.

Mas.

Há muita coisa ligada a um beijo com o Alistair Morris, especialmente depois de tanto tempo *sem* o beijar. Há uma tonelada de emoções e memórias associadas, tanto significado. Tantas velhas feridas, tantas inseguranças que pensava ter deixado para trás. Pode voltar tudo de chofre tão depressa.

E o que poderia significar se nos beijássemos? Especialmente depois das palavras que me disse acerca do que a nossa relação significou para ele. Quanta mais dor lhe poderia eu causar? O Alistair não merece isso.

Ele baixa o olhar e ri-se da maneira mais querida. Faz o meu coração sofrer por ele quando dou um ligeiro passo atrás; o feitiço foi quebrado.

Talvez eu não esteja pronta para um beijo, mas quero voltar a vê-lo, quero mesmo.

- Podemos voltar a fazer isto? - Tento soar casual e falho. Soo embaraçosamente honesta. - Talvez pudéssemos combinar um verdadeiro... - faço uma pausa, envergonhada - ... encontro?

Ele parece ficar abalado.

- Oh?

Ele esfrega a cara com as costas da mão e segue-se uma pausa que se estende por uma eternidade, enquanto eu morro mil mortes humilhantes. Será assim tão inesperado? Pensava que tínhamos passado as últimas horas a namoriscar.

Por fim, ele volta a olhar para baixo, visivelmente envergonhado por mim.

- Porra, lamento muito, Esther, acho que fiz asneira. Eu... eu tenho namorada.

Engulo em seco, tentando controlar a minha reação, mas sinto a cara a arder.

- Certo. - Volto a engolir em seco. - Meu Deus, claro! Eu não... não fazia ideia... quero dizer... porra.

Ele pousa uma mão demasiado simpática no meu ombro. Consigo sentir o calor da mão dele através do meu casaco.

- A culpa é minha, lamento muito. Devia ter falado dela mais cedo, mas estava a ser tão divertido pôr a conversa em dia. Eu não... pensei. - Ele faz uma pausa. - Sei que as pessoas estão sempre a dizer isto sem qualquer sinceridade, mas gostava mesmo que fôssemos amigos. Podemos ser? Continuas a ser tão genial e engraçada, adorava que

podéssemos fazer umas *experiências de amigos*, se estiveres para aí virada? Também seria fantástico voltar a ver a Shelley e a Louise. – Ele apercebe-se rapidamente do seu erro. – Quer dizer, só a Lou. Adorava ver a Louise.

Ele fica à espera, um pouco nervoso, e eu assinto pesadamente.

– Claro. – Ainda estou a assentir, não consigo parar. – Gostava muito, Alistair, foi... ótimo voltar a ver-te.

– Então, fica combinado – diz ele, satisfeito.

Despedimo-nos e sinto um aperto doloroso no peito. Acho que não vou voltar a ver o Alistair Morris. Por outro lado, já pensei isso antes.

CAPÍTULO SEIS

- Então, ele não é O Tal? - O rosto da Bibi é uma máscara de confusão. - Ou é?

- Ahhhhhhhh! - Atiro-me para cima da cama. - Quantas vezes tenho de dizer? Não importa se é ou não. Foi um desperdício de tempo, ele tem namorada.

Ela lança-me um olhar. Um olhar à Bibi.

- Está bem, sim, havia ali *qualquer coisa* - declaro. - Mesmo quando dissemos adeus, havia ali uma tensão sexual louca entre nós, tenho a certeza de que não estava a imaginar. Mas ele deixou bem claro que não estava interessado em reatar as coisas entre nós. Além disso, a minha ideia não é andar a destruir lares, obrigada. - Faço uma pausa antes de acrescentar: - Barbara?

- É justo e não.

A Bibi parece divertida pela minha última tentativa de lhe adivinhar o nome e ficamos em silêncio, deitadas ao lado uma da outra na cama dela. Através da parede, ouvimos desinteressadamente a Louise e o Sven a fazerem sexo aborrecido.

“Ui, agora tenho migalhas na cara”, sussurra a Lou, soando irritada. “Podias sacudir-te quando comes bolachas na cama, por favor? Principalmente quando ficas por cima. Agora tenho migalhas de bolacha no olho.”

A voz do Sven murmura um pedido de desculpas.

- É *isto* que queres? - pergunta a Bibi, virando-se para mim de sobrolho erguido.

Primeiro rio-me, depois suspiro.

- Na verdade, sim, é mais ou menos isso - admito. - Quero mesmo essa intimidade aborrecida. Quero conhecer alguém tão bem que consigo falar de como a lactose lhe dá diarreia. Quero estar tão à vontade com uma pessoa que partilhamos o nosso *login* para as entregas da Tesco. Quero um parceiro que se queixa de ficar com o meu cabelo na racha do rabo e enrolado à volta do pénis. E, sim, quero comer bolachas na cama juntos e depois queixar-me de que as migalhas estão a estragar o nosso monótono sexo semanal à missionário.

A Bibi revira os olhos.

- A mim, parece-me horroroso.

- Mas eles amam-se, mesmo com o sexo aborrecido! - exclamo. - Consigo lidar bem com sexo insípido. Provavelmente, até *preferia*, para ser franca. Meu Deus, como detesto fazer sexo oral. Seria de pensar que, com todos aqueles testes que os homens tiveram de fazer durante a pandemia, tivessem percebido como é horrível. Tipo, meu, se estás para aí a engasgar-te e com os olhos a lacrimejar durante dez minutos por causa de um *cotonete*, talvez seja uma boa altura para repensar algumas coisas. - A Bibi ri-se ao meu lado e eu ponho uma mão na anca. - Oh, já sei como te chamas - rio-me, dando-lhe um empurrão. - Era tão óbvio. *Bridget*. És tão solteira e até tens umas cuecas enormes.

Ela abana a cabeça.

- Não.

A Louise aparece subitamente à porta, de roupão. Está envolta naquele brilho pós-coito. Pelos vistos, até o sexo aborrecido vale a pena.

- Esty! Voltaste!

- Voltei.

Abro os braços e ela atira-se para cima de mim. Cheira a sexo, mas não me importo. Hoje em dia, é o mais perto que consigo chegar a qualquer tipo de intimidade.

- Foi mágico? - pergunta-me ela, com um olhar repleto de esperança. - Estás outra vez apaixonada pelo Alistair? Ou ele envelheceu horivelmente e agora é o tipo de pessoa que partilha 50 memes por dia no Facebook?

Sento-me de repente e ela cai de cima de mim.

- Credo! - exclamo. - Nem sequer verifiquei. *Acho* que não, mas não é possível dizer, só de olhar alguém, se partilha memes no Facebook.

A Lou solta uma risadinha e depois lança-me um olhar sério.

- Estás bem? Pareces um bocadinho abalada.

- Estou - admito.

O peso das emoções da noite cai sobre mim todo ao mesmo tempo. Ver alguém que amei tanto passado tanto tempo... é desgastante.

- E foi tudo para nada. Ele tem namorada e não me declarou o seu amor nem *nada*.

A Bibi abana a cabeça.

- Que falta de educação.

- Mesmo! - respondo, ultrajada, antes de me voltar a deitar, resignada. - Bom, vamos seguir para o ex-namorado que se segue.

A Lou põe um ar pensativo.

- Esther - começa ela lentamente. - Tens mesmo, *mesmo* a certeza de que isto vai valer a pena? Afinal, não funcionou

com estes tipos da primeira vez, porque funcionaria agora?

Pondero cuidadosamente a pergunta. Afinal, não é nada que já não me tenha ocorrido.

- Mas agora eu *quero* que funcione - respondo com franqueza. - Estou preparada para algo que não estava quando conheci o Alistair, ou o Paul ou o Idris, ou qualquer um deles. Na verdade, acho que não dei qualquer hipótese a todos os meus relacionamentos. Fui muito rápida a terminá-los ao primeiro sinal de problemas. Era demasiado nova. Não estava pronta. Queria ser solteira e lidei com isso de forma imatura. - Faço uma pausa. - Além disso, é super-romântico, não é? Voltar a encontrar-me com um amor há muito perdido! Pensem só no discurso de casamento. Vai ser tão *romântico*! Como o que tu e o Sven têm!

- Pfff - resmunga a Bibi. - Depois do primeiro ano, é sempre a descer.

A Louise fica indignada.

- Não é nada sempre a descer! - protesta. - Quando muito, parece que é sempre a subir!

- Isso também não é bom - observa a Bibi.

Mas a Louise não lhe liga e continua.

- O Sven é tão atencioso e querido. - Sorri para mim. - Ainda me deixa bilhetes de amor.

- Preferia bilhetes para um concerto - murmura a Bibi, sarcástica.

A Louise faz uma pequena dança e derruba um candeeiro, que tomba com um baque inofensivo em cima da carpete.

- Ups! - exclama, tapando a boca.

Do andar abaixo, ouve-se uma pancada forte.

- Vá-se lixar, sr. Chato - diz a Bibi, em voz alta.

- Não lhe chames isso - amua a Louise. Ela é muito próxima da avó e tem um profundo respeito para com os idosos. Até idosos idiotas. - O nome dele é Ivan. Ou sr. Walsh para vocês, suas malcriadas. E acho que não faz por mal quando bate no teto. Acho que só quer dizer olá.

Vivemos no andar do meio de uma velha casa vitoriana de três andares no sudeste de Londres. O andar de cima está arrendado a uma antiga bailarina chamada Sofia, que se mudou há coisa de um ano. Ela é fixe, nós gostamos dela. Dá-nos comida e lembra-nos de pagarmos as contas. E se fôssemos só nós e a Sofia no edifício, seria maravilhoso! Mas o rés do chão é ocupado por um velho rabugento chamado Ivan. Um nome que a Louise só sabe porque andou a vasculhar-lhe o correio. Ele bate muito no teto, normalmente quando eu ando de um lado para o outro ou quando a Louise está a fazer sexo aborrecido. Eu e a Bibi desistimos há muito de sermos simpáticas para ele, mas a Lou está determinada a conquistá-lo. Ela detesta que as pessoas não gostem dela. Acho que é por isso que quer ser atriz. Quer o amor de todo o mundo. No outro dia até lhe fez *biscoitos*, deixando-os à porta do apartamento dele, e ele continua a ser foleiro connosco.

- E então, vais continuar a missão por ordem cronológica?
- pergunta a Bibi, observando a Árvore de Pilas. - A seguir é o... Carl?

A Louise e eu olhamos uma para a outra e ela faz uma careta.

- Sim, ele *seria* o próximo... Conheci-o quando só tinha 21 anos - hesito.

- Tens a certeza de que o queres ver? - pergunta a Louise, num tom gentil.

Respiro fundo e penso no assunto.

- Hum... Sim, tenho a certeza. Mas para já, não. Já sei quem quero ver a seguir. - Prendo as duas com um grande sorriso. - O meu Harry.

A Louise põe um ar intrigado e a Bibi faz uma careta enquanto volta a examinar a Árvore de Pilas.

- O quê? Quem é esse *Harry*? Não está aqui.

Solto um suspiro sonhador.

- O Paul. Amigo, antigo colega, amor perdido. O Harry para a minha Sally. - Elas trocam um olhar, e então explico: - A minha Oportunidade Perdida!

A Bibi e a Louise voltam a trocar um olhar, mas não quero saber. Se o Alistair não é O Tal, então *tem* de ser o Paul. De certeza.

CAPÍTULO SETE

- Baixem-se!

Toda a gente, exceto a Bibi, atira-se para o chão e o café inteiro vira-se e olha para o nosso grupo. Passámos uma semana a planejar isto, mas não está a correr como a operação secreta que eu tinha em mente.

- Está bem, *desbaixem-se* - murmuro, embaraçada, enquanto volto a sentar-me na cadeira.

A Louise emerge submissamente do colo da Bibi, os óculos escuros tortos na cara.

- Que porra estão a fazer? - pergunta a Bibi, imperturbável, a bebericar o seu chá.

- Pareceu-me tê-lo visto a sair do restaurante - admito.

A Bibi olha para lá de mim, pela janela, para o objeto do nosso interesse.

- Estás a falar da senhora idosa sem cabelo que acabou de sair do restaurante? - Ela deita-me um olhar divertido. - Achaste que ela era o Paul?

- Bom - amuo -, já passaram cinco anos, não tinha a certeza.

- JÁ É SEGURO SAIR?

Por baixo da nossa mesa, a vizinha de cima, a Sofia, está acocorada contra uma das pernas de madeira.

- Sim, Sofia, pode sair. Falso alarme - diz-lhe a Louise, estendendo uma mão prestável, que é ignorada.

A Sofia estende-se graciosamente e volta para a sua cadeira, sem um único cabelo fora do sítio.

- E agora? - pergunta ela num tom conspiratório.

A nossa vizinha de cima recebeu permissão para participar na missão de hoje porque descobrimos que tinha todo o equipamento necessário para espiar um ex-namorado. A Bibi perguntou-lhe, por impulso, se ela tinha óculos escuros à mão e ela chegou a nossa porta, quando estávamos a sair, munida de binóculos, *walkie-talkies* de criança e três gabardinas muito MI5. Na altura, a Louise estava ocupada a tentar puxar o autoclismo e perdeu a vez na distribuição de gabardinas e brinquedos; agora está a amuar com um banal casaco de inverno e a remexer num copo de plástico preso a um fio.

Seja como for, a Sofia está a revelar-se a melhor espia entre nós; para uma mulher de 77 anos, é bem ágil.

- Hã... - Para ser franca, não sei bem o que fazer agora. - Não sei. Esperamos?

A Bibi revira os olhos.

- Miúda, porque não lhe mandas uma mensagem?

A Louise junta-se à conversa, mal escondendo o entusiasmo.

- Sim, porque não? A vossa separação não foi feia, pois não? Tenho a certeza de que ele gostava de ter notícias tuas. Ele é o teu Harry, Esther?

- O que diabo é um Harry? - ouço a Sofia a murmurar, mas decido ignorá-la.

- Oh - lamento-me, desanimada. - Sei que podia fazer isso! Mas primeiro quero ver como ele está. Sabem, para ter uma ideia de como é a vida dele. Éramos tão íntimos na altura, a nossa amizade era tão intensa, e depois ele

começou a namorar com aquela mulher, a *Celeste*, e afastámo-nos...

- Estás nervosa por causa do que aconteceu com o Alistair? - pergunta a Louise, num tom gentil.

Baixo o olhar para os meus pés e respiro fundo.

- Talvez. Entrei mesmo a matar com ele. - Consigo ouvir o amuo na minha voz. - E pensei mesmo que havia alguma coisa entre nós! Até ele mencionar casualmente a namorada! - protesto, erguendo as mãos e quase derrubando a chávena de chá da Sofia. - Só quero saber no que me estou a meter com o Paul. Não quero ficar com muitas esperanças. Gostava tanto dele.

A Bibi parece divertida.

- Bom, a não ser que hoje seja o dia de levar o parceiro para o emprego, não vais conseguir perceber se ainda anda com essa tal Celeste passando a tarde toda a vigiar o sítio onde ele trabalha.

Damos todas um salto de susto quando a empregada de mesa aparece do nada.

- Vão querer mais alguma coisa?

Lança-nos um olhar divertido e percebo subitamente como devemos parecer absurdas. Um grupo de mulheres adultas de gabardina e óculos escuros, exceto a amuada Louise, todas encolhidas num café a olhar para o restaurante do outro lado da rua.

- Não, estamos bem - responde descontraidamente a Bibi.

- Muito obrigada - acrescenta a Louise.

- Estamos de vigia?

A empregada não dá sinais de querer ir embora, assim como o seu ar divertido.

- De facto! - replica a Sofia, excitada. - Estamos a tentar seguir o rasto do grande amor aqui da Esther.

A Sofia gesticula na minha direção e fico ainda mais corada.

- Oh - protesto -, não sei se lhe chamaria um *grande amor*...

A Sofia fica ultrajada e a empregada parece ainda mais divertida.

- O quê? Então, quem é ele?

- Ele é, hum... - Sinto-me estúpida. - Era um bom amigo quando eu tinha 20 e poucos anos. Conhecemo-nos quando eu trabalhava numa cozinha...

- Tu eras *chef*? - pergunta a Sofia, ainda mais confusa. - O teu trabalho não era organizar festas?

Franzo o sobrolho ao ouvir o meu trabalho importante ser descrito como *organizar festas*.

- Sim, fui... e adorava, mas os horários eram horríveis. Às vezes, trabalhava 16, 17 horas por dia... No final, não aguentei mais.

A empregada de mesa muda o peso de um pé para o outro. Começa a parecer menos divertida e mais aborrecida.

- Seja como for - apresso-me -, eu e o Paul trabalhávamos juntos, e ele foi das poucas pessoas no restaurante que foi simpática comigo. Tínhamos uma amizade fantástica, um pouco picante, que nunca deu em nada, apesar de ser óbvio que estávamos loucos um pelo outro. No princípio, eu andava com alguém, depois foi ele. Sabem como é. Perdemos

contacto há alguns anos, mas eu gostava *mesmo* dele na altura. Sempre que estávamos juntos, queria tanto beijá-lo.

A Sofia deita-me um olhar ligeiramente zangado. Nunca me pareceu tão francesa.

- Se ele não é um grande amor, o que estamos aqui a fazer?

Olho para as minhas mãos. Isto parecia-me tão boa ideia em casa. O primeiro passo de um plano detalhado. Uma operação secreta de espionagem! Nunca devíamos ter trazido a Sofia. Ela é demasiado boa a detetar falhas em estratégias perfeitamente válidas.

A Louise vem em minha defesa e fita-me com um olhar reconfortante.

- É uma *missão*, Sofia! É para ajudar a Esther a encontrar O Tal. Ela está a investigar os ex-namorados. É a Missão dos Sete Ex-Namorados. Aquele tipo pode ser a Oportunidade Perdida, o Paul.

A Sofia solta uma risada.

- Acho que não queria ver nenhum dos meus ex-namorados, eram quase todos horríveis. - Faz uma pausa. - Ou já morreram. - Então, olha diretamente para mim. - Mas o que sentias por esse *Paul* era a sério, *oui*? E achas que o sentimento pode ser reanimado?

Remexo-me desconfortavelmente na cadeira e volto a olhar pela janela, para o outro lado da estrada, onde ele trabalha agora como *chef de cuisine*.

O que eu sentia pelo Paul era a sério?

EX-NAMORADO N.º 4: PAUL D'SILVA

A Oportunidade Perdida

Parte Um

Restaurante *A'Diva*

Entrada

7h40

Ser a pessoa nova é sempre do piorio.

Quer dizer, eu já sabia isso. É *sempre* do piorio. Mas pensei que começar neste novo emprego a *saber* que ia ser do piorio significava que estava mais bem preparada para que fosse do piorio. Mas não tive essa sorte. É mesmo do piorio.

Há sempre aqueles primeiros dias em que a nova situação até não é má. Quando a excitação e a novidade nos animam e pensamos: *Ei, talvez isto não seja uma porcaria!* Mas essa sensação passa e percebemos que não temos amigos e não fazemos a mais pequena ideia do que andamos a fazer e ninguém quer saber se estamos vivos ou mortos.

E lembramo-nos de que ser novo é do piorio.

É a minha segunda semana a trabalhar na cozinha do *A'Diva* como *commis chef*, basicamente um degrau acima de estagiário, e após alguns dias em que as pessoas se mostraram vagamente amigáveis e interessadas em mim, e

se havia alguma hipótese de me levarem para a cama, agora sou completamente ignorada. Este é, de longe, o pior dia.

Ontem à noite trabalhei até à porra das 2h00! Até às 2h00, depois de entrar às 8h00. E quando ia a sair, um *sous chef* convencido informou-me de que hoje tinha de entrar mais cedo. Tinha de chegar às 7h00, o mais tardar, ou era despedida.

Quase morri ao arrastar-me para fora da cama a essa hora indecente depois de dormir tão pouco. Mas cheguei a horas! Cheguei aqui à porra das 6h58! Só para dar com o restaurante trancado, tal como o deixei, sem ninguém para me deixar entrar.

Tenho tanto, tanto frio, até me chega aos ossos.

O que é mais irritante nesta situação é que sei que alguns dos *chefs* vivem no edifício, acima do restaurante. Por isso, eu sei que eles estão aqui. Estão lá dentro, a dormir debaixo de edredões aconchegantes, enquanto eu estou aqui a congelar. E é claro que ignoraram todas as vezes que toquei à campainha e bati furiosamente à porta.

Não sei se isto é algum ritual de passagem, uma espécie de praxe, ou se estão apenas atrasados, mas seja como for, estou aqui parada à porta, a rapar um frio desgraçado, há 40 minutos. Nem sequer me posso sentar, porque tenho vestida a jaleca branca de *chef* e mandam-me para casa mudar de roupa se a sujar.

- Tudo bem?

Sobressalto-me com o som depois de tanto silêncio. É um dos *chefs de partie*, o Paul. Memorizei cuidadosamente os nomes de toda a gente no meu primeiro dia, na semana

passada, desesperada por causar boa impressão. Não que isso tenha feito a mais pequena diferença.

- Tem chave? - resmungo, demasiado enregelada para o cumprimentar e já demasiado farta deste emprego para me importar com o que ele pensa.

Ele assente e olha para mim atentamente.

- Estás bem? És a nova *commis*, não és? Chamas-te Emma?

- O meu nome é Esther - protesto. - Obrigada, *Saul*.

- Desculpa - diz ele, com um sorriso sedutor, enquanto tira a chave de debaixo de um vaso estupidamente óbvio. - E podes chamar-me Saul, se quiseres.

Baixo a cabeça, sentindo-me mal.

- Desculpa. Estou aqui ao frio há séculos. Parece que estou a morrer. E estou tão cansada.

- Não te preocupes.

Ele abre a porta e afasta-se para me deixar entrar. O calor do interior atinge-me e derrete alguma da minha frieza. Especialmente quando ele acrescenta:

- Eu sei que ser novo é do piorio.

Paro do outro lado da porta e olho para ele com atenção, observando-o bem. É bem-parecido, mas não de uma forma convencional. É bastante baixo e cabeludo, mas entroncado, incutindo confiança. Tem o corpo triangular típico de homens que fazem exercício a sério. Também está bronzeado, o que me faz alguma confusão. Todos os *chefs* com quem trabalhei tendem a ter a forma de uma pera, por causa dos anos passados a provar a própria comida, e uma pele doentiamente pálida, graças às horas que passam

escondidos do mundo em cozinhas no subsolo. Honestamente, não é uma profissão saudável.

Na cozinha, fico a observar o Paul e o seu rabo bem exercitado a moverem-se para encher a chaleira.

- Então, *Esther*, o que te traz ao *A'Diva*? Não é por causa do nosso célebre, atraente e talentoso novo *chef de cuisine*, pois não?

Pisca-me o olho e eu rio-me, demasiado envergonhada para admitir que, sim, o novo *chef de cuisine* é o motivo por que estou aqui. Não que ele me tenha dirigido a palavra desde que comecei a trabalhar. A nossa única conversa foi no parque de estacionamento, no dia da minha entrevista de emprego, e é evidente que causei uma forte impressão, porque ele não voltou a olhar para mim.

- Não - respondo.

Aceito a chávena fumegante que ele me estende. Parece horrível, como leite aguado, mas beberico na mesma.

- Foi por causa do *chef de partie*. O mundo da culinária só fala de ti, Saul.

O Paul ri-se com gosto e é como beber um gole de água depois de acordar de um sonho febril. Tem sido tão solitário aqui no restaurante, sem ninguém para reparar que existo. Senti-me tão rejeitada desde que aqui cheguei, e o horário de 16 horas por dia significa que não pude desabafar com a Shelley ou a Lou. Para ser franca, ninguém gritou mais do que duas palavras na minha direção nesta cozinha e há sempre tanto trabalho para fazer. Houve momentos, quando estava sozinha a limpar as bancas e a preparar ingredientes, que me ocorreu se estaria morta e aquilo seria o purgatório.

Mas o Paul é real, por isso eu também devo ser. E ele é tão *simpático*.

- Onde trabalhavas antes de vires para cá?

Ele senta-se ao meu lado e volto a bebericar o chá horrível. Para dizer a verdade, não é assim tão mau. Ele pôs montes de açúcar, e a doçura acalma-me.

- Num pequeno restaurante italiano - explico. - Era muito menos ambicioso. Nada como isto.

Aceno vagamente para os azulejos nas paredes do restaurante novo em folha no oeste de Londres. É óbvio que investiram muito dinheiro aqui e que os donos esperam fazer do sítio o ponto de encontro da elite de Londres. Devia sentir-me grata por poder trabalhar aqui. Quer dizer... sinto-me grata. Não sinto?

- Comecei como ajudante de cozinha - continuo. - Na verdade - por algum motivo, decido contar a história toda -, estava na universidade a estudar História e arranjei o emprego em *part-time* depois de gastar o meu empréstimo estudantil todo na primeira semana. - Faço uma pausa e encolho os ombros em jeito de desculpa. - Pensei que podia comprar amigos com bebidas e, pelos vistos, posso mesmo! - Ele ri-se educadamente e eu retomo. - Seja como for, o único sítio que se dignou a olhar para o meu currículo, ou falta dele, foi o *La Rita*, perto da minha faculdade. Passava 12 horas a lavar pratos, mas, por algum motivo, fiquei imediatamente apaixonada por tudo aquilo e desesperada por me tornar *chef*. Desisti da universidade no fim do primeiro semestre, depois de faltar a praticamente todas as

aulas e seminários, e o pequeno restaurante italiano promoveu-me a estagiária e pôs-me a trabalhar.

- É uma bela história - diz ele, com um sorriso provocador, e eu desfruto de toda aquela atenção. - Mas o *A'Diva* deve ser completamente diferente do que estavas habituada.

Assinto.

- Em retrospectiva, sinto-me um pouco enganada pelos meus antigos patrões. Eram tão simpáticos e bondosos. Insistiam sempre que toda a gente fosse para casa a horas decentes e tivessem dias de folga. Este sítio foi um verdadeiro choque.

- Mas acho que tens o que é preciso - diz-me Paul, com generosidade.

Sinto-me imediatamente melhor. Ele tem uma presença calma e reconfortante. É bom estar perto dele.

- Não estamos abertos há muito tempo, mas a rotação de pessoal é uma loucura. - Ele sorri. - Se duraste mais de uma semana, já estás a safar-te bem melhor do que a maioria.

O som da porta exterior a abrir-se põe fim à nossa conversa íntima. Vozes altas aproximam-se pelo corredor na nossa direção.

O Paul vira-se rapidamente para mim.

- Posso levar-te a beber um copo, um destes dias? Gostava de te conhecer melhor. Até te pago um xerez.

Franzo a testa.

- Um xerez?

Ele sorri de orelha a orelha.

- É uma bebida fantástica. Muito subapreciada. Fica-se com os copos *muito* depressa e é como uma injeção de *Haribo* direta à veia.

Tento imaginar.

- Não sei se *quero* uma injeção de *Haribo*. E xerez não é um bocadinho para... velhinhos? Não? E, sabes, um pouco... feminino?

Ele finge-se chocado.

- Isso é muito estereotipado da tua parte, Esther. Se as mulheres podem ser astronautas e assassinas, eu também posso beber xerez e falar dos meus sentimentos, OK? - Assinto, envergonhada, e ele continua com todo o orgulho: - Não penses que podes minar a minha masculinidade. Sinto-me incrivelmente confiante com as minhas escolhas de xerez e não serei envergonhado por ti nem por ninguém, obrigado. - Faz uma pausa. - Além disso, vais ver, é delicioso. Vais ficar convertida num abrir e fechar de olhos.

Rio-me e ele inclina-se para mim, animado.

- E então? Queres sair um destes dias?

Abro a boca para responder, precisamente quando o ar sai da divisão.

É ele.

O *chef de cuisine* chegou. Nunca o vi aqui tão cedo! Entra e a sua presença enche imediatamente o ar à nossa volta. Os cheiros à volta dele são mais intensos, os sons mais nítidos, as cores mais vivas.

De repente, o pobre, solícito e bondoso Paul torna-se um vulto indistinto na minha visão periférica.

O meu líder e herói dirige-se subitamente até mim. Desde que aqui estou, mal me fitou e agora está praticamente em cima de mim. Tão perto. Mal consigo respirar.

– Esther Adams!

Ele mostra um sorriso inacreditavelmente sensual e contendo um suspiro. Ele sabe o meu nome. O *chef de cuisine* sabe o meu nome! Como é possível?

Tento falar, mas sinto a língua pesada e inchada, e faço um esforço por não olhar para os braços e ombros enormes.

Corre um rumor de que, certa vez, ele ergueu um *commis chef* no ar, apenas com uma mão, e atirou-o para cima de uma banca de preparação. Tudo porque o *commis* aspergiu tempero do lado errado de um prato.

Quero que ele me atire para cima de uma banca. Oh, meu Deus, quero tanto.

– A pequena Esther Adams – brada ele de novo, os olhos a reluzir enquanto saboreia o meu nome. – Preciso que hoje fique nas saladas. Traga-me um café e explico-lhe o que precisa de saber. Sabe onde está a cafeteira, não sabe?

– A cafeteira? – repito, como uma criança idiota que bateu com a cabeça. Ele deita-me um olhar divertido e eu acrescento rapidamente: – Claro, *chef*, desculpe, *chef*!

Então, levanto-me num salto e ele afasta-se para ir buscar a jaleca.

A caminho da cafetaria, lembro-me, por fim, do Paul.

– Porra.

Atrapalhada, viro-me para ele.

– Desculpa, Paul, hum, o que estavas a dizer, hum, companheiro?

O brilho desapareceu-lhe dos olhos quando me responde.

- Esquece. Boa sorte com as saladas. Vais safar-te bem.

Acredito em ti.

CAPÍTULO OITO

- Muito bem, já chega! - A Sofia levanta-se, estendendo-se em toda a sua altura. - Daqui não conseguimos ver nada. Temos de chegar mais perto.

Encolho-me na cadeira.

- O quê? Nem pensar! Não! Sente-se, Sofia!

Ela não se senta. Na verdade, está a dirigir-se para a porta, tal como as minhas amigas traidoras, a Bibi e a Louise, ambas a correr apressadamente atrás da vizinha idosa quando ela sai pela porta do café.

- Na vida, temos de correr riscos! - diz a Sofia, já a afastar-se para a rua. - Desde que não ponha pessoas em perigo, temos de *tentar*!

- Mas isto pode pôr pessoas em perigo! - grito, levantando-me num salto para as seguir.

Ela não para, mas abana a mão no ar com desdém.

- Pff! Que pessoas ficariam em perigo?

- A MINHA PESSOA! - grito, mas ela já não me ouve.

Esquivando-nos do tráfego, conseguimos atravessar a rua e formamos um grupo coeso junto a um edifício abaixo do restaurante. Pairamos furtivamente na esquina, quatro cabeças excitáveis a espreitar a montra agora demasiado perto. Algumas pessoas estão sentadas na esplanada, a conversar enquanto comem.

Observamos em silêncio durante um minuto, até a Bibi se aborrecer.

- Isto vale mesmo a pena? - pergunta ela, com um suspiro. - Tipo, talvez devesses ver como correm as coisas

com o Alistair antes de ficares demasiado entusiasmada a perseguir os teus outros ex-namorados.

- Não estou a perseguir ninguém - protesto. - E não faz sentido iniciar toda uma missão se começar e acabar no meu primeiro amor.

- A minha mãe diz que nunca deixamos verdadeiramente de amar o nosso primeiro amor - suspira a Louise, num tom sonhador. - Tem algo que ver com as hormonas descontroladas que sentimos na altura e todas aquelas reações químicas desencadeadas pela primeira vez.

- Hum - solta a Bibi, intrigada. - Um pouco como o MDMA, que nunca é tão bom como da primeira vez que tomamos?

- O que é MDM? É um *rapper*? - pergunta a Sofia, curiosa.

- É uma droga - responde tranquilamente a Bibi. - Tipo *speed*, *ecstasy*... está a ver?

A Sofia bate palmas.

- Que excitante! Podemos arranjar alguma? Para animar este dia aborrecido de espionagem?

Empenhada em não nos desviarmos do tópico, e também em não matar a nossa vizinha idosa com uma droga recreativa na moda, clareio a garganta.

- Sofia, quem foi o seu primeiro amor?

Ela põe um olhar distante.

- Nunca me apaixonei.

A Louise solta uma exclamação dramática.

- Nunca?

A Sofia abana a cabeça, animada.

- Tive muitos casos e muita luxúria, mas o amor sempre me escapou - explica, mordendo o lábio com um ar atrevido.
- Mas, sabem, tenho uma paixoneta terrível pelo homem do rés do chão. Sempre tive um fraco por homens mais novos.

- O Ivan! - exclama a Bibi, horrorizada. - Mas ele é tão resmungão e mau! E a Sofia é tão fixe!

A Lou defende o Ivan.

- Não é nada! Ele finalmente falou comigo no outro dia; acho que foi por causa dos biscoitos que lhe deixei.

- Os biscoitos no corredor? - pergunta a Sofia. - Não, fui eu que os comi, querida. Não estavam maus, desta vez, estás a ficar melhor a fazer bolos. Ainda um pouco secos, mas melhor.

A Sofia dá uma palmadinha gentil no braço da Louise, que lhe deita um olhar furioso, mas não diz nada.

- Ai, Lou, para de tentar ser amiga do Ivan! - protesta a Bibi, revirando os olhos. - Ele não quer ser nosso amigo, para com isso. Para de tentar que o impossível aconteça.

- Eu consigo dar-lhe a volta - murmura a Lou.

- Do que falaste com o Ivan? - pergunto, genuinamente curiosa.

- Principalmente acerca dos seus, hum, dentes - responde a Lou, ligeiramente envergonhada. - Estava a contar-me como as capas tinham sido caras.

- Oh - intervém a Sofia. - Não são maravilhosos? Tão brancos e direitos.

Meto-me na conversa, encantada com a possibilidade de um romance no prédio.

- Já o convidou para sair?

- Não, fiz-lhe olhinhos, mas ainda não meti conversa com ele - replica a Sofia, fazendo uma pausa. - Acham que o devia convidar?

A Louise e eu assentimos excitadamente.

- Decididamente, devia convidá-lo para sair! - encoraja a Louise. - Podemos ajudar?

A Bibi não parece muito convencida.

- Não temos já missões de amor que cheguem?

A Louise parece dividida.

- Bom, siiim. Mas encontrar o amor é tão importante!

A Bibi volta a revirar os olhos.

- Tu tens um *beau* a longo prazo, não? - pergunta a Sofia a Lou. - Já o vi entrar e sair muitas vezes. A não ser que seja um amigo casual?

Uma sombra passa pelo rosto da Lou.

- Sim, o Sven é meu namorado. Mas agora não quero falar do Sven.

- Oh, claro - assente a Sofia.

O grupo retoma a vigília ao local de trabalho do Paul.

- Está bem, eu conto-vos. - A Louise soa desapontada com o nosso desinteresse e solta um suspiro dramático. - Então, ouçam isto. - Ela tem a declaração de abertura bem preparada. - O Sven chega a casa ontem à noite e pergunta-me, passados uns, sei lá, cinco minutos, se estou "bem". - Olha para cada uma de nós com olhos arregalados. - Dá para crer, meninas? Se estou "bem", pergunta-me ele numa voz suave e gentil. Como se eu fosse muuuito frágil e estivesse a ponto de explodir. Mas eu *estava* bem! Não estava a ser estranha nem nada disso, na verdade, estava a ser mesmo

simpática, e ele pergunta-me se estou “bem”! Por isso, claro que lhe digo que estou bem e ele dá-me um abraço, como se não acreditasse em mim, e depois diz: “Tens a certeza?” – Atira as mãos ao ar, procurando o nosso apoio, por isso faço o meu melhor ar de escandalizada. – Que *raio* de pergunta é essa?! Tenho a *certeza* de que estou bem, porque claramente estou a ser tão estranha e complicada. Eu estava a ser simpática, juro! Que parvo! Então, fiquei mesmo passivo-agressiva e perguntei se *ele* estava bem, e ele disse que sim, muito animado. E depois, claro, fiquei nervosa e já não estava bem... Mas voltou ele a perguntar-me se estava bem?

Arregala os olhos e fica à espera de uma resposta.

– Não? – respondo, hesitante.

– Claro que não – protesta a Lou, furiosa. – Ele passou das marcas.

Assinto em apoio, mas a Sofia parece pouco impressionada.

– Isso não é uma discussão – declara, num tom sério. – Uma vez, atirei uma cadeira através de uma janela.

– Fixe – murmura a Bibi.

– Seja como for – suspira a Lou. – Agora estamos num impasse, em que eu, maliciosamente, faço coisas simpáticas para ele ter de dizer um agradecimento ressentido, apesar de estarmos chateados.

– Ah, a falsa vantagem moral – diz a Bibi.

Sorrimos uma para a outra.

– Mas normalmente amo-o – completa a Louise, virando-se para a Sofia, numa espécie de reflexão tardia. – Tipo, mesmo muito.

A Sofia perdeu o interesse, tanto nas querelas prolongadas e insípidas da Lou como na nossa espionagem.

- Não podemos simplesmente entrar no restaurante? - pergunta, com um floreado dramático.

- Temos de o fazer - replica a Bibi. - Qual é a probabilidade de ele sair para a rua a meio da hora de almoço de sábado para o conseguirmos ver?

- Tens a certeza de que trabalha aqui? - interroga a Louise, pouco prestável.

- Vou ver no Google - diz a Sofia, pegando no telemóvel com um floreado. - Qual é o apelido dele?

A Louise torce o nariz, pensativa.

- Como é mesmo, Esther? É um apelido todo janota, não é?

- Paul D'Silva - respondo num tom sério. - Oh, conseguem imaginar se eu fosse Esther D'Silva... soa bem, não soa?

- Ui! - exclama a Sofia. - Mudavas de nome se te casasses? Porque farias algo assim? Como podes passar toda uma vida com um nome e uma identidade e depois deitar isso fora para fazeres parte da vida de um homem? Para assumir a identidade dele? É grotesco!

Contorço-me toda, embaraçada pelo meu lapso de ética feminista.

- Hum, não sei. Acho que só o faria se fosse um nome mesmo fixe, como Esther D'Silva.

- Pff! - solta a Sofia, deitando-me um olhar zangado.

A Bibi aproxima-se da idosa.

- Sofia - começa ela lentamente. - Não leve a mal, sabemos bem que a sua geração começou por nós toda a

viagem feminista. Mas nós entendemos que o feminismo tem que ver com poder fazer escolhas. É acerca da liberdade, literal e social, de escolhermos o nosso rumo sem sermos forçadas por uma vagina a seguirmos um único caminho. Se a Esther quiser mudar de nome ou ficar em casa de avental a fazer bolos, ela pode fazer isso. Desde que não se sinta obrigada ou pressionada a fazê-lo pela sociedade ou por um parceiro. A escolha é dela.

- Está bem - concorda a Sofia, agitando a mão. - Mas lembrem-se, não usei sutiã durante uma década em vosso nome, está bem? - Todas assentimos a nossa gratidão. - Os meus seios chegam à minha vulva, sim? - continua ela, e nós baixamos a cabeça, devidamente humildes. - Os meus mamilos apontam para os meus pés.

- Lamentamos muito - sussurra a Louise. - Obrigada.

- Não têm de quê - responde a Sofia, com nobreza.

- Então, posso ser a sra. Paul D'Silva? - arrulho, deliciada.

E só quando sinto alguém a tocar-me no ombro é que percebo que não só estivemos a falar bastante alto nos últimos minutos, mas também que estamos paradas no passeio mesmo em frente ao restaurante.

EX-NAMORADO N.º 4: PAUL D'SILVA

A Oportunidade Perdida

Parte Dois

The Swan Swab

Mesa do canto

22h23

- Francamente, está a dar comigo em doida - lamento-me, com a cabeça afundada nas mãos. - Quando penso que já acabou, lá vem outra vez.

Solto um soluço tão alto que as pessoas na mesa ao lado olham para mim. Uma criança pequena, que já devia estar a dormir, aponta para mim e começa a chorar. Aceno debilmente para os pais e enuncio uma desculpa silenciosa.

- São bastante dramáticos - concorda o Paul, bebericando o seu xerez.

“HIC”, volto a soluçar e sinto-me à beira das lágrimas.

- A parte estranha é que não consigo tirar da cabeça a música *Defying Gravity*, do musical *Wicked*. Sempre que soluço, o meu cérebro chega ao *crescendo*, quando ela está a voar.

Ele encolhe os ombros.

- Nunca o vi.

- Não me li-IIIIC.

O meu soluço transforma a palavra “lixes” num guincho perturbador que deixa a criança a chorar outra vez. Já passa das 22h00, eu devia poder soluçar à vontade. Sou capaz de denunciar os pais à proteção de menores.

- O que causa os soluços? Pode ser *stress*? - pergunta o Paul, preocupado.

- Achas mesmo? Porque eu ando cheia de *stress*, Paul - suspiro.

- Ah, Esther, a sério? - Ele estende o braço para me segurar a mão. É sempre tão tátil, dá-me arrepios quando me toca. Sinto mesmo falta de ser tocada. Mas não devo tirar ilações. - O que se passa? Não gostas do teu restaurante? O pessoal não é simpático?

- Não, não é isso - respondo, abanando de cabeça. - Acho que gosto... e são todos simpáticos. Demorei algum tempo a deixar de me sentir a miúda nova que não sabe fazer nada, mas já passaram dois anos desde que saí do *A'Diva*.

- Uau, como o tempo passa! - Ele expira e observa-me mais atentamente. - Então, o que se passa? - O Paul parece tão preocupado que tenho vontade de chorar. - Podes falar comigo, se quiseres.

Oh, mas o problema é esse! Não sei se quero falar sobre o que me vai no pensamento. E se começar, não vou conseguir parar. Baixo o olhar e fito a mesa.

- Pelo menos, já não tens de lidar com as exigências daquele cabrão - acrescenta o Paul, num tom brando, referindo-se ao nosso antigo patrão. - Saíste mesmo a tempo. Aquele tipo está fora de controlo.

Não tenho a certeza sobre o que é que o Paul sabe acerca do que me aconteceu no *A'Diva*, de como saí em desgraça, sob uma horrível nuvem escura. O Paul nunca falou do assunto na altura, ou desde então, por isso espero que saiba muito pouco. Só lhe disse que estava farta e despedi-me sem pré-aviso. Ele nunca me questionou. Muita gente saía assim daquele restaurante, era plausível.

- Sim, este *chef de cuisine* até é bastante simpático - digo. - E adoro ser *sous chef*. Mas o horário continua a ser longo e cansativo, meu, e não sei durante quanto mais tempo consigo fazer isto. É infundável e sinto que não tenho vida fora do trabalho.

O Paul revira os olhos.

- Não digas nada! Não posso crer que conseguimos ter folga na mesma noite, é uma espécie de milagre! Quase não vejo os meus amigos, quanto mais ter tempo para sair em encontros.

Choco o meu copo de vinho no copo de xerez dele.

- Brindo a isso.

O Paul deita-me um olhar malandro.

- Isso quer dizer que não há nenhum homem em cena?

E prenda-me com um enorme sorriso de esperança.

- Decididamente, não - confirmo, escondendo a cara na minha bebida gigante e, previsivelmente, dando um soluço para dentro do copo.

Não posso falar ao Paul acerca da Alex. Não posso. Principalmente porque iria chorar e não posso deixá-lo ver-me a chorar. Fico horrível quando choro.

Ainda não posso crer que acabámos daquela forma no mês passado; continuo em choque. Foi tudo tão repentino, tão cruel. Não sabia que a Alex era capaz disso.

E dou um soluço.

- Certo.

O Paul pousa o xerez com um ar determinado.

- Sei de uma maneira de te tirar os soluços. Vou para o teu lado.

Levanta-se e passa para o meu lado da mesa, agarrando-me pelos ombros. Sinto um arrepio por baixo da roupa quando me vira para ele. Subitamente, estamos mais perto do que alguma vez estivemos, e mal me consigo aguentar.

Fitando-me atentamente, a centímetros da minha cara, estende os braços e tapa-me os ouvidos com as mãos. Um rugido indistinto substitui o barulho do bar e engulo instintivamente, como se os meus ouvidos tivessem estalado.

- Estás bem? - enuncia ele. Assinto, sentindo-me estranhamente vulnerável. Estamos tão perto um do outro. Consigo sentir a doçura do xerez no hálito dele. - Muito bem, agora, conta mentalmente até 50 e abre os olhos o mais que puderes, sem pestanejar.

Leio-lhe as palavras nos lábios, incapaz de ouvir seja o que for. O lábio inferior está ligeiramente inflamado, como se tivesse o hábito de o morder, e sinto-me a rebentar com o impulso de o trincar.

Um, dois, três, quatro, cinco...

Ele inclina-se para cima de mim e resisto ao impulso de pestanejar.

... seis, sete, oito, nove, dez...

Sinto, mais do que vejo, a boca dele a revirar-se num sorriso, a centímetros da minha.

... onze, doze, treze, catorze, quinze, dezasseis, dezassete...

Consigo sentir o calor dele na minha cara e o meu coração bate com força.

... dezoito, dezanove, vinte, vinte e um, vinte e dois, vinte e três, vinte e quatro...

Quando começa a soprar suavemente sobre a minha pele, o odor dele intenso, sinto, na verdade, que todo o meu corpo se ergue do chão. Não vejo mais nada a não ser o Paul. Não consigo cheirar mais nada a não ser o aroma dele.

... vinte e cinco, vinte e seis, vinte e sete, vinte e oito, vinte e nove, trinta...

Nunca em toda a minha vida quis tanto tocar em alguém. O desejo de o agarrar está a virar-me do avesso, até à ponta dos dedos, e arde dentro de mim como se eu estivesse em chamas.

... trinta e um, trinta e dois, trinta e três, trinta e quatro...

Ele para de soprar e anseio que ele continue. Anseio que ele me beije.

... trinta e cinco, trinta e seis, trinta e sete, trinta e oito, trinta e nove, quarenta, quarenta e um...

Sinto-me como se fosse morrer se ele não me beijar. Inclino-me para ele e sinto os lábios dele no meu rosto. Deixa-os ficar por um momento antes de se afastar gentilmente e continuar a soprar suavemente.

... quarenta e dois, quarenta e três, quarenta e quatro...

Tenho de parar isto.

Não posso pôr outra vez o meu coração em risco. Não depois de tudo o que aconteceu com a Alex. Como posso estar a pensar em beijar o Paul? Serei assim tão idiota? Para estar a namoriscar assim de forma tão descarada? Estragaria tudo se o beijasse agora. Nunca mais seria o mesmo entre nós. Iria perdê-lo, tal como perdi a Alex. Não posso fazer isso. Tenho de parar. Agora mesmo. PARA.

Fecho os olhos e viro a cabeça.

- Ei!

Ele afasta-se e o feitiço é quebrado.

- Não era suposto fechares os olhos! Agora não vai funcionar.

Engulo com cuidado, nervosa, à espera do sobressalto no meu peito.

- Não. - Sorrio a medo. - Acho que funcionou. Isso foi muito... divertido. Obrigada, Paul. Consigo imaginar que seja sempre uma forma eficaz de tirar os... HIC... AH, PORRA!

Na mesa em frente, a criança começa a chorar outra vez.

CAPÍTULO NOVE

- Disse Paul D'Silva?

Um homem atraente de meia-idade está a olhar para nós com um ar confuso. Sinto a vergonha a queimar-me a cara. Não há dúvida; ele ouviu-me a dizer algo acerca de me casar com o Paul. É óbvio que o conhece; isto é o pior resultado possível para a missão dentro da missão. Não somos boas espias.

Olho para ele, boquiaberta. Após um momento de silêncio, o homem parece ficar atrapalhado.

- Peço desculpa - murmura, virando-nos costas. - Pensei que tinha dito...

Como não acaba a frase e começa a afastar-se, redescubro a minha voz.

- Por acaso, hum, conhece-o? - pergunto, numa voz sufocada.

Ele vira-se de novo.

- Sim - responde, indicando o restaurante atrás de si. - Trabalho para ele. É o meu *chef de cuisine*.

- Ele está? - pergunta a Louise, excitada.

- Porquê perder tempo com o Paul? Este é bastante atraente - diz a Sofia, aproximando-se para o olhar de alto a baixo.

O tipo tenta ignorar a Sofia e abana a cabeça.

- Por acaso, ele está fora por uns meses. Os patrões mandaram-no para uma formação intensiva algures no Norte. Querem que lhe transmita uma mensagem ou algo assim?

Ele não está aqui. Nem sequer está em Londres. Não o posso ver.

Isto foi um desperdício de tempo. Sinto os ombros a descair e a cabeça a tombar. Mais uma desilusão.

- Hum, não - respondo em voz baixa. - Nenhuma mensagem, obrigada. Nós...

Não tenho mais palavras e ele assente lentamente.

- Não há problema - responde, a coçar a cabeça. - Hum, fiquem bem.

- Ele ainda anda com a Celeste? - grita a Bibi, assim que o homem começa a afastar-se.

Volta a virar-se para nós e agora fita-nos com olhos semicerrados.

- Quem?

- Ou com outra pessoa qualquer? - acrescenta a Lou, com energia. - Ele tem namorada? É casado, divorciado, comprometido? Ou é solteiro?

- E *tu*, és casado? - acrescenta a Sofia.

Uma expressão de medo atravessa o rosto do homem. Um pouco como alguém que se apercebe de que caiu na cova do leão.

- Hum, de onde disseram que conheciam o Paul? - pergunta, nervoso.

- Não o andamos a perseguir - replico, demasiado depressa, soando tal qual alguém que o andasse a seguir. - Não andamos mesmo.

- *Tu es un peu* - sussurra a Sofia.

- Quer dizer - tartamudeio -, eu sei que estávamos, tipo, escondidas aqui na esquina, a olhar para o restaurante, mas,

a sério, não somos malucas.

O homem recua um passo e leva a mão ao bolso.

- Não precisa de ligar a ninguém - exclamo numa voz aguda e assustador. - Decididamente, não precisa de chamar, tipo, a polícia! - Solto uma risada aguda e arrepiante. - Pode tirar a mão do bolso, amigo, porque somos pessoas *normais* a fazer perguntas normais... - Eu disse a palavra *normais* de uma maneira mesmo estranha. - E não há motivo para ficar assustado ou chamar as autoridades ou...

A Bibi interrompe o meu monólogo aterrorizador.

- Porra para esta porra. FUJAM!

Sáímos as quatro a correr, a Sofia bem à frente, parecendo uma gazela, toda ela coxas musculadas e elegância.

Olho para trás quando chegamos à esquina, apenas o tempo suficiente para ver o olhar de absoluto espanto no rosto do homem.

Isto correu mesmo bem.

EX-NAMORADO N.º 4: PAUL D'SILVA

A Oportunidade Perdida

Parte Três

Wetherspoons

A pior mesa

22h14

- Anda lá, deixa-me ver essas mamas - diz ele, com o olhar fixo no meu decote. - Andaste a provocar-me a noite toda. Mostra lá essas tetas.

Levanto-me, ligeiramente enjoada.

- Vou embora agora - digo-lhe, o mais calmamente que consigo. - E em futuros encontros de *Tinder*, sugiro que evites a palavra *tetas*. A não ser que tenhas um encontro com uma vaca leiteira.

Sem esperar pela resposta, afasto-me e saio pela porta do bar.

Meu Deus, o ar frio sabe tão bem na minha cara.

Que encontro mais horrível. Que tristeza de noite. Ah, estou tão farta de encontros. Tive um bom encontro no último ano... e nem sequer foi exatamente um encontro. Foi mais um episódio frenético numa casa de banho para deficientes. Mas é melhor não pensar *nisso* agora.

À minha volta, começa a chover e paro para procurar um guarda-chuva na carteira. O meu telemóvel ilumina-se e

esqueço o guarda-chuva.

Tenho um *voice mail*. Os *voice mails* dão-me sempre um arrepio. São... excitantes. Mas, hoje, mais do que o habitual. Será aquilo por que tenho esperado toda a semana?

Ignorando a chuva, encosto o telemóvel ao ouvido.

“Boa noite, menina Adams, peço desculpa pela chamada tardia. Aqui fala Anjan Cochran, do Museu Norris. É com prazer que lhe proponho a posição de coordenadora de eventos, adorámos a sua entrevista. Por favor, ligue-nos de volta quando ouvir esta mensagem, pode ser amanhã, para podermos discutir os termos do contrato. Espero que sejam boas notícias!” Solta uma pequena risada. “Muito bem, tenha uma boa noite e falamos em breve.”

Volto a guardar o telemóvel. Tenho as mãos a tremer.

Conseguí o emprego. A sério, consegui mesmo.

A quem devo ligar? Os meus dedos pairam acima do ecrã do telemóvel, prontos para ligar à Bibi ou à Louise. Mas sinto um choque a percorrer-me o corpo quando percebo a quem quero mesmo contar primeiro. A pessoa a quem quero gritar as notícias e com quem quero dançar aos saltos. A pessoa com quem quero celebrar. E fazer outras coisas.

Acabei de vez com a culinária. Acabei com os horários loucos e as cozinhas quentes e abafadas cheias de homens zangados e petulantes. É a minha oportunidade de ter uma vida nova. Uma vida que inclua coisas que não sejam trabalho. Posso finalmente divertir-me. Posso ter um namorado.

É ao Paul que quero ligar. É o Paul que quero beijar. É no Paul que penso o tempo todo.

Durante tanto tempo, dançámos os dois à volta da nossa atração. Estamos claramente loucos um pelo outro, gosto tanto dele e temos mesmo uma *ligação*. Ficamos tão bem juntos! Toda a gente diz isso! Durante séculos, neguei isso a mim mesma, enquanto trabalhava ao lado dele. Em parte por causa do drama horrível no *A'Diva*, em parte porque parecia estúpido envolver-me com ele. Depois, fiquei com tanto receio de me envolver com qualquer outra pessoa, após o que aconteceu com a Alex. Não queria estragar a minha amizade com o Paul.

Mas agora percebo que ter uma boa amizade como alicerce é vital para uma relação. É a base de um amor sério. Ser melhores amigos que se sentem atraídos um pelo outro é o melhor tipo de amor que existe! Eu e o Paul podemos ter isso. Podemos ter a melhor coisa de sempre, e isso tem de valer o risco.

Ponho o telemóvel na carteira. Ele deve estar a trabalhar esta noite, mas preciso de o ver. Tenho de lhe dizer cara a cara. Tenho de me permitir, finalmente, dar-lhe a porra de um beijo.

Dou por mim no autocarro a caminho do *gastro pub* onde trabalha agora como primeiro *sous chef*. Enquanto salto para fora do autocarro, ainda não sei o que lhe vou dizer. Talvez não diga nada, talvez apenas lhe cubra o rosto de beijos.

Estão a fechar quando entro, mas o gerente do bar sorri assim que menciono que estou aqui para ver o Paul.

- Ele está nas traseiras, podes ir.

E prenda-me com um sorriso estranho. Quase divertido. E percebo porquê no momento em que abro a porta da cozinha.

O Paul está a meio de um beijo apaixonado com uma das mulheres mais atraentes que alguma vez vi. Sinto-me a desfazer por dentro e dou por mim encostada à parede fria da cozinha para não cair ao chão. Quero sair dali antes que ele me veja, mas a náusea a fermentar dentro de mim leva a melhor.

Então, engasgo-me ruidosamente e eles afastam-se um do outro.

- Lamento muito - tossico, tentando não vomitar. - Desculpem a interrupção. Não queria...

Viro-me para sair, a humilhação a queimar-me a cara e o ácido do estômago a arder-me na garganta.

- Esther!

Ouçó a voz do Paul no meu encalço quando saio a correr por onde entrei. Ele alcança-me no bar, com um ar confuso.

- O que estás aqui a fazer?

Engulo em seco.

- Não sei bem. Estava a passar e recebi uma... notícia. - Estou a ofegar demasiado para falar com clareza. - Tive um encontro horrível e depois soube que fiquei com o emprego dos eventos e...

- O quê? - Ele dá-me um abraço. - Isso é fantástico! Parabéns!

Fico inerte nos braços dele.

- Quem era aquela? - murmuro.

- Quem? - Ele afasta-se e observa-me o rosto. - Oh, era a Celeste. Eu ia contar-te quando fôssemos tomar um copo, na próxima semana. Começámos a sair há algum tempo. - Por um momento, uma expressão de ansiedade passa-lhe pelos olhos. - Queres, hum, conhecê-la? Ela é fantástica.

Ele sabe. Ele sabe que isto é horrível e constrangedor e que estou destroçada. Ele consegue ver, ambos conseguimos ver, mas temos de fingir que está tudo bem. Porque, oficialmente, nunca fomos mais do que amigos. Quando muito, fui eu que nos retive ao longo de todo este tempo. Não posso ficar desolada ou irritada por ele ter seguido com a sua vida. Não quando o mantive à espera durante três longos anos.

- Conheço-a noutra altura - respondo, engolindo o caroço sólido de lágrimas na garganta. - Adorava conhecê-la. Mas estou exausta e tenho de pôr as minhas tetas a dormir.

- As tuas quê? - solta ele, de testa franzida, mas ignora a pergunta.

- Estou tão feliz por ti; ela parece... bom, ela é linda! - Sinto lágrimas a toldarem-me a visão e viro-me para a porta, caminhando o mais depressa que as minhas pernas trémulas me permitem. - Mesmo, mesmo, mesmo feliz por ti, Paul. MESMO! - A minha voz começa a tremer e fito o gerente do bar a observar-nos do outro lado da sala. - São notícias fantásticas! Falamos em breve, sim? Adeeeeeeeus.

Saio do bar, correndo à chuva, e não paro até chegar a casa, a chorar como não me lembro de alguma vez ter chorado. Tivemos tantas oportunidades, tantas vezes que podíamos ter tentado. E agora perdemos o nosso momento.

CAPÍTULO DEZ

Quando abrimos a porta do prédio, uma espécie de cansaço profundo abate-se sobre mim e deixa-me os ossos pesados e doridos. Mal consigo enfrentar as escadas até ao nosso apartamento no primeiro andar. Dizemos adeus à Sofia e vemo-la a subir os degraus que faltam com a agilidade de uma antiga bailarina.

No apartamento, murmuro uma desculpa e vou para o meu quarto, tombando imediatamente na cama. Suspiro profundamente para o edredão, interrogando-me se tudo aquilo terá valido a pena. Será esta missão uma humilhação atrás de outra? Até agora, tem sido uma desilusão contínua, primeiro com o Alistair e a namorada dele, depois com esta história de andar a perseguir o Paul. Tenho a certeza de que alguém lhe vai dizer que um grupo de mulheres andava a falar aos gritos de casar com ele e depois exigiu saber o seu paradeiro e estado civil. Agora, nem sequer lhe posso mandar uma mensagem! Mesmo que estivesse disposta a esperar meses até ele regressar à cidade.

Pego na Árvore das Pilas, pousada ao lado da cama, e observo-a. Faltam cinco nomes: Carl, Alex, Idris, Will e Rich. Acima da árvore esbocei uma lista de nomes por B para perguntar à Bibi. Chamar-se-á Belle, Betty, Billie, Bernadette, Bianca? Oh, Bertha! Acho que ela se parece com uma Bertha. Pego na caneta e anoto o nome.

O meu telemóvel vibra na cama e olho automaticamente para ver quem é. O nome lança no meu interior uma sensação que não consigo identificar.

Alistair Morris (escola)

Olá, colega! Boa semana?

12h20

Nem por sombras. Na verdade, está a ser uma semana horrível, Alistair Morris (escola). Mas não é isso que queres ouvir.

O meu dedo paira acima da caixa de resposta.

Porque está ele a mandar-me mensagens? Passaram algumas semanas desde o nosso encontro estranho, intenso, apoteótico e anticlimático, e não estava à espera de voltar a ter notícias dele. Estaria a falar a sério acerca de sermos amigos? Que estranho, não me recordo de alguma vez um homem me ter dito isso e estar a falar a sério. Agora que penso nisso, também acho que nunca falei a sério quando disse o mesmo.

Corro para a sala de estar, com o telemóvel ainda na mão. A Bibi e a Lou estão sentadas uma ao lado da outra no sofá, a beber chá. Quando entro de rompante, param abruptamente e põem um ar culpado, mas estou demasiado agitada e suada para me importar com o que era claramente uma conversa sobre mim e o meu encontro embaraçoso.

- Meninas! - digo numa voz aguda, e a Lou senta-se mais direita. - O Alistair mandou-me uma mensagem.

A Lou levanta-se num salto e a Bibi bate palmas alegremente.

- Deixa ver!

Passo-lhes o telemóvel e segue-se um longo silêncio de 20 segundos enquanto leem e processam.

- OK... - A Bibi é a primeira a falar, numa voz repleta de incerteza. - Certo, então. Hum, ele está a perguntar como foi a tua semana. Isso é... bom sinal?

- Sim, mas é assim para o vago, não é? - respondo, ansiosa. - Tipo, se isto fosse algo mais, teria mais para dizer, não? Especialmente depois da maneira como deixámos as coisas. E aquele raio do *colega* - resmungo. - *Alguém* está a ter muito cuidado para se assegurar de que sei qual é o seu lugar.

- Talvez esteja apenas a tentar perceber o que sentes antes de se lançar numa grande confissão de amor? - sugere a Lou, esperançosa. - Ou talvez isto seja ele a dar-te o toque para tomares a iniciativa? Para ele poder deixar a namorada e vocês viverem felizes para sempre?

- Mas não me devia sentir mal por causa disso? Não devia ignorar algo deste género por respeito para com ela?

- Talvez - assente a Louise, desanimada e com um ar preocupado.

- Tu tiveste-o primeiro - opina a Bibi, com uma certa petulância. - E talvez a relação não seja assim tão séria. Ele disse há quanto tempo namoravam?

Abano a cabeça.

- Não me disse nada sobre ela, nada de nada - respondo, enquanto releio a mensagem. - E, como é óbvio, não perguntei. - Atiro as mãos ao ar. - Oh, meu Deus, sei lá. E aquele ponto de exclamação? O que querará dizer?

Enquanto continuamos a dissecar os espaços e a falta de um x, o telemóvel, agora nas mãos da Lou, volta a vibrar.

Olhamos para o ecrã como se fosse magia e depois trocamos olhares.

- É ele outra vez - diz a Lou, numa voz trémula. - Ele diz "Gostavas de tomar um copo, na sexta?"

- Oh, meu Deus - sussurra a Bibi, como se estivéssemos a discutir códigos nucleares. - Oh, meu *Deus*.

- O que quererá dizer? - lamento-me, de mãos no ar. - O que quererá dizeeeeeer?

- Acho que é um encontro - replica a Lou, com a voz a tremer. - Acho que está a convidar-te para um encontro!

- Ou pode ser só um convívio de amigos - contrapõe a Bibi, com um ar preocupado. - Achas que pode ser uma atividade de grupo?

- Sabes tanto como eu, Brenda! - digo impacientemente à Bibi. - É vago! Vago, digo eu! E chamou-me claramente *colega* na mensagem anterior!

- Sim, ele chamou-te *colega* - insiste a Louise, confiante -, mas também está a convidar-te para saíres com ele numa sexta à noite. Toda a gente sabe que as noites de sexta são intrinsecamente românticas. As noites de sexta são sensuais, toda a gente se sente sensual à sexta à noite! É uma noite para encontros!

- Certo, acho que devias aceitar - continua calmamente a Bibi. - E depois perguntas casualmente se é um convívio em grupo ou não? E não me chamo Brenda.

Deito-lhe um olhar chocado.

- Não lhe posso simplesmente *perguntar* isso! Agora somos *pessoas normais*? Claro que não posso simplesmente *perguntar*, Bibi! Se lhe pergunto se é um convívio de grupo,

ele pode entrar em pânico e convidar montes de gente. E se lhe pergunto se somos só nós, pode rir-se de mim por pensar que é um encontro. Não posso *perguntar*, Bibi. Credo.

Ela tem a decência de pôr um ar envergonhado.

- A Esther tem razão - assente a Lou. - Certo, então dizes que sim e preparas-te para ambas as eventualidades.

- Mas na sexta à noite é suposto estar a trabalhar num evento - protesto, ansiosa. - Eu e a Katie estamos a planeá-lo há semanas. - Elas olham para mim, nada prestáveis, e solto um gemido. - Que se lixe, digo-lhe que tem de tratar do evento sozinha. Tenho a certeza de que se vai safar bem. Encontrar o pai das minhas crianças é mais importante do que uma marca de toalhetes mostrar a jornalistas uma nova linha de pensos higiénicos, certo?

- Acho que sim - replica a Louise, parecendo pouco segura.

Assinto.

- Então, se for e descobrir que é um convívio de grupo, vocês têm de estar prontas para se juntarem a nós. Podem ficar de plantão num bar próximo ou algo do género, prontas para me irem socorrer, sim?

Elas anuem em sintonia.

- Se *for* um encontro - começa cautelosamente a Lou - e vocês se apaixonarem de novo um pelo outro, vais continuar com a Missão dos Sete Ex-Namorados?

Penso nisso.

- Hum, bem - respondo lentamente. - Se ele, tipo, acabar tudo com a namorada e confessar o seu amor eterno, algo que de momento também sinto, então acho que não, acho

que desisto de tudo. Mas se a coisa ficar no ar, então acho que devo continuar até onde for preciso. Não posso desistir. Mal comecei.

- Entendido - assente a Lou, parecendo mais convencida.

- Mas, tipo... - Faço uma pausa e olho para a Bibi, de forma a não fitar a Louise. - Estive a pensar e acho que posso riscar a Alex da lista. Seria tremendamente embaraçoso, talvez até mais embaraçoso do que com qualquer um dos outros, e não preciso de ver *todos* os meus ex-namorados, pois não?

Segue-se um silêncio breve, até a Bibi assentir.

- Acho que é capaz de ser boa ideia - diz ela.

Sorrio-lhe com gratidão. A Lou abana a cabeça.

- Hum, não concordo, desculpa. Acho que todos são importantes. Se vais fazer esta missão como deve ser, tens de a fazer até ao fim. E se o Rich, o Sacana, está na lista, então não podes riscar a Alex.

Deixo descair o queixo.

- Hum - hesito. - Vamos tratar de responder ao Alistar e preparar a minha roupa. Depois logo vejo o que fazer a seguir.

A Bibi e a Lou trocam um olhar entendido, que escolho ignorar.

CAPÍTULO ONZE

Sexta-feira chega e dou por mim diante do bar, apoiada contra a parede, a ofegar. Tenho a sensação de que vai acontecer algo importante. Algo com o potencial de mudar vidas. Afinal, o homem com quem estou destinada a viver o resto da vida pode muito bem estar à minha espera ali dentro. Tudo pode mudar esta noite. Posso fazer sexo. Posso fazer sexo com a primeira e última pessoa com quem alguma vez farei sexo. Quero que seja o Alistair? Ele tinha um pénis encantador e a nossa vida sexual era... entusiasmante. Além disso, deve ter aprendido uma data de truques novos nos últimos dez anos. Eu aprendi. Mas será o pénis *dele* o último que quero dentro de mim?

Puxo pela bainha do vestido, sentindo-me constrangida. A Lou convenceu-me a usar um vestido sensual que desafia todas as regras acerca de não mostrar tudo de uma vez só. Pernas e peito estão atualmente em exposição para quem quiser admirar. E, infelizmente, o *shot* de *whisky* barato que tomei antes de sair do apartamento não foi suficiente para afastar a insegurança acerca do vestido.

Por um minuto, imagino o Alistair, nervoso, sentado a uma mesa lá dentro, garrafa de vinho já à espera. Ele sempre foi assim atencioso, constantemente a pensar no que me poderia fazer sorrir. Desta vez, vai abraçar-me como deve ser, sempre foi dado a abraços, e depois vamos sentar-nos. Olharemos um para o outro de lados opostos da mesa e faíscas vão sair a voar.

Tiro da carteira o estojo de maquilhagem e retoco o batom. Tenho de parecer perfeita, não quero um cabelo fora do sítio.

Depois de bebermos um copo, ele vai contar-me como acabou com a namorada de uma maneira que não me fará sentir culpada... Talvez ela também tenha conhecido alguém e esteja desesperadamente aliviada por terminar a relação. E então vai estender a mão por cima da mesa e...

- ESTHEEEEEER!

O meu nome é guinchado num tom que desfaz quaisquer ilusões românticas que eu pudesse ter.

O Alistair está aqui, e o Alistair está bêbedo. Corre ao meu encontro, levanta-me do chão e roda-me no ar. Eu rio-me.

- Desculpa, já bebi uns copos - sussurra ele, o hálito quente no meu ouvido.

- Dá para ver!

Volto a rir quando ele me pousa no chão.

- Eles obrigaram-me! - grita ele, num tom acusatório, gesticulando para trás.

Em câmara lenta, vejo uma série de rostos familiares, todos a sorrir e a acenar.

Porra.

Pessoal da escola. Pessoal da nossa escola. Pessoal que não vejo há mais de uma década. Isto não é apenas um convívio de amigos, isto é o raio de um *reencontro de turma*.

Segue-se um coro coletivo de olás preguiçosos quando passam por mim versões mais velhas de pessoas com quem nunca falei, apesar de as conhecer intimamente.

- Olá! - consigo dizer, tateando urgentemente à procura do telemóvel enquanto sigo toda a gente para dentro.

Quase sem olhar e usando os meus dedos mais rápidos, mando uma mensagem de pânico para a Lou e a Bibi:

EMERGÊNCIA. VENHAM AGORA,
É MESMO UMA CENA DE GRUPO.
REENCONTRO ESCOLAR. UMA
PORRA DE EMERGÊNCIA.

Dentro do bar, o Alistair está novamente no meu espaço pessoal.

- Consegues acreditar que estão todos aqui? Eu disse-te que ia organizar um reencontro, não disse? Não é fantástico?

Ele sorri para mim, expectante, e sinto uma onda de afeto pelo meu excitável e despreocupado primeiro amor. Quero tanto agarrar-lhe a cara e cobri-lo de beijos. Ele debruça-se para mim.

- Posso ir buscar-te uma bebida? A rodada é por minha conta.

- Claro! - respondo com entusiasmo, tentando controlar-me. Ah, rodadas, são do piorio. Porque é que cada um não paga as suas bebidas? - Pode ser um vinho branco, obrigada.

- Vem comigo.

Ele passa o braço pelas minhas costas e a mão dele hesita momentaneamente antes de pousar. Está posicionada com cautela, não demasiado alto, como se eu fosse um colega que desafiou para um jogo de dardos, não demasiado baixo a ponto de me sentir apalpada. Mesmo assim, consigo sentir o

calor do corpo dele encostado ao meu e isso dá-me uma sensação no estômago que não consigo bem definir.

Esperamos no meio da multidão junto ao bar, à procura de uma pequena aberta para chegarmos mais perto. Clareio a garganta.

- Então, hum, hoje vou conhecer a tua namorada? Ela está cá?

Tento manter a voz livre de tensão e falho. Mas sou salva pela névoa de álcool que envolve a cabeça do Alistair.

- Hum, não, não, são só umas caras conhecidas da escola.
- A resposta dele soa nervosa e pergunto-me se reparou na tensão na minha voz. - Mandeí um *e-mail* a toda a gente acerca de nos reunirmos e todos ficaram superexcitados. Mencionei que te tinha visto recentemente e algum pessoal insistiu em que te convidasse também.

Oh. Não é um encontro e nem sequer foi ideia dele convidar-me.

O Alistair ignora a minha mágoa.

- Achei que gostarias de pôr a conversa em dia com toda a gente. - Ele sorri. - Já passou tanto tempo.

- Oh, sim, é fantástico! É tão boooom vê-los. - Sorrio em resposta, lembrando-me de como ele costumava perceber quando eu estava a mentir.

- E, claro, também queria voltar a ver-te - acrescenta ele rapidamente, prendendo-me com um sorriso palerma.

Talvez sinta a minha desilusão com toda aquela situação, porque se encosta um pouco mais a mim.

- E queria dizer...

Interrompe-se quando avista uma aberta para o bar. A multidão avança a um só tempo e tombamos os dois para a frente. O Alistair para junto ao bar e eu aterro no rabo de alguém.

- Porra! - grito, tentando levantar-me e conseguindo apenas dar cotoveladas em várias pessoas à minha volta.

Uma das vítimas das cotoveladas ajuda-me a levantar enquanto me desculpo profusamente.

- Desculpem, companheiros, a culpa foi minha.

Ponho-me finalmente de pé e viro-me para o meu salvador. É um rosto familiar e dou por mim a soltar uma exclamação audível.

O Nick Wilde, da escola. E da universidade também, tecnicamente, pois frequentámos a mesma faculdade durante um semestre.

- Esther Adams! - diz ele com um sorriso.

Fico boquiaberta. De certa forma, é mais bizarro ver o Nick pessoalmente do que foi ver o Alistair. Era um rapaz tão estranho na escola; baixo, brigão, sempre a gabar-se do casaco *Puma* nas aulas de Ciências, enquanto a Louise lhe fazia olhinhos do outro lado da sala. É tão diferente como adulto: alto, moreno, com óculos grossos e uma barba rala que, decididamente, não tinha da última vez que o vi.

- Olá - respondo com uma jovialidade forçada. - Como tens andado, Nick Wilde? Ainda gritas para miúdas do outro lado do recreio quando elas estão a tentar beber *Apple Tango* em paz?

Ele solta uma risada simpática.

- Por acaso, sim. Faço-o constantemente. Foi por isso que me puseram na lista negra. Agora não me posso aproximar de um recreio, é uma vergonha.

Assentimos seriamente um para o outro, reconhecendo como descemos rapidamente para o humor negro.

- Nick, estás aqui! - grita o Alistair, do bar. - É bom verte!

- Na verdade, já estou aqui há séculos - grita o Nick de volta. - Por onde andaram vocês?

O Alistair encolhe os ombros em jeito de desculpa.

- Queres uma bebida, companheiro?

O Nick ergue um polegar.

- Um *Apple Tango*, por favor - grita.

Cubro a boca, divertida. O Alistair põe um ar confuso.

- O quê?! Não te ouço.

- Uma cerveja, por favor.

O Alistair assente e vira-se para o empregado do bar.

- Então - diz o Nick, olhando de novo para mim -, tu e o Alistair, juntos de novo, hã?

Fico logo eriçada.

- O que queres dizer, eu e o Alistair? Não se passa nada, somos só amigos. Amigos que não se veem há séculos... há anos! Mais nada.

Ele ergue as mãos em sinal de rendição.

- Está bem! Só quis dizer que vocês se encontraram um ao outro depois de tanto tempo separados.

- Certo.

Sorrio jovialmente, tentando diminuir um pouco a postura defensiva. Afinal, é verdade, não é? Isto é claramente uma

saída de amigos. Não se passa mais nada. E mesmo que se passasse, tentaria eu alguma coisa, sabendo que o Alistair tem uma namorada em casa? Sinto-me culpada só de pensar nisso. Não creio que ser uma ladra de namorados me assentasse bem.

- E vocês, ainda são amigos depois de todos estes anos?

Estou só a fazer conversa, a contar os minutos até poder fingir que preciso de ir à casa de banho para me esconder num canto.

O Nick encolhe os ombros.

- Nem por isso. Também não o via há anos. Continuámos amigos durante algum tempo depois da escola, mas as pessoas afastam-se, não é?

- Às vezes - admito, a pensar na Shelley.

- Mas a ocasional viagem de nostalgia não é assim tão má, pois não?

Ele sorri e eu desvio o olhar, pensando que a nostalgia nem sempre é divertida.

Lembro-me subitamente de uma publicação recente no *Instagram* e aproveito o novo tópico de conversa.

- Tens um cão, não tens?

Ele parece ligeiramente surpreendido, mas agradado.

- Tenho, sim! - Ele empurra os óculos para cima e o gesto fá-lo parecer de novo um rapazito. - Chama-se *Jackie* e é a melhor cadela do mundo.

- A cadela *Jackie*? - confirmo, hesitante.

Ele solta uma gargalhada.

- Sei que é estúpido - responde, um momento depois. - Mas sempre tive uma panca por cães com nome de gente.

Além disso, ela tem uma certa onda de Jackie Weaver... pelo cinzento e orelhas caídas ao lado da cara. - Não me contenho e inclino-me para ele, que continua, num tom deliciado: - Quando estamos no parque, grito: "NÃO TENS AUTORIDADE AQUI, JACKIE WEAVER." Ela vem logo a correr quando ouve isso... E devias ver a maneira como as pessoas olham para nós.

Ele começa a rir outra vez e sigo-lhe o exemplo, rindo-me principalmente de como ele está a rir tanto.

- De que raça é? - pergunto por fim, tentando controlar o riso.

Ele encolhe os ombros.

- Sabe-se lá. Foi um resgate. Uma daquelas compras de impulso durante o confinamento que depois não funcionou quando a vida voltou ao normal.

- O que passa por normal hoje em dia, queres dizer - observo cinicamente.

- Completamente - assente ele, deitando-me um olhar curioso. - Esther - começa ele lentamente, olhando de relance para o Alistair junto ao bar.

Aproximo-me dele, a suster a respiração... quando somos interrompidos.

- OOOOH, então este é o famoso Alistair?

Salto de susto ao ouvir subitamente a voz da Bibi ao meu ouvido. Passa um braço pelos meus ombros e a Lou aparece do outro lado, inclinando-se para me beijar na cara como se fôssemos parentes há muito separadas. O hálito delas cheira a vinho, claramente estiveram a beber sem mim, e sinto uma pontada familiar de ciúmes.

- Claro que não é o Alistair! - chilreia a Lou. - Este é o Nick Wilde! O Nick da aula de Ciências do professor Snelling. O Nicky da equipa de futebol! O filho da professora Wilde, das aulas de Teatro. Andámos todos juntos na escola, não foi? - Ela abraça-o e murmura para mim, alto de mais. - Credo, ele cheira mesmo bem.

- Ela está bêbeda - tento explicar.

- Aceito todos os elogios que me derem - ri-se ele.

- Então, onde *está* o Alistair? - protesta a Bibi, irritada. - Quero conhecê-lo.

O Nick deita-me um olhar divertido.

- Esta é a nossa companheira de casa, a Bibi - explico, ligeiramente envergonhada.

- Mas Bibi não é o nome verdadeiro dela! - diz a Louise, demasiado perto da cara do Nick, como se estivesse a analisá-la. - É Bethany ou Bailey. - Vira-se para Bibi, que abana a cabeça. - Ou Bobbie?

O Nick, um pouco espantado, aponta na direção de Alistair.

- O Alistair está junto do bar. Se te apressares, talvez ainda lhe saques uma bebida.

A Bibi fica logo atenta e abre caminho através da multidão.

- Então, como tens andado, Louise? - O Nick sorri enquanto olham um para o outro. - A vida tem-te tratado bem?

- Muito bem.

Ela pestaneja, hipnotizada por ele, e dou-lhe uma cotovelada. Sei que na escola ela tinha uma paixão enorme

pelo Nick, mas será que se esqueceu de uma certa relação de longo prazo?

- Hum, Louise, já fizeste as pazes com o Sven? - pergunto de forma contundente, antes de acrescentar, para o Nick: - É o namorado dela.

Ela amua.

- Mais ou menos. Mas nem por isso.

Viro-me para ela.

- Oh, não. Ainda é a discussão do *estás bem?* - Viro-me então para o Nick. - Ele perguntou-lhe se ela estava bem. O parvalhão.

O Nick assente com um entendimento fingido e um brilho divertido no olhar.

- Estou a ver.

A Lou respira fundo.

- Certo, então, cismeiei naquilo durante alguns dias, mas ontem à noite decidi que tinha superado a discussão, completamente superado, e estava pronta para ser a pessoa adulta. Sabes... - Ela estreita os olhos na direção do Nick. - Águas passadas e tudo isso. Portanto, quando ele chegou a casa, ontem à noite, sentei-o na cama e disse-lhe: "Ouve, Sven, desculpa como agi na outra noite."

- Isso foi tão nobre da tua parte - digo-lhe.

O rosto dela ilumina-se.

- Foi, não foi?! - diz ela, e uma sombra atravessa-lhe o rosto. - Mas *nunca* irás adivinhar o que ele me disse.

O Nick inclina-se para ela, pestanejando atrás das lentes dos óculos.

- O que disse ele?

- Oh-oh - solto, apreensiva.

A Louise respira fundo antes de responder.

- Ele disse: "*Não te preocupes com isso.*" - Ela olha para mim e para o Nick com uma expressão do mais puro espanto. - Ele disse que não me devia preocupar porque eu estava cansada e ele não se importava de esquecer tudo.

Abano a cabeça lentamente, sem saber bem o que precisa ela que eu faça agora.

- Consegues *acreditar*? - interroga ela, abanando também a cabeça. - Não pedi desculpa, disse para não me preocupar... como se eu tivesse mesmo razões para pedir desculpa! Eu só estava a pedir desculpa para ser a pessoa adulta. Estava à espera de que ele dissesse: "Oh, querida, não tens de pedir desculpa, a culpa foi toda minha!" E depois pedisse montes de desculpas, sabem?

- Odioso - sentencia o Nick, juntando-se a nós no abanar de cabeça, e assim continuamos os três por um bom bocado.

A Louise sorri para ele, agradada por ver que a entende.

- Seja como for - termina ela com um suspiro -, pareceu-me tacanho dizer-lhe que retirava o pedido de desculpas e que ele podia ir bugiar. Por isso, deitei-me completamente vestida e adormeci sem lhe dirigir mais a palavra. Espero que ele tenha pensado bem no seu maldito *não te preocupes*.

- Isso mesmo - diz o Nick, agora a assentir, em vez de abanar a cabeça. - Mas, se me dão licença, preciso de ir à casa de banho. Foi bom voltar a ver-vos. - Ele faz uma pausa antes de se virar para mim de sobrolho erguido. - Ainda bem que tu e o Alistair retomaram contacto.

- Certo - respondo, sentindo-me estranha. - E boa sorte com a *Jackie Weaver*. Espero que lhe dê muita autoridade.

A Louise prepara-se para lhe dar mais um abraço e eu puxo-a para trás. O Nick despede-se com um aceno a caminho da casa de banho e a Lou fica a vê-lo afastar-se, com um ar pensativo no rosto.

- Credo, o Nick está *mesmo* bom, não está? Não posso crer como ele mudou desde o 10.^o ano. Agora está... um *homem*, sabes? Que história foi aquela sobre uma *Jackie*? É a namorada dele?

- Então, não quiseste convidar o Sven hoje por causa do incidente do *não te preocupes*? - interrogo em voz alta, ignorando a pergunta dela.

A Louise olha para mim bruscamente.

- Claro que não! - amua. - Esquece o Sven, de que falaram tu e o Nick antes de eu chegar? Ele parece tão simpático e encantador. Adoro os óculos. Lembras-te dele no recreio? Sempre a jogar à bola e a ser irritante.

- Os rapazes eram todos assim - lembro-lhe, e ela assente.
- E não falámos de nada de mais, só fizemos conversa. Ele tem uma cadela, ela tem nome de gente.

- Mais nada? - insiste a Louise, exasperada. - Não descobriste se tem namorada, ou está casado, ou algo assim?

- Porque queres saber isso, Lou? - pergunto-lhe, de olhos semicerrados.

Ela esquiva-se à pergunta com um gesto leviano.

- Como vai a missão? - O olhar dela volta a vaguear, na direção geral do Nick. - A Bibi disse que mandaste uma

mensagem para a Alex! Que bom. Sei que não deve ter sido fácil, por isso, parabéns.

- Não foi nada fácil, mas - suspiro, um pouco frustrada - era um número antigo e não sei se ainda é o mesmo. Ou talvez tenha bloqueado o meu número? Seja como for, não me respondeu. - Molho rapidamente os lábios. - Na verdade, estava a pensar em contactar outro nome da minha lista... talvez o Will ou o Idris? Ou então superar a minha humilhação e mandar uma mensagem ao Paul, para ver se ele quer encontrar-se comigo quando estiver na cidade?

A Lou franze o sobrolho.

- Mas não vais riscar a Alex, pois não? Deve haver outras opções que possas tentar, além de um número de telemóvel antigo.

- Talvez - respondo num tom desinteressado. - Mas não quero perder o embalo. Especialmente agora, que parece cada vez mais claro que nada vai acontecer com o Alistair.

No bar, o meu primeiro amor está a pagar a maior rodada da história da humanidade enquanto a Bibi lhe grita ao ouvido.

A Lou solta um suspiro.

- Achas mesmo que não vai acontecer nada? - questiona-me, pousando-me uma mão pesada no ombro. - É pena, estava a torcer por vocês.

Aperto-lhe o braço.

- Também eu. Mas é por isso mesmo que estou a explorar todos os sete ex-namorados. Talvez mande uma mensagem ao Paul esta noite... Nunca se sabe, pode vir a Londres nas próximas semanas, talvez tenha tempo para um copo.

Ela vira-se para mim e assente cautelosamente.

- Certo. Mas não desistas já do Alistair, prometes? Passa-se claramente alguma coisa entre vocês que merece ser explorado.

Olhamos as duas para o Alistair enquanto ele paga as bebidas. Tenta encostar o cartão de crédito à máquina e ri-se, atrapalhado, quando falha. Os braços dele são demasiado compridos. Lembro-me de como estavam sempre no caminho. Tornavam-no desastrado. Ele agora parece adorável, enquanto o empregado de bar, já cansado, começa a perder a paciência e o Alistair, completamente desengonçado, tenta uma terceira vez. Dá-me vontade de o abraçar e fazer coisas por ele para toda a eternidade.

- Prometo. - Sorrio para a Lou.

Ela volta a assentir, desta vez com mais autoridade.

- Ótimo. Agora vamos à casa de banho, talvez nos cruzemos com o Nick no caminho. Devíamos falar mais com ele, não achas? - Ela deita-me um olhar de lado. - A barba fica-lhe mesmo bem. Há algo de especial num homem com barba e óculos. É como se estivesse a usar um disfarce sensual. - Reviro os olhos. - Além disso - acrescenta a Lou -, temos mesmo de ir à casa de banho, porque tens, tipo, MONTES de batom nos dentes.

O meu rosto fica sem gota de sangue quando começo a contar mentalmente quantas pessoas cumprimentei na última meia hora desde que pus batom diante do bar.

- O QUÊ?

Capítulo Doze

- Queres explicar-me outra vez como aconteceu isto? – sussurra a Bibi ao meu ouvido, com o cotovelo a massacrar-me as costelas.

- Francamente, não sei – murmuro, a minha confusão completamente genuína.

- Acho que é excitante! – declara a Lou, agasalhando-se mais com o casaco contra as rajadas de vento frio que batem contra nós.

Estamos paradas diante do nosso prédio enquanto espero pela boleia dos jogadores da equipa de futebol, o Alistair Morris e o Nick Wilde, para uma viagem até Milton Keynes. A Esther de 15 anos ficaria completamente desnorteada com esta sucessão de eventos. Na verdade, a Esther de 29 anos também.

- Mostra-me as mensagens da semana passada – pede a Bibi, ainda perplexa.

Passo-lhe o telemóvel.

Paul D'Silva (trabalho)

Sexta-feira

Estheeeeeeeeeer! Olá, amiga preferida desaparecida em combate, como estás? Sei que passaram anos e desculpa por te mandar uma mensagem assim sem mais nem menos... e isto vai soar completamente louco se eu estiver enganado... mas estiveste diante do meu emprego na semana passada?!! Um dos meus *chefs* disse que um grupo

de mulheres estava a perguntar por mim e a descrição dele parecia-se um pouco contigo?!!! Muito aleatório, eu sei. Seja como, um dia destes gostavas de pôr a conversa em dia? Tenho montes de saudades tuas. Passou demasiado tempo e gostava mesmo de voltar a ver essa cara bonita. Paul (Saul)
xx

21h12

OH MEU DEUS PAULLLLLLLLLL! Eu tive
21h13

Desculp, muto bêbeda, não euria envia
21h14

Note de copos com amigos da escol
21h15

E bem, tão boooom ter notícias tuas! Não, essas não eram eu ou a bibi ou a Sofia ou a Loulou à frente do teu restaurante e a reassão dele foi memo um ezagero quando ficou todo asustado e estranho
21h16

Também te quero veeeeeeer!!!!!!!
Qando voltas para Londres?
21h17

Não que eu saiba que não estas em Londres.
Deves estar em Londres puque não estarrias em
Londres certo???

21h18

LOL, Esther, continuas hilariante. Estou a passar
uma temporada em Milton Keynes, a fazer uma
formação para o trabalho.

21h20

Ei, porque não dás cá um salto?!!!
Podíamos passar o dia juntos, seria tão divertido!!

21h21

Anda lá, diz sim. Sê espontânea. Tenho o próximo fim
de semana livre, queres vir cá no sábado?!

21h22

Oh, MEU DEUS, SIM! CONTA COMIGO.

21h30

PS. Vomitei

21h31

Por cima do ombro da Bibi, aponto para o ecrã e segredo-
lhe ao ouvido:

- Vês, foi nesta altura que me pareceu boa ideia
perguntar ao Alistair se tinha carro e se gostava de dar um
passeio até Milton Keynes.

A Bibi abana a cabeça.

- Eu lembro-me - declara ela numa voz grave e solene. - Ele disse que sim e desataram os dois aos saltos a gritar excitadamente que era a melhor ideia de sempre.

- Isso mesmo - assinto. - Depois bebemos todos *shots* e tentámos começar uma conga.

Agora a Bibi também assente.

- Foi um dos pontos baixos da noite.

- Mas, como é óbvio, presumi-barra-*esperei* que ele se tivesse esquecido, porque não me disse nada durante toda a semana! - O vento sopra-me o cabelo para a cara e faço uma pausa para me soltar. - Então, ele mandou-me uma mensagem esta manhã a perguntar a que horas me podia vir buscar. Eu devia ter dito que não, podia ter ido de comboio.

- Sim - concorda a Bibi.

- Não! - grita a Louise, ao mesmo tempo.

A sério, às vezes é como ter um anjo e um diabo em cada ombro. Só não sei quem é quem.

- Nããão - insiste a Lou. - É um plano genial! Assim, podem ficar a conhecer-se um ao outro num pequeno passeio! A ouvir música juntos, a jogar ao Vejo-Vejo, a apaixonarem-se um pelo outro enquanto os outros condutores idiotas passam depressa de mais. - Ela olha para o relógio e repara nervosamente que o Alistair está atrasado. - Além disso, podes tentar sacar mais detalhes sobre essa tal namorada. Quando fores ter com o Paul, provavelmente já sabes se o Alistair é ou não O Tal.

- Mas como é que te vais livrar dele quando lá chegares? Presumo que não o vais levar para o encontro com a tua

Oportunidade Perdida?

A voz da Bibi mal se ouve por causa de uma rajada de vento que levanta os nossos cabelos em formação sincronizada. Cabelografia.

- Disse-lhe que ia ter com uma pessoa amiga - expliquei. - E ele disse que ia fazer umas compras e que nos podíamos encontrar ao fim do dia para a viagem de regresso.

- Espera lá, então porque é que o Nick Wilde também vai? - pergunta a Louise, torcendo o nariz.

- Isso - suspiro dramaticamente - já não sei. O Alistair revelou essa informação numa mensagem há dez minutos.

Um *Alfa Romeo* prateado vira à esquerda para a nossa rua e para bruscamente diante do nosso prédio. Baixo-me para espreitar e vejo os olhos cansados do Nick Wilde atrás do volante. Ele desliga o motor e o Alistair salta do lugar do passageiro, apressando a abraçar-nos a todas, uma de cada vez. Sinto-me melhor, a energia dele é contagiosa.

- Vamos num passeio! - grita o Alistair, todo ele feliz, naquele momento o rapaz de 15 anos que amei.

Volta a abraçar-me e deixo-me levar por aquele aroma familiar e delicioso. Não o quero largar.

- Porra, está um vento desgraçado, não está? - ri-se o Nick, atrapalhado, quando aparece atrás do Alistair, quebrando o feitiço.

- Tudo bem, Nick?

Faço um esforço por não perguntar porque se colou a nós. Ele disse que já não era assim tão amigo do Alistair.

A Lou empurra-me para o lado antes que ele consiga responder.

- Olá, Nick! - diz ela, ofegante, pestanejando rapidamente.

Ele responde com um sorriso e abraçam-se, o que me parece estranho. Terão falado *assim* tanto na semana passada?

- Desculpa a confusão - murmura o Alistair, ao meu ouvido. Viro-me demasiado depressa e quase encosto a minha cara aos lábios dele. Ele cora e recua um passo antes de continuar num sussurro: - Os pais do Nick agora vivem em Milton Keynes e ele falou que ia visitá-los este fim de semana. Pensei que podíamos aproveitar a boleia. - A poucos passos de distância, reparo que o Nick e a Lou estão a rir muito à vontade. Ele tira os óculos enquanto falam e limpa-os distraidamente à camisola de lã. - Além disso, é a única pessoa que conheço em Londres que tem carro.

- Claro, claro! - grito para me fazer ouvir com o vento, assentindo freneticamente. - Muito simpático da parte dele! Vamos?

O Alistair ralha gentilmente comigo quando tento entrar para o banco de trás, dirigindo-me, em vez disso, para o lugar do passageiro. Quando protesto com ele, salientando que precisa de mais espaço para as pernas, pisca-me um olho.

- Acredita em mim, fico a ganhar. Vais ter de lidar com uma companhia muito entusiástica.

Fico a pensar se estará a falar do Nick quando entro para dentro do carro e quase aterro com o rabo em cima de... *Jackie Weaver*, a cadela.

- Ui, desculpa! - ri-se o Nick, ao entrar pelo outro lado. - Esqueci-me de te avisar. Ela adora uma viagem de carro e não a quis deixar sozinha o dia todo. Além disso, os meus pais ainda não a conheceram, por isso insistiram em que a levasse.

Sorrio em resposta. Duas horas com uma cadela querida e fofinha? Isto está a revelar-se o melhor passeio de sempre.

- É um grande momento, apresentar a cara-metade aos pais - observo de forma sarcástica, afagando-lhe a cabeça macia.

A *Jackie* olha para mim atentamente, mas parece ficar contente quando a ponho ao meu colo. O Nick ri-se e começa a mexer no rádio, rodando os controlos até dar com música *rock* dos anos 70.

- Espero que eles aprovem - comenta ao olhar pelo espelho. - Estou tão nervoso, nunca levei uma namorada a conhecê-los.

- E com razão - digo num tom severo, fazendo festas no longo corpo cinzento da *Jackie Weaver*. Ela volta a olhar para mim, tanta sabedoria naqueles olhos grandes e pretos. - Se não gostarem dela, podes ter de escolher entre o amor e a família. Estou *constantemente* a cortar relações com a minha família porque eles não gostam das fotos de animais fofos que mando para o grupo de WhatsApp.

O Nick solta uma risada e liga o motor. O carro ronca perturbadoramente e ele solta um resmungo envergonhado.

- Desculpa, Esther, este carro é mais velho do que a Internet.

- Não tenhas medo, miúda - sussurro para a *Jackie*, quando o vento começa a soprar com força do lado de fora.

Ocorre-me então que eu é que devia estar nervosa; sentada num carro antigo com o apocalipse a decorrer do lado de fora e uma entidade desconhecida a conduzir o veículo na direção da autoestrada. Mas sinto-me estranhamente segura.

- Estamos mesmo agradecidos, meu!

Atrás do assento do Nick, o Alistair dá-lhe um murro amigável no ombro enquanto põe o cinto de segurança.

- A sério - acrescento.

O Nick vira-se para mim e sorri calorosamente. Por um momento, acho que vai dizer algo mais, mas então começa a cantar a música dos ABBA que está a passar na rádio, muito alto e incrivelmente desafinado. É engraçado ver este homem tão sério a cantar com total descontração.

Aceno para a Bibi e para a Louise quando começamos a andar, com a música aos berros. Ainda estou a pensar em que raio me meti quando viramos a esquina, mas assim que a *Jackie* aconchega a cabeça pequena contra o meu corpo e os ABBA cantam acerca de ter 17 anos, sinto-me subitamente... esperançosa?

CAPÍTULO TREZE

Marcámos encontro à porta do hotel do Paul. Por um momento, enquanto componho o casaco, um pouco atrapalhada, sinto-me como se estivesse num encontro do *Tinder*. E se não o reconhecer? Passaram cinco anos desde a última vez que nos vimos. E se for abordada por um desconhecido e não for capaz de dizer se é ou não o Paul? O que faço então?

Ando para um lado e para o outro, virando a cabeça para tentar avistar o meu velho amigo.

- Adivinha quem é? - A voz dele atrás de mim soa suave e tão familiar quando me viro para ele. - Ia fazer a cena clássica dos filmes, sabes, tapar-te os olhos com as mãos? Mas depois achei que podias acertar-me uma cotovelada na virilha. - Faz uma pausa. - O que seria justo.

- Não sei como não há mais galãs do cinema a levar pontapés nos tomates - rio-me. - A correr riscos desses.

- Bem que mereciam - assente ele num tom solene.

Por um momento, ficamos a olhar um para o outro. É mesmo o Paul. É mesmo ele. E, porra, continua podre de *bom*. Na verdade, está ainda mais atraente do que antes. Será possível? Acho que a nossa história e a nostalgia e anos a desejar vê-lo de novo tornaram-no ainda mais atraente. Isso e o ginásio. O tipo parece uma parede de músculos.

- Estás simplesmente linda, Esther. - Ele sorri alegremente e eu, por instinto, encolho a barriga. - Estou a falar a sério. Não envelheceste nada, sua vadia.

Rio-me e sinto um torvelinho dentro de mim.

– Envelheci, sim, seu mentiroso. E olha quem fala... estás fantástico.

Ele abana a cabeça, triste.

– Já estou velho, tenho de admitir. Faço 34 anos em dezembro, é uma lástima. Culpo as cozinhas. Saíste mesmo a tempo. Se tivesses continuado, agora estavas tão destruída e decrépita como eu. Graças a Deus, conseguimos salvar-te e a essa cara linda.

Os elogios estão a afetar-me.

– Vamos até um bar? – sugiro, com a voz a tremer de nervos.

– Vamos fazer algo mais excitante primeiro! – responde o Paul, soando mais à vontade do que eu gostaria. – Se caminharmos um pouco, talvez encontremos algo que nos anime. Sei que não estamos em Londres, mas deve haver algo divertido para fazer em Milton Keynes, de certeza!

– Está bem, parece um bom plano! – concordo, ressentida por não poder acalmar já os meus nervos com álcool.

Começamos a caminhar num silêncio cúmplice, o meu braço no dele. Parece que o tempo não passa enquanto caminhamos, encostados um ao outro. Mas, subitamente, esse pensamento deixa-me ligeiramente enjoada. Olho para as mangas do casaco dele, mortinha por olhar diretamente para ele. Quero vê-lo como deve ser, gravar essa imagem na memória. Procurar os cabelos brancos, as rugas. Quero que os anos que passaram estejam de alguma forma documentados. Caso contrário, para onde terão ido?

Isto é tão diferente de estar com o Alistair. O Alistair, que me trata quase como uma irmã. Que é atencioso, divertido e

querido, enquanto o Paul é intenso, franco e afetuoso.

Passei boa parte da viagem de carro a olhar pelo espelho para o Alistair, no banco de trás, a tentar perceber o que sentia; o que tudo aquilo significava. E se tinha o mais pequeno direito de passar tanto tempo com ele, quando gosto tanto dele e ele tem uma namorada à espera em casa. Não sei o que pensar.

- Então, o que te levou a procurar-me passado tanto tempo? - pergunta o Paul, num tom ligeiro, quase divertido.

- Eu *sei* que eras tu diante do meu restaurante.

Mordo o lábio e decido não negar.

- Eu, bem... - Quanto devo dizer-lhe? - Estou a meio de uma... hum, *revisão* da minha vida. - Faço uma pausa para avaliar a reação dele. Não há reação, ele continua a ouvir atentamente. - E lembrei-me de como nos costumávamos divertir, *Saul*. - Ele ri-se. - Seja como for, queria pôr a conversa em dia e ver como estavas. Costumávamos ser tão amigos, sinto montes de saudades tuas.

Ele passa-me um braço pelos ombros como se fosse a coisa mais fácil do mundo.

- Também tenho saudades tuas. E quero saber tudo. Como estão as coisas com o... desculpa, como é que se chama o teu namorado? Idris?

Rio-me sem motivo.

- Oh.

Julgo que a última vez que falei a sério com o Paul, não contando com "PARABÉNS!!!!!! Espero que estejas bem!!!!!!", foi quando ainda andava com o meu namorado a sério, o Idris. Ele foi uma das razões porque o Paul e eu nos

afastámos. Não que o Iddy nos tenha proibido de nos vermos ou algo assim, apenas aconteceu, acho eu. O Paul andava com a Celeste, eu estava apaixonada pelo Idris e o afastamento inevitável acabou connosco em diferentes continentes sociais. Acho que não lhe dou os parabéns há uns anos. Suponho que, estando ambos comprometidos, parecia estranho manter uma amizade que era, obviamente, bem mais do que uma amizade.

- Eu e o Idris somos história! - explico. - História *antiga*. Acabámos há uns anos e é assunto morto e enterrado e...

Calo-me quando me lembro de que o Idris ainda está na lista de pessoas com quem quero falar. Porra.

Ele olha para mim de lado e sorri.

- Ah, certo. Lamento muito.

- E tu e a Celeste? - pergunto, soando mais rabugenta do que pretendia. - Vocês ainda estão juntos?

Ele abana a cabeça.

- A Celeste já não está em cena - replica ele, encolhendo os ombros. - Estou muuuuito solteiro.

- Lamento.

A náusea está de volta e afago instintivamente a barriga através do casaco.

- Não lamentos. - Ele sorri para mim. - Estou feliz.

Engulo uma réstia de vômito.

- Oh. Fabulástico.

Ele para de andar e vira-se para mim.

- O que disseste?

Olho-o nos olhos. Tão bonitos.

- Nada.

Ele ri-se.

- Tu disseste *fabulástico*. Não podes dizer isso. Tens de escolher, *fabuloso* ou *fantástico*.

- Porque não posso dizer fabulástico? - protesto, tentando não rir. - É uma palavra, toda a gente sabe o que quer dizer.

Ele abana a cabeça com um ar sério.

- Decididamente, não é uma palavra.

- No outro dia descobrimos - começo - que a minha amiga Louise toda a vida disse “ovo estalado”, em vez de “ovo estrelado”.

O Paul solta uma risada.

- Adoro. O meu irmão ainda está convencido de que a cena que os médicos fazem para reanimar doentes com choques elétricos se chama desfritação e não desfibrilação. Acha que faz sentido porque, se uma pessoa, quando morre, está frita, então reverter a morte é desfritá-la. - Arregala os olhos. - Tipo, o paciente está em desfritação! Afastem-se! Zzzzzt!

- Continua em desfritação! - grito. - Mais mil volts!

Algumas pessoas olham para nós.

O sorriso do Paul desaparece por um segundo e ele pega-me na mão.

- Fiquei muito triste quando começaste a mandar-me menos mensagens. - *Soa* triste. - E depois paraste de todo. Senti-me como se não quisesses mais a minha companhia depois de conheceres o teu namorado.

Aperto-lhe a mão, sentindo-me desesperada e arrependida.

- Eu senti que *tu* tinhas começado a mandar menos mensagens! Quando começaste a andar com a Celeste, pareceu-me um pouco embaraçoso incomodar-te com todos os pequenos detalhes da minha vida. E depois conheci o Idris e parecia estranho continuar a mandar-te mensagens o tempo todo, como costumávamos. Até mesmo um pouco desleal.

Ele sorri timidamente.

- Bom, fico contente por termos voltado a trocar mensagens.

- Também eu - sussurro.

Recomeçamos a caminhar e passamos por um pequeno mercado repleto de queijos nauseabundos que nos prendem a atenção.

- Oh, vamos?

Ele ergue um sobrolho.

Adoro queijo. Não há nada melhor do que um queijo mesmo malcheiroso com ar de estragado. Mas não é muito romântico, pois não? Afinal, talvez o Paul queira apenas que sejamos amigos.

- Também têm vinho - acrescenta ele.

Assinto, completamente convencida.

CAPÍTULO CATORZE

No quarto ao lado, a Louise e o Sven, talvez pela primeira vez desde sempre, estão a fazer sexo verdadeiramente interessante. E, como habitualmente, eu e a Bibi estamos a ouvir.

“Está bem, então agora chama-me Althea, a Feiticeira”, diz a Louise numa voz sedutora. “E eu vou chamar-te Ambrose, o Elfo!”

“Sim, minha amada Althea!”, responde obedientemente uma voz abafada. “Trago comigo um bastão mágico para afastar os teus problemas!”

“Oh, adoro o teu bastão, Ambrose”, reage ela. “E preciso de alguma da tua poção mágica para ajudar a curar as minhas maleitas.”

Do outro lado da parede fina, a Bibi e eu olhamos uma para a outra e quase morremos de riso. Tapo a boca com a mão para conter as gargalhadas, enquanto a Bibi encontra um copo vazio ao lado da cama e encosta-o à parede.

- Esta treta é fenomenal! - enuncia ela em silêncio, e assinto em resposta, deliciada.

Isto é um excitante novo território para os nossos queridos Louise e Sven. Normalmente, é a posição de missionário uma vez por semana. Na verdade, até esta mudança drástica, basicamente, sempre que faziam sexo, ouvíamos a seguinte conversa do outro lado da parede:

“Pelo menos podes lambê-la?”

“Uh, mas eu fiz-te um broche há uns dois meses.”

“Eu sei, mas eu gosto mesmo e na semana passada fiz-te um minete durante uma eternidade.”

“Hum, quando foi a última vez que a lavaste?”

* longo silêncio *

“Hum, esta manhã?”

“Como deve ser?”

* longo silêncio *

“Sim.”

“OK, vou lambê-la e já vejo.”

* sons pouco entusiásticos de sucção *

“Posso parar agora?”

“Mas nem sequer está dura!”

“Está mais ou menos dura! Está bem assim, eu empurro-a com o polegar.”

“OK. Au. Aaaauu. Aah. Ah, sim, Louise, SIM.”

“Gostas disso?”

“Ohhhhh, sim, siiiiiim! SIIIIIIIM.”

“Já acabaste?”

“Sim, amo-te tanto, Louise.”

“OK, não quero ficar com cistite, por isso vou à casa de banho esvaziar isto.”

“Amo-te.”

“Certo.”

Pergunto-me o que terá inspirado esta reviravolta na vida amorosa deles.

Talvez seja para alguma audição da Louise. Mas achava que a febre da *Guerra dos Tronos* já tinha acabado. Ela não mencionou nada específico, mas tem andado superocupada

com reuniões ao longo de toda a semana. Diz que não quer azarar falando cedo de mais, mas está frenética. Na verdade, o leque de audições a que vai é tão amplo que pode ser qualquer coisa. Ser uma atriz em audições pode significar as mais variadas coisas, desde entrar num espetáculo no West End até ser a namorada a fingir de alguém num *bar mitzvah*.

- Provavelmente, devíamos parar de escutar - murmuro para a Bibi, quando eles chegam a uma parte romântica/nojenta da atuação.

O bastão mágico está a preparar a poção.

- Será *mesmo* o Sven? - sussurra a Bibi, franzindo a testa.

Franzo a testa em resposta.

- Claro que sim.

A Bibi abana a cabeça.

- Não soa nada como o Sven.

- Mal dá para o ouvir - rio-me. - E quem mais poderia ser?!

Ela assente, pensativa, e afasta-se da parede para se deixar cair na minha cama. Deito-me ao lado dela.

- E como vai a tua vida, Barry?

Ela anima-se um pouco.

- Esse não é o meu nome, mas, olha, na próxima semana tenho *duas* entrevistas de emprego. Para trabalho de *marketing* a sério! Talvez possa dizer ao Franco onde pode enfiar o emprego na porra do bar dele.

- Isso é tão excitante! - digo, numa voz tão encorajadora quanto consigo.

O problema é que a Bibi anda sempre numa constante roda-viva de entrevistas de emprego que nunca parecem

resultar em nada. É tão desanimador para ela. E para mim, para ser franca.

- Fala-me mais - continuo, invocando algum entusiasmo. - Que tipo de trabalho?

Ela abana a mão distraidamente.

- Se me chamarem para uma segunda entrevista, conto-te tudo, prometo.

- Hum - resmungo. - Tu e a Lou andam cheias de segredinhos, ultimamente. - Fito-a nos olhos. - Enquanto isso, eu conto-vos todos os detalhes patéticos da minha existência. Pelo menos, não estiveram presentes na semana passada para testemunhar a minha humilhação no carro.

A Bibi solta uma risada.

- Não foi assim tão mau - mente ela. - Tenho a certeza de que o Alistair não ficou assiiiiim tão horrorizado.

Passou uma semana desde o meu passeio com o Alistair até Milton Keynes, seguido pela prova de queijos e vinho com o Paul. No regresso, ligeiramente tocada e excitada, basicamente empurrei o Alistair para o banco de trás, para poder ir sentada ao lado dele. A *Jackie* ficou no banco da frente, ao lado do Nick, o que finalmente nos deu a oportunidade de conversar.

Só que, pelos vistos, tentar reatar uma ligação romântica com um ex-namorado enquanto o amigo dele dos tempos da escola canta Run-DMC no banco da frente acompanhado por uma cadela aos uivos é, hum, praticamente impossível.

E então, depois de 20 minutos de viagem, com o ar quente e abafado da *chauffage* a jorrar pelas saídas de ar até então bloqueadas e o cinto de segurança ligeiramente avariado a

apertar-me a barriga, o queijo e o vinho apanharam-me. Da forma mais épica e nojenta.

Na estação de serviço, tentei limpar o cheiro de *Stinking Bishop* e gorgonzola o melhor que pude, mas era praticamente impossível. O Nick foi muito simpático e disse-me para não me preocupar, que o carro já passara por pior, mas não me atrevi a olhar para o Alistair durante o resto da viagem, todos com a cabeça de fora. Não tenho notícias dele desde então.

– Pelo menos, correu tudo bem com o Paul, certo?

A Bibi clareia a garganta, falando mais alto para se fazer ouvir acima do ruído das atarefadas criaturas mágicas no quarto ao lado. Assinto, tentando afastar a imagem de queijo vomitado no colo do Alistair.

– Foi fantástico – suspiro. – Foi como sempre foi entre nós... até mesmo melhor. Acho que gosto mesmo dele, Bibs. Com ele, tudo parece fácil e divertido. E a química entre nós é mesmo intensa, devias ver o nível de sedução.

Sorrio ao pensar como foi fantástico, estar com o Paul a trocar disparates. Sempre no gozo como antigamente.

– Mas não se beijaram? – pergunta a Bibi, com uma piscadela de olho. – Mais uma oportunidade perdida com a tua Oportunidade Perdida.

Bato-lhe com a almofada.

– Não. Foi tudo muito casto. Mas quando ele voltar para Londres, dentro de algumas semanas, vamos sair outra vez. E espero que dessa vez haja beijos. Montes de beijos. E provavelmente outras coisas também.

Sinto um calafrio e a Bibi finge vomitar antes de se virar para mim.

- Então, é o fim? Tu e o Paul? Objetivo alcançado? Acaba-se a Missão dos Sete Ex-Namorados?

Abano a cabeça.

- Não! Não é nada garantido. Quero continuar. Além disso - tapo os olhos e respiro fundo -, como não tive resposta da mensagem para o telemóvel da Alex, tentei pelo Instagram. Consigo ver que a mensagem foi lida, não há negação possível se continuar a ignorar-me. Se não receber uma resposta, pelo menos vou saber que fui oficialmente rejeitada.

Segue-se um silêncio estranho até a Bibi voltar a falar.

- Bom, acho que é uma má ideia - diz ela bruscamente.

- O quê? - solto, perplexa. - É má ideia porquê? Nem sequer o conheces? - Ela não responde. - Porque estás a ser tão estranha acerca disto? - pergunto, da forma menos belicosa possível.

Ela vira-me costas na cama. Mas não tem mal. É como a Bibi se abre connosco... Não consegue olhar diretamente para nós quando se sente emotiva. Não que alguma vez se sinta assim.

- Só sei que me sinto um pouco estranha quando falam da Alex - sussurra ela, por fim. - Nunca vos teria conhecido ou ficado vossa amiga se vocês não tivessem acabado. Se não fosse toda a cena de amigos coloridos. Nem sequer me conhecerias. E se vocês reatarem amizade e não me quiserem mais por aqui?

- Isso nunca aconteceria! - exclamo, aninhando-me contra ela na cama, a minha cara afundada no pescoço dela, o corpo dela rígido nos meus braços. - A sério, Bibi, tu és minha amiga por causa de quem és e tenho imensa sorte por te ter na minha vida. Nada vai mudar isso. Tivemos tanta sorte por teres aparecido naquela altura. Não és a segunda escolha ou a substituta de ninguém. Adoro-te, tanto eu como a Althea, a Feiticeira, te adoramos.

Ela ri-se e sinto o corpo dela a relaxar ligeiramente.

- Está bem - murmura ela, por fim.

Mas não sei ao certo se está mesmo bem. A Bibi sempre teve um problema com a Alex; isso não vai desaparecer subitamente só com uma conversa.

Através da parede, ouvimos o som familiar do orgasmo masculino e o som menos familiar da Lou a ter também um orgasmo.

- Que bom para eles! - diz a Bibi, sorrindo.

- Eu sei! - concordo, aliviada por nos termos afastado de tópicos sensíveis. - Talvez isto seja o começo de sexo decente para eles. Então, vão ter a relação perfeita, os sacanas. Odeio-os.

- Nunca se sabe - ri-se ela.

Puxo-a para um abraço a sério. Surpreendentemente para a Bibi, ela deixa-me.

CAPÍTULO QUINZE

- A porra da sanita está outra vez avariada.

A Bibi ressalta ligeiramente quando aterra pesadamente na minha cama. Estou a alisar o cabelo e volto-me para o espelho.

- Estás a gozar, está a transbordar *outra vez*? - suspiro. - Ultimamente, parece que é todos os fins de semana. Já ligaste ao senhorio?

- Sim e sim - confirma a Bibi. - O cabrão prometeu mandar outra vez o otário do cunhado com um desentupidor. Porque isso funcionou tão bem da última vez. A Louise está lá de serviço, a tirar água, mas mais tarde vai sair com o Sven. Podes fazer o próximo turno ou faço eu?

Viro-me para ela.

- Não sei. Posso conseguir fazer o último turno, mas daqui a nada vou sair. Desculpa.

A Bibi senta-se na cama.

- Onde vais? - pergunta, ultrajada. - O que andas a fazer sem nos consultar?

Viro-me para a frente e fito o espelho resolutamente. Não quero encarar a Bibi ao dizer isto.

- A Alex respondeu, finalmente - respondo, esticando o cabelo com força até doer. - Vamos encontrar-nos no *The Swab*, daqui a alguns minutos.

Segue-se um silêncio e não me viro para trás. Em vez disso, olho para baixo, incapaz até de me fitar.

- O que se passa?

A Louise aparece à porta do quarto. Consigo ouvir-lhe na voz a ansiedade de algo poder estar a acontecer sem ela. Tem um caso grave de FOMO².

Segue-se um momento de silêncio e pego na escova, engolindo em seco para conter as lágrimas.

- O quê? - insiste a Louise, agora assustada. - Onde é que vais, Esther? Fiz alguma coisa errada? Não fui eu que avariei a sanita outra vez, juro. Terá sido o Sven? Ele voltou a comer cebolas.

- Não - ralha a Bibi, levantando-se da cama. - Claro que *tu* não fizeste nada.

Ela faz o *tu* soar como uma acusação.

Verifico as horas no meu telemóvel; está na hora de ir.

Pego na carteira e tento acalmar os nervos com uma última olhadela nervosa para o espelho. Desta vez, não tenho batom nos dentes.

A Bibi clareia a garganta.

- Ela vai encontrar-se com a Alex - revela à Louise, em voz baixa.

- Oh!

Não preciso de olhar para a Louise para saber que expressão tem no rosto.

- Até já, meninas - murmuro, saindo sem olhar para nenhuma das duas.

Quando fecho a porta do apartamento e desço para a entrada, ouço-as a falar em sussurros preocupados.

Os poucos minutos da porta do prédio até ao bar são brutais, com cada passo a despoletar um novo ataque de nervos. Não sei se alguma vez me senti tão nervosa. É muito

pior do que foi com o Alistair ou o Paul. É a *Alex*. A minha Amiga Colorida. A minha amante. A minha melhor amiga. Isto pode ser muito mau... mesmo terrível.

Estendo a mão para a porta do bar e pergunto-me se conseguirei deitar abaixo alguns *shots* para acalmar os nervos. É então que ouço o meu nome.

– Esther.

É uma afirmação, não uma pergunta, e por um momento não encontro as forças para me virar. Este momento está para acontecer há tanto tempo, há sete anos, e não sei se tenho forças para lidar com isto.

Como se fosse em câmara lenta, viro-me e fito os olhos de alguém que amei tanto durante tanto tempo. Mas, no fim de contas, não como devia ter amado.

– Olá, Shelley – digo timidamente, observando a minha amiga mais antiga e o que mudou nela... e tudo o que não mudou.

² FOMO ou *Fear Of Missing Out* – acrónimo da língua inglesa, relativo sobretudo ao uso das redes sociais, e que se pode traduzir como receio de perder as novidades. (N. da T.)

EX-NAMORADO N.º 3: ALEX SHELLEY

A Amiga Colorida

Parte Um

Escola Secundária St. Jude

Uma sala de aulas

9h34

- Miranda George?
- Presente.
- Louise Hickman?
- Presente.
- Alistair Morris?
- Presente.
- Kelechi Musa?
- Presente.
- Annalise Price?
- Presente.
- Alexandra Shelley? Alexandra? Alex?
- Já, 'tou aqui, setora, mas pode chamar-me Shelley, já?

A turma inteira vira-se para trás, de olhos arregalados, na direção da voz rebelde com um sotaque intrigante. Uma rapariga loura e bronzada com um brilho nos olhos sorri de modo atrevido na fila de trás. Está sentada de lado na cadeira de plástico, o braço esquerdo pousado sobre as costas da cadeira como qualquer miúda fixe em qualquer filme de adolescentes. Recebe o nosso espanto coletivo com

um meio-sorriso nos lábios, parecendo mais confiante do que alguma vez me senti em toda a minha vida.

O resto da turma vira-se depressa para a professora, para ver que reação tem, mas eu fico a olhar para aquela criatura cativante. A minha mãe comprou-me um dicionário no verão, como parte de uma tentativa confusa de me preparar para o primeiro dia na escola secundária. Já cheguei à palavra “audacioso”. Esta miúda é *audaciosa*.

Fitamo-nos nos olhos. Ela sorri.

- Certo... - A reação apreensiva da professora faz-me virar para a frente. - Está bem, pode ser. Fica Shelley.

Quando a aula acaba, faço questão de ficar ao lado da Alex Shelley, ao sairmos. Faço a minha abordagem tão calma e casualmente quanto sou capaz.

- Ei, Shelley - chamo, olhando para o meu horário impresso num cartão na minha mão. - Então, tipo, és americana ou algo assim?

- Australiana - responde ela, soando a dose perfeita de tédio. - A minha família mudou-se para cá por causa do emprego parvo do meu pai. A Inglaterra é fria.

- Podes crer! - concordo de alma e coração, apesar de hoje até estar bastante quente. - E é tããã fixe que sejas australiana. Vejo muito *Home and Away*, é do melhor.

Ela encolhe os ombros e eu tento outra abordagem.

- Então, hum, que aula tens a seguir? Ciências?

- Iá - responde ela, a mascar pastilha elástica, e sinto o olhar dela a observar-me, a julgar-me. - Detesto ciências.

- Oh, meu Deus, também eu!!!

Estou a falar demasiado alto e dou um abanão a mim mesma. Menos vontade de agradar, instruo-me, *sê fixe*.

- Tipo, iá, é uma *ganda* seca e não dá pica nenhuma.

Ela dá um pontapé numa pedra enquanto caminhamos, e até isso parece fixe.

- Como te chamas?

- Esther Adams - respondo, a caminho do Pavilhão de Ciências. - Mas podes chamar-me Adams, se quiseres.

Ela deita-me um olhar trocista.

- Ser tratada pelo apelido é a *minha* cena, OK, Esther? Não me imites, 'tá?

Imito logo o tom trocista.

- Iá, na boa! Esther 'tá fixe. Afinal, há outro Adam na turma, ia ser confuso, não?

E solto uma risada.

Quando chegamos à aula de Ciências, vamos para a fila de trás numa espécie de acordo tácito, escolhendo uma mesa no canto da sala. Outra miúda senta-se ao nosso lado e apresenta-se como Louise. Parece uma totó, mas é engraçada. Toda a gente parece ser totó ao lado da Alex. Quer dizer, da *Shelley*. Rimos as três em grupo, sem motivo aparente, com a estranheza de cada mesa ter uma pia.

Uma miúda que conhecia na escola primária pergunta se pode sentar-se connosco e eu respondo com um olhar desdenhoso. Agora tenho o meu *bando*, não preciso das pessoas que andaram comigo na escola dos pequeninos.

- Muito bem - brada o professor ao entrar para a sala. - Bem-vindos, alunos do 6.º ano, eu sou o professor Havana e

vou ensinar-vos Biologia. Vamos ficar a conhecer-nos uns aos outros com a chamada.

Quando o professor olha para a folha à sua frente, eu e a Louise preparamo-nos para ver a Shelley em ação.

Ela senta-se de lado na cadeira e fica à espera que chamem o nome dela.

CAPÍTULO DEZASSEIS

O silêncio prolonga-se por séculos. Um vácuo estende-se à nossa volta, sentadas uma diante da outra, incapazes de formar palavras.

O *The Swab* está mais movimentado do que é habitual, por isso decidimos vir para o exterior, para o frio. Estamos sentadas o mais distante possível das outras pessoas, numa mesa de piquenique junto ao lago do bar, repleto de patos e vegetação. O assento desconfortável condiz com o desconforto da situação. Começo a arrepender-me de nos termos afastado do ruído das outras pessoas. Não queria que ninguém nos ouvisse a falar, mas parece que não temos nada a dizer uma à outra.

Por fim, a Alex é a primeira a quebrar o silêncio interminável.

- Credo, até dói olhar para ti.

Ela sorri ao dizer estas palavras dolorosas. Franzo a testa, fitando a mesa de madeira entre nós.

- Por causa... por causa da maneira como as coisas acabaram? Ou por causa da amizade que perdemos?

- Oh - solta ela, com uma risada suave. - Talvez um pouco da primeira, mas mais a segunda.

- Estou mesmo, mesmo arrependida - sussurro.

Voltamos a ficar em silêncio.

Que é seguido de mais silêncio.

Tusso baixinho e viro-me para o lago grande.

- É agradável, não é? - digo sem jeito.

E nem sequer é verdade. O lago é um desastre, repleto de algas, mosquitos e cheiros estranhos. Ela assente, o olhar perdido na distância.

Uma pata grasna e outros patos juntam-se ao coro.

- Fixe! - comenta a Alex, por fim, com a voz embargada. - Os patos são fixes.

Passaram sete anos desde a última vez que nos vimos e o sotaque australiano continua tão marcado como sempre.

Continuamos a olhar desesperada e desconfortavelmente para o lago. Um pato começa a nadar ao lado de uma pata, como se estivessem a namorar. É quase romântico.

Isto é, até o pato forçar a pata a acasalar. A pata tenta afastar-se, desesperada, mas não serve de nada. Ela mergulha, tentando livrar-se do pato, grasnando por ajuda. É a coisa mais horrível que já vi e, valha-me Deus, o barulho é horroroso. É alto e brutal e demasiado.

A Alex e eu olhamos uma para a outra.

Ela abre a boca e declara num tom solene:

- A Natureza é terapêutica.

Começamos a rir e não paramos durante uns bons dois minutos, mesmo com o grasnar aflito a toda a volta.

- Pobre criatura - diz ela, com os olhos lavados em lágrimas. - Deveríamos fazer alguma coisa?

- Quer dizer, não sei bem o que podemos fazer? - Rio-me.

- Posso gritar VIOLAÇÃO DE PATA até alguém vir ajudar?

A Alex fica pensativa.

- Sim, mas... em caso de violação, não devemos gritar que estamos a ser violadas, pois não? Devemos gritar *fogo*,

porque as pessoas não se importam assim tanto com agressões sexuais a mulheres.

- Isso é verdade - assinto. - E provavelmente diriam que a pata estava a usar uma saia demasiado curta, por isso estava mesmo a pedi-las.

- E que sorriu para aquele pato na semana passada - concorda a Alex. - Deu-lhe esperanças.

- FOGO NOS PATOS - grito para o jardim.

Alguns olhares curiosos recaem sobre nós.

- Não tem piada - protesta a Alex, mas começa a rir-se de novo. - A Mãe Natureza consegue ser bem sacana, não é?

- Porra, ainda bem que isto não era para ser um encontro romântico, não achas?

Desato a rir e depois paro, ao perceber a estupidez do que acabei de dizer.

- Tudo bem. - Ela sorri passado um segundo. - Nunca achei que quisesses falar comigo para poderes fazer uma declaração de amor depois de todo este tempo. E se ainda tivesse dúvidas, tive a certeza de que não era um encontro romântico quando sugeriste o *The Swab*. Não posso crer que tu e a Lou ainda cá vêm. Já era mau quando eu vivia convosco, mas agora consegue ser pior.

Rio-me com vontade enquanto o Franco, com um ar magoado, passa por nós a recolher copos.

- A Bibi, que vive connosco, trabalha aqui.

Sinto-me estranha a falar da Bibi, a pessoa que encontrámos para ocupar o espaço da Alex no apartamento depois de ela partir. Não é de admirar que a Bibi fique estranha quando se fala da Alex.

- Acho que ela faz de propósito para tornar o bar pior.

- Ela parece divertida. - A Alex sorri calorosamente, sem sinal de embaraço.

Tira um pacote de pastilhas elásticas, oferece-me uma e eu abano a cabeça. Ela baixa o olhar por um momento, como se estivesse a organizar as ideias.

- Ei, Esther, desculpa.

Endireito-me no banco.

- *Tu* estás a pedir-me desculpa?! Não, eu é que peço desculpa, Alex. A sério.

Ela solta um suspiro.

- Francamente, acho que não tens de pedir desculpa. - Ela fita-me com aqueles enormes olhos azuis que conheço tão bem. - Eu sabia o que estávamos a fazer, mas convenci-me de que podia ser algo mais. Não passou de orgulho ferido e sentimentos magoados. Depois, quando isso passou, sentia-me demasiado envergonhada para entrar em contacto. A ideia de te “desbloquear” e falar contigo parecia horrível e humilhante. Não era capaz, o meu orgulho não me deixava. - Ela morde o lábio. - Agi como uma criança, atirando todos os meus brinquedos não só para fora do carrinho, mas também *contra ti* sempre que podia.

Baixo a cabeça, ainda pouco disposta a abrir mão da minha culpa em tudo isto.

- Eu sabia. E eu estava errada. Devia ter dado mais valor à nossa amizade e não ter deixado que sexo interferisse com isso. Nunca devia ter corrido esse risco. Tu eras demasiado importante.

Ela assente.

- Fiquei tão triste quando deixámos de ser amigas. E lamento muito ter rejeitado todas as tuas tentativas de fazer as pazes. Gostava de fazer as pazes agora, se não for demasiado tarde?

- Oh, meu Deus, sim! - exclamo, subitamente em lágrimas. - Quero mesmo fazer as pazes. Nunca é demasiado tarde!

Ela começa a chorar também e eu passo para o lado dela da mesa para a abraçar. É tão familiar e agradável, e quero ficar ali a chorar com ela todo o tempo que for possível.

Afasto-me, por fim, porque tenho algo para lhe dizer; algo que lhe quero dizer desde que nos separámos. Fitamo-nos com os olhos lavados em lágrimas.

- Alex, quero que saibas que, na altura, eu tinha sentimentos genuínos por ti. Posso ter desvalorizado o que sentia e fingido que era apenas sexo casual, mas percebo agora que *era* verdadeiro. No final, acho que te fiz sentir que devias estar doida se achavas que havia algo especial entre nós, mas havia, havia mesmo. - Faço uma pausa. - Na altura, havia tantas linhas difusas e confusas entre a amizade e o amor que sentia por ti, mas sei que tudo o que partilhámos tinha significado. Negá-lo foi errado da minha parte, e francamente reles. - Aperto a mão dela. - Lamento muito.

A Alex assente lentamente e eu envolvo-a com os braços, sabendo que ela me entende.

O meu telemóvel vibra. É uma mensagem da Lou.

Louise Hickman (escola)

Miúda, como está a correr? Diz à Shelley que ainda a adoro e tenho montes de saudades dela.

*Alex!

ou lá como ela se chama hoje em dia

17h45

Além disso, quando é que voltas para casa? A Bibi está de guarda à sanita e diz que é a tua vez.

17h45

Seco a cara com a manga e a Alex faz o mesmo.

- Hum, Shelley, quero dizer, Alex, queres vir até ao apartamento para veres a Lou e conheceres a Bibi? Temos uma emergência na sanita que preciso de gerir.

- Queres dizer uma *emerdência*? - ri-se ela.

Faço uma careta.

- Não é bem, mas precisa de intervenção até o idiota do senhorio decidir aparecer.

- Isso seria maravilhoso - anui a Alex, ao levantar-se. - Também devo um pedido de desculpas à Louise. Ela não fez nada de errado e também a magoei.

Levanto-me e olho para os patos por mais alguns segundos. Um grupo de patas chega subitamente e o violador aquático sai relutantemente de cima da pata e afasta-se discretamente.

- Aposto que foi por teres gritado *fogo nos patos* - diz a Alex, num tom espantado. - As outras patas perceberam o que isso queria dizer e vieram salvar a amiga.

Assinto com a cabeça.

- Provavelmente, vão criar uma lista negra de patos tarados a evitar, incluindo este.

Chocamos mãos em nome da força feminina, humana e animal, antes de nos dirigirmos para a saída do bar.

EX-NAMORADO N.º 3: ALEX SHELLEY

A Amiga Colorida

Parte Dois

Sky Lounge

Pista de dança

1h34

- Oh, meu Deus, acho que nunca me senti tão acordada - grito por cima da música.

A Lou ergue o polegar para mim, o cabelo suado colado à testa.

- MELHOR NOITE DE SEMPRE - berra em resposta, saltando ao som da música.

- NÃO POSSO CRER QUE NUNCA TINHA EXPERIMENTADO COCAÍNA, É FANTÁSTICO!

Começo a fazer caixas pequenas com as mãos, com a certeza absoluta de que pareço superfixe.

- É, NÃO É? DEVÍAMOS FAZER ISTO O TEMPO TODO! - diz ela com um sorriso maníaco. - VAMOS FAZER ISTO TODOS OS DIAS!

Pondero essa opção.

- TIPO... TALVEZ NÃO TODOS OS DIAS, PORQUE ISSO PODE TORNAR-SE UM PROBLEMA, MAS, SIM, VAMOS FAZER ISTO OUTRA VEZ, É FANTÁSTICO, SINTO AS GENGIVAS ESTRANHAS.

A Louise assente e aceita isto.

- AS MINHAS TAMBÉM. ACHAS QUE ESTAMOS A FAZER CARAS?

Encolho os ombros, sem parar de dançar. Acho que vou tentar fazer caixas grandes com as mãos. A Lou parece ansiosa com a minha falta de interesse em fazer caras.

- VAMOS PERGUNTAR À SHELLEY? FOI ELA QUE NOS ARRANJOU A COCAÍNA, DEVE SABER SE ESTAMOS A FAZER CARAS E SE FAZER CARAS É NORMAL OU SE PRECISAMOS DE IR AO HOSPITAL.

Olho em redor.

- ONDE *ESTÁ* A SHELLEY?

A discoteca onde estamos está apinhada de gente sensual e suada a dançar. São todas mulheres.

- TALVEZ DEVESSEMOS IR AO HOSPITAL NA MESMA?

- A Lou para de dançar e está muito pálida. - E SE FOI COCAÍNA MÁ E TOMAMOS DETERGENTE OU VENENO DOS RATOS E A QUALQUER MOMENTO COMEÇAMOS A SANGRAR PELOS OLHOS?

Ignoro as especulações delirantes da Lou e continuo a olhar em redor.

- DA ÚLTIMA VEZ QUE A VI, ELA ESTAVA A CONVERSAR COM A DJ.

- VOU LIGAR PARA O 112 - diz-me a Lou.

Então avisto a Shelley, sozinha num sofá, a dar goles de uma bebida, e vagueio até lá. Sento-me ao lado dela.

- A Lou está a chamar uma ambulância - digo em tom coloquial.

Shelley assente, a mascar a pastilha elástica do costume, até na discoteca.

- Algum motivo especial?

- Está a ter um ataque de pânico por causa das drogas que nos arranjaste.

A Shelley revira os olhos.

- Por amor de Deus. O que vos dei era açúcar da nossa despesa. Não achei que vocês aguentassem com drogas a sério, e claramente tinha razão. Além disso, vocês puseram um pedacito de nada nas gengivas. Mesmo que fosse cocaína a sério, não teria sido suficiente para ter o mais pequeno efeito.

- Oh - solto, desiludida. - Mas estou com uma pedra!

Ela faz uma careta.

- Hum, talvez seja de toda a bebida? Estamos a beber desde o meio-dia.

- E uma boa parte dessa bebida foram *shots* - assinto, vendo como tudo faz sentido. - Então, eu e a Lou continuamos a ser as falhadas que nunca tomaram drogas?

- Sim - confirma a Shelley, tirando a pastilha elástica da boca e deitando-a fora para um guardanapo.

Deixo-me afundar no sofá.

- Pff! Sou tão patética. Não tomo drogas, não tenho namorado, trabalho numa cozinha cheia de homens elitistas que me fazem saber todos os dias que nunca serei uma *chef* a sério. *E* não faço sexo há séculos! Não posso crer. - Rolo no sofá para olhar para ela. - Acreditas que a última vez que fiz sexo foi com o Carl? Tipo, foi mesmo excitante. - Faço uma pausa para ver se ela acredita. - Eu gostei mesmo de

toda a experiência com ele, decididamente. Mas foi há quase um ano! Tenho 22 anos, não devia andar a comer toda a gente à minha volta e a fazer montes de coisas de que me vou arrepender?

- Completamente - concorda ela. - Estou constantemente arrependida, devia ser assim para toda a gente.

- O problema - suspiro profundamente - é que nunca tenho tempo livre. Isto foi o meu primeiro sábado de folga em... quantos meses? Uma porra deles. Trabalho das 8h00 à 1h00. Quando é que tenho tempo para encontrar pessoas com quem fazer sexo?

- Oh, miúda.

A Shelley parece compreender e estendo os braços para um abraço. Ela está tão quente e cheira tão bem.

- Francamente, Shell, começo a pensar que talvez não queira mesmo ser *chef*. Trabalho com um horário de loucos e não faço mais nada na vida. Pouco vos vejo, a ti e à Lou, e vivo convosco.

Por cima do ombro dela, avisto a Louise amuada num canto, a levar um sermão de dois paramédicos furiosos. A Shelley abraça-me com mais força.

- Mas esforçaste-te tanto para chegar aqui! Não podes deixar que os cabrões com quem trabalhas te vençam.

- Ah, eu sei. - Olho para os enormes olhos azuis da Shelley. É tão linda e gosto tanto dela. - Gosto mesmo de cozinhar, mas está a tomar conta da minha vida. E acho que ainda vou demorar pelo menos um ano a chegar a *sous chef*.

- Acho que tens de decidir se vale a pena - diz ela, num tom doce.

Observo a boca dela enquanto fala. Tem uns dentes lindos, muito brancos e direitos, que sempre invejei. Meu Deus, adoro a Shelley, é tão bonita e sarcástica e engraçada. Quem me dera ser como ela.

- Acho que o meu problema é falta de sexo - sussurro. - Acho que isso iria aliviar a pressão e depois conseguiria pensar direito outra vez.

Agora está a olhar para mim. Estamos a olhar uma para a outra.

- Achas que ajudava? - pergunta ela lentamente, os lábios cheios a moverem-se com as palavras.

O hálito dela cheira deliciosamente a menta.

- Acho mesmo que sim - volto a sussurrar, incapaz de desviar o olhar dela.

Como é que nunca reparei em quão sensual é? Sempre a adorei, sempre quis estar perto dela, mas nunca pensei que fosse mais do que amizade, até esta noite. Começo a perceber que a distância entre adorar alguém do fundo do coração e querer beijar essa pessoa não é tão grande como julgava. Na verdade, já estou nesse ponto e só dei meio passo.

- Queres voltar para o apartamento?

A minha voz soa trémula e ela dá-me a mão, os nossos dedos entrelaçados, as nossas mãos unidas. É uma sensação espantosa e subitamente quero tanto tocar no resto dela.

Apanhamos um *Uber* para casa, deixando a Lou entregue ao seu destino. É uma despesa que normalmente nem sequer consideraríamos, mas não podemos esperar. E vale a pena, porque quando chegamos a casa, sou prendada com o

melhor orgasmo da minha vida. A seguir, ficamos as duas estendidas na minha cama, cobertas de suor.

- Credo, Shelley, és tão boa. Não fazia ideia.

Ela parece agradada e depois pensativa.

- Esther, podes chamar-me Alex? Ando a pensar há algum tempo que não quero mais ser Shelley. É tão infantil. Isso era eu na adolescência, sempre a tentar dar nas vistas e parecer fixe. Não quero mais ser a Shelley e, decididamente, não quero ser a Shelley contigo, nestes momentos.

- Está bem - assinto de forma compreensiva, antes de fazer uma pausa. - Momentos... plural?

Ela fica subitamente tímida.

- Bom, pensa nisso, mas estava a pensar que podíamos fazer isto numa base completamente casual, se quiseses. Sei que andas demasiado ocupada com o trabalho para uma relação séria e eu ando a divertir-me muito a ter encontros. Mas podemos dar uns orgasmos uma à outra de vez em quando. Uma libertação, digamos assim. Se quiseses?

Sento-me na cama.

- Como uma situação de amigas coloridas?

- Exato - assente ela, contente.

Enrolo-me no edredão.

- Mas nós vivemos juntas, Shell... hum, *Alex*. Não achas que pode estragar tudo?

Ela vira-se para mim e percorre-me o queixo com um dedo, lançando-me arrepios pelo corpo todo.

- Não vamos deixar que isso aconteça.

Volto a beijá-la, acreditando por completo naquelas palavras. Porque quero acreditar.

CAPÍTULO DEZASSETTE

Quando chegamos ao apartamento, a Bibi e a Louise estão à porta, a conversar com duas Testemunhas de Jeová.

- No outro dia vi um esquilo preto - diz a Louise, parecendo fascinada. - Seria um sinal do apocalipse?

- Hum...

Os dois homens trocam um olhar.

- Estamos aqui para falar do mandamento dado a Jesus e aos seus apóstolos nas escrituras.

- Bom, continuo a não entender - reage a Bibi. - Mas é tudo muito interessante e respeito as vossas opiniões, meus.

- Deixe-me voltar a ler Mateus 24:14, menina - diz o homem mais alto, aproximando-se dela.

- OH, RAIOS ME PARTAM, SHELLEY! - interrompe a Louise, ao ver-nos. Irrompe pelo meio dos evangelistas e atira-se para os braços da Alex. - Estás aqui!!!! E queria dizer Alex, desculpa.

A Alex ri-se e abraça a Lou.

- Estou aqui. E eu é que peço desculpa, Lou. Fui uma pirralha horrível durante tanto tempo. Podes perdoar-me?

A Louise continua com a cara enterrada no casaco da Alex, mas conseguimos ouvir a sua voz chorosa e esganiçada:

- Claro que sim! Nem precisas de perguntar.

- Meu Deus... - A Alex olha para mim através do abraço da Lou. - Pensava que este pedido de desculpas seria mais difícil... ou, no mínimo, que demoraria mais tempo. Se soubesse que seria assim tão fácil já o teria feito há anos.

- Gostava muito que o tivesses feito - digo-lhe, com a voz embargada.

Vamos as três para dentro do apartamento, abrindo caminho para lá dos rapazes de Jeová, que estão a ler outra passagem da Bíblia. A Bibi está amuada, mas não consigo dizer se é por causa dos evangelistas insistentes que se recusam a ir embora ou por causa da chegada da Alex.

Uma vez lá dentro, vou fazer chá, enquanto o longo abraço da Louise e da Alex migra para o sofá. A Bibi paira junto da porta com um ar ciumento.

Momentaneamente livre, a Alex sorri alegremente para a Bibi.

- Desculpa, não me apresentei como deve ser. Sou a Alex. Tu deves ser a Bibi.

- Pois devo - responde bruscamente a Bibi. - Então, estás de volta?

A Alex olha de relance para mim, um pouco confusa.

- De *volta* soa um pouco dramático, mas acho que toda esta cena é um pouco dramática. Sim, acho que estou de volta. - Segue-se um longo silêncio. - Hum, não há problema, pois não? - acrescenta.

A Bibi encolhe os ombros e eu lanço-lhe um olhar zangado. Compreendo que se sinta ameaçada pela Alex, mas podia ser mais bem-educada.

- Então, contem-me tudo o que perdi! - A Alex desvia o olhar da Bibi quando lhe levo uma chávena de chá quente. Espero que ainda tome o chá da mesma maneira. - Sete anos de dramas e disparates, ponham-me a par. A Esther ainda põe as mamas de fora quando bebe demasiado *gin*? A Louise

ainda traz talheres para casa quando vai comer fora, para o *kebab* dela? Aquela tangerina perdida ainda está debaixo do sofá?

Ela ri-se e nós rimos com ela. Mas dou por mim um pouco horrorizada ao ver que evoluímos tão pouco em todo este tempo. Continuo no mesmo apartamento, continuo solteira, continuo a pôr as mamas de fora.

Em minha defesa, são mamas bonitas e quero partilhar essa alegria com toda a gente.

- Sim, sim e sim - confirma a Louise. - E sei que as casas de *kebab* oferecem aqueles garfos de madeira, mas não me parece muito higiénico. E se andarem a passar por água os garfos usados ao fim da noite para os porem de volta no copo? E se fico com farpas de madeira na comida?

- Bem visto! - confirma a Alex.

- Mas agora tenho um namorado! - anuncia com orgulho a Louise. - Chama-se Sven.

- Um namorado com quem tem sexo aborrecido - murmura a Bibi.

A Lou põe um ar embaraçado.

- Hum, podem dar-nos um segundo?

Abro um sorriso para a Alex enquanto agarro na Bibi pelo cotovelo e puxo-a para fora da sala, na direção da casa de banho. Depois de fechar a porta, viro-me para ela com a minha cara mais séria.

- Ouve, eu sei que isto é estranho para ti, mas ninguém te quer substituir! - garanto-lhe, zangada. - A não ser que continues com essa birra de menina mazinha. A Alex é fixe,

por isso podes ser um pouco mais simpática e sorrir durante o resto do dia? Por favor?

Ela baixa o olhar, amuada.

- Bibi - aviso num sussurro -, adoro-te, és muito importante para mim, mas a Alex também é mesmo importante para mim. Conheço-a desde os 11 anos. Lixei tudo entre nós e esta é a minha segunda oportunidade. Por favor, não estragues isto para mim. *Por favor.*

Ela ergue o olhar, preocupada.

- Vocês vão voltar a andar?

- O quê? Não! - Abano a cabeça. - Queria dizer uma segunda oportunidade para a nossa amizade. Eu *nunca* voltaria a arriscar a amizade com a Alex. Foram precisos sete anos para reconstruir o que o sexo destruiu. Se *alguém* voltar a fazer sexo com a Alex, vou ficar furiosa. - Solto uma risada e pouso a mão no ombro da Bibi. - Ouve, Bibs, eu e a Lou queremos mesmo que a Alex volte para as nossas vidas e precisamos que entendas isso. Ela não está a empurrar-te para fora! Aqui não temos uma política de entra-um-sai-um. Na verdade, adorávamos que também ficasses amiga da Alex. Podes fazer um esforço? Acho que, se o fizeres, vais perceber como ela é fantástica. É engraçada e esperta e corajosa. E torna-nos a todas mais divertidas, vais ver.

A Bibi solta um suspiro dramático.

- Está bem.

Volto para a sala de estar, seguida por uma Bibi mais submissa, e bato palmas bem alto.

- Certo! Vamos voltar para o bar? Vocês perderam a incrível violação de uma pata.

A Alex lança-me um olhar severo.

- Peço desculpa - lamento, cabisbaixa. - Um incrível incêndio no lago.

EX-NAMORADO N.º 3: ALEX SHELLEY

A Amiga Colorida

Parte Três

O nosso apartamento

Sala de estar

10h44

- O que estás a fazer aí no chão?

- Deixei cair uma tangerina, acreditas?

A voz dela soa abafada, meio escondida sob o sofá.

- O quê? - interrogo, perplexa.

A Alex emerge de debaixo do sofá, corada e zangada.

- Estava a tentar comer calmamente uma tangerina na nossa sala de estar, como uma pessoa normal, e deixei-a cair. Rolou para baixo do maldito sofá e não lhe consigo chegar. Não a posso deixar ali a apodrecer para sempre. - Faz uma pausa e deita-me um olhar esperançoso. - Ou posso?

- Decididamente, não - replico num tom severo. - Queres que ajude? Os meus braços são pequenos.

- São pequenos, mas não são tão esguios como precisamos - reage a Alex, pensativa.

- Obrigadinha - exclamo, ofendida. - Agora sou uma porra de um T-Rex? Com os meus bracinhos pequeninos sempre a arranhar-te?

Ela ronca uma risada e estende-me os braços a partir do chão.

- Adoro quando me arranhas, T-Rex. Alinhas numa arranhadela rápida?

- Não - repreendo-a. - Saio para trabalhar dentro de minutos.

A Lou entra para a sala.

- O que estamos a fazer? - Ela não espera por uma resposta e deita-se no tapete a olhar para debaixo do sofá. - Estamos à procura de monstros?

- Tangerinas monstruosas - murmuro.

Mas ela não parece desencorajada.

- Verifico sempre debaixo da cama antes de dormir - revela ela, ainda a esforçar-se por ver na escuridão sob o sofá. - Nunca se sabe. Gostava de conhecer alguém que me protegesse dos monstros debaixo da cama. - Solta então um suspiro dramático. - É muito chato que vocês namorem uma com a outra. Normalmente, perguntaria se os vossos parceiros conheciam alguém que me pudessem apresentar.

A Alex ri-se.

- Nós não namoramos, Lou - digo. - Somos amigas coloridas.

A Alex para de rir, mas não diz nada.

- Dá no mesmo - comenta a Lou, com um aceno de mão. - Já vai, tipo, um ano desde que vocês as duas andam a comer-se uma à outra e está a dar cabo da minha vida romântica. Não conhecem *alguém* que me possam apresentar?!

Pondero no assunto.

- Por acaso, há um tipo com quem costumava trabalhar, o Paul...

- Oh, eu lembro-me dele! Nome sensual! - guincha a Lou.

- Fui beber um copo com ele no outro dia e foi bastante sensual. - Penso mais um pouco. - Sempre houve uma certa atração entre nós, mas eu andava com o Carl quando o conheci. Aposto que ele tem montes de amigos bons. Queres que combine um encontro a quatro para beber um copo?

- Siiiiim! - grita a Louise, a abanar o punho no ar. - Sim, por favor.

Sai a correr, guinchando algo acerca de ter uma marcação no cabeleireiro, e eu rio-me. Mas quando me viro para a Alex, ela está com cara de poucos amigos.

- O quê?

- Que porra foi aquela? - pergunta a Alex, visivelmente zangada.

Fico subitamente assustada.

- O que queres dizer? Desculpa, queres que combine um encontro a seis? Posso perguntar se o Paul conhece mulheres boas que...

Ela levanta-se num salto, a tangerina completamente esquecida.

- Qual é o teu problema? Andamos juntas há quase um ano e achas normal mencionar outras pessoas de quem gostas à minha frente?

- Mas... mas...

Estou sem palavras. Já falámos acerca de gostar de outras pessoas. Não recentemente, acho eu, mas a cena entre nós

sempre foi casual. Foi isso que concordámos. Foi isso que dissemos: amigas coloridas.

- Desculpa, Alex - tartamudeio. - Não percebi...

Não percebi o quê? Que as regras mudaram?

- Não fazes ideia, pois não? - sussurra ela, desaparecida toda a raiva. - Nem sequer te dás conta.

- De quê? - volto a dizer, sentindo-me indefesa e receosa.

Segue-se um longo silêncio.

- Eu amo-te, sua idiota de merda - solta ela por fim. - Pensei que fosse óbvio. E pensei que começavas a sentir o mesmo.

Dou por mim de boca aberta, incapaz de a fechar.

Ela ama-me? Não, isso não faz qualquer sentido. Porque estaria ela... Nós somos *amigas*, sempre fomos amigas. Foi isso que concordámos. Nunca se tratou de amor, como pode...

- Porra, Alex...

Não termino a frase; as minhas palavras não servem de nada.

Ela fita-me nos olhos, à espera, até não aguentar mais.

- Então, não me amas?

Ela diz isto com uma tristeza tal, tão desesperada, que quase começo a chorar. Mas a verdade é que não a amo. Não dessa maneira.

Não o posso dizer. Não sei como admitir isso.

- Porra, Esther, diz em voz alta - exige ela, impaciente, lendo-me os pensamentos. - Diz-me. Se não me amas, diz de uma vez por todas.

- Mas eu amo-te - respondo num voz débil. - És a minha melhor amiga, Alex Shelley, gosto tanto de ti.

- Mas não como namorada? - insiste ela num tom desanimado.

- Não - sussurro, cabisbaixa.

Ela começa a chorar e puxo-a para um abraço. A Alex chora contra o meu ombro durante alguns minutos enquanto eu lhe digo uma e outra vez o quanto lamento.

Até que, por fim, para e murmura algo contra o meu ombro. Soa abafado e aproximo o ouvido para ouvir melhor.

- O quê? - sussurro.

Desta vez consigo ouvir.

- Tu usaste-me. - Sinto um calafrio ao ouvir aquelas palavras. - Usaste-me e nunca quiseste saber de mim, sua *vaca*.

E depois afasta-se, o rosto bronzeado distorcido pela raiva.

- Não, Alex, isso não é verdade - imploro numa voz aguda.

- Pensava que víamos as coisas da mesma maneira, desculpa. Por favor, não digas que te usei, não foi nada disso! Pensava que estávamos as duas a passar um bom momento. Pensava que estava tudo bem.

- Deixaste-me pensar que me amavas! - brada ela, a voz tensa de fúria. - Abraçaste-me e acariciaste o meu cabelo e disseste-me que eu era linda.

Sinto-me a encher de vergonha, mas volto a tentar.

- Alex! Isto foi ideia tua, tu sugeriste que fôssemos amigas coloridas! Não podes mudar as regras e depois ficar

zangada comigo. Devias ter falado comigo, ter-me dito o que sentias, não fazia ideia do que sentias por mim!

Mentira.

Algo em mim sabia como ela se sentia e ignorou-o. Senti que algo estava a mudar do lado dela nos últimos meses e deixei que acontecesse, sempre a fingir que estava tudo bem. Eu *usei-a*. Sou reles e mereço o ódio que neste momento jorra dela.

- És uma mentirosa e uma abusadora. Acabámos! - grita ela, com a cara roxa. - Já não somos amigas, já não somos *nada*. Vou sair daqui e não quero que voltes a contactar-me. Estamos acabadas.

Sai da sala de forma intempestiva, e ouço-a a bater a porta do quarto e a fechar o trinco, deixando-me em estado de choque.

Na manhã seguinte, ela partiu. O pai dela vem buscar as coisas dela mais tarde nessa semana e deita-me um olhar tão horrível, tão carregado de ódio, que choro durante quatro horas seguidas. A Alex não atende as minhas chamadas nem responde às minhas mensagens. Também não fala com a Lou. Bloqueia-me no Facebook e no Twitter, e uma carta que enviei para casa da mãe dela é devolvida ao remetente.

Desapareceu das nossas vidas após 12 anos de amizade, só para eu poder ter sexo. Acabámos, sem mais nem menos, porque eu me sentia aborrecida e solitária.

Nunca me odiei tanto.

CAPÍTULO DEZOITO

- Key West é diferente de Kanye West? - A dúvida faz parar a minha assistente Katie, o rosto jovem dela uma máscara de confusão. - Ou é um dos seus nomes antigos? Tipo, umas vezes ele chama-se Ye e outras chama-se Kanye, mas costumava chamar-se Key West?

Uns clientes americanos chegam esta semana para um grande evento no Museu Norris e parece que o sistema de educação britânico não preparou adequadamente a minha jovem protegida.

- Hum, são coisas diferentes - adianto, não a querendo embaraçar demasiado... mas não resistindo à tentação. - Key West é uma cidade na Florida, querida.

Ela cora e baixa a cabeça, enquanto eu sorrio afetuosamente para o topo da cabeça dela.

- Não te preocupes - digo-lhe num tom magnânimo. - Geografia também não era o meu forte. Durante séculos pensava que *hollandaise* era a língua que se falava na Holanda.

Ela anima-se um pouco.

- Não costumavas ser *chef*? - Sorri. - Aposto que foi uma conversa engraçada quando alguém te pediu molho *hollandaise* nos ovos *benedict*.

Solto uma risada e umas pessoas a passar olham para nós.

Foi mais um longo dia de trabalho, a planear este evento. O casal da Florida está a festejar o 30.º aniversário de casamento e quer celebrá-lo no Museu Norris, porque foi aí

que tiveram o primeiro encontro. O que é incrivelmente romântico e também muito “que raios”... Que tipo de monstro aborrecido tem o primeiro encontro num museu? Seja como for, a Katie vem a minha casa para eu lhe dar uma papelada que ela quer fazer esta noite. Sinto-me vagamente culpada pela perspetiva de a fazer trabalhar à noite, mas também gosto da sensação de poder. Além disso, é mesmo urgente e ultimamente tenho andado distraída.

Felizmente, a Katie é brilhante.

Observo-a por um momento, enquanto ela mexe no telemóvel. A Katie é uma daquelas pessoas fixas que consegue usar *eyeliner* casualmente todos os dias sem a) parecer que vai a caminho de uma *rave* e b) sem transformar o rosto numa espécie de sátira assimétrica de um Picasso. É fabulosa e sinto-me grata por a ter na minha equipa. Não deve ter mais do que 23 anos, mas tem tanta convicção e certeza de quem é. Ela, tal como toda a geração a que pertence, parece ser muito mais corajosa do que eu era com a mesma idade. Dá-me esperança para o futuro do feminismo. Tem uma dose extra de quero-lá-saber, algo que me faz muita falta. Quando nos aproximamos do meu prédio, fecho os olhos por um microssegundo, tentando deixar que a confiança dela passe para mim. Quero que o feminismo dela se entranhe na minha pele, para poder ser mais forte e corajosa...

E é então que alguém assobia para nós.

- EIIIIIIIIIIII - grita uma voz do interior de um carro, de repente em marcha ameaçadoramente lenta ao nosso lado.

Olho de relance para a Katie e interrogo-me se me conseguirei safar com uma manifestação mínima de ultraje. É a minha oportunidade de mostrar a minha têmpera, mas descubro que tenho cada vez menos energia para confrontos. Ela franze a testa e baixa-se para deitar um olhar zangado para dentro do carro.

- ESTHEEEEEEEER! - diz o tarado dentro do carro.

Percebo então que conheço o velho *Alfa Romeo* prateado e o condutor nada tarado.

- Nick Wilde! - digo com alguma surpresa... e alívio. - Katie, é um antigo colega de escola. - Vejo-a a acalmar. - A mãe dele era a nossa professora de Teatro - acrescento, um pouco a despropósito.

- Oh, certo - solta a Katie, num tom incerto. - Eu, hum, tinha uma professora de Teatro. - Eu e Nick deitamos-lhe um olhar de confusão e ela pigarreia. - É um prazer, hum, conhecê-lo! - A feminista de sangue frio desapareceu de vista. - Eu tenho de, hum, mandar uma mensagem para a minha companheira de apartamento sobre uma coisa...

Afasta-se de nós, parecendo em pânico, e interrogo-me brevemente se será assim tão desajeitada com os nossos clientes.

- Desculpa gritar-te assim do meio da rua - desculpa-se o Nick, quando me viro para ele. - É claramente um resquício dos meus dias de escola. Pensava que tinha deixado para trás a minha carreira de gritar para miúdas.

No assento ao lado dele, a cadela *Jackie* fica encantada por me ver e passa por cima do colo dele para poder lambe-la a minha mão com entusiasmo.

- Estás com sorte por eu não ter um *Apple Tango* à mão para te atirar à cara - digo-lhe num tom sereno, afagando a cabeça fofa da *Jackie*. É então que me ocorre um pensamento. - O que estás a fazer por estes lados?

Ele ri-se e debruça-se casualmente para fora da janela.

- Eu moro mesmo ao virar da esquina!

Ele aponta vagamente para o fundo da rua e eu abano a cabeça.

- Como é que não sei isso?

- Nunca perguntaste.

Clareio a garganta, com uma certa sensação de culpa. Fizemos toda uma viagem de carro até Milton Keynes e eu estava demasiado ocupada a olhar pelo espelho para o Alistair, no banco de trás.

- Desculpa - murmuro.

Ele acena despreocupadamente com a mão. Então, o carro vai abaixo com um estremeção e o Nick pragueja e volta a ligá-lo.

- É melhor levar este pedaço de sucata para casa. - Olha para mim e reparo que tem os óculos embaciados. Deixa-lhe os olhos ligeiramente fora de foco, como uma personagem de um filme antigo. - Vemo-nos por aí? - Ele sorri.

Aceno quando ele se afasta, com a *Jackie* a espreitar pela janela do seu lado para me ver enquanto descem a rua.

A Katie volta para o meu lado, ofegante.

- Oh, meu Deus, desculpa, fui tão embaraçosa! Homens bons deixam-me toda atrapalhada, fico sem palavras. Eu disse mesmo que tinha tido uma professora de Teatro? - Ela estremece e vira-se para mim. - Esther, estive quase para

lhe perguntar o que é que achava do Kanye West! Qual é a história dele? É solteiro?

Mais uma pergunta que não lhe fiz. Mas se vive por estes lados e não apareceu no meu *Tinder*, deve estar comprometido.

Porque está o Nick Wilde subitamente de volta à minha vida? A reunião no bar, a viagem a Milton Keynes e agora calha de passar na rua? Como se não tivesse já fantasmas suficientes do meu passado para me assombrar.

– Não faço ideia – respondo à Katie, distraída.

Mudo então o tema da conversa para algo mais seguro: balões de hélio para a festa... quantos balões são demasiados balões?

CAPÍTULO DEZANOVE

- Posso usar a casa de banho, Sofia? - pergunto educadamente.

Ela passa-me uma vela, a chama a tremeluzir no pavio.

- Tem cuidado - avisa ela. - Há muitas coisas no caminho daqui até à casa de banho.

Assinto com seriedade e avanço com cautela pela sala dela na mais completa escuridão.

Estamos a meio de uma falha de eletricidade. O prédio inteiro está sem luz, a rua inteira! É um ultraje e devíamos fazer queixa a alguém, se alguma de nós fizesse a mais pequena ideia de quem é o nosso fornecedor de eletricidade. Tivemos uma enorme discussão no apartamento às escuras acerca de onde guardávamos as contas, até desistirmos e subirmos ao apartamento da Sofia. Sabíamos que ela, pelo menos, tinha velas. Porque todas as pessoas adultas têm velas em casa e ela é, decididamente, uma adulta.

Além disso, deve ter vivido durante várias guerras, certo? Deve ter aquele espírito dos tempos de guerra e o desenrascanço a condizer. Deve saber como rasgar lençóis para dar à luz um bebé e como cozinhar sem fogão. Não sei ao certo que guerras ou quando, só fiz um semestre de História na universidade, mas deve ter havido um montão delas, certo?

Urino no escuro e é tão estranho como seria de esperar. A seguir, aproximo a vela da sanita, para verificar se ficou alguma gota, antes de puxar o autoclismo, deliciando-me com o seu funcionamento suave, e regresso à sala de estar.

Paro a meio do corredor quando avisto a Louise.

Está debruçada sobre o telemóvel, a escrever freneticamente. O rosto encantador está iluminado apenas pelo ecrã e tem uma expressão que não reconheço. Há algo de estranho em toda a linguagem corporal. Algo dissimulado e culpado. Porque estará a mandar mensagens no corredor? Não é como se todas exigissemos saber o que estava a fazer no telemóvel.

Talvez eu devesse exigir saber o que está a fazer no telemóvel.

- Tudo bem, Lou? - sussurro no escuro, e ela salta uns bons dez centímetros no ar.

- Credo, Esther, assustaste-me!

Enfia o telemóvel no bolso tão depressa que mal lhe vejo as mãos, até à luz da vela.

- O que estás a fazer? - pergunto, soando inocente.

- O que queres dizer? - replica ela, a voz carregada de culpa.

- Estheeeeer! - grita a Sofia, da sala de estar. - Despachate! Quero ouvir as últimas novidades da tua missão!

A Louise aproveita a oportunidade para se afastar sem responder à minha pergunta. Sigo-a e deixo-me cair no sofá, pensativa. Passa-se alguma coisa com ela? Ela dizia-nos, certo? Talvez tenha alguém doente na família ou algo assim?

- Vamos! - incentiva a Sofia, o rosto impaciente à luz da vela. - Diz-me o que está a acontecer na tua perseguição aos horríveis ex-namorados!

- Não descreveria a missão dessa maneira... - protesto, mas ela ignora-me.

- Diz-me, como está a ir? Já encontraste um grande amor? Quantos mais chamaram a polícia por tua causa?

- Ninguém chamou a polícia por minha causa - corrijo impacientemente. - E fique a saber que isso até funcionou bem. Encontrei-me com o Paul, o tipo que estava a tentar ver, e foi encantador.

- Então, ele é O Tal! - grita a Sofia, feliz.

- Talvez. - Sorrio com confiança.

Ela faz uma careta.

- *Talvez?* Como é que ele pode ser *talvez* O Tal?

- Bom, há um outro tipo, o Alistair, que também pode ser O Tal - explica a Louise, sempre prestável.

- Ou pode ser o Will, o Idris, o Carl ou o Rich - acrescenta a Bibi, a rir-se, algures na escuridão.

- Bom, o verdadeiro *Tal* em tudo isto pode acabar por ser a minha amizade renovada com a Alex - comento na minha voz mais sábia.

- *Do que estão a FALAR?* - brada a Sofia, e todas saltamos de susto. - Só estão a dizer disparates!

- Eu sei, Sofia, desculpe - concordo humildemente. - Sou uma desgraça.

- Ei! - diz a Bibi num tom severo. - Não és nada uma desgraça. Estás a ser verdadeiramente corajosa, a enfrentar o teu passado e quem foste.

Lança-me um olhar encorajador e eu sorrio em resposta.

A Bibi está a fazer o seu melhor por ser um pouco mais calorosa de momento. Nas últimas semanas, desde que a repreendi na casa de banho. Oh, se calhar devia repreender mais as pessoas? Pelos vistos, tenho jeito.

- Mas a sério - começo. - Se mais nada resultar desta missão, estou tão feliz por fazer as pazes com a Alex. - Paro porque, subitamente, sinto-me muito emotiva. - Ela era uma amiga de infância, Sofia - explico. - E lixei tudo entre nós quando dormi com ela durante algum tempo. Mas falámos sobre tudo isso e agora estamos bem, mesmo bem. Talvez melhor do que antes.

Não consigo ver bem, mas sinto a Sofia a emocionar-se.

- Isso é bonito. - Sorri.

- Pois é. - Sorrio também. - Nas últimas semanas, tem passado pelo apartamento quase todos os dias para pôr a conversa em dia. É como nos velhos tempos, como se nada tivesse mudado.

- Acho que isso é o teste de uma verdadeira amizade - declara a Sofia, num tom solene. - Se conseguem passar muito tempo sem se verem, mas quando se reencontram, tudo está como antes.

Assinto veementemente, apesar de ela não me poder ver.

Ao meu lado, o meu telemóvel toca. É a Katie, do trabalho. Olho para o telemóvel, sentindo uma pontada de medo na barriga.

- Não vais atender? - pergunta a Louise, suavemente.

Abano a cabeça. Não tenho coragem para falar com a Katie, neste momento. Nas últimas semanas, houve dois eventos enormes no museu que ignorei por completo. A minha assistente, coitada, tem feito tudo e sei que ela quer falar de um 50.^o aniversário que nem sequer começámos a preparar. Temos de falar sobre o orçamento, a comida, quantos empregados vamos precisar, o esquema de cores...

Todos os detalhes com que normalmente me atarefo antes de um grande evento. Mas, ultimamente, não tenho cabeça para isso; sempre a pensar no Alistair e no Paul e na Alex... já para não falar de todos os outros ex-namorados que ainda não vi.

- De momento, não me consigo concentrar no trabalho - digo para toda a sala, numa voz carregada de culpa.

A Katie pode tratar de tudo por enquanto; é genial e tenho a certeza de que dá conta do recado.

Um silêncio cai sobre nós, até a Bibi interpelar a nossa anfitriã:

- E como vão as coisas com a *sua* missão, Sofia? Com o Ivan, do rés do chão?

- Oh, se calhar devíamos convidá-lo para vir aqui - sugiro, esperançosa. - Ele pode juntar-se ao nosso clube à luz da vela. Pode ser muito romântico, os dois sentados no escuro. E nós podemos pôr-nos na alheta, se vocês começarem aos beijos!

- Acho que não vale a pena - suspira a Sofia. - Tentei na outra noite. Convidei-o para vir tomar chá... Sou uma atrevida. E ele disse que não! Muito educadamente, mas ainda assim, não.

- Hum, hã...

A Louise solta um som ligeiramente estrangulado na escuridão e sinto que o resto de nós se vira na direção dela.

- O quê? - diz a Bibi, num tom acusador.

- Hum? - solta a Louise, soando culpada. - Hum, oh, nada! Bom... não, nada!

Ao meu lado no sofá, a Sofia inclina-se para a frente.

- O que foi, querida Louise? Podes dizer. Não te preocupes, já ouvi tudo, é impossível chocar-me.

- Ohhh, não quero dizer! - lamenta-se ela, e nós esperamos, dando-lhe tempo. - Está bem, está bem. Hum, lamento muito, Sofia, mas tenho quase a certeza de que o Ivan tem namorada.

- Quê? - deixo sair.

- No outro dia, estava a falar com ele à porta do prédio - começa ela a medo. - Finalmente simpatiza comigo. - E sussurra-me um aparte: - Fiz uma nova fornada de biscoitos e desta vez garanti que ele os recebia. - E depois continua numa voz normal: - Seja como for, quando nos despedimos, ele disse que tinha de tratar da sua querida Pérola.

- Talvez seja um gato - sugiro, pouco convincente.

- Pode ser! - interpõe a Bibi. - *Há* um gato que anda pelo jardim, já o vi. Um gato acastanhado?

- Sim, também já o vi! - assinto com entusiasmo. - Pérola deve ser o nome do gato do Ivan.

Segue-se um longo silêncio triste, até que, por fim, a Sofia solta um suspiro.

- Vocês são muito queridas, mas eu saberia se houvesse um gato no prédio. Sou alérgica, teria sempre ataques de espirros ao passar pela porta dele.

- Talvez tenha uma pérola a sério! - propõe a Louise, sem esconder um tom de dúvida. - Pode ter uma pérola muito cara na sua coleção de joias que adora acariciar à noite?

- Isso parece muito eufemístico - murmura a Bibi, mas ninguém se ri.

A Sofia bate com uma mão na outra.

- Bom! Tenha ou não namorada, não parece interessado. *C'est la vie*. - Voltamos a cair num silêncio cúmplice. - Pelo menos, a Esther está a apaixonar-se! - prossegue a Sofia, tentando animar o ambiente. - Pelo Paul, não é? Ou era pelo Alistair? - Solta uma risadinha. - É bom ter opções.

- O Alistair é o meu preferido - ronrona a Louise, no canto, o rosto pouco visível na luz fraca. - Foi o primeiro amor da Esty e quero tanto que fiquem juntos.

Olho para baixo, tímida.

- Ele tem namorada, Lou - ralho ao de leve. - E vomitei para cima dele, lembras-te?

Segue-se um silêncio traumatizado, enquanto a Lou e a Bibi revivem o incidente.

- Mas - acrescento dramaticamente - ele mandou-me finalmente uma mensagem, esta manhã, e não falou de vômito. Quer tomar café. - Suspiro alto. - Não sei, acho que ele gosta da ideia de sermos amigos outra vez. Talvez eu seja só uma massagem ao ego dele. O primeiro amor que lhe deu com os pés há tantos anos agora de volta para implorar mais uma oportunidade enquanto ele está loucamente apaixonado por outra pessoa. - Faço uma pausa. - Ou talvez ele queira *mesmo* que sejamos amigos.

A Sofia abana a mão.

- Pff. Tu já *tens* amigas, não precisas de mais amigos.

- Bem visto, nada de mais amigos - comenta a Bibi. Pelos vistos, ainda não superou a paranoia e os ciúmes. Ela continua o relato. - Então, tens o Paul, mas ele ainda está para fora, naquela viagem de trabalho idiota. Quem é a seguir, Esther? Se fosse por ordem, a seguir ao Paul vinha o

Idris, certo? – A Bibi olha para Sofia. – Foi o namorado a sério da Esther. Estiveram juntos três anos.

Tapo os olhos com as mãos quentes.

– Ai, acho que ainda não estou preparada para o Idris.

– Então, quem? – pergunta a Louise, curiosa.

– Acho – respondo lentamente – que está na altura da Transição. – A Sofia deita-me um olhar de curiosidade na penumbra e eu acrescento o nome: – Will.

EX-NAMORADO N.º 6: WILL AKUFFO

A Transição

Parte Um

Internet

Twitter.com

21h40

Will Akuffo @losingthewill · 10 de junho

Pergunta genuína, alguma vez alguém, em toda a história do vestuário, usou os botões sobresselentes que vêm presos à etiqueta interior?

Esther Adams @SweetFannyAdams · 10 de junho

Uma vez usei-os para atirar a alguém.

Will Akuffo @losingthewill · 10 de junho

Funcionou? Devo informar o presidente Bush de que finalmente encontrámos umas armas de destruição maciça?

Esther Adams @SweetFannyAdams · 10 de junho

Que piada tão atual!

Will Akuffo @losingthewill · 10 junho

Wassssssssupppppp! Is niiiiice. Who ya gonna call?

Esther Adams @SweetFannyAdams · 10 de junho

Retiro o que disse, és a encarnação das referências atualizadas.

CAPÍTULO VINTE

Vou bater-lhe, juro que lhe vou bater.

- Mas quaaaaaaaando é que me vão veeeeeeer? - geme a Bibi para o teto.

Toda a sala de espera vira-se para olhar. Ou, mais exatamente, para *deitar* olhares.

- Não deve demorar muito, querida - responde a Louise, num tom reconfortante, com a paciência de uma santa.

A Bibi deixa-se cair no meu colo e lança-me um olhar implorante.

- Mas dóóóóóóói, Estheeeeeeeer!

- Sim, porra, já sei - sussurro.

Está a dizer a mesma coisa há três horas seguidas, enquanto esperamos para sermos atendidas por um médico.

Ela tem o que achamos ser um dedo mindinho partido. O que é especialmente frustrante, pois, pelo que estive a ver na Internet, não há nada que os médicos possam fazer. Vão limitar-se a pôr-lhe uma ligadura e mandá-la para casa. Mas ela insistiu em que viéssemos e gemeu como uma sirene durante a viagem toda até ao hospital.

O Nick deu-nos boleia.

Pessoalmente, estava disposta a gastar dinheiro num *Uber*, mas a Louise, embaraçosamente, ligou ao Nick, argumentando que fazia sentido porque era a única pessoa que conhecemos que tem carro e mora mesmo ali ao lado. Ele aceitou muito gentilmente e apareceu mais desarranjado do que alguma vez o vi e, de forma hilariante, de pijama. É por isso que agora está lá fora, à espera no carro, e não aqui

dentro connosco. Isso e o facto de, compreensivelmente, não querer pagar 65 libras pelo estacionamento.

A culpa é da sanita avariada. Começou a transbordar outra vez e, enquanto a Louise estava ao telefone com o Rei dos Cabrões, também conhecido como o nosso senhorio, a Bibi decidiu arranjar a sanita de uma vez por todas.

Como é óbvo, deixou logo cair a tampa pesada do autoclismo em cima da mão. Após muito choro e muitos gritos, tirámos a Sofia da cama para lhe pedir a opinião. Ela deu à Bibi o único analgésico que tinha em casa, um remédio para a tosse bem forte, e disse que devíamos ir às urgências. Não nos apercebemos, até ser demasiado tarde, que a Bibi bebeu o frasco todo às escondidas no carro. Desde então, está semiconsciente e só diz disparates.

- Dóóóóóóói, Louise - recomeça a Bibi. - Porque não vamos ao hospital?

- Já estamos no hospital, querida - diz-lhe gentilmente a Louise. - Estamos só à espera de que nos atendam, está a demorar um pouco. - A rececionista deita-nos um olhar de desaprovação e a Lou acrescenta rapidamente: - O que não é culpa do Serviço Nacional de Saúde! De todo. São aqueles cortes, é o que é! - A Louise estala a língua e continua: - Os médicos e enfermeiros e, hum, rececionistas estão todos a fazer um trabalho fantástico e deixam-nos orgulhosos de sermos britânicos, não é? Bom trabalho, Serviço Nacional de Saúde!

Ela olha em redor, à espera de aplausos dos outros ocupantes da sala de espera, e fica desiludida quando ninguém reage.

- O que está a fazer? - pergunta a Bibi, com uma careta, e olha para mim, mas não tenho respostas para lhe dar. - Quando é que me vão atender?

Dou-lhe um empurrão leve para a tirar do meu colo e a pôr de volta no lugar dela. A Bibi vacila sobre nós as duas e parece desmaiar.

- Graças a Deus - digo com um suspiro de alívio. - Que doente mais irritante.

- Acho que somos todos - sentencia sensatamente a Louise. - Desculpa se a tua noite foi estragada. O que estavas a fazer?

- Por acaso, estava a escrever uma mensagem para o Will - admito. - Tanto da nossa relação era fazer piadas e trocar piropos na Internet, precisava que a primeira mensagem fosse engraçada e genial, sabes? No final, mandei-lhe uma mensagem curta, mas decididamente *não era* engraçada nem brilhante.

A Louise estreita os olhos para mim por cima do corpo estendido da Bibi.

- Vocês conheceram-se no Facebook ou algo assim, certo? Abano a cabeça.

- No Twitter. Ele era apenas uma conta engraçada que eu seguia, mas parecia ter algo de especial. A única coisa que sabia acerca dele é que conseguia ser engraçado em 140 caracteres e que a pequena foto no Twitter parecia atraente. - Solto um suspiro. - No início, era apenas uma diversão pateta, responder aos *tweets* hilariantes dele, mas um dia mandou-me uma mensagem. Depois disso, começámos a falar muito.

- A sedução *online* descontrola-se com facilidade - diz a Louise, com um olhar distante.

Olho para ela atentamente. A Lou tem andado muito ocupada ultimamente; raramente está em casa e, mesmo quando está, fica fechada no quarto.

- MENIIIIIIINAS?

A Sofia saltita através da sala de espera na nossa direção, acompanhada pelo Nick, meio a dormir. Estão os dois sentados há horas no carro e sinto uma súbita pontada de culpa por este pobre coitado, arrastado para o nosso drama idiota. Outra vez.

Ele boceja, com uma mão a tapar a barba por fazer.

- Há novidades? A Bibi já foi vista por um médico?

Eu e a Lou abanamos a cabeça.

- Sofia? Nick?

A Bibi olha para eles e volta a desmaiar. Ocorre-me que esta pode ser a oportunidade perfeita para descobrir o verdadeiro nome dela. Todas as barreiras foram derrubadas pelo remédio para a tosse; ela diria o nome, de certeza.

Mas isso seria cruel. Aproveitar-me de alguém quando está tão vulnerável... Tipo, não que eu me importasse muito, mas ela *está* inconsciente.

- *Merde!* - exclama a Sofia, batendo com o pé delicado no chão. O Nick e alguns pacientes sorriem com aquele francesismo excessivo. - Muito bem - grita ela. - Vou voltar para o carro. Ando a ver o *Tinder*! Este hospital está cheio de homens de 70 anos. Estou a ter centenas de correspondências!

Sai porta fora, e a Lou e eu tentamos não rir. Acho que isso significa que já se esqueceu do Ivan, e ainda bem.

- Alguém quer um café? - pergunta o Nick.

Levanto-me num salto, as pernas a ranger de tanto tempo sentada.

- Credo, eu quero - respondo alto.

Ele parece divertido com o meu entusiasmo.

- Acho que é melhor ficar aqui com a Bibi - diz a Louise, deitando-lhe um olhar ansioso. - Nick, podes trazer-me um *cappuccino*, por favor?

A voz dela é aguda e doce. Ele sorri e responde com um aceno pateta, fechando o casaco por cima do pijama aos quadrados azuis. Olho momentaneamente para um e para o outro, antes de me afastar na direção da máquina de café.

- Credo, são quase 4h00 - revela o Nick, quando me alcança, soando um pouco ofegante. - Acho que não fico acordado até tão tarde desde os tempos da universidade. Lembras-te?

Ele sorri e eu sinto-me a corar. Acho que só falámos, tipo, uma vez quando andávamos em Durham, e ainda me sinto vagamente envergonhada por ter desistido do curso tão cedo.

- Nem por isso - replico airosamente, sentindo-me um pouco afogueada e contrariada. - Como está a *Jackie*? Não te lembraste de a trazer nesta excursão noturna?

Ele abana a cabeça.

- Não, ela gosta de dormir e fica rabugenta quando acordam demasiado cedo. Nem sequer vai dar pela minha ausência.

- Bom, manda-lhe os meus cumprimentos - digo, enquanto carrego em vários botões na máquina amarelecida e ponho o copo de papel para o café da Lou. - Os teus pais aprovaram-na?

- Adoraram-na - confirma ele, com um sorriso lamechas. - Acho que, oficialmente, gostam mais dela do que de mim.

- E com razão - assinto, ao passar-lhe o café.

Ele mostra-me fotos da cadela enquanto voltamos, bebericando do café escaldante num transe sonolento.

- Muito bem, vou voltar para o carro - diz ele, assim que chegamos junto da Lou e da ainda inconsciente Bibi. - Liguem se precisarem de alguma coisa, vou estar a dormir, mas deixo o telemóvel ligado. - Pisca-me o olho. - O cheiro a *Stilton* já praticamente desapareceu.

E sai antes que a minha cara assuma o tom habitual do tomate.

A Louise fica a olhar para ele e depois fita-me, com uma expressão estranha.

- E então - começa ela suavemente -, o que estavas a dizer do Will? Como tudo começou com uma sedução *online*?

- Sim - assinto lentamente. - Estava sempre a dizer a mim mesma que não tinha motivos para me sentir mal. Aquele tipo era um desconhecido e tudo não passava de conversa inocente! Não era como se eu estivesse a ser infiel ao Idris! Mas algo dentro de mim sabia que não estava certo.

Faço uma pausa e lembro-me da primeira noite em que troquei mensagens com o Will, quando percebi que a sedução estava a ficar descontrolada.

- Lembras-te de quando o Idris se mudou para o meu quarto no apartamento? - pergunto à Lou, e ela assente. - Nessa altura, andávamos juntos há dois anos e meio. A coisa parecia andar bem, ele era maravilhoso e vocês as duas adoravam-no.

- Oh, ele era um companheiro de casa encantador. - Ela sorri. - Punha sempre o tampo da sanita para baixo e lavava a louça. Era fantástico.

- Melhor do que eu - concordo, sentindo-me triste. - Seja como for, certa noite, pouco depois de ter começado a trocar mensagens com o Will, ouvi o Iddy a chegar a casa do trabalho. Olhei para as horas e vi que tinha estado a conversar, a namoriscar, com aquele desconhecido durante seis horas seguidas. Lembro-me de me sentir chocada e horrorizada comigo mesma. Tipo, eu sabia que não estava certo, que não era justo para o meu namorado! - Deixo-me ficar por um momento a ver a Bibi a respirar. - E depois, quando o Idris adormeceu, voltei para a Internet e continuei a falar com o Will. Odiava-me, mas não conseguia parar.

A Lou não responde durante um minuto.

- É compreensível - diz por fim.

- Mas não é, a sério que não é! - argumento, olhando para ela de lado. - Foi uma treta horrível! Disse a mim mesma, depois disso, que ia bloquear o Will, disse isso tantas vezes, mas não o fiz. Acabou por ser apenas o começo de tudo. Apenas o começo do meu comportamento horrível.

O telemóvel no colo da Louise vibra com uma mensagem. Ela verifica o ecrã e volta a pousá-lo rapidamente, desta vez

com o ecrã para baixo. Espero que ela diga alguma coisa, mas não diz nada. Fica apenas a olhar para baixo.

- O que estavas a fazer antes de a Bibi estragar a noite de toda a gente? - pergunto educadamente.

- Oh, hum, nada - replica ela numa voz estranha. Volto a observar a Lou, mas ainda está a olhar para o lado, a ver os outros pacientes espalhados pela sala de espera. - Estava só a falar com o Sven no Zoom.

- Como andam as coisas entre vocês?

Estou genuinamente curiosa.

- Fantásticas! - responde ela depressa de mais. - E então, o que vamos fazer acerca da Bibi e da Alex, hã?

A distração funciona.

A Alex tem passado muito tempo lá em casa no último mês, desde que fizemos as pazes, e tem sido excelente. Somos todas novamente boas amigas. O único problema tem sido a Bibi. Tem sido abertamente hostil e estranha quando a Alex está por perto. A Alex tenta fazer um esforço e parece completamente perplexa com a atitude da Bibi, mas não me disse nada. Acho que tem medo de abanar o barco, tal como nós. Para ser franca, eu e a Lou não sabemos o que mais fazer.

- Não sei mesmo - suspiro. - Tentei falar com a Bibi sobre isso, tentei mesmo, mas ela sente-se tão ameaçada e irritada com tudo. Pensa que a Alex nos vai *roubar* ou algo assim. O que faria sentido, se a Alex estivesse a ser uma cabra, mas tem sido adorável com a Bibi! É mesmo infantil, não somos brinquedos para uma tirar à outra. - No meio de nós, a Bibi

ressona subitamente alto. – Achas que ela só precisa de sexo ou algo assim?

A Louise pensa por um momento.

– Talvez. Mas é tão teimosa acerca de ficar solteira. Está sempre a insistir que adora.

– Podíamos fazer-lhe um arranjinho com alguém aqui no hospital – rio-me. – É melhor aproveitarmos o tempo enquanto estamos aqui presas.

– Ou podemos trancar a Bibi e a Alex no mesmo quarto!

A Lou levanta-se com entusiasmo e o telemóvel dela cai na minha direção. Antes de ela o agarrar e guardar na carteira, avisto o que parece ser um nome familiar no ecrã. Estava de cabeça para baixo e só o vi de relance, mas parecia-se muito com “Nick”. Só conheço um Nick, mas não pode ser *esse* Nick, não o Nick que está sentado no carro lá fora...

A Bibi acorda com um repelão.

– NÃO CONSEGUI O EMPREGO – grita para a sala de espera, antes de voltar a adormecer.

A Lou pestaneja e olha para mim.

– O quê?

– A entrevista de emprego na semana passada. – Percebo com alguma tristeza.

– Achas que é verdade? – pergunta a Lou. – Ela não nos disse que não lhe tinham respondido?

O telemóvel dela volta a vibrar dentro da carteira.

– Não sei – respondo. Sinto-me subitamente desolada pela Bibi. Ela tinha mesmo esperanças nesta entrevista. – Talvez não seja verdade. Ela bebeu uma porrada de remédio da

tosse. – Faço uma pausa. – Mas se for verdade, não sei mesmo o que dizer. Esta procura de emprego parece interminável, deve estar a ser mesmo difícil para ela.

– Mais uma razão para ela fazer sexo. – A Lou sorri, antes de se virar para mim com um rosto pensativo. – Por falar em sexo, tens notícias do Paul? E como vai a tua “amizade” com o Alistair?

E solta uma risadinha malandra, fazendo festas no braço da Bibi enquanto eu pondero como responder à pergunta.

– O Paul ainda está para fora, mas tem mandado montes de mensagens – revelo-lhe. – Vamos mesmo encontrar-nos quando ele regressar. Mal posso esperar, a sério.

– E o Alistair? – pergunta ela, impaciente.

Imagino o rosto simpático do Alistair e tento não me sentir culpada pelos sentimentos que isso evoca em mim.

– Fomos tomar café no outro dia, durante a minha pausa para almoço. Ele estava a falar de um tipo que prendeu por ter roubado uma carrinha do leite para os lados de Hackney.

– Ainda existem carrinhas do leite? – solta a Louise, boquiaberta, antes de recuperar a compostura.

– Entregam queijo artesanal – digo em jeito de explicação.

– Falaram sobre voltarem a ver-se?

Falámos, e sinto uma onda de culpa só de pensar nisso e outra ao perceber o quanto quero voltar a vê-lo. Há algo entre nós, mas tenho receio do que pode acontecer e de como me sentiria terrível, sabendo que ele tem alguém à espera em casa.

Talvez a Louise tenha razão, talvez eu deva parar com a missão agora. E se estou a perturbar demasiadas vidas?

Demasiadas vidas e demasiadas emoções?

A minha própria vida também parece estar a desmoronar-se aos poucos, para ser franca. Nenhum dos meus ex-namorados se confessou eternamente apaixonado por mim, as minhas amigas estão a agir de forma estranha e as coisas não andam bem no emprego. Ando a tentar concentrar-me no trabalho, mas sei que é óbvio para os meus colegas que não estou tão empenhada como estava antes de tudo isto. Estou a passar cada vez mais trabalho para a minha assistente e consigo perceber que ela está cada vez mais furiosa comigo.

Mas é preciso partir ovos para fazer uma omelete, certo?

E o que importa se não gosto de omeletes?

Um enfermeiro para à nossa frente.

- BIBI COLMER?

Levanto-me num salto, a acenar.

- Sim, somos nós.

A Lou tenta ressuscitar a paciente inconsciente. A Bibi mexe-se, mas tenta enxotar-nos.

- Venha comigo, por favor, sra. Colmer - instrui o enfermeiro, observando com desaprovação a paciente desleixada.

A Bibi acorda mais um pouco, olha em redor e tenta perceber onde está.

- Onde está a Sofia? - pergunta, sonolenta. - E o Nick?

- Estão à nossa espera no carro - respondo, tentando não soar muito irritada. - Anda, está na altura de ver o médico que exigiste.

A Bibi acorda por fim e olha para o enfermeiro.

- Não. Obrigado pelo seu serviço, sr. Profissional de Saúde, mas já não preciso de si. Já não me dói. - E dobra para nós o dedo supostamente partido. - Vamos para casa.

Sem mais uma palavra, solta-se das nossas mãos prestáveis, cambaleia na direção da saída e deixa-nos a pedir desculpas. Típico.

Na minha carteira, o meu telemóvel vibra duas vezes seguidas. Duas mensagens ao mesmo tempo! Sinto-me a zumbir com a dopamina.

Uma é do Paul. Volta finalmente para Londres na próxima semana e quer combinar um encontro.

E a outra? A outra é do Will.

EX-NAMORADO N.º 6: WILL AKUFFO

A Transição

Parte Dois

No apartamento

Na minha cama

18h10

É a primeira vez que vejo o Idris zangado. É por isso que não reconheço imediatamente o que está a acontecer.

- O que é isto?

Ele está de pé ao lado da cama, de sobrolho franzido.

- O que é o quê? - suspiro, exausta após um longo dia de trabalho.

Se bem que este tipo de exaustão não chega nem perto de como me sentia quando voltava a casa depois daqueles longos dias na cozinha. Deixo cair a carteira no chão, já a interrogar-me se os currículos que lá trago podem esperar até amanhã. Estou à procura de uma assistente, por ordem dos chefes que, finalmente, reconheceram que preciso de ajuda. Nunca tive um assistente antes... a não ser que se conte com os serventes de cozinha, que normalmente me mandavam lixar quando lhes pedia alguma coisa. Estou tão entusiasmada! Mal posso esperar pela fase de entrevistas, para poder ser mesmo severa e fazer perguntas inúteis acerca de onde se veem daqui a cinco anos. Vou ser a melhor chefe do mundo.

Deixo-me cair na cama, viro-me e estendo os braços para o Idris. Quero um abraço. Ele afasta-se e é a minha vez de franzir o sobrolho.

- O que se passa, amor?

Sento-me na cama, agora preocupada.

Ele vira o portátil para mim. Não tinha reparado que o portátil estava entre nós na cama.

- Quem é o *Will*?

Ele vira-se para me fitar o rosto e eu tento não reagir. Mantenho-me impassível. Não fiz nada de errado. *Tecnicamente.*

- Will? - Franço a testa, como se estivesse a tentar situar o nome. - Que Will?

O Idris põe um ar impaciente.

- @ Losing the Will! O tipo que segues no Twitter! Andas a trocar mensagens com ele, mensagens românticas, há semanas.

- O quê? - solto, num tom tão zangado como o dele. - De que estás a falar? E por que raio andas tu a vasculhar o meu computador?

Ele afasta a objeção com um gesto brusco.

- O portátil estava aberto quando entrei. As vossas mensagens estavam ali no ecrã. - Ele começa a caminhar de um lado para o outro e sinto um calafrio súbito. - Que diabo se passa com este tipo, Esther? Estão sempre a mandar mensagens um ao outro. E nem tentes fingir que não é romântico. - Ele para de andar e tapa a boca com a mão antes de murmurar a parte seguinte. - Andas a dormir com ele?

Salto da cama e o portátil acusador ressalta ligeiramente sobre a colcha.

- Credo, Idris, *não*. Nunca o vi pessoalmente! - Pouso-lhe a mão no braço e ele volta a afastar-se, ainda incapaz de olhar para mim. - Juro. É só um amigo, a sério. É uma patetice *online*, mas a verdade é que nem sequer o conheço. Somos só amigos de Internet que conversam um pouco. Não é nada de mais, a sério!

Puxo pela manga do Idris e vejo-o a inspirar tremulamente.

Quando finalmente olha para mim, os olhos estão ligeiramente raiados de vermelho.

- Juras que não se passou nada entre vocês?

Ele fita-me diretamente e eu assinto de modo enfático.

- Juro pela minha vida, somos apenas amigos. A sério. E posso ter amigos homens, não posso?

Agora sooo defensiva, mas funciona. O Idris parece ficar alarmado.

- Claro que sim! - Ele cerra o maxilar. - Eu só... não sei, pareceu-me que algumas daquelas mensagens passaram dos limites. - Faz uma pausa, com um ar preocupado. - Mas talvez esteja a exagerar. E sei que não devia ler as tuas mensagens privadas... Desculpa, Est, não...

Sinto o coração aos saltos.

- Não aconteceu mais nada a não ser o que viste aí no Twitter. - Tirando as mensagens de texto e as fotos. - Por favor, acredita em mim, amor. - Estendo o braço e toco-lhe ao de leve. - Nunca te trairia. Não seria *capaz*, isso é

horrível. Prometo que não te traí e que nunca o farei. Juro que é completamente platónico!

Ele assente, um momento depois, e eu puxo-o para um abraço. Ficamos os dois abraçados por uns minutos, sem falar, apenas parados nos braços um do outro, a sentir o aroma um do outro. A nossa respiração entra em sincronização, abranda ao mesmo ritmo, mas o meu coração continua a bater com força, rugindo nos meus ouvidos.

Sinto-me como se estivesse parada na extremidade de um precipício e não quero saltar, mas também sei que vou continuar a aproximar-me da extremidade até não ter outra escolha.

CAPÍTULO VINTE E UM

- Portanto, estás a dizer que queres começar um serviço de músicas de embalar para animais de estimação - diz ele, a rir-se como um perdido. - E vai funcionar a partir de um barco e vai chamar-se...

- A Harpa de Noé! - termino por ele, encantada. - Sim, vamos navegar por aí, a tocar músicas de embalar a cães e gatos a quem nos pedir. Claro que a pessoa terá de morar junto ao rio para usufruir dos nossos serviços...

- Claro - assente ele, os olhos a cintilar.

- Não é genial? - pergunto, animada. - Queres investir na Harpa de Noé? Estamos a aceitar investidores, mas não vamos partilhar nem um cêntimo dos lucros.

- Quem é esse *nós*?

Sem parar de rir, o Paul ergue um sobrolho para mim e é tão inacreditavelmente sensual que, por momentos, não me consigo lembrar do que ia dizer.

- Hum. - Engulo em seco. - Hum, bem, *hã, nós* somos eu e o meu conselho de administração.

Ele limpa as lágrimas dos olhos e bebe um sorvo do seu xerez.

- O teu conselho de administração?

- Sim - assinto. - Não são totalmente reais, mas fazem o meu negócio parecer mais profissional.

- Oh, meu Deus, fazes-me rir tanto.

Ele reclina-se na cadeira e olha fixamente para mim. Tem o dom de olhar para uma pessoa como se não existisse mais

ninguém no mundo inteiro. Pelo menos, ninguém que seja tão importante como eu.

- Como é que és *tão* gira, Esther Adams, e ao mesmo tempo engraçada e fantástica?

Encolho os ombros.

- Obviamente, recebi uma herança enorme quando fiz 21 anos, que me permitiu fazer todas as cirurgias plásticas disponíveis no mercado. E mais algumas do mercado negro.

- Nada do mercado municipal? - pergunta ele num tom sério.

Desato a rir.

- Agora que penso nisso - digo, após uma curta ponderação -, eles devem ter montes de cenas fixas, como vesículas de cabra, que só vendem a clientes especiais que as comem inteiras para ficar com uma pele jovem. A Gwyneth apanhava essa treta para a *Goop* num piscar de olhos. Devíamos ter procurado melhor em Milton Keynes!

Ele desata a rir outra vez.

Não sei bem porquê, mas sou *engraçada* quando estou com o Paul. Engraçada a sério. Ele faz-me ser engraçada. E sei que isso é atraente... até *eu* me sinto atraída por mim.

- Credo, és tão genial e sensual - repete ele.

A química entre nós é palpável, todas as partes de mim reagem a ele. Devia estar neste momento a usar um pensinho diário.

Após o que pareceu uma eternidade a esperar que ele voltasse de viagem, o Paul e eu estamos finalmente no nosso há muito aguardado segundo encontro. E estamos a comemorar com um percurso intenso de vários bares,

terminando neste, no qual entrámos há duas horas. Toda a noite foi... bem, mágica. Não há outra palavra. Não houve pausas na conversa, nenhuma estranheza, apenas sedução ilimitada e uma conversa divertida e um pouco tonta. E *muitos* olhares desejosos entre os dois. Podíamos alimentar a rede elétrica nacional com a tensão que cresce entre nós.

Uma parte de mim sente-se estranha, aqui sentada a gostar tanto deste homem, ao mesmo tempo que troco mensagens com o Alistair e o Will. Será correto? Será injusto para o Paul? Ou injusto para todos? Será uma forma de traição? A linha difusa que separa o bem do mal fica cada vez mais fina e ténue.

A troca de mensagens com o Will está a ficar mais rápida e intensa desde o outro dia nas urgências. As piadas e os trocadilhos não param. É exatamente como antes. Mas agora que não tenho um namorado para me distrair, é mais fácil e ainda mais intenso. Ontem à noite, procurei @losingthewill no Twitter. Continua lá e o charme e intelecto dele continuam familiares e sedutores.

Não menciona qualquer relação, mas também era pouco provável. O Twitter não é um sítio onde alguém partilha fotos de noivado, é onde se estraga as piadas de desconhecidos observando como tudo é tão problemático.

- Ah, Esther, vais rir-te de mim - diz o Paul, tapando os olhos, subitamente tímido. - Acabei de perceber como és parecida com uma estrela clássica de Hollywood chamada Greta Garbo. Quando ela era nova e glamorosa, obviamente.

Estranho, tenho a certeza de que ele disse isso da última vez. Lembro-me bem, porque a única coisa que sei sobre a

Greta Garbo é que ela tinha sobrancelhas muito finas, à anos 90. Ele disse-o exatamente da mesma maneira, todo tímido e delicado. Falámos disso durante séculos, é estranho que se tenha esquecido.

Mas andamos todos a repetir as mesmas tretas sempre que abrimos a boca, não é? Metade do meu relacionamento com o Idris era assentir gentilmente quando ele me voltava a contar a mesma história. E julgo que ele diria o mesmo das minhas conversas.

O Paul estende o braço sobre a mesa. A pele dele na minha lança algo indefinível por todo o meu corpo. Acaricia as costas da minha mão com o polegar, sempre a olhar para mim como se eu fosse a única pessoa que alguma vez existiu. O sangue ruge nos meus ouvidos. Desejo-o *tanto*.

Eu e o Will não temos nada assim. Isto, com o Paul, *isto* é real. E se eu tiver de sacrificar a missão, incluindo o Will, para ter uma oportunidade no amor com o Paul, é um preço decente a pagar.

Que se lixe, vou ser corajosa. Vou dizê-lo. Já perdemos demasiado tempo. Tantos anos de saídas à noite que podíamos ter tido; tantos jantares, tantas idas ao cinema, todo o sexo que não fizemos, todo o ficar deitados na cama enquanto nos provocamos mutuamente, a discutir quem vai ter de se levantar para fazer chá. Perdemos tanto por causa de mau *timing*. Não posso deixar que percamos mais uma oportunidade.

- Paul - engulo em seco -, tenho de dizer isto. Acho que ambos sabemos que existe algo entre nós. É óbvio para toda a gente que gostamos loucamente um do outro, mas é mais

do que isso. Damo-nos tão bem e divertimo-nos tanto, acho que devíamos tentar a sério, não achas? Algumas saídas, alguns beijos... Vamos ver se as coisas entre nós podem tornar-se algo real e fantástico?

Segue-se um silêncio, carregado de expectativa. Tento ler-lhe a expressão, interrogando-me se me vai beijar ou se vai falar primeiro. Meu Deus, espero que me beije, quero beijá-lo há tanto tempo.

A boca dele abre-se e sorrio docemente, até começar a entender as palavras.

- Lamento muito, Esther, mas não sinto isso. Não quero sair contigo.

O quê?

- Lamento se te dei a impressão errada - titubeia ele, olhando para a mesa. - Sempre pensei que éramos bons amigos.

O quê? Desculpa, o quê?

A humilhação esmagadora abate-se sobre mim e sinto o rosto a arder enquanto ele continua.

- É verdade que às vezes namoriscamos um pouco, mas não me apercebi de que achavas que era mais do que isso. É assim que somos quando estamos juntos, não é? Somos os dois atrevidos, é só um pouco de diversão.

Oh meu Deus oh meu Deus oh meu Deus, isto é tão embaraçoso. Como pude...? Sou tão estúpida. Sinto a garganta seca e pego na minha bebida para poder fazer algo. Com as mãos a tremer, bebo um travo de vinho azedo. Como pude entender isto tão mal? Terei andado a mentir a mim mesma? Terei inventado todos os momentos entre nós? Terei

visto algo que não existia na maneira como ele namoriscava e me elogiava e me tocava constantemente?

Algo se agita no fundo da minha mente. Algo vago e indefinido. Ele deita-me um olhar ansioso.

- Honestamente, não fazia ideia de que sentias isso, Esther, desculpa. Mas não quero mesmo perder esta amizade. Podemos esquecer isto, por favor? Fingir que os últimos minutos nunca aconteceram e voltar à diversão? És tão importante para mim. Por favor?

Ele volta a agarrar-me a mão e aperta-a gentilmente. Isso não é uma coisa de amigos, pois não?

Ah. Lá está. O clique.

- Hum, Paul? - Bebo mais um travo longo de vinho ácido e retiro a mão. - Tu tens muitas amigas?

Ele franze a testa.

- Sim, acho que sim.

- E são quase todas solteiras?

O franzir de testa fica mais pronunciado.

- Bem, hum, sim, quase todas.

Debruço-me sobre a mesa.

- E elas são, tipo, amigas umas das outras? Ou normalmente saís com elas só a dois?

Ele remexe-se na cadeira, parecendo pouco confortável.

- Hum, só a dois. Mas o que importa isso agora? O que tem isso que ver connosco?

Assinto, sentindo o duro choque da verdade. Ele é um Colecionador. É uma porra de um Colecionador. Fui tão cega, *claro* que é um Colecionador. É um daqueles homens que gosta de manter à sua volta um harém de mulheres,

todas meio apaixonadas por ele, para o adorarem como um ídolo. Mas não quer estar *com* elas, isso dá demasiado trabalho. Sai com cada uma separadamente, fazendo-a sentir-se especial e amada, e tira daí toda a emoção de uma namorada por uma noite, sem o compromisso ou os sogros ou ter de comprar prendas de aniversário. Até pode *ter* uma namorada, mas ela nunca irá conhecer as suas “amigas” e elas nunca a irão conhecer. Mas será brandida como uma arma, se alguma delas ficar com veleidades e quiser mais dele. E é por isso que às vezes parece que reutiliza os mesmos chavões... porque é *mesmo* isso. Provavelmente, tem todo um sistema de classificação para não confundir todas as suas mulheres.

Sinto-me uma idiota. Porque devia ter percebido mais cedo. Já vi Colecionadores antes, montes deles. Lembro-me de a Lou ficar apaixonada por um há muitos anos, e demorou uma eternidade a libertar-se do encanto dele. Mas não percebi que o Paul era um! Acho que foi porque, até agora, houve sempre motivos legítimos para não podermos ficar juntos.

Ele não quer sair comigo, não quer sair com nenhuma das mulheres que seduz, que mantém presas por um fio. Mas quer ter essa *opção*. Quer saber que, em qualquer direção para onde se vire, encontrará uma mulher faminta de afeto que fica pendente de cada palavra dele. Oh, meu Deus, não posso crer que fui uma dessas mulheres. Durante *séculos*! Que idiota.

– Por favor, Esther, podemos continuar a ser amigos?

Ele estende os braços para segurar as minhas mãos, mas a magia desapareceu. Reconheço-o pelo que ele é e isso libertou-me. Subitamente, ele já não é tão deslumbrante, já não é tão atraente. É apenas um homem pequenino que precisa de uma massagem ao ego. Fez-me sentir desejada e amada durante tanto tempo, mas eu não era desejada ou amada. Agora que sei a verdade, os ombros largos dele perderam o encanto.

- Esther? - insiste ele, nervoso. - A sério, gosto muito de ti e nada tem de mudar. Podemos continuar a divertir-nos e a namoriscar, isso não tem de mudar. Não quero mesmo perder-te.

- É claro que não - respondo cordialmente. - Tenho a certeza de que fui uma das tuas fãs mais fervorosas. Uma das peças mais preciosas da tua coleção.

Ele franze a testa.

- O que queres dizer?

- Não importa - respondo despreocupadamente. - Também não tem mal. Pelo menos, para mim. Coitadas das outras peças na tua coleção, espero que um dia também se libertem de ti. - Faço sinal ao empregado de mesa. - Vamos pedir a conta? Acabei de me lembrar de que paguei a conta da última vez... por acaso, das vezes anteriores também. Que tal se pagares esta? - Ele põe um ar alarmado e dou-lhe uma palmadinha no ombro. - Adeus, Paul, foi bom voltar a ver-te, nem que seja porque percebi que nunca foste uma Oportunidade Perdida. Nunca foi uma oportunidade. Nunca fomos uma oportunidade. - Levanto-me, sentindo-me poderosa e, finalmente, segura de mim mesma. - Obrigada

pela diversão. Apesar de isso ser quase tudo mérito meu, para ser franca. – Faço uma pausa. – Mas é verdade que, ocasionalmente, me levantaste o ego, fico-te grata por isso. – Ele olha para mim, boquiaberto, quando me despeço com um aceno. – Adeus, não voltes a mandar-me mensagens.

Saio porta fora precisamente quando a conta chega à nossa mesa.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

- Por acaso, sinto-me estranhamente animada!

Enfio a jarra na sanita, deixo-a encher de água e depois esvazio-a na banheira. A Lou observa-me com interesse.

- Estás a falar a sério? - estranha ela, deitando-me um olhar ansioso enquanto volto a encher a jarra com água da sanita a transbordar. - Depois de tudo o que aconteceu com o Paul? Depois de toda aquela expectativa, apenas para perceber que ele não passa de um cretino abusador?

A sanita está a fazer a cena do costume e a Louise e eu estamos num impasse acerca de quem vai telefonar ao senhorio. A Bibi é a única que se consegue fazer ouvir, mas está desaparecida em combate.

- Sim - assinto com sinceridade. - A sério! Estou um pouco triste por não ter funcionado e sei que devia sentir-me humilhada pela rejeição, mas, por algum motivo, não me sinto assim.

Ela pestaneja para mim, claramente perplexa. Afinal, somos duas pessoas que normalmente se sentem humilhadas pelas coisas mais ínfimas.

- A questão do Paul esteve sempre a pairar sobre mim - tento explicar. - Tipo, sempre me culpei por algo nunca ter acontecido entre nós. E mesmo se tivesse conhecido alguém e essa pessoa fosse a minha alma gémea, acho que uma pequena parte do meu cérebro interrogar-se-ia sempre se o Paul teria sido uma alma ainda mais gémea, entendes? Uma vez, rejeitei um tipo mesmo fixe porque estava convencida de que as coisas com o Paul estavam prestes a acontecer.

Mas agora sei! – Sorrio para a Lou, do outro lado da sanita. – E sinto genuinamente que escapei de boa. Imagina namorar com o Paul! Todas aquelas amigas que ele cultivava para estarem sempre meio apaixonadas por ele! Seria uma constante luta de poder, com ele sempre a iludir-me acerca das “amigas”. A insinuar que eu era maluca por rejeitar que fosse mais do que isso.

– Como fizeste ao Idris com o Will! – As palavras saem-lhe da boca assim que o pensamento lhe ocorre e um ar pesaroso cai-lhe logo sobre o rosto. – Oh, meu Deus, desculpa, Esther. Não quis dizer isso. Desculpa, a sério. É claro que não tens nada que ver com o Paul Colecionador. Ele é um manipulador, tu estavas numa má situação.

– Não, tens razão – sussurro. – Eu fiz o que fiz ao Idris e sinto-me uma porcaria por causa disso. – Faço uma pausa, de cabeça tombada. – Lembro-me de uma vez, quando ele encontrou umas mensagens entre mim e o Will. Assim que me perguntou o que eram, fiquei zangada. Ou melhor, *fingi-me* zangada, que tipo de pessoa faz isso? Atirei-lhe à cara que não devia ler as minhas mensagens. Acusei-o de ser uma espécie de criança ciumenta a bisbilhotar no meu computador. E depois acusei-o de ficar perturbado por eu ter um amigo homem. – Solto um suspiro. – Foi só para ganhar tempo, para ter um minuto para engolir a culpa que sentia e desviar a conversa noutra direção. Mas a porra da verdade era que eu *sabia* que estava a passar das marcas. Sabia perfeitamente que estava a fazer algo de errado. Mas não queria parar. Gostava demasiado da mensagem no ego e da excitação que sentia com o Will. Eu amava o Idris, mas

seduzir assim um desconhecido era tão excitante. – Olho de relance para a Lou, que me deita um olhar ambíguo. – A dada altura na discussão, ele até me pediu *desculpa*, Lou. A mim! Fi-lo sentir que estava maluco. Não o posso negar, manipulei-o por completo e sinto-me profundamente envergonhada.

Ela engole em seco, mas não diz nada, apenas me faz festas no braço.

– Às vezes, receio ser má pessoa – digo por fim, num sussurro.

– Não és nada – replica ela numa voz baixa, mas fervorosa. – Fizeste algumas coisas más, toda a gente faz, mas isso não significa que sejas má pessoa. – Respira fundo. – Achas que é boa ideia contactar o Idris? Quer dizer, vocês passaram por tanto juntos. Tipo... – Ela interrompe-se. – Talvez seja altura de fazer uma pausa na missão?

Antes que eu consiga responder, o meu telemóvel vibra e ronco uma risada quando vejo a mensagem.

Will (Twitter)

Alguma vez tiveste de dar uma amostra de urina no médico? Quanto é que achas que uma pessoa deve encher o frasco de amostra que nos dão? Menos de metade parece forreta, mas encher o frasco parece um pouco exibicionista, não?

16h21

Mostro a mensagem à Louise e ela põe um meio-sorriso ligeiramente enojado.

- Bom, se não vais desistir, o que vais fazer *com* o Will? - interroga ela, tirando-me a jarra da mão e começando a tirar água. Ainda não é a vez dela, mas estou a fazer um trabalho terrível, há água por todo o lado. - Vocês vão encontrar-se ou vão continuar a namoriscar por mensagem até ao fim dos tempos?

Solto uma espécie de grunhido, sento-me na banheira e apanho com alguns salpicos quando ela esvazia a jarra.

- Estou preocupada - admito. - Da última vez, era incrivelmente fantástico nas mensagens, tínhamos uma química fantástica *online*, e depois, quando finalmente nos encontrámos, foi apenas *agradável*.

- Mas vocês andaram, tipo, cinco, seis meses, não foi?

- Sim, mas foi uma relação de culpa.

Ela inclina a cabeça para mim, curiosa.

- Uma relação de culpa?

- Sabes, porque achava que lhe tinha dado corda. Tipo, acho que dei corda a toda a gente. Fingi que ele era espetacular e que tinha valido a pena estragar tudo com o Idris. Não podia acabar com ele, tipo, dois segundos depois e voltar a correr com o rabo entre as pernas. Tinha de fingir que era bom durante algum tempo.

Ela assente compreensivamente.

- Mas se é tão desinteressante na vida real, talvez não valha a pena encontrares-te com ele - sugere a Louise.

Solto um suspiro.

- O problema é esse, Lou - digo-lhe. - Ele não era propriamente *desinteressante*. Era apenas... agradável. Tipo, era tudo perfeitamente agradável e perfeitamente banal

entre nós. Não havia qualquer motivo para *não gostar* dele. E não havia qualquer motivo para *gostar* dele.

– Isso é do pior! – grita ela.

Assinto, sabendo bem que ela já esteve nessa posição. E ambas sabemos como, às vezes, essas são as relações mais difíceis de terminar.

Volto a suspirar.

– Mas talvez o Will tenha mudado? *Eu* mudei nos últimos anos, não é verdade? E não é esse o objetivo de tudo isto? Ver se algum dos meus ex-namorados tinha algo que me tenha escapado? – Faço uma pausa e estendo a mão para a jarra. Ela deixa-me pegar nela. – Estava destrozada com a maneira como as coisas tinham acabado comigo e com o Iddy, mas tinha de fingir que não estava... porque foi por minha causa que acabámos. A decisão foi minha, por isso achava que não tinha o direito de sofrer pela perda. É o problema das relações de transição, subitamente estás com uma pessoa nova e tens de fingir que já não sentes nada pela pessoa anterior. Por isso, talvez eu não tenha dado ao Will uma oportunidade a sério nos cinco meses em que estivemos juntos.

– Acho que faz sentido – assente a Lou, secando as mãos à toalha.

– Seja como for, ele sugeriu que falássemos por FaceTime esta semana. – Sinto um nó na barriga ao ouvir as minhas palavras. – Talvez me encontre com ele pessoalmente depois disso. E, sabes, se ele for mesmo desinteressante e aborrecido, ou começar a repetir piadas velhas do *Seinfeld* durante a chamada, a coisa fica por aí.

- *Seinfeld*?

A Lou torce o nariz e eu afasto a confusão dela com um aceno.

- Ele faz isso. Acho que a maioria das piadas dele são roubadas do *Seinfeld*.

Caímos num silêncio cúmplice: encher, esvaziar, enquanto apreciamos vagamente o som da água ao vertemos a jarra para a banheira. Há algo ligeiramente satisfatório, algo catártico, em todo o processo.

- Esta jarra foi boa ideia - comenta a Lou, distraidamente.

- Bem melhor do que usar uma caneca.

Estreito os olhos para ela.

- Que caneca estavas a usar?

Ela fica com um ar culpado durante um minuto.

- Oh, hum, decididamente, não era uma das tuas. - Não me olha nos olhos. - Era uma caneca velha do Sven, juro.

- Hum.

Fito-a com demasiada intensidade, falho a banheira e despejo a maior parte da água da sanita em cima dos meus pés. É bem feito.

EX-NAMORADO N.º 6: WILL AKUFFO

A Transição

Parte Três

Em casa do Will

Na cama desconfortável dele

0h47

- Foi fantástico. - Sorrio para o Will, ligeiramente ofegante. - Mesmo fantástico!

Do outro lado da cama, ele também sorri.

- Foi mesmo! És espantosa! Estou tão feliz por estares aqui.

Ele inclina-se para mim para me dar um beijo na cara. É um gesto doce e carinhoso, que me causa um aperto no coração. Não pelo Will, mas pelo Idris.

Mas isso vai passar. Sei que sim. Fiz a coisa certa. Acabar com o Idris foi a *escolha certa*. Passámos bons momentos, não foi nada mau. Mas três anos é muito tempo para estar com alguém! E só tenho 27 anos; sou demasiado nova para andar a falar de casamento e bebés e todas essas cenas até que a morte nos separe.

Além disso, estar com o Will compensa todo o drama. Temos uma ligação a sério, algo especial. Gosto mesmo dele. Muito! Mesmo.

Ele percorre a minha clavícula com o dedo e desce até à ponta do meu mamilo.

- Pop! - solta ele, dando-lhe um leve piparote.

Faço uma careta.

- Por favor, não faças isso - sussurro, desejando poder cobrir a minha nudez, mas não querendo parecer tímida.

- Desculpa - diz ele, atrapalhado. - A minha ex-namorada gostava.

Sorrio depressa para compensar a irritação na minha voz.

- Estão um pouco sensíveis - explico, fazendo uma pausa.

- Por causa do sexo fantástico que acabámos de fazer.

Ele assente, satisfeito consigo mesmo, e eu expiro, aliviada.

Quer dizer, provavelmente não vou ter de fingir por muito mais tempo! Toda a gente tem de fingir no início, não é? Demora algum tempo, sabem, a habituarmo-nos ao corpo e aos gostos um do outro. E a levar piparotes nos mamilos sem motivo aparente. Duvido muito que a ex-namorada dele gostasse mesmo disso.

Ele deita-se de lado e olha para mim. O pénis pequeno e murcho tomba-lhe sobre a coxa e tento não olhar.

Está bem, andar com o Will tem sido... uma adaptação. Mas isso não tem de ser mau! A vida é feita de mudança. Ele não é como o Idris, só isso. Tem uma cara diferente e um rosto diferente e um pénis diferente. Vou habituar-me a isso, a *ele*, e vou acabar por gostar disso. Quer dizer, dele.

Só andamos juntos há poucas semanas. Poucas semanas desde que acabei com o Idris e fui a correr para os braços do Will. E até agora tem sido... agradável! Ele é mesmo

simpático e muito atencioso. É agradável. É bom. Na verdade, é fantástico!

O Will liga a televisão e está a dar uma repetição de *Todos Gostam do Raymond*. Seca.

Aconchego-me a ele, sentindo e apreciando o seu calor. Ele passa um braço à volta do meu corpo e inalo o aroma dele.

Veem? Isto vale mesmo, mesmo, *mesmo* a pena.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

- Acham que eu - uf uf uf - pareço o tipo de pessoa que raptava a vossa filha?

- Não tenho uma filha - observa a Bibi, com uma respiração praticamente normal.

- Obrigada pelo pedantismo, Belzebu - reajo, arfando pesadamente. - Certo, eu pareço - hã hã - alguém capaz de raptar *uma* criança?

- Não, decididamente, não - responde a custo a Louise, ofegante.

- O QUE ESTÃO A DIZER? - grita a Alex, no fim da linha de máquinas, com os auriculares nos ouvidos.

- É bom saber. - Uf uf uf. - É que, quando cheguei, há pouco... - Carrego nuns botões e abrando o tapete para conseguir falar normalmente. - Uma mulher estava a sair do ginásio com a filha e deitou-me um olhar mesmo acusador, meninas. E depois puxou a filha para mais perto quando passei por elas, sem parar de olhar para mim com desconfiança. Como se eu fosse raptar-lhe a filha. E nem sequer é a primeira vez que isso acontece. Os pais estão sempre a afastar os filhos de mim!

- Eu vi essa mulher! - confirma a Bibi. - A filha dela nem sequer era assim tão gira, porque haverias de a raptar? Ela *queria* que alguém lhe quisesse raptar a filha.

- Quem é que traz uma filha pequena para o ginásio? - comenta a Louise, imitando-me ao abrandar também o tapete.

Está tão suada como eu, o que é reconfortante. Pensava que, de nós as quatro, eu era de longe a que estava mais em baixo de forma.

- O QUE ACONTECEU? - grita a Alex, que continua sem tirar os auriculares dos ouvidos.

- Mas, para ser franca... - A Bibi continua a correr; parece ter um pouco de calor, mas não está sequer a suar. - Quer dizer, uma pessoa não sabe que aspeto tem um raptor de crianças nos dias que correm, pois não? E os teus olhos são muito arregalados.

Ela deita-me um olhar desconfiado e eu fito-a nos olhos. Então lembro-me de que os meus olhos ficam ainda mais arregalados quando fito outras pessoas e desvio o olhar.

- Como é que olhos arregalados é sinónimo de criminoso? - pergunta a Louise, correndo lentamente no tapete.

- O QUE É PERIGOSO? - grita a Alex, sempre a mascar pastilha elástica, até no ginásio.

A Bibi encolhe os ombros.

- Então, agora sou assassina de crianças e tenho olhos sinistros - pondero. - É bom saber.

Observo-me no espelho do chão ao teto diante das máquinas de exercício. Não é uma visão bonita. Não estou tão corada como a Lou, mas estou bastantenojenta. Um anel escuro de suor rodeia a gola da minha *T-shirt* e o meu cabelo está colado em fiapos à volta do meu rosto.

- Ninguém falou em *assassina* de crianças - protesta Bibi, exasperada. - Apenas pareces capaz de *levar* a criança. Mas acho que te limitarias a passear com ela no parque e a dar-

lhe gelado. E depois aborrecias-te, quando ela começasse a choramingar, e trazia-la de volta.

- Ah, obrigada, Bibi!

Prendo-a com um sorriso radiante assim que desligo a máquina. Esta apita em protesto e mando-a lixar em silêncio.

- Vou remar um pouco, alguém quer vir remar?

- ESTÁ A NEVAR? - grita a Alex, perplexa.

Vamos ao ginásio muito de vez em quando, e apenas quando podemos ir todas para apoio mútuo. Sem a pressão dos pares, acho que nunca faria exercício. Hoje até convidámos a Sofia, mas ela tinha outro encontro do *Tinder*. Parece andar a divertir-se muito desde a ida ao hospital. Tem mais encontros do que eu e fico feliz por ela. Estou mesmo a tentar controlar a cena dos ciúmes.

- Eu vou! - A Lou salta para fora da máquina, quase tropeça, e chama a atenção da Alex. - AGORA VAMOS REMAR - enuncia em silêncio, apontando para as máquinas ali perto.

A Alex tira os auriculares e vem ter connosco, limpando suor da testa.

- O que perdi? - pergunta. - Estamos a falar da missão da Esther? Já saíste com o Will?

- Claro que não - corta a Bibi, revirando os olhos.

Eu e a Lou trocamos um olhar e ocupamos rapidamente as duas máquinas de remar entre elas as duas.

- Bom, não - acrescento prontamente. - Eu e o Will ainda estamos a trocar montes de mensagens, mas uma grande parte de mim sente que esse relação está, e estará sempre... sei lá... *manchada*. Sei que não faz muito sentido, mas

sempre que penso nele, sinto umas pontadas horríveis de culpa. – Faço uma pausa. – Nunca pensei que eu fosse do tipo de trair alguém, nunca jamais em tempo algum. Mas quando aconteceu, tudo pareceu inevitável. Como se não tivesse controlo nem voto na matéria. – Baixo o olhar para a máquina, envergonhada. – Sei que é só uma desculpa. Mas na noite em que aconteceu, era o que eu dizia a mim mesma.

Alex franze a testa, intrigada.

– Como foi que aconteceu?

Solto um suspiro.

– Bom, andávamos a trocar mensagens há semanas e as coisas começavam a ficar descontroladas. Ele andava a pedir-me um encontro há séculos e eu dizia sempre que não. E então, certa noite, estava a beber um copo com a minha assistente Katie, que tinha começado a trabalhar para mim pouco antes. Tínhamos tido uma semana de conferências no museu que acabara nesse mesmo dia e queríamos comemorar. Eu estava mais ou menos *determinada* a apanhar uma piela, engolindo copo atrás de copo de *prosecco*. Agora é bastante óbvio que eu queria uma desculpa para fazer o que fiz.

Pego na toalha para limpar a testa suada. É um pretexto óbvio para secar os olhos, que começam a encher-se de lágrimas. A Louise estende o braço e dá-me uma palmadinha nas costas, recebendo em troca uma mão repleta de suor.

– Então – continuo, tentando recuperar a compostura –, *deixei-me* embriagar. *Deixei-me* apanhar um *Uber* até casa do Will. *Deixei-me* beijá-lo quando ele abriu a porta. E *deixei-me* cair logo na cama dele. Não parava de dizer a mim

mesma que tudo aquilo eram coisas que *me* estavam a acontecer. Eu não tinha o mais pequeno controlo, era apenas uma vítima passiva do destino. – Reviro os olhos. – E a parte pior foi que também não tinha o mais pequeno controlo sobre a culpa horrível que veio a seguir. Foi por isso que fui direta para casa e contei tudo ao Idris.

– Pelo menos disseste-lhe – conforta a Bibi.

Assinto lentamente.

– Mas é também por isso que estava tão determinada a fazer com que a relação com o Will funcionasse. Não parava de dizer a mim mesma como ele era fantástico e como tudo era perfeito entre nós. Tipo, tinha de funcionar! Porque *tinha* de valer a pena toda aquela dor. Ele tinha de valer a pena.

Ficamos em silêncio. Estendo a mão para regular a máquina, evitando o olhar delas. Receio ver uma acusação ou, pior ainda, piedade.

A Alex tenta aliviar o ambiente.

– Bom, e o Namorado Sério, já tentaste entrar em contacto com ele?

Abano a cabeça.

– Ainda não, mas, para ser justa, não tenho o número dele. Apaguei-o quando acabámos.

– Não o escreveste em lado nenhum? – quer saber a Alex, puxando com força na máquina dela.

– Quem é que escreve números de telefone? – protesta a Bibi, a mexer na sua própria máquina.

Ignoramo-la.

– Ele não está nas redes sociais – explico. – Nunca estive. E o único endereço de *e-mail* que tenho é de um antigo

trabalho. Sei que já não está lá, por isso não sei bem o que fazer.

Olho de relance para a Lou. Ela está a puxar na máquina, não querendo deliberadamente participar na conversa.

- Espera lá, o Sven não tem um número ou um *e-mail*? - sugere a Bibi, inclinando-se para conseguir olhar para a Lou.

A Lou começa a remar mais devagar, mas não diz nada, por isso digo eu.

- Hum, sim, o Sven saberia...

Sinto-me muito desconfortável.

A Alex levanta o rosto enquanto aperta um cordão.

- Porque saberia o Sven?

- Ele e o Idris ainda são amigos - explico cautelosamente.

- São amigos há séculos, desde a escola. Eu e o Idris é que combinámos o primeiro encontro da Louise e do Sven, quando ainda estávamos juntos.

A Bibi lança à Louise um olhar de expectativa.

- Então?

A Louise olha finalmente para nós.

- Ohhhhh, é tão estranho, OK?! - geme ela. - O Idris ficou tão devastado quando acabaste com ele. O Sven diz que ele demorou uma eternidade a recuperar. Sinto-me maaaaal!

Uma sensação de vergonha abate-se sobre mim.

- Desculpa, Lou, não te quero arrastar para o meio disto.

Ela afasta o rabo de cavalo suado do ombro.

- Francamente, o Sven nem sequer fala *comigo* acerca do Idris! Nunca falámos dele desde que vocês acabaram. Perguntei-lhe pelo Iddy quando começaste a missão e ele disse-me de chofre que não se ia envolver e que eu também

devia ficar de fora. Disse qualquer coisa acerca de uma *firewall* ética.

- Um pouco presunçoso - resmunga a Bibi.

A Lou tenta mudar de assunto.

- E o Alistair? Ele ainda está em jogo, não está?

- Vou estar com ele um dia destes, para mais um encontro de *amigos*. - Resisto ao impulso de revirar os olhos. - Já passaram alguns meses e ele ainda não me confessou o seu amor eterno nem nada. Além disso, olá, tem namorada, lembras-te?

- Tirando o Idris... - A Bibi puxa vigorosamente na máquina dela e continua sem suar. - Só te resta o Carl, o Erro no Trabalho, e o Rich, o Sacana, certo? - Debruça-se então para olhar fixamente para a Lou. - Queremos *mesmo* que ela vá falar agora com o Rich, o Sacana?

A Louise larga de forma dramática a máquina de remo.

- Está bem! Eu dou-te o *e-mail* do Iddy. Vamos despachar isto.

- Agora?!

A minha voz soa aterrorizada quando paro subitamente de remar e quase caio abaixo do assento.

- Porque não? - interroga a Bibi, pegando no meu telemóvel pousado na minha toalha suada. - Faz isso agora ou podes perder a coragem. Além disso, assim podemos ajudar-te a escrever o *e-mail*.

- Desculpem, mas estão mesmo a usar as máquinas de remo?

A sombra de um enorme monstro musculado envolve-nos em penumbra e viramo-nos ao mesmo tempo para o encarar.

- Estamos, sim - responde calmamente a Bibi, imóvel na sua máquina.

A Louise começa a puxar distraidamente na sua máquina enquanto a Alex fita o Arnie nos olhos. Eu escondo a cara no telemóvel até ele ir embora, sempre a mais corajosa.

Ele resmunga e afasta-se, de volta para o canto dos pesos de onde saiu.

- Se calhar, devíamos levantar-nos - sussurra a Lou.

- Nem penses! - rejeita a Alex. - Pagámos o mesmo que ele para estar aqui e o grupinho dele faz-nos sempre sentir que não somos bem-vindas à zona dos pesos, por isso, ele pode ir à merda.

Olho de relance para a Bibi, sabendo bem que ela devia concordar, mas ela permanece em silêncio, de novo a regular a máquina. Vai ser preciso muito para admitir que começa a gostar da Alex, mas tenho fé que vai acontecer. Mais cedo ou mais tarde.

Abro a aplicação de *e-mails* e a Lou lê o endereço. Francamente, é irritante perceber como facilmente o podia ter adivinhado.

Nova mensagem

Para: Idris.Abara@gmail.com

De: estherthecchef98234@hotmail.co.uk

Assunto: Entente Cordiale

Olá, Iddy,

Enviado do meu iPhone

- Esperem, *Iddy* é demasiado pessoal?

Olho para as três cabeças demasiado perto de mim.

- Sim - confirmam as três ao mesmo tempo.

- Oh.

Já me sinto uma idiota e ainda só escrevi duas palavras. Talvez devesse ter esperado para fazer isto em casa, sem todos aqueles olhos sobre mim.

Nova mensagem

Para: Idris.Abara@gmail.com

De: estherthechef98234@hotmail.co.uk

Assunto: Entente Cordiale

Olá, Idris,

Espero que não haja mal em mandar-te um *e-mail* assim sem mais nem menos. Desculpa se te venho despertar memórias desagradáveis.

Enviado do meu iPhone

- Acho que isso é um bocadinho de mais - observa a Alex.
- Não queremos que pense que tu achas que ele ainda está de rastos depois de todos estes anos.

- Concordo - assente a Lou.

A Bibi faz uma careta.

- Está bem - suspiro enquanto apago.

Isto pode demorar algum tempo.

Nova mensagem

Para: Idris.Abara@gmail.com

De: estherthechef98234@hotmail.co.uk

Assunto: Entente Cordiale

Olá Idris,

Espero que não haja mal em mandar-te um *e-mail* assim sem mais nem menos. Sei que já passaram alguns anos desde a última vez que falámos e compreendo perfeitamente se preferires deixar as coisas assim. Mas estava a pensar em como andarias e como seria a tua vida agora. Gostava mesmo se pudéssemos tomar um café e pôr a conversa em dia. Adorava ver-te de novo. Depois diz-me alguma coisa.

Beijo Esther x

Enviado do meu iPhone

- Acho que está bem! - declara a Alex.
- Eu tirava a parte do “adorava ver-te de novo”. - A Bibi amua. - Acho que dá um tom demasiado ansioso. Não queres que pense que queres reatar a relação ou algo assim.
- Mas, e se ela *quiser* reatar a relação? - pergunta a Lou, nervosa.
- Bom, isso é uma daquelas pontas que podem ser cruzadas e tudo o mais - responde a Bibi, com um aceno de mão.
- Seria mesmo bom voltar a vê-lo e falar com ele - digo num tom sonhador. - É tão estranho quando acabamos uma

relação de longo prazo. Passamos de saber todas as pequenas informações inconsequentes acerca da vida dele... as hemorroides voltaram! Um gato olhou para ele de forma estranha! E depois não sabermos nada de nada. Tanto quanto sei, até pode estar casado.

- O Sven certamente teria dito algo, não? - comenta a Alex, olhando de uma maneira um pouco nervosa para a Lou.

A Louise faz uma cara estranha e aperta-me o braço com um ar preocupado.

- Não sei. Espero que sim. Mas ele é tão protetor dos amigos, não sei mesmo.

- Bom, não pode ter mudado *assim* tanto - digo, desafiadora, ao carregar no botão de enviar. - Ele sempre foi um homem simpático e bondoso, enquanto eu era uma pirralha imatura que não o merecia. Na altura, não estava pronta para tudo o que ele me oferecia. Mas talvez agora esteja.

- A sério? - pergunta a Bibi, olhando-me de lado.

- A sério - assinto com confiança.

EX-NAMORADO N.º 5: IDRIS ABARA

O Namorado Sério

Parte Um

Crematório de St. Albans

Sexta fila da capela

13h55

- E este? - sussurro, não muito baixo.

A Lou estreita os olhos, tentando ver o rosto na foto pequena e desfocada.

- Só tem esta imagem? Não é muito nítida.

Pego no telemóvel e arrasto para o lado.

- Só tem esta - confirmo.

Ela faz uma careta.

- Manda-o embora. Não podes confiar numa única imagem.

Envio o perfil dele para a pilha do não.

- Concordo. E este tipo? Tem algumas opções e parece um tipo normal.

- Também o Ted Bundy - diz a Bibi, alto de mais, do outro lado de mim.

- CHIU! - sibila alguém algumas filas atrás.

A Lou volta a pegar no meu telemóvel para ver melhor.

- Oh, acho que já saí com ele. - Passa pelo resto das fotos e assente. - Sim, definitivamente. Era estranho, esse. Trouxe

snacks para o encontro e ficou ali a mastigar e a tresandar a queijo. - Inclina-se para mim. - E não foi só um pacote. Trouxe uma embalagem de 12 e nem sequer me ofereceu um.

- Que falta de educação! - declara a Bibi, de novo alto de mais.

Um novo *chiu* faz-se ouvir atrás de nós.

- Está bem, então é um não - suspiro, recuperando o telemóvel das mãos da Lou. - Oh, e este? Parece muito atinado.

Mostro-lhes uma foto de um tipo com a toga da cerimónia de graduação da universidade.

- Vai por mim - diz a Bibi, revirando os olhos -, ter acabado o curso não significa que seja atinado.

- Mas tu és atinada! - protesto. - Tens o teu fantástico emprego de *marketing* e a vida corre-te bem. Tu adoras, não adoras?

- Sim, adoro - responde ela com cautela. - Mas acho que a empresa não está muito bem. Estão sempre a falar de reduzir o pessoal, isso não nos deixa sentir muito seguros.

- Eles não te mandavam embora! - sussurra a Lou, indignada. - Tu és fantástica.

- Ninguém é indispensável - reage a Bibi, preocupada, pegando no meu telemóvel. - E este tipo parece um totó. A única informação no perfil é que tirou dois cursos e está a estudar para tirar o terceiro. Que seca!

- Acho que alguém *demasiado* inteligente pode ser um pouco intimidante - acrescenta a Lou, ansiosa.

Sem dúvida. Adeusinho.

- E este tipo?

A Lou está a observar o telemóvel por cima do meu ombro.

- É muito bonito e parece simpático. Além disso, nunca saí com ele! - Ela parece ficar um pouco contrariada por um momento. - Na verdade, ei! Porque não apareceu ele no meu *Tinder*?

- Pois. - Olho para a fotografia que preenche o meu ecrã. - Já o vi no meu *Hinge*, no meu *Bumble*, no *Match.com*, no *eHarmony*, no *Guardian Soulmates* e agora no *Tinder*. Parece simpático, mas talvez... sei lá, um pouco básico? Sei que é mesmo bonito, mas não tenho a certeza se gosto muito dele, sabem?

- Façam pouco barulho, por favooooor! - volta a sussurrar a pessoa atrás de nós.

Eu e a Lou trocamos um olhar culpado e guardo o telemóvel na carteira, enquanto a Bibi suspira agressivamente.

Estamos no funeral do meu tio-avô Merton e sei que estamos a ser umas cabras impossíveis, mas estão aqui, tipo, umas seis pessoas, incluindo o vigário. Os meus pais estão à nossa frente e estiveram o tempo todo a falar com a vizinha do tio-avô Merton acerca de um programa qualquer de culinária. As únicas outras pessoas são empregados do lar. Pessoalmente, só o vi uma vez, quando era adolescente, e ele chamou-me “meu rapaz” o tempo todo.

Ficamos caladas por mais alguns minutos, a ouvir o vigário a falar dos anos que o Merton passou em Gales (onde, pelo que diz a minha mãe, costumava gritar com os

galeses por se atreverem a falar, sim, adivinharam, galês). Ups, agora o vigário está a chamar-lhe Michael. Deve ser o próximo serviço.

- Acho que devias dar uma oportunidade a este tipo - diz a Louise, desta vez sussurrando como deve ser. - Quer dizer, nunca se sabe e até pode ser uma escolha decente. Sei que não é o teu tipo habitual, mas o teu tipo habitual não tem funcionado muito bem para ti. - Ela põe um ar pesaroso. - Desculpa dizer-te isto. Mas, quer dizer, meu Deus, não estamos a ficar novas. Daqui a nada vamos ter as duas 25 anos. Temos de atinar se queremos casar aos 27 anos e ter filhos aos 30. Certo? As nossas prioridades mudaram, não é verdade? Devíamos parar de perder tempo com parvalhões.

- CHIIIIIIIIIIIIUUUUUUU!!!

A Lou volta a sentar-se no seu lugar, corada como um tomate. Tiro o telemóvel da carteira e volto a olhar para a foto, observando as feições adultas do tipo. É mesmo bonito e, mais importante ainda, tem uma espécie de onda *bondosa*. Se é possível dizer isso a partir de uma foto. Não tentou ser sério na biografia, mas também não se esforçou demasiado por ser engraçado. Pu-lo de lado tão casualmente nas outras aplicações; parecia óbvio fazê-lo de novo, sem pensar muito bem porquê.

A Lou tem razão. Está na hora de agir como uma adulta. Está na hora de tentar com homens diferentes do habitual. Preciso de um namorado e o Paul, decididamente, não quer o lugar. Maldita *Celeste*. Não posso crer que ele começou a andar com alguém precisamente quando eu queria andar com ele. Que falta de maneiras.

Certo, Idris, vais ser arrastado para a direita.

É uma combinação imediata e algo se agita na minha barriga. A promessa de algo novo e excitante.

Volto a guardar o telemóvel e ouço o vigário a elogiar as muitas virtudes do meu tio-avô... que agora, pelos vistos, se chama Martin.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Certo, portanto, isto não é... horrível? Quer dizer, também não é maravilhoso, mas não é propriamente mau.

No ecrã diante de mim, o Will não parece muito diferente do homem que recordo. As feições continuam no mesmo sítio, ainda tem braços e pernas. Os olhos mantêm um nível medíocre de brilho.

E a nossa conversa é ainda... agradável?

Após um pouco de conversa fiada acerca de como o mundo mudou desde a altura em que fazíamos sexo, tentámos pelo menos recuperar alguma da nossa magia *online*.

- O que achas da palavra *húmus*? - pondera ele agora. - É esquisita, não é? Deixa uma sensação esquisita na boca.

- Até gosto. - Assinto. - É satisfatória. As palavras que detesto são as que têm sílabas desnecessárias. Tipo, sei lá, *necessariamente*. Porque precisa a porra da palavra de se arrastar tanto? Ness-ssess-ssaar-iaa-meem-te.

Consigo sentir as sílabas absurdas e o desdém na minha língua.

- Acabei de pesquisar a palavra que tem mais sílabas - diz ele, desviando o olhar da câmara enquanto escreve, e tenta pronunciar o resultado monstruoso: - Pneumonoultramicroscopicosilicovolcanoconiose.

- Intenso - concordo.

Caímos então num silêncio, tentando pensar em mais palavras que odiamos.

Não é uma *má* conversa. Até é bastante interessante. Mas não consigo deixar de pensar que seria mais divertido com alguém como o Alistair ou até o Paul, o Colecionador. Pelo menos, ele fazia-me rir. Se conseguisse pôr de lado a sedução manipulativa, gostaria de ter este tipo de conversa tonta com o Paul, o Colecionador.

Chega de comparações, repreendo-me. Só porque isto não está a correr assim tão bem, tenho de parar de comparar com o último homem que me fez rir ou elogiou.

- Então, esta semana tenho de comprar um presente para uma tia difícil - diz o Will, mudando de assunto após um silêncio demasiado longo. - O que achas que lhe devia dar?

Preciso de toda a minha força mental para não bocejar para a câmara. Detesto comprar presentes para pessoas difíceis, quanto mais lembrar-me de ideias para outras pessoas.

- Hum, sei lá, um pónei? - sugiro, e ele ri-se com agrado.

Veem, ele é agradável. É inegável. É um tipo decente e agradável.

E, uh, é esse o problema com tantos dos meus encontros. O que fazer quando eles são apenas... agradáveis? Tipo, o homem é simpático e é bonito *que chegue*, e dá para ver que é um sujeito decente, apesar de me levar a dizer coisas como *sujeito decente*. Já estive em taaaantos encontros assim. Em que o tipo é simpático e dá para ver que, provavelmente, nos divertiríamos se continuássemos a sair juntos. É claro que não haveria fogo de artifício, mas talvez isso surgisse mais tarde. Ou talvez a vida não precise de fogo de artifício? É

caro e perigoso e assusta os cães. Na verdade, o fogo de artifício é *mau*.

Dependendo da minha disposição, às vezes consigo ver um futuro para mim com alguém assim. Se passei recentemente um mau bocado numa relação, simpático e decente parece suficientemente bom. Por exemplo, no ano passado, quando acabei com o Rich, só sonhava com um homem decente e minimamente bem-parecido que aparecesse aos encontros e me tratasse bem.

O Will faz uma careta.

- Tenho um cabelo na boca - diz ele, estalando os lábios. - Ah, detesto quando isso acontece, não é irritante?

- Pois - assinto lentamente. - Isso é irritante.

Voltamos a ficar em silêncio enquanto ele tenta localizar o intruso. Observo-o por uns segundos quando ele cruza os olhos a tentar apanhar o cabelo, e depois desvio educadamente o olhar.

Para ser justa com o Will, também estive bastante distraída durante toda a chamada de FaceTime. Tenho muito em que pensar: a ausência de resposta do Idris; a namorada do Alistair; o facto de já só me faltar contactar dois ex-namorados e serem os piores; a atitude distante da Bibi; o que suspeito que a Louise anda a tramar e não quero dizer em voz alta; o facto de a Katie estar prestes a tomar conta do meu trabalho, fazendo com que, provavelmente, eu perca o emprego; todas as fotografias de casamentos e de bebés rechonchudos no Instagram. É demasiado.

- O que achas?

O Will olha para mim, expectante.

- Hum...

Porra. Ele estava a falar e eu não estava a ouvir. Ele parece bastante sério.

- Bem... hum, o que achas *tu*?

Isso funciona e ele continua a falar, algo acerca do chefe e dos recursos humanos. Estou tão aliviada por ter disfarçado que não o estava a ouvir que, mais uma vez, me esqueço de o ouvir.

Sinto-me subitamente tão cansada. Esta chamada está a lembrar-me de como foi insípida a relação com o Will durante os meses em que estivemos juntos. Sinto-me mal, mas não há como o negar, ele foi apenas uma desculpa para eu acabar com o Idris. Fui demasiado covarde para terminar a relação como uma pessoa adulta e enganei-o com o primeiro tipo que mostrou o mais pequeno interesse por mim. E depois deixei que a relação com o Will se arrastasse por uns penosos cinco meses, apenas para provar a mim mesma e a toda a gente que tudo aquilo era genuíno e valera a pena. Felizmente, veio a COVID e o isolamento para me darem uma desculpa para acabar.

Não posso voltar a fazê-lo. Não sinto nada pelo Will e não temos nada em comum. Além disso, tenho quase a certeza de que ele está a ler cartões com dicas de conversação durante esta chamada de FaceTime. Está constantemente a olhar para baixo e a mudar radicalmente de assunto.

- Então, Esther. - Ele pigarreia e a mudança de tom é suficiente para me fazer focar. Olha para mim com um ar sério. - Estou a divertir-me muito, adoro conversar contigo. Gostavas de fazer isto outra vez? - Ele soa nervoso. - Mas

pessoalmente, quero dizer! - Solta uma risada nervosa. - Como um encontro a sério?

Respiro fundo. Desta vez, vou ser adulta. Desta vez, não vou sair com alguém de quem não gosto só porque sou uma covarde patética. Vou ser honesta e madura, e dizer-lhe a verdade. Vou dizer ao Will que é um homem encantador e que foi divertido ter notícias dele, mas não vejo uma ligação entre nós. Vou desejar-lhe felicidades e vamos despedir-nos como adultos.

- Will - começo sobriamente. - Quero que saibas... - Porra, isto é difícil. - Hum, a ligação está sempre a cortar e não ouvi o que disseste.

Fico então parada, como se a imagem tivesse bloqueado, espero alguns segundos e carrego freneticamente no botão para desligar. O rosto do Will desaparece.

Ah, que se lixe, depois mando-lhe uma mensagem de rejeição.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Parece que passaram séculos desde a última vez que viemos ao *The Swab* e ficamos a ver a Bibi a não trabalhar. Tanto aconteceu ultimamente, tantas emoções fatigantes, que é um verdadeiro alívio encontrar aqui um pouco de normalidade, a beber vinho horrível e a falar sobre nada.

- Podes servir aquelas pessoas no bar, Bibi? - pergunta educadamente o Franco.

Ela nem sequer lhe presta a cortesia de o olhar nos olhos.

- Vou já.

Ele afasta-se, atrapalhado, sabendo perfeitamente que a Bibi não vai a lado nenhum.

A Lou dá um empurrão leve à Bibi.

- Porque és tão má para ele, Barbarella?

- Ele merece.

Reviro os olhos e a Lou solta uma risada.

- Não merece nada! A sério, podias ser mais simpática.

- Não - suspira a Bibi, de forma agressiva. - Certo, está bem, vou atender alguns clientes. - Empurra o copo de vinho, zangada, e afasta-se.

No vazio deixado pela saída dela, a Lou olha para o telemóvel, parecendo um pouco perdida.

- Estás bem? - sussurro, dando-lhe um toque.

Ela ergue o olhar, à procura de algo no meu.

- Estou sempre a sonhar com o teu tio-avô Michael, sabes, aquele que morreu? Aquele a que fomos ao funeral há tantos anos, quando viste o Idris no *Tinder*.

- Martin - respondo automaticamente, antes de corrigir apressadamente. - Merton. O tio-avô Merton.

- Merton - anui ela. - Desde que começaste a falar de novo sobre o Idris, comecei a sonhar com ele.

- Hum.

Não sei o que dizer.

- Pois - assente ela, com uma nota de alívio na voz. - Acho que é por me sentir tão culpada por termos sido tão desrespeitosas durante o funeral.

- Sentes-te culpada por causa... disso? - digo lentamente, para ela poder ver como é estúpido. - Sentes-te culpada por algo que aconteceu há cinco anos? Sentes-te mal por causa de um velhote de 96 anos que eu mal conhecia e tu não conhecias de todo?

- Sim - confirma ela. - Não sei porquê, mas sinto-me.

- Lou... - começo lentamente. - Queres dizer-me alguma coisa? - Observo o rosto dela com atenção. - Há algo que me queiras contar? Algo *mais* que te faça sentir culpada? Que possas estar a redirecionar para o funeral do meu tio-avô?

Segue-se um longo silêncio entre nós, e ela é a primeira a desviar o olhar.

- Não, só me sinto culpada por causa do tio-avô Mervyn.

- Merton.

- Certo.

A Bibi regressa e traz com ela uma garrafa. Sorrio-lhe, agradecida, e verifico no telemóvel se recebi algum *e-mail* antes de suspirar alto para ter atenção.

- Ainda nada? - pergunta a Bibi, vagamente solidária.

- Já passou uma semana - queixo-me.

- Provavelmente, não é fácil para ele - diz gentilmente a Lou. - Deve estar a pensar bem sobre o assunto e a escrever a resposta com cuidado!

O meu estômago explode de ansiedade.

- E se ele não responder? Esqueço o Idris e avanço para o Carl? - Faço uma pausa para soltar um resmungo, de braços estendidos sobre a mesa. - Mas o Idris foi uma parte tão importante da minha história romântica! E estava pronto para me dar *tudo*, sabem? Ele queria a cena toda: casamento, bebés, uma casa grande no campo. E tinha um emprego bom que podia mesmo providenciar todas essas coisas! Era uma opção mais sensata do que todos os meus outros seis ex-namorados juntos. Tinha sempre a cabeça no lugar.

- Dava para ver - assente a Lou. - Usava sempre camisolas muito sensatas.

Volto a suspirar.

- Fui tão estúpida por acabar tudo com ele.

- Eras muito nova! - observa a Bibi, defensiva. - Não estavas pronta e isso não tem mal. Não te martirizes por não queres assentar na altura. Querer ficar solteira não é uma doença que precisa de cura.

- Achas que ele estaria recetivo a voltar a andar contigo? - pergunta a Lou, de olhos arregalados.

Baixo a cabeça, um pouco envergonhada com o que vou dizer a seguir.

- Para ser franca - começo a explicar em voz baixa -, acho que sempre soube que o Idris ainda era uma opção. Ele estava tão apaixonado por mim, foi por isso que tive de ser

tão forte quando acabámos, sabem, a apagar o número dele e isso tudo, porque sabia que ele voltaria para mim sem pestanejar se eu lhe pedisse. Não parava de dizer isso quando acabei com ele, que estaria sempre disponível se eu mudasse de ideias. Foi horrível. – Faço uma pausa. – E agora que pensei tanto nele, quero mesmo falar com ele. Quero mesmo vê-lo!

A Lou deixa-se cair na mesa ao meu lado.

– Eu seeeeeei. É como quando vamos uma audição para um papel ou vemos uma pessoa atraente num bar e então não conseguimos parar de imaginar como seria.

– Sim, ou quando vamos a uma entrevista de emprego – continua a Bibi, em voz baixa. – E começamos a imaginar-nos lá, a fazer o trabalho, a arrumar a secretária, a fazer conversa com os colegas, tudo isso. – Ela olha de relance para o Franco. – E pensamos em dizer ao nosso chefe atual para ir à merda. – Volta então a virar-se para nós. – É difícil voltar atrás depois de passar essa linha.

– Então, não há mais empregos disponíveis? – amuo solidariamente.

Ela apoia a cabeça nas mãos.

– Acho que já fui a entrevistas em todas as empresas de *marketing* de Londres. Há sempre, tipo, centenas de candidatos para cada vaga e os recrutadores estão constantemente a dizer-me que eu devia sentir-me orgulhosa por ter chegado à fase de entrevistas. Mas que não sou *bem* o que a empresa procura. – A Lou estende o braço e faz uma festa no braço da Bibi. – Nunca vou encontrar um emprego.

A Bibi soa tão triste que dava qualquer coisa para a poder ajudar.

- Porque não te juntas à minha missão? - sugiro num tom animado. - Isso dava-te algo em que pensar. Podias visitar a tua história romântica para te ajudar a encontrar alguém. Seria bom para ti e, melhor ainda, sempre era uma distração da porcaria da procura de emprego! Porque não, hã?

A Bibi endireita-se na cadeira.

- Porque neste momento não estou interessada numa relação, Esther, já te disse isso mil vezes.

Reviro os olhos.

- Sim, sim, eu sei, mas acho que vais mudar de ideias quando conheceres alguém.

A Bibi fita-me intensamente.

- Não digas isso. - Algo na expressão dela faz vacilar o meu sorriso. - Estou tão farta que toda a gente me diga isso. Os meus pais, pessoas conhecidas, desconhecidos com quem falei uma única vez. Não preciso que as minhas amigas me digam o mesmo. Eu preciso que vocês, as minhas amigas, acreditem em mim quando digo que adoro ser solteira. - Faz uma pausa. - E também que não me critiquem se *eu* mudar de ideias. Tenho esse direito! Não sou contra os relacionamentos e, se conhecer uma pessoa espantosa, estou recetiva à ideia. Só não quero sair em encontros, a cena de encontros é um festival horrível de desilusões. E, decididamente, não preciso de forçar as coisas. Como *certas pessoas*.

Hesito por um momento, sentindo o corte do último comentário.

- Desculpa - digo-lhe por fim. - Não falo mais disso. Tens razão, claro, a decisão é tua.

- Os teus sonhos não são os meus sonhos, Esther - diz ela ao levantar-se. - É melhor ir servir mais alguns clientes. Está a ficar movimentado.

Ela afasta-se e olha para a Lou, um pouco desorientada. Estarei errada? Eu sei que a Bibi *diz* que é feliz solteira, mas deve estar a mentir, certo?

A Lou lança-me um olhar solene.

- Achas que há alguma possibilidade de o tio-avô Marvin me estar a assombrar?

- Morton - corrijo.

Sei que está errado, mas já não quero saber. Com um suspiro, volto a verificar o telemóvel.

- Idris - murmuro quando volto a refrescar a aplicação de *e-mail*. - É *bom* que me respondas depressa. Todos estes disparates que me estás a fazer recordar têm de valer a pena...

EX-NAMORADO N.º 5: IDRIS ABARA

O Namorado Sério

Parte Dois

Bella Italia, no centro de Londres

Casa de banho

20h52

- Então???

O meu entusiasmo não tem limites. Nunca estive tão empenhada em nada na minha vida, não consigo lidar com o fracasso neste projeto e NÃO O ACEITAREI.

É sempre assim quando arranjo um encontro às cegas para dois amigos.

A Louise encolhe os ombros.

- Assim-assim - responde por fim.

Solto uma exclamação horrorizada.

- Assim-assim? - repito, ultrajada. - Mas... mas ele é simpático! E bonito! E é amigo do Iddy, o que significa que podemos sair os quatro sempre que quisermos, Lou! Pensa nisso!

Ela pensa nisso e anima-se um pouco.

- Isso seria superdivertido - admite, mas desanima logo a seguir. - Não sei, só acho que não estou a sentir a ligação.

- Uh - resmungo para o reflexo dela no espelho, enquanto retoco o batom. - Por amor de Deus, Lou, andas a implorar-

me há, tipo, dois anos e meio que te arranje um encontro com um dos amigos do Idris. Quando um fica finalmente disponível, tu vens-me com assim-assim? Estou tão furiosa.

- Oh, por favor, não fiques furiosa - reage ela, com um ar desesperado. - Desculpa! Estou muito grata pelo encontro com o Sven. Não sei o que se passa, eu *devia* gostar dele. Parece simpático e adora massa despretensiosa, o que é sempre positivo.

- Foi o principal motivo para vos juntar - observo.

- Certo! - assente ela. - Não sei dizer exatamente qual é o problema. - Solta um suspiro e depois endireita as costas. - Está bem, vou beijá-lo depois de jantar, a ver se dá faísca. Vale a pena investigar, certo?

- Decididamente! - exclamo, triunfante, verificando se tenho espinafre dos raviolis no meio dos dentes. - Vamos voltar para a mesa.

Diante da casa de banho, o Idris está a sair ao mesmo tempo da casa de banho dos homens.

- Já vou ter contigo.

Enxoto a Louise de volta para a nossa mesa no canto, onde o Sven sorri alegremente.

- Vamos dar-lhes um segundo a sós - segredo para o Idris.

- Boa ideia - concorda ele. - Isso dá-me a oportunidade de fazer isto.

Agarra-me pela cintura e a minha resistência é mínima.

- Nããããã - protesto, empurrando o peito largo dele. - Acabei de retocar o batom.

- Era o teu último batom? - pergunta ele, atrevido.

- Não - rio-me. - Tecnicamente, não.

- Então, podes voltar a retocá-lo!

Ele ergue um dedo no ar e eu rio-me ao puxá-lo para um beijo. Tem um aroma quente e familiar, mas agora com uma nota de alho.

- Ah, a minha afta - geme ele ao afastar-se. - Desculpa, esqueci-me de que está demasiado inflamada para beijar. Consegues vê-la, é muito nojenta?

Levanta o lábio superior e eu aproximo-me para lhe inspecionar as gengivas.

- Sim, parece muito inflamada - declaro solidariamente. - Precisas de mais sono e de comida saudável. Queres que te aplique uma pomada mais tarde?

- Sim, obrigado. - Ele sorri. - O molho de tomate da massa só deixou tudo pior.

- Já que estamos a falar de gestão corporal, tenho um ponto negro onde preciso que ponhas creme - observo.

Ele assente e acrescenta isso à lista mental.

- Não é fantástico, o romance a longo prazo? - Ele ri-se ao abraçar-me.

Viro-me na direção do Sven e da Louise, que estão a falar descontraidamente na mesa do canto.

- Como achas que está a correr entre eles?

- Hum. - Ele abraça-me por trás. - Acho que está a correr bem? A Louise disse alguma coisa?

- Hã, não, nem por isso - minto. - E o Sven?

- Esqueci-me de perguntar - replica ele calmamente.

Típico dos homens, deixar as perguntas importantes, vitalmente importantes, por fazer. Dou-lhe uma pancada leve no braço.

- Uh, porque achas que vos deixámos a sós?

Ele solta uma risada e afasta-se de mim.

- Desculpa, querida, mas também precisava de verter águas. - Toca-me no rosto e sorri de orelha a orelha. - Mas era fixe, não era? Se eles gostassem um do outro? Já consigo ver-nos aos quatro, um grupo de velhotes, todos sentados num alpendre a ver os nossos netos a correr de um lado para o outro e a ser irritantes.

Sorrio, mas sinto subitamente um arrepio estranho pelas veias.

- Podíamos fazer um casamento duplo - ri-se ele. Puxo-o para um abraço para ele não poder ver a minha expressão. - E ser padrinhos dos filhos uns dos outros.

Cada palavra é uma facada no meu peito e tenho de fazer um esforço para respirar. É o abraço, é demasiado apertado. Afasto-me um pouco dele.

- Estás bem? - O Idris deita-me um olhar estranho. - Estás um pouco pálida. Foi a conversa sobre crianças? - Ri-se e eu tento fazer o mesmo. - Porque é óbvio que não temos de fazer nada disso já. Desde que estejamos na mesma onda.

- É claro que sim - consigo dizer, numa voz estranha e forçada.

Mas estamos, não estamos? Sempre pensei que queria casar e ter filhos por volta dos 27 anos... e faltam poucos meses para isso acontecer. Parecia tão distante quando tinha 17 anos e fiz o mapa de toda a minha vida. O problema é que não me sinto mais velha do que aos 17 anos. Não estou preparada para nenhuma destas cenas adultas. E não é a

primeira vez que o Idris fala, muito casualmente, devo acrescentar, sobre o nosso futuro a dois.

Eu sei que ele quer casar. Sei que quer bebés. É dois anos mais velho do que eu, o que significa que faz 30 daqui a um ano. O que parece *velho*.

Consigo sentir suor a arder nas axilas, mas o resto do meu corpo está gelado.

De onde veio isto? Amo Idris, amo-o *de verdade*. Foram dois anos e meio de namoro fantásticos e ele é tudo o que eu poderia querer! Qual é o meu problema?

O Idris volta a beijar-me, desta vez ao de leve.

- Vamos voltar para a mesa? Retomar o trabalho de casamenteiros?

Pisca-me o olho, divertido, e eu rio-me educadamente.

- Hum, sim, vai à frente - digo-lhe com um aceno de mão.

- Eu só, hum, lembrei-me agora de que esqueci de fazer xixi quando estive lá dentro! Demasiado ocupada a conversar com a Lou, que idiota!

Volto a correr para a casa de banho das mulheres, antes que ele possa dizer alguma coisa, e fecho-me num dos cubículos. Lá dentro, sentada no chão, tento controlar a respiração ofegante enquanto a divisão parece rodar à minha volta.

Qual é o meu problema?

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Oh, o ultraje.

Estava eu metida na minha vida, a fazer compras na *Zara*, quando dou de caras com a porra de um manequim a usar exatamente a mesma roupa que eu. É tão humilhante, vou escrever uma reclamação.

O pior é que não posso ir já embora. Estamos a meio do dia e sou a única cliente na loja, o que significa que uma empregada anda a seguir-me para me “ajudar” há uns bons dez minutos. Ora bem, nunca estive numa zona de guerra, mas não posso crer que seja pior do que o embaraço social de ser seguida por uma empregada de loja entediada.

– Estou bem, não preciso de ajuda! – digo-lhe, porque está a olhar para mim outra vez. A olhar para mim como se eu precisasse da ajuda dela. – A-ha! – digo, a apontar para o manequim, sabem, para compensar o facto de não querer ajuda.

No entanto, o gesto apenas a deixa confusa, por isso talvez a roupa fique diferente numa Barbie sem cabeça em tamanho real?

– Cheguei! – O Alistair está ofegante quando vem ter comigo, envolvendo-me com os braços desengonçados. – Desculpa o atraso, a linha castanha estava desativada outra vez.

– Não tem mal!

Deixo-o recuperar o fôlego e observo-o calmamente. Ele está inegavelmente com bom aspeto, com um brilho de felicidade nos olhos. Sempre bem vestido, com calças

elegantes e uma camisa azul-escura, parcialmente metida nas calças. Agradeço mentalmente a Tan France por trazer esta moda aos homens de todo o mundo.

- Oh, olha, o manequim parece-se contigo! - comenta o Alistair, apontando para o modelo ofensivo.

- Cala-te - murmuro, embaraçada. - Eu tinha esta roupa primeiro, essa cabra está sempre a imitar-me.

O Alistair abana a cabeça e sorri.

- Que vaca. Mas sabes o que dizem, a imitação é a forma mais sincera de galanteio.

- Que disparate - critico. - Sabes qual é a forma mais sincera de galanteio? O *galanteio*.

- Está certo. - Ele ri-se, mostrando os dentes adoráveis. - Nesse caso, Esther, deixa que te diga que ficas muuuito melhor com essa roupa do que o manequim.

- Oh, meu Deus, és tão querido. - Sorrio, olhando de lado a minha rival.

É *mesmo* querido, porque não é verdade. Aquela cabra de plástico domina perfeitamente a cena do modelo sensual com pescoço de cisne.

Hoje tenho uma folga a meio da semana, graças a um casamento monumental no museu que durou todo o fim de semana. Fui completamente inútil na fase de planeamento e deixei a Katie tratar de tudo enquanto eu ficava atrás da secretária a rabiscar os nomes dos meus ex-namorados. Por isso, quis garantir que dava a cara no grande dia. Foi cansativo, com mil crises de última hora que precisaram de ser resolvidas. Metade dos empregados contratados não apareceram e a dada altura eu própria tive de servir à mesa,

ao mesmo tempo que orientava os músicos no salão principal. Mas os eventos são mesmo assim, nos bastidores pode estar tudo a falhar, desde que os convidados não notem. E valeu a pena, porque no fim a noiva abraçou-me e agradeceu-me. Foi tão excitante. Já quase me tinha esquecido de como adoro o meu trabalho. Tenho uma determinação renovada para parar de ser má a fazê-lo.

Também me distraiu de passar mais um fim de semana a olhar para o telemóvel, à espera da resposta do Idris. Fiquei agradecida quando o meu chefe me deu o dia de folga, mas não podia passar o dia inteiro sentada em casa, apenas com os meus pensamentos estúpidos para me manterem ocupada.

Para ser franca, mandei uma mensagem ao Alistair um pouco como último recurso.

Normalmente, as minhas companheiras de apartamento acompanham-me numa saída de lazer como esta, mas, apesar de hoje não trabalharem, a Bibi e a Lou estavam ambas misteriosamente indisponíveis. A Lou nem sequer respondeu às minhas chamadas e tentei ligar-lhe, tipo, três vezes. Ultimamente, têm andado as duas a agir de forma um pouco estranha. Não sei o que se passa e elas desconversam sempre que lhes pergunto. A seguir, tentei a Alex, mas ela estava ocupada com trabalho, e a Sofia também não abriu a porta. Estou a sentir-me um pouco abandonada, para dizer a verdade.

Assim, mandei uma mensagem ao Alistair a perguntar se queria vir às compras. E ele quis.

Damos uma volta pela loja, a pegar em artigos e a devolvê-los sem cuidado para a prateleira. A empregada de loja entediada atira-nos olhares cortantes, mas pelo menos estamos a dar-lhe algo para fazer.

Talvez devesse mandar outro *e-mail* ao Idris?

Não, seria demasiado. A Bibi ralharia comigo.

Acho que tenho de aceitar o facto de que ele pode simplesmente não me responder. Pode não querer ter nada que ver comigo. E tenho de ser adulta e reconhecer que é justo.

Só que não é. Pode ir para o raio que o parta, maldito choninhas.

Olho de relance para o Alistair e sinto uma pontada de culpa por estar a usá-lo para me distrair de outro homem. Mas somos *amigos*, não somos?

Ele para e pega na camisa mais amarela que alguma vez vi em toda a minha vida.

- O que achas?

Segura-a contra o corpo, com um ar sério, e eu assinto enfaticamente.

- Essa camisa vai mudar a tua vida - digo-lhe. - O amarelo realça a tua icterícia.

Ele verifica o preço. A etiqueta tem um autocolante vermelho de desconto.

- Só custa 8 libras - revela ele, olhando para mim, deliciado. - Vou mesmo comprá-la!

- A tua namorada é uma mulher de sorte - reajo num tom seco, esperando não estar a corar muito.

Ele mantém-se em silêncio e afasta-se pelo corredor da loja, de costas para mim. Interrogo-me brevemente se terão discutido.

Porra, gosto mesmo dele. Não devia estar aqui. Não está certo. Tento suprimir todos os vestígios de atração ou sedução.

- E tu, hã? - Ele vira-se para mim, finalmente, e aproxima-se para passar um braço afetuoso pelos meus ombros. - O que se passa na tua vida amorosa?

Clareio a garganta. Porque não lhe deveria falar do Idris? Ou de todos os outros? Ou da maldita missão? Não há qualquer motivo para não o fazer. Somos amigos, não somos?

Amigos amigos amigos.

- Amiiiiigos. - Dou por mim a murmurar entre dentes.

- Hã?

Ele põe um ar confuso, franzindo as sobrancelhas farfalhudas. Dá-me vontade de lhe acariciar o rosto.

- Hum, eu disse, hum, amigos! - guincho quando nos dirigimos para a caixa para pagar a horrível camisa nova do Alistair. - Quero dizer que, de momento, só tenho amigos, não tenho vida amorosa!

Ele parece um pouco perplexo.

- Oh, certo!

O meu telemóvel começa a vibrar. É a Louise a ligar-me, finalmente.

- Estás bem?

A voz dela soa ofegante ao meu ouvido. Parece preocupada.

- Sim, estou bem - asseguro-lhe. - Tinha saudades tuas e queria fazer alguma cena juntas. Por onde andas?

Ela demora meio segundo a responder.

- Oh. Estou... com o Sven. E tu?

- Por acaso, estou a fazer compras em Oxford Street com o Alistair.

Rio-me com o absurdo da situação.

- Uau! - exclama ela, parecendo chocada. - O Nick Wilde está convosco?

- O quê? - Por que diabo se lembrou dele? - Porque estaria ele aqui, Lou? Ele e o Alistair nem sequer são assim tão amigos.

- Certo - responde ela num tom neutro.

Vejo o Alistair a uns metros, a pagar a camisa horrível. Sorri para a empregada, que está a dizer-lhe como são corajosas as opções de moda dele. Sinto uma súbita vontade de lhe agarrar a mão e apertar com força.

Para me impedir de enlouquecer, tenho de seguir em frente. Preciso que o Idris me responda, ou preciso de contactar o Carl ou o Rich.

- Tenho de desligar - digo à Louise. - Vejo-te mais tarde no apartamento?

- Hum, talvez! - responde ela, enigmática. - Adoro-te, adeus.

O Alistair vem ter comigo, a abanar alegremente o saco. Há algo tão energético em estar perto dele; irradia tanta positividade.

- Vamos agora almoçar? - sugere, e eu sorrio antes de ele acrescentar: - É tão divertido voltar a passar tempo contigo,

Esty. Adoro que sejamos compinchas.

Oh, meu Deus, *compinchas*, porra? Não posso mais com isto.

Idris, se me consegues ouvir, *responde, por favor*.

EX-NAMORADO N.º 5: IDRIS ABARA

O Namorado Sério

Parte Três

No meu apartamento
No meu quarto
15h45

Deveria chorar? Acho que, provavelmente, devia chorar. Não é que *não* sinta vontade de chorar, porque sinto, e provavelmente choraria dentro de alguns minutos, por isso não é choro fingido.

Começo a chorar.

Ele não pode ficar muito zangado comigo se eu estiver a chorar. Foi sempre tão bondoso e querido quando estou abalada, de certeza que vai ser mais simpático agora.

- Oh, querida, o que se passa?

O Idris levanta-se, atravessa o quarto e envolve-me num abraço apertado.

Isso torna tudo pior. Raios, não devia ter chorado.

Só que, agora que comecei, não sei se consigo parar.

Continuo a chorar, tentando encontrar as palavras enquanto ele me leva até à cama, sempre acariciar-me o cabelo.

- Está tudo bem, amor, está tudo bem.

Não está nada bem, ele está errado.

- Lixei tudo, Iddy - consigo por fim dizer. - Fiz asneira da grossa e nunca me vais perdoar.

Fica totalmente quieto, sentado ao meu lado na cama. As costas dele ficam hirtas, mas ele não me larga.

- O que foi? - sussurra ele, finalmente. - Diz-me. Diz-me o que foi.

Mas não consigo. As palavras não saem e as lágrimas são tantas que fico sem voz.

Uns minutos depois, ele afasta-se gentilmente para me ver melhor. Mas a visão do rosto dele é demasiado para mim e atiro-me para cima da cama, a chorar descontroladamente. Desta vez, não vem ter comigo nem me acolhe nos braços dele. Limita-se a esperar.

Com o rosto afundado na almofada, consigo dizer por fim.

- Dormi com outra pessoa.

O Idris não reage de imediato, mas o ar no quarto parece mudar. Fica mais frio e as minhas lágrimas param subitamente.

- Lamento tanto, não fazes ideia de como lamento, Iddy...

- Sento-me na cama, mas ele já me virou as costas. Debruçado ao fundo da cama, olha fixamente para baixo. - Podes olhar para mim, por favor, só por um segundo? - imploro, mas é como se ele não me ouvisse.

- Quem foi? - pergunta ele, depois de outro minuto, numa voz irreconhecível.

- Não importa quem foi - respondo baixinho, sabendo perfeitamente que importa mesmo muito.

- Foi com o Will? - replica ele no mesmo tom. - Foste para a cama com aquele tal Will?

Não consigo responder. Ou, devo antes dizer, sou demasiado covarde para responder.

- Julgo que isso é um sim - solta ele bruscamente, levantando-se e caminhando para a porta.

- Por favor, não vás - imploro, novamente a chorar.

Ele não sai. Apoia as duas mãos na porta fechada, tentando encontrar algo dentro de si. Alguma força.

- Como foste capaz? - pergunta ele por fim, a voz a tremer quase impercetivelmente no final.

Isso lança-me numa nova espiral de desgosto e pressiono o edredão contra a cara para travar as lágrimas. Não mereço chorar agora. Ele merece.

- Não sei - respondo num tom frouxo, assim que consigo falar de novo. - Aconteceu, eu estava bêbeda e sou uma cabra. Sei que deves odiar-me, lamento muito. Não fazes ideia de como lamento.

Segue-se mais um silêncio, até ele se virar para mim e me fitar com olhos vermelhos e lavados em lágrimas.

- Não te odeio - diz ele numa voz baixa e triste. - Nunca conseguiria odiar-te.

Levanto-me para o abraçar e ficamos os dois nos braços um do outro durante muito tempo.

CAPÍTULO VINTE E SETE

De: Idris.Abara@gmail.com

Para: estherthechef98234@hotmail.co.uk

Re: Entente Cordiale

Cara Esther,

Antes de mais, perdoa-me este “cara”, pareceu-me que esta mensagem requeria um certo nível de formalidade. Mas também olá! É bom voltar a ter notícias tuas, espero que tudo esteja bem na tua vida e que sejas feliz.

Pensei muito no teu pedido para nos encontrarmos e vou ter de recusar. Desculpa. Não sei bem o quanto o Sven conta à Louise acerca do que se passa na minha vida (provavelmente, muito pouco, ele está sempre a falar de uma “*firewall* ética”), mas caso não tenha mencionado: estou noivo! Ela chama-se Amy e é absolutamente fantástica. Estamos juntos há pouco mais de um ano e ela faz-me mesmo feliz. A vida é boa.

Se faz diferença, falei com ela acerca do teu *e-mail* e ela encorajou-me a falar contigo. Acha que pode ser bom para nós, pôr a conversa em dia. Mas, em última instância, não me pareceu correto e não sei ao certo que bem viria daí.

Isso não quer dizer que já não goste de ti. Eu amei-te verdadeiramente muito, a nossa relação era importante para mim, tenho a certeza que sabes/sabias isso, e serás sempre importante para mim. Não sinto qualquer mágoa acerca do que se passou, espero que também

não sintas. Sei que acabou mal e que foi tudo um pouco abrupto, mas agora acredito convictamente de que até as partes tristes aconteceram como tinham de acontecer. Sei que ficámos os dois magoados, mas agora estou bem e espero que estejas também. Digo-o com toda a sinceridade. Espero que tenhas encontrado toda a felicidade no mundo, Esther. Tu mereces.

Felicidades,

Iddy x

PS: Bom título. Vejo que o teu meio semestre de História na universidade não foi completamente desperdiçado...

CAPÍTULO VINTE E OITO

Felicidades.

Felicidades.

Felicidades, PORRA!

É uma despedida horrível para uma mensagem do nosso patrão, quanto mais do homem que amámos durante três anos da nossa vida.

Uh, não posso crer em tanta adultice. Na porra da *maturidade* daquele *e-mail*. Como se *atreve* ele a ser tão adulto e tão centrado e tão feliz e tão completamente bem. COMO SE ATREVE?!

UH, e a porra da *Amy*! Toda perfeita e doce e relaxada acerca do noivo receber um *e-mail* do antigo amor da sua vida. Até o encorajou a encontrar-se comigo! Que monte de treta. Na verdade, até aposto que sim! Eu também teria fingido que não havia qualquer problema.

“Oh, sim, amor, vaaaaai encontrar-te com a tua ex-namorada! Não me importo naaaaaada! Não sou como essas mulheres tristes que se sentem inseguras e ameaçadas por ex-namoradas. Sou muito relaxaaaaaada! Porque não lhe dás também uns beijos e dormes com ela, por mim, tudo beeeem.”

Que monte de bosta.

Atravesso o apartamento até ao quarto da Bibi, de computador na mão.

- Posso entrar? - grito enquanto bato à porta. - Preciso que vejas isto.

- Espera - resmunga a voz dela, sonolenta.

Momentos depois, ela aparece à porta.

- O que foi? - pergunta, irritada.

Ups, parece que a acordei. Levantei-me às 6h00 para ir trabalhar, porque, há que admitir, tenho muito que compensar à coitada da minha assistente, a Katie. Ela tem andado a fazer todo o meu trabalho.

Passo-lhe o computador com o *e-mail* no ecrã.

- O Idris respondeu - declaro, furiosa.

A Bibi esfrega os olhos.

- Uau. Já não era sem tempo. - Ela pega no portátil, lê o *e-mail* na diagonal e olha para mim. - Que tipo simpático - diz ela, antes de reparar na minha expressão tenebrosa. - Hum, quer dizer, que filho da mãe! Hã, quem é que ainda diz *felicidades*?

- Foi o que eu pensei! - brado.

A comoção chama uma Lou remelenta para fora do quarto ao lado.

- O Idris está *feliz*! - digo-lhe.

- Ele está o quê? - diz ela, franzindo a testa enquanto aperta melhor o roupão.

Avisto um vislumbre de uma camisa de dormir em seda. O Sven é um sortudo. Espero eu.

- Ele está FELIZ! - grito, tirando o computador das mãos da Bibi para o lançar na direção da Lou.

Ela pisca os olhos por alguns momentos, olhar fixo no ecrã.

- Oh, que *e-mail* tão querido - sentencia ela por fim, sorrindo ao devolver-me o portátil. O sorriso dela esmorece quando vê as minhas narinas dilatadas. - Quer dizer... -

acrescenta, hesitante – hum, que... – observa ansiosamente o meu rosto – ... mauzão?

As minhas narinas desdilatam-se.

– Sim! Exatamente! Passou mesmo das marcas! Mal podia esperar por me dizer como é fantástica a sua vida com aquela cabra da Amy! Que parvalhão convencido. Aposto que estão neste preciso momento a fazer as fotografias de noivado e que ele me vai mandar um *link* para que eu os possa ver aos dois a atirarem-se ao ar com um riso fingido. Que par de bestas.

A Lou faz uma careta.

– Oh, meu Deus. E agora? Não lhe vais responder? Não vais tentar convencê-lo a encontrar-se contigo?

– Tenho o meu orgulho! – resmungo, mas ela não parece muito convencida. – *Sim*, acabou de vez, Lou! Nem sequer o queria ver. Achei que ele me queria ver; eu estava a fazer-lhe um *favor*. Estava a ser gentil.

– Hum, certo, *gentil* – assente lentamente a Lou.

– Vou voltar para a cama – intervem abruptamente a Bibi, regressando ao quarto e fechando a porta com força.

– Que falta de educação – resmungo para a Lou, que também parece surpreendida. – É de mim, ou ela anda cheia de segredos?

A Lou parece ficar agitada com a sugestão.

– Não! – replica ela, depressa de mais. – Quer dizer, não especialmente. Talvez? – continua num sussurro. – E se anda, não tem mal! Os segredos são permitidos! Talvez tenha uma entrevista de emprego ou algo assim, mas não nos queira dizer nada. Já teve tantas desilusões, deve deixá-

la abatida contar-nos acerca de cada uma delas. E... - Faz uma pausa. - Tipo, às vezes, nem sempre queremos partilhar algumas coisas com as nossas melhores amigas até ser garantido, sabes? - Lanço-lhe um olhar de estranheza e ela olha para o chão e volta a atar o cinto do roupão. - Certo, também vou voltar para a cama. Lamento muito que o Idris tenha sido um... hã, cabrão? - Ela diz o insulto como se fosse uma pergunta e eu assinto. - Mas pelo menos tens uma resposta, certo?

- Suponho que sim - concordo, ainda que relutante. - Está bem, sim, volta para a cama. Desculpa se perturbei a tua manhã.

Aceno na direção do quarto dela e o ar de pânico regressa-lhe ao rosto.

- Não estás a perturbar nada! - diz ela numa voz aguda. - Estou só cansada e hoje não tenho audições!

Segue-se um silêncio tenso e eu assinto, suprimindo outras perguntas que tinha para lhe fazer.

- É melhor ir no rasto do Carl - concluo, relutantemente. Ela anui rapidamente.

- Sim, é melhor seguir em frente, acho eu. - Ela abre a porta apenas o suficiente para voltar a entrar. - Até logo. Tem um bom dia no trabalho!

Fecha a porta e tranca-a à chave, deixando-me sozinha e um pouco abandonada. Precisava mesmo de algo mais das minhas duas melhores amigas. O Idris foi o meu mundo durante tanto tempo. E sei que as coisas acabaram por minha culpa, mas dói na mesma.

A noite em que acabámos foi uma das mais dolorosas da minha vida. Após as desculpas iniciais e muito choro, passámos a noite toda a falar. Voltámos a chorar, fizemos sexo e depois vieram as perguntas horríveis. Ele queria saber todos os detalhes horríveis, fracos e cruéis.

Ainda consigo visualizar o rosto angelical dele, todo inchado e molhado, os olhos inflamados. E então veio a parte pior, à medida que o céu começava a clarear lá fora, quando ele disse que me perdoava.

Assim que voltei da casa de banho, ele estava ali parado, emoldurado pela porta, a olhar para mim com uma expressão agonizante no rosto. E disse-me: “Acho que posso esquecer isto, não quero acabar com a relação.” Eu queria agradecer-lhe e abraçá-lo e casar com ele e ter filhos e toda uma vida com ele. Queria fazer todas as coisas que eu sabia que o fariam feliz para sempre.

Mas também sabia que não podia. Danificara demasiado a relação. O que eu fizera nunca desapareceria. E, na verdade, eu não queria ser perdoada. Queria que ele me rejeitasse. Queria que me odiasse. Foi por isso que fiz tudo o que fiz, sei isso agora. Fiz aquela coisa horrível para o Idris acabar comigo.

Precisava que a Bibi e a Louise vissem tudo isso. Que me reconfortassem e mentissem com mais convicção. Precisava de conselhos entusiásticos sobre a decisão de contactar o Carl para me distrair daquela rejeição.

Talvez estejam fartas desta missão? Ultimamente, *tem* dominado tudo o resto. Tenho ignorado o resto da minha

vida para me focar nisto. Estou a sacrificar tanto em nome da porra desta missão.

Mas preciso delas. Depois de um início tão bom, parece-me que os dois últimos ex-namorados me vão rejeitar. Talvez a última parte da minha vida romântica seja demasiado recente para visitar. Demasiado dolorosa. Demasiado cheia de idiotas como o Idris e as suas felicidades.

Solto um suspiro.

É claro que uma parte melhor de mim, mais racional, sabe que o *e-mail* foi incrivelmente gentil. Muito mais generoso do que eu merecia. E algures dentro de mim, sinto-me contente por o Idris ter encontrado a felicidade. Essa tal Amy parece ser uma pessoa bem mais decente do que eu alguma vez fui. E é o que ele sempre quis, não é? Encontrar alguém gentil e casar-se. Ele merece tudo isso e muito mais. Foi uma boa pessoa que sempre me tratou bem. E, no final, eu fui horrível com ele. Este *e-mail* para uma pessoa que o descartou há anos e está agora a tentar forçar entrada na vida dele sem motivo aparente até foi muito simpático. Teria eu desejado voltar a namorar com ele? Para ser franca, provavelmente, não. Devia sentir-me grata por ele ter sido tão decente.

Oh, já sei, vou mandar uma mensagem à Alex. Ela nem sequer conheceu o Idris. Se eu lhe disser que ele é um cabrão, vai acreditar em mim e dizer mal dele comigo.

Felicidades, porra, que bandalho.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Estou acordada há horas ou estou a sonhar que estou acordada há horas? É aquela hora escura e difusa da madrugada em que simplesmente não consigo dizer.

Puxo o edredão pesado para o queixo. Estendo a mão para o candeeiro na mesinha de cabeceira, mas está demasiado frio fora da cama. Além disso, é o tipo de noite sinistra em que tenho quase a certeza de que um monstro me agarraria o braço se eu expusesse a mais pequena área de pele de fora do edredão.

Não consigo dormir. Ou, quando consigo, é apenas durante uns minutos turbulentos de sonhos ansiosos em que persigo um rapaz sem rosto, a gritar sobre casamentos e bebés. Num instante, estou a perseguir o Alistair, que foge para o meio do mato. No momento seguinte, persigo o Paul. A seguir, é o avatar desfocado do Will no perfil do Twitter ou o Rich, o Sacana, a sorrir para mim enquanto envia mensagens a outras mulheres mesmo à minha frente. Num momento particularmente aflitivo, aparece o Carl.

Não posso ficar aqui deitada, a pensar, a preocupar-me. É demasiado.

Está bem, vou ser corajosa. Vou ligar o candeeiro. Se os monstros me apanharem, vivi uma boa vida. Amei e fui amada.

Estendo a mão para o interruptor e inundo o quarto com luz que me magoa os olhos. Pestanejo rapidamente, tentando habituar-me à claridade, enquanto observo cada canto da divisão, a verificar se tudo está normal.

Tudo tranquilo. Ufa.

Verifico o telemóvel. Porra, são 4h52. Deve ser uma das piores horas para se estar acordada. Sei que só faltam umas duas horas até ter de me levantar para ir trabalhar, ainda assim é demasiado cedo para desistir de dormir e me levantar. Em vez disso, o mais provável é ficar aqui deitada a pensar e a preocupar-me até ter de me arrastar, como uma *zombie*, para o trabalho.

Certo, tenho de admitir que a missão dos Sete Ex-Namorados começa a afetar-me. Só faltam dois ex-namorados, o Carl e o Rich. E há tantas emoções estranhas e complicadas ligadas a ambos. Para nem falar dos cinco que já contactei.

Oh, que se lixe, estou farta de ficar aqui deitada, uma pessoa só aguenta a porra da introspeção até um certo ponto. Vou levantar-me e cansar-me a caminhar pelo apartamento. E se alguém achar que sou uma ladra e chamar a polícia, tanto melhor. Se estiver na prisão, não posso ir trabalhar a parecer uma *zombie*, pois não? Que melhor desculpa para tirar o dia de folga?

Oh, parece que leite quente ajuda nesta situação! Tipo, tecnicamente, mais do que uma colher de leite dá-me diarreia, mas não há problemas, porque evacuar os meus órgãos internos para a sanita sempre é melhor do que ficar deitada na cama a olhar para o espaço e a pensar nas muitas pessoas horríveis com quem dormi.

Faço um esforço para me sentar, ainda enrolada como um casulo no edredão. A grande pergunta que se segue é: conseguirei alcançar o meu enorme e aconchegante roupão,

presentemente pendurado atrás da porta, sem ter de largar o edredão? Devo conseguir pensar numa solução. Afinal, até tirei boa nota no exame nacional de Matemática.

Abandono o calor do edredão e corro para a porta, sentindo o frio a penetrar-me nos ossos, mesmo nos poucos segundos que demoro a agasalhar-me de novo.

O Idris comprou-me este roupão.

É a coisa mais quente e mais querida que alguma vez tive. Olho em redor para o meu quarto fracamente iluminado. Será que todas as minhas posses têm algum vínculo ou memória associados a um namorado? Que tristeza. E tão depressivamente típico da minha parte.

Arrasto-me para o corredor, a bocejar de boca bem aberta. Talvez me dê o luxo de um longo e requintado cocó na madrugada. Quando vivemos com outras pessoas e só há uma casa de banho, nunca conseguimos apreciar a sério os nossos cocós. Estamos sempre tensas, à espera que batam à porta ou preocupadas com o cheiro que possa ficar para trás. Uma vez, a Lou entrou a seguir a mim e ouvi-a murmurar algo acerca de cavala. Uma refeição que eu comera três dias antes.

Diante da porta da casa de banho, quase grito quando uma vaga forma humana emerge do nada.

- Credo - sibilo, tentando rir para afastar o medo que ainda me percorre o corpo. - Desculpa. Não tinha percebido que mais alguém estava acordado.

Os meus olhos esforçam-se por se ajustar à penumbra depois da luz do meu quarto, mas reconheço o inconfundível roupão amarelo da Bibi, que tem um carapuço com orelhas

de urso. Se o meu roupão não fosse tão fantástico, teria muitos ciúmes do estilo do roupão dela.

A Bibi não responde de imediato e volto a sentir o medo na barriga. Não porque acredite que alguém nos arrombou a casa para usar a casa de banho vestida como a Bibi... É algo mais, sei lá, algo difuso. Como se alguma coisa importante estivesse prestes a acontecer. Todos os meus alarmes internos estão a tocar. Sinto os cabelos da nuca a eriçarem-se.

- Bibs? - sussurro com mais cautela, enquanto recuo, à procura do interruptor.

Luz amarela inunda o corredor e ficamos as duas a piscar os olhos.

É a Alex.

- Oh! - Rio-me, aliviada, mas aquele Algo ainda está ali. - O que estás aqui a fazer? Tu e a Lou combinaram uma festa de pijama sem mim? Como te atreves? Trazes sempre os chocolates.

- Hum...

Ela olha para baixo e pergunto-me se não será sonâmbula. Atrás de mim, abre-se uma porta.

- Alex? - sussurra uma voz.

É a voz da Bibi. Avança para nós em bicos de pé e detém-se súbita e ruidosamente quando me vê.

Por um momento, o rosto dela cora de vergonha. Dura apenas uns segundos, até dar lugar a uma espécie de complacência. Uma certa resignação com o destino que se prepara para se abater sobre ela. Olho para a Bibi e para a Alex. Têm as duas a mesma expressão no rosto.

A minha primeira reação é rir perante o absurdo de tudo aquilo! Parece que estou a apanhar a Bibi e a Alex em flagrante a ter um caso! Mas isso é estúpido, claro que não é isso.

Ah! Ah! Ah!

A Bibi não faria sexo com a Alex! A Alex não faria sexo com a Bibi. Elas não me fariam isso. A Bibi não dormiria com a minha ex-namorada e a minha ex-namorada não dormiria com a minha melhor amiga!

Não só acabámos de sobreviver e recuperar das consequências desastrosas da última ocorrência de sexo dentro do nosso grupo de amigas, como seria também a pior ideia de sempre. Estragaria tudo! Elas sabem que eu nunca lhes perdoaria! Além disso, a Bibi detesta a Alex!

Ah! Ah! Ah! Como é ridículo e engraçado que isto se pareça mesmo, mesmo, mesmo muito com estas duas andarem por aí às escondidas, apanhadas em flagrante a ter um caso ilícito.

Puxo pela cabeça para pensar no que mais poderá ser isto. Que mais poderia explicar isto? Porque, definitivamente, elas as duas, definitivamente, não estão DEFINITIVAMENTE a fazer sexo uma com a outra.

- Hum, Esther. - A Alex é a primeira a falar e fá-lo num tom não muito diferente do que usaria com uma criança de 5 anos que acabou de se magoar no joelho. - Ouve, hum...

A frase fica no ar, inacabada, e suprimo a vontade de voltar a rir.

Expliquem! Quero gritar, olhando com expectativa para uma e para outra. Deem-me a explicação perfeitamente

plausível para tudo isto. A sanita voltou a avariar e ensopou o pijama da Alex, juntamente com todos os pijamas de reserva da Lou? Será que a Alex pegou no roupão da Bibi sem querer, julgando que era o meu ou o da Lou, e aqui está a Bibi a pedi-lo de volta? Ou talvez a Alex e a Bibi sejam as duas sonâmbulas e estejam tão confusas como eu neste preciso momento.

Porque não dizem nada? Engulo em seco quando a Bibi desvia o olhar. Ela nunca desvia o olhar. É sempre confrontativa, sempre honesta, brutalmente honesta, e olha-nos sempre, sempre nos olhos.

Então atinge-me em cheio e sinto um aperto no peito, incapaz de respirar.

Corro para o quarto da Lou e abro a porta de rompante. Preciso de ver com os meus olhos que a Alex não está lá. Parte de mim ainda está convencida de que vou dar com a Lou caída na cama, rodeada de papéis de chocolates, com a televisão ligada, ainda a passar uma comédia romântica qualquer.

Mas não. A Lou está sozinha, a dormir na cama. Não vejo restos de chocolate nem nada.

Ela abre os olhos, sonolenta e confusa.

- O que... - começa ela a perguntar.

- A Bibi e a Alex dormiram uma com a outra - respondo. A minha voz soa calma e a Lou pisca os olhos, tentando perceber as minhas palavras. Sem largar o puxador da porta do quarto da Lou, viro-me para a Alex e a Bibi. Continuam imóveis, ao lado uma da outra, a irradiar vergonha. - Ou... - Faço uma pausa educada, como se estivesse a conversar

com desconhecidos num elevador. – Desculpem, eu não devia presumir nada, pois não? Vocês *estão* a dormir uma com a outra? Dormiram ou *estão* a dormir uma com a outra? Isto já está a acontecer pelas nossas costas há algum tempo?

Espero pacientemente, olhando para uma e para outra. Continuam a não me fitar, mas a resposta é óbvia.

– ESTÃO a dormir uma com a outra! – declaro, numa voz que já não soa baixa nem calma. – Estás a ouvir, Louise? A minha ex-namorada e a minha melhor amiga ESTÃO a dormir uma com a outra. Pelos vistos, hoje não foi a primeira vez. Provavelmente, andam a mentir e a esconder isto de nós há séculos! – Penso por um instante na Sofia, no andar acima, e no Ivan, no andar abaixo. Mas estou demasiado zangada para parar e falo ainda mais alto. – A Bibi tem fingido não suportar a Alex ao mesmo tempo que faz isto. – Fito o rosto da Alex, pálido e inexpressivo. – Nem sequer te CONHEÇO.

Reparo que tenho as mãos a tremer enquanto me esforço por compreender a ausência de resposta da Alex e da Bibi.

Não é possível, pois não? Depois de tantos anos de amizade perdida com a minha melhor amiga de infância, tudo porque fiz uma estupidez, a Bibi vai fazer exatamente o mesmo. Sem dizer nada. Sem pensar de todo em mim.

– Como foram *capazes*? – volto a tentar, com a voz a tremer. – A sério, esta porra está mesmo a acontecer? Vocês mentiram e puseram tudo em risco? – Começo a gritar. – *TUDO? A SÉRIO?*

É a Alex a primeira a tentar fazer-me parar. Dá um passo adiante e estende a mão para mim.

- Esther - começa lentamente, como se eu não soubesse o meu nome. - Por favor, não fiques assim. Lamento muito não te termos contado ou falado contigo sobre isto. Eu...

- Afasta-te de mim, porra! - Recuo um passo, mãos erguidas para a manter à distância. Estou tão zangada com a Alex, mas é na Bibi que não posso crer. - Não tens nada a dizer? - Dirijo toda a minha fúria para ela, que abana a cabeça. - Nem sequer vais pedir desculpa ou dizer-me que cometeste um erro e que não volta a acontecer?

Estou novamente a gritar, mas ela permanece impassível. Quero dizer à Bibi, às duas, para saírem da porra da casa. Mas a casa também é da Bibi.

Muito bem, então, vou eu embora!

Mas não tenho para *onde* ir. Nenhum namorado ou parceiro ou marido para me salvar desta situação tão horrível.

- Não posso crer que me fizeste isto.

Arremesso estas últimas palavras na direção da Bibi antes de dar meia-volta. Atravesso o corredor, fecho a porta do meu quarto com força e tranco-a antes de me deixar cair na cama. Sinto de imediato as lágrimas a correr, descendo-me pelo rosto e para a almofada como se nunca fossem parar.

Lá se foi o sono.

CAPÍTULO TRINTA

Convenci-me tão bem de que ninguém viria bater à porta que, quando isso acontece, esqueço-me de porque estou chateada.

- Sim? - chamo numa voz cantada. Uh. Idiota, só passaram 12 horas desde a discussão, eu devia soar furiosa.

- O que foi? - acrescento bruscamente.

- Posso entrar?

É a Bibi, claro que é a Bibi, e a voz dela lança-me pelo corpo um calafrio de tristeza. Tenho tantos momentos e memórias importantes e fantásticos associados àquela voz rouca. E ela estragou-os a todos.

- Não, põe-te a andar - grito em resposta, sabendo que poderei usar isso como munição se ela se puser mesmo a andar.

- Deixa-me entrar.

Ela não soa irritada, o que é irritante. Quero discutir com ela.

- Porquê?

Estou a ser rude, mas não quero saber.

- Quero falar contigo - responde ela num tom de paciência infinita. Solto um suspiro e fico à espera. - Não vou a lado nenhum, por isso mais vale deixares-me entrar - acrescenta, um momento depois.

Volto a suspirar furiosamente, atravesso o quarto e solto o trinco.

- Quê? - solto, assim que abro a porta de rompante e a olho de alto a baixo.

Ela parece que não dormiu muito. Mas isso, provavelmente, deve-se mais a ter passado a noite a fazer sexo com a minha ex-namorada do que a qualquer culpa que esteja a sentir. Mantém-se em silêncio por um momento, apenas me olha de alto a baixo. O que me deixa ainda mais furiosa, pois não sei se quero parecer normal, para ela não ter a satisfação de saber como me magoou, ou se quero parecer desolada, para que ela se sinta culpada. Se é que é capaz de sentir tal emoção.

- Não foste trabalhar - comenta ela calmamente.

A observação é irritante e reviro os olhos.

- Liguei a dizer que estava doente - digo com impaciência, voltando a sentir-me momentaneamente mal por causa da minha assistente sobrecarregada e de mais um dia de projetos que terá de enfrentar sozinha. - Descobri que as minhas duas melhores amigas me andavam a mentir e acho que não consegui dormir lá muito bem.

Espero que a Bibi me diga alguma coisa, mas ela não o faz.

- Então? - solto bruscamente. - O que me querias dizer? Vais dizer-me que a Alex é A Tal e como vocês se aaaaaaamam e não puderam resistir a trair-me? E como encontrar a vossa alma gémea significou que eu não era importante para nenhuma das duas e que merecia que me mentissem... - Faço uma pausa. - Há quanto tempo? Há quanto tempo dura isto, Bibi?

Ela fita-me com cautela, sopesando os factos antes de responder.

- Um mês. Talvez cinco semanas.

- Cinco semanas?

Estou chocada. Pensava que ela ia dizer umas duas semanas, no máximo. Cinco semanas é tempo de mais, são demasiadas mentiras. Vi-as às duas montes de vezes nessas cinco semanas. Vejo a Bibi todos os dias e a Alex no mínimo duas vezes por semana. Quantas mentiras coletivas dá isso? Ou mentiras por omissão, se estiver a ser extremamente generosa? Que não estou.

Sinto um aperto no peito. *Não* vou chorar diante desta vaca mentirosa e traiçoeira.

Oh, meu Deus, estaria a Alex a usar-me, e à nossa amizade, apenas para poder dormir com a Bibi? Quanto dos últimos meses da nossa amizade renovada foi uma mentira?

- Eu sei que nós te magoámos - diz ela lentamente, e este *nós* dói mais do que tudo o resto.

Elas agora são uma equipa, um par. Estão juntas. Confortaram-se mutuamente por causa disto e discutiram como a minha reação foi horrível. Convenceram-se uma à outra de que o que fizeram não é assim tão mau e disseram que estou a ser uma cabra. Abraçaram-se durante horas e falaram sobre a melhor forma de lidar com a situação. Têm-se uma à outra. Escolheram-se uma à outra, em vez de mim.

E durante todo esse tempo eu estive aqui sozinha, a chorar como uma desalmada, a pensar no que fazer a seguir.

- E o que foi toda aquela treta de dizer que eras superfeliz solteira? - acuso, querendo magoá-la. - Claramente, não eras! Falavas como se eu fosse uma falhada desesperada, com a minha missão para encontrar alguém. Olhavas-me com desdém e agias como se eu fosse patética, mas durante

todo esse tempo também andavas à procura de algo! Atiraste-te à primeira mulher que entrou pela porta da frente!

Os olhos dela chispam.

- Não era uma treta! Não te atrevas a dizer isso! Tenho sido muito feliz, ser solteira foi ótimo. - Solta um suspiro. - Nunca esperei conhecer alguém como a Alex. Francamente, ela arrebatou-me assim que a vi.

Abano a cabeça ao ouvir aquelas palavras vazias.

- E uma pitada de *luxúria* foi mais importante para ti do que trair-me?

Ela baixa o olhar e uma pequena parte da minha fúria começa a ceder terreno para a tristeza.

Não vou chorar. Agora não, ainda não, outra vez, não. Ela não merece ver-me a ir abaixo.

- Sabes bem o que fizeste - digo, agora num sussurro. - Escolheste dormir com uma pessoa que não é apenas alguém que amei, é alguém que perdi durante *anos*! Perdi-a por causa deste tipo de situação, e tu decidiste seguir em frente e voltar a fazer o mesmo. Um dia, o vosso romance vai chegar ao fim e eu vou voltar a perdê-la. Ou a ti. Provavelmente, a ambas.

Ela parece abatida e devastada, mas não diz nada, o que me deixa novamente enfurecida.

- Nem sequer vais pedir a porra de uma desculpa? - Consigo sentir as lágrimas a jorrar, contra a minha vontade. - Sai da porra da minha vista, está bem, Bibi? Sai daqui, não quero voltar a falar contigo. Nunca mais. Na verdade, agradecia se pudesses encontrar outro sítio onde morar

durante algum tempo, enquanto procuro uma casa nova para mim. – Caminho até à porta e abro-a para ela. – Tenho a certeza de que a Alex vai aceitar-te com alegria em casa dela. Assim, já não precisam de andar a mentir e às escondidas. Pobrezinhas, deve ter sido tão difícil, mentir constantemente a toda a gente.

Sarcasmo escorre da minha voz.

Parece que a Bibi vai dizer alguma coisa, mas em vez disso limita-se a assentir e a sair. Fecho a porta atrás dela com toda a força que tenho. O Ivan começa a protestar no andar de baixo e fico-lhe grata pelo ruído que faz, pois o meu choro, quando finalmente chega, é alto e embaraçoso.

Fico meia hora a chorar, e quando paro, pego instintivamente no telemóvel. Preciso de uma distração. Qualquer distração serve. E então encontro uma.

Abro o *Google* e escrevo: “*Chef Carl Hurst*”.

EX-NAMORADO N.º 2: CARL HURST

O Erro no Trabalho

Parte Um

Restaurante *A'Diva*

Parque de estacionamento

10h35

- Lou - sussurro para o telemóvel. - Tens de me ajudar, já tentei tudo.

Alguém passa por perto e olha com curiosidade para mim, encostada ao meu carro.

- Tudo bem? - cumprimento, da forma mais descontraída possível.

A pessoa assente com um certo embaraço e afasta-se um pouco mais depressa.

- O que se passa? - pergunta a Lou, do outro lado da linha.

Ela soa preocupada.

- Onde estás? Podes vir até ao oeste de Londres? Tipo, agora? Imediatamente? Quando é que consegues cá chegar?

Quase consigo ouvir o espanto dela.

- O quê? De que estás a falar?

Na verdade, ela soa meio a dormir. Malditos atores. Metade do dia já passou.

Oh, fantástico, como se já não bastasse, agora sou o meu pai.

- Ouve, pedi emprestado o carro da minha mãe para a entrevista de hoje - começo.

- Porquê? - interrompe ela.

- Porque achei que me faria parecer mais profissional! - respondo com impaciência. - Mais contratável, entendes? Mais adulta.

- Oh, raios - solta a Lou, percebendo finalmente. - Esta manhã tiveste a segunda entrevista naquele restaurante fino, *A'Diva*, não é? Como correu?

- *Ainda* não correu - sussurro, a olhar para o problema. - Estou presa e estou atrasada. - Como ela não responde, continuo freneticamente. - Comprei uma saia lápis, porque a modelo no anúncio parecia tão poderosa e calma, e eu queria impressionar o Carl Hurst. - Faço uma pausa, pois *sei* que a Lou não estava a ouvir quando lhe falei do Carl Hurst. - O *chef de cuisine*? - digo em resposta ao silêncio dela, tentando afastar a irritação da minha voz. - Ele é superimportante na porra do mundo da culinária, Louise, e quero trabalhar para ele desde que comecei a cozinhar. Esta ia ser a minha grande oportunidade! Queria dar um ar de mulher sensual e competente, mas a porra da saia lápis é como usar um espartilho nas pernas. Pensei que a parte difícil tinha sido entrar no carro, mas sair revelou-se igual a fazer uma corrida de obstáculos a rebolar de costas. - Solto um suspiro pesado. - Basicamente, caí para fora do carro, as chaves saíram a voar pelo parque de estacionamento e a porta do carro fechou-se em cima da saia. - A minha voz

sobe uma oitava. – Estou presa, Lou! Estou presa à porra do carro! Já tentei puxar pela saia, mas está bem entalada. Aliás, acho que o fecho ficou preso do lado de dentro, o que significa que a única maneira de sair daqui é rasgar a parte de trás da saia. Nem sequer me consigo virar, está demasiado apertado, e nem em sonhos consigo alcançar as chaves. Estou presa. E a minha entrevista devia ter começado há cinco minutos!

Do outro lado da linha, a Lou faz um ruído que, quase podia jurar, me parece ser ela a tentar não rir... Só que isso faria dela uma perfeita cabra, portanto, não pode ter sido isso.

– Lou? – chamo, desesperada. – Podes ajudar-me? Podes vir até cá?

Após mais alguns ruídos do outro lado da linha, ela por fim responde.

– Não podes simplesmente pedir a alguém que esteja a passar que te chegue as chaves? – sugere ela numa voz estrangulada.

– Tenho demasiada vergonha! – lamento-me. – E nos últimos 15 minutos só passou uma pessoa. Isto é tão humilhante!

Tapo a cara e tento agarrar a parte de trás da saia para lhe dar mais um puxão. Porque não faço mais ioga? Tenho a certeza de que conseguiria chegar lá se fizesse ioga.

– Era a minha grande oportunidade, Lou! – volto a insistir, a minha voz um guincho. – Ia finalmente ter um emprego como *chef*! Acabava-se o cozinhar massa para quem não conseguiu mesa no *Bella Italia* ao virar da esquina. Tinha a

hipótese de trabalhar num restaurante *a sério*. Passei na boa o teste de culinária, na semana passada, eles adoraram-me! Esta reunião era só uma formalidade para eu conhecer o Carl Hurst. Eu podia ter trabalhado para o *Carl Hurst*, Louise! Mas agora estraguei tudo.

Atrás dos dedos, fecho os olhos com força.

- Esther Adams?

Uma voz faz-se ouvir pelo entre os meus lamentos e fico paralisada.

Porra.

Lentamente, mesmo muito lentamente, abro os olhos e destapo a cara. Ao meu ouvido, a Lou está a perguntar se estou bem e o que está a acontecer. Ignoro-a, termino rapidamente a chamada e atiro o telemóvel para dentro da carteira. Oh, meu Deus.

- Sr. Hurst - digo numa voz irreconhecível, apreciando o homem que observei em páginas e páginas de resultados do *Google Image*. O *chef* famoso a piscar-me o olho todas as semanas nas páginas das minhas revistas de culinária preferidas. O meu ídolo, o homem que se diz estar em negociações para ter o seu próprio programa de televisão na *ITV2*. O homem com quem era suposto ter uma entrevista de emprego no interior do restaurante há dez minutos.

Se não estivesse presa ao carro da minha mãe.

E, oh, meu Deus, é o tipo mais podre de bom que alguma vez vi.

- Nós... - Ele faz uma pausa e sorri de um modo magnânimo. - Nós combinámos encontrarmo-nos no parque de estacionamento para a nossa entrevista? Um dos meus

empregados disse que achava que a candidata por quem eu estava à espera podia ser a mulher encostada ao carro diante do restaurante. Achei melhor vir investigar. – Um sorriso aflora-lhe os lábios. – Queria falar comigo aqui fora?

Contar ou não contar?

– Hum – hesito, tentando parecer casual, apesar de estar entalada na porta do carro da minha mãe. – Bom, hum, achei – os meus olhos saltam de um lado para o outro – que estava um dia tão bonito que podíamos falar cá fora. – Começa a chover. – Porque não, hã? – Tossico quando as gotas frias e molhadas começam a bater-me na cara. – Hum, afinal, nós, cozinheiros, nós, hum, passamos os dias entre quatro paredes, não é verdade? Vamos tirar proveito deste tempo maravilhoso.

Algures ao longe, ribomba um trovão.

O Carl Hurst deita-me um olhar solene e sinto a testa a cobrir-se de suor. Felizmente, a chuva cai com tanta força que é pouco provável que ele repare.

Ele é incredivelmente sensual, tipo, *incredivelmente*. Mais velho do que eu uns 15 anos, mas as rugas à volta dos olhos e da boca só o tornam mais atraente. É tão talentoso, tão sabedor. Não sei se quero aprender com ele ou fazer sexo com ele.

Idealmente, ambos.

– Está bem, Esther Adams – diz ele por fim, com os cantos da boca a recurvarem-se e os olhos a dançar. – O meu *sous chef* diz que sabe cozinhar e precisamos de alguém urgentemente. – Faz uma pausa e olha-me de alto a baixo

sob a chuva torrencial. – E tenho um bom pressentimento acerca de si. Por isso, emprego é seu.

Sinto-me a arder por dentro de felicidade e luxúria.

– Oh, meu Deus, *obrigada!* – grito, já não me importando com a saia ou com a chuva a escorrer-me pela cara. – Prometo que não se vai arrepender, sr. Hurst, juro. Vou trabalhar tanto, vai ver. Por si, faço qualquer coisa.

Ele volta a sorrir e eu engulo um nó de desejo na minha garganta.

– Por favor, Esther, chame-me Carl – pede ele numa voz grave. – Ah, quer que lhe dê as chaves do carro para poder soltar a saia da porta?

CAPÍTULO TRINTA E UM

Google:

“Chef Carl Hurst”

Tudo Notícias Imagens Mapas Compras Mais

Cerca de 3 270 000 resultados (0,56 segundos)

Resultados para Chef Carl Hurst

Dailyindependent.co.uk

Chef célebre perde emprego no restaurante A'Diva

O *chef* de televisão Carl Hurst afastou-se da sua posição exclusiva como *chef de cuisine* do A'Diva, o ponto de encontro de celebridades no oeste de Londres, revelamos aqui em primeira mão. Apesar de não haver justificação oficial para o que aconteceu ou porquê, uma fonte no... **Ler mais...**

Há dois meses

O meu coração bate com mais força quando clico no primeiro resultado e observo a fotografia que o acompanha. O Carl parece velho. Passaram oito anos desde a última vez que o vi, e acho que deve ter agora uns 45 anos, mas, ao olhar para a fotografia, pergunto-me se na altura terá mentido acerca da idade. Parece muito mais perto dos 55. Mas talvez a vida na cozinha lhe tenha queimado todo o colagénio.

Leio a história toda, parando várias vezes para me lembrar de respirar.

A notícia é vaga em detalhes, com “fontes” a relatar que o Carl “se despediu antes que o despedissem”. Contém vários relatos das suas táticas de intimidação na cozinha. Um antigo protegido, anónimo, descreve como, certa vez, ele atirou-o para cima de um balcão e outro revela o feitiço explosivo do Carl, que o levava a praguejar profusamente com os empregados.

Não é nada abonatório e, no entanto, é... desconcertante? Porque, certamente, todos sabiam tudo isso acerca do Carl Hurst, não? Foi a sua cena ao longo de oito anos no *A'Diva* e durante ainda mais tempo no restaurante anterior. Ser desagradável e difícil apenas prova que alguém é um génio, certo? Pelo menos, para os homens. Quando ele partiu o braço de um *sous chef*, foi o falatório daí resultante que lhe garantiu uma coluna semanal numa revista de celebridades e um programa matinal de televisão. Além disso, hum, atacar pessoas? Praguejar com os empregados? Foi assim que o Gordon Ramsay ficou milionário, de certeza.

Há mais nesta história. Consigo senti-lo.

Viro-me na cama, volto para a lista de resultados e leio a entrada seguinte.

Preciso de saber mais.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Existe algo estranhamente reconfortante em ser *assim* tão asquerosa.

E quando digo asquerosa, não me estou a rebaixar. O que quero dizer é que é domingo e não tomo banho desde quinta-feira de manhã. E mesmo isso foi uma lavagem rápida, com a promessa de um banho mais completo mais tarde nesse dia. Mas mais tarde foi quando... sabem, a porra das minhas melhores amigas me traíram. Seja como for, o banho à gato nessa quinta-feira não tinha o objetivo de me aguentar por muito tempo enquanto o meu grupo de amigas entrava em colapso.

Mas, como referi, até nem é mau. Há algo um pouco familiar e seguro nesta fermentação no meu próprio fedor. Testar os meus limites de saúde e segurança. Fazer o meu exterior horrível corresponder ao meu interior horrível. Parece adequado cheirar a podre.

Levanto o edredão por um instante, para alcançar o comando da televisão, e uma lufada de ar pútrido atinge-me em cheio. Estremeço. Lembro-me subitamente de todos os outros dias na minha vida que passei assim; suja e indiferente. Todos aqueles dias e semanas miseráveis de coração partido. Fiz isto após acabar com cada um daqueles sete ex-namorados na Árvore das Pilas. Deixei-me afundar na minha própria imundície, a sentir pena de mim mesma, na cama a comer bolos de arroz secos e a ignorar a minha vida triste. Valerá mesmo a pena? O *amor* valerá mesmo a pena?

E esta situação com a Bibi parece ainda pior do que uma separação.

Tento visualizar o mundo lá fora a continuar sem mim. Com as cortinas corridas, é difícil de imaginar. Parece mais apropriado acreditar que tudo parou em solidariedade. É provável que o primeiro-ministro tenha decretado que a porcária da minha vida justifica uma pausa global. Os britânicos foram todos para casa, de forma a esconderem-se debaixo dos cobertores e a sentirem-se tristes por mim e pela minha situação. Lá fora está apenas uma nação fedorenta deitada na cama, toda a sua solidariedade focada em mim e na minha vida reais.

Mas eu não ignorei *completamente* o mundo.

Tenho estado a pesquisar e a pensar obsessivamente no Carl. Preciso de descobrir o que aconteceu no *A'Diva*. Tenho de descobrir.

Talvez se tenha fartado, como eu, dos horários e das condições de trabalho? Talvez tenha tido um desentendimento com o dono, o Hugo? Talvez estivesse apenas farto de nunca dormir e tresandar sempre a comida.

Preciso de o ver, ou de falar com ele. Preciso de respostas. Mas não lhe posso simplesmente mandar uma mensagem, pois não? Não posso apenas ligar-lhe e dizer: "Oh, olá, Carl, tudo bem? Como foram os últimos oito anos? Ouvi dizer que o restaurante te pôs no olho da rua!"

Fui a casa dele uma vez, apenas uma vez, durante a nossa relação de sete meses. Não sei se ainda lá vive, mas posso ir lá. Posso ir ver. Como reagiria ele ao ver-me depois de tanto

tempo? Como se sentiria? E se nem sequer me reconhecesse?

Não tenho coragem suficiente para fazer isso sozinha. Não sem apoio. Não sem a Bibi e a Louise e a Alex. Mas acho que não tenho o apoio delas há já algum tempo.

Sempre fui bastante boa a distrair-me de emoções negativas. Sabem, quando temos algo mau na nossa vida, basta pormos toda a nossa energia noutra coisa ou noutra pessoa e nunca mais pensar na coisa má. É fácil!

Só que, desta vez, pedaços de maus pensamentos estão sempre a passar pela minha rede de negação.

Estou sempre a ter vislumbres da Bibi e da Alex abraçadas na cama em casa da Alex. A rirem-se as duas nas minhas costas. A desfrutarem das suas mentiras. A beijarem-se, a fazerem sexo, mal se importando com o que me fizeram. Nos mais negros desses momentos, mesmo sabendo que nunca fariam tal coisa, imagino-as a sussurrarem uma à outra os meus segredos. Volto a levantar o edredão, ignorando o odor, e olho para mim. O meu corpo é grotesco e disforme sob o pijama demasiado largo. Por baixo do pijama, sinto-me feia e rejeitada. Neste momento, sou um monstro. Um monstro de quem a Bibi e a Alex se riem no seu casulo de amor.

Uma onda de náusea de bolo de arroz percorre-me o corpo e pego numa das 50 chávenas de café vazias ao lado da minha cama. Depois de vomitar em seco, deixo-me ficar a pairar acima do copo. Observo o fundo manchado de castanho e ouço os sons no apartamento. Consigo ouvir a Lou a mexer-se pela casa, a atarefar-se ruidosamente na

cozinha, mas está sozinha. Pelo que percebi, a Bibi foi-se embora no dia da nossa discussão. A Louise bateu-me à porta algumas vezes e vi-a uma vez quando fui à casa de banho, mas eu ainda não queria falar. Não sobre isto. Não sobre tudo o que perdi.

Mas sabem que mais? Talvez não tenha perdido assim tanto. Talvez eu e a Bibi não fôssemos assim tão boas amigas.

Quer dizer, ela nem sequer é uma pessoa muito simpática! Afinal de contas, consegue ser fria e cruel. É malcriada com os outros, como com o Franco, o chefe dela! É um tipo decente, gentil e discreto. Ela é cruel com ele sem o mais pequeno motivo aparente. Não sei como nunca pensei nisto antes. Ela é uma cabra! Não preciso desse tipo de crueldade e negatividade tóxica na minha vida. E, claramente, é mentirosa e desleal, agora já sabemos. Na verdade, agora que penso nisso, ela *sempre* foi dada a segredos e dissimulação. Sei que brincamos acerca de descobrir o nome verdadeiro dela, mas porque é que nunca nos disse? A Lou e eu partilhamos tudo com ela e a Bibi gosta de ter esse tipo de *poder* sobre nós ao manter-nos no escuro acerca da vida dela. É patético. Não quero saber mais dela, a sério. Mesmo que superemos esta história com a Alex, acho que nunca mais seremos boas amigas. Ela faz parte tralha na minha vida que preciso de desatracar.

Não preciso da Bibi nem da Alex. Não preciso de nenhuma delas. E acho que agora sei o que vou fazer acerca do Carl.

Vou ao *A'Diva*.

EX-NAMORADO N.º 2: CARL HURST

O Erro no Trabalho

Parte Dois

Restaurante *A'Diva*

Despensa

1h12

- Falta-nos uma remessa inteira de cebolas - grito do interior do armário.

Ninguém responde. Aposto que os cabrões foram todos para casa e deixaram-me aqui a fazer o inventário, outra vez.

Demoro um momento a sentar-me numa prateleira repleta de batatas e fecho os olhos. Estou completamente exausta; completamente esgotada. Estou aqui desde as 8h00 e tenho de regressar, para fazer tudo de novo, dentro de sete horas. Nunca trabalhei em toda a minha vida.

Mas vale a pena. As coisas que estou a aprender, a variedade de comida, a alegria de fazer refeições da mais elevada qualidade, tudo vale a pena.

E, não posso mentir, também vale a pena por causa dele.

Senti os olhos dele sobre mim a noite toda. A observar-me do outro lado da cozinha, enquanto me movo de prato para prato. *Sei* que também sente o mesmo. Sei pelos pequenos sorrisos secretos que partilhamos, pelos momentos de

intenso contacto visual. É quase insuportável. Anda a crescer há semanas e sei que algo está prestes a ceder.

Claro que sei que é uma péssima ideia e que, decididamente, não o devia fazer. Fazer sexo com o meu patrão? Com o meu herói? É uma péssima, péssima, péssima ideia e, definitivamente, não o vou fazer.

Nem que ele implore.

Certo, talvez se implorar.

Talvez eu deva implorar?

As minhas amigas dizem que não devo fazer isso. A Shelley diz que vou ser despedida, a Lou acha que vou ficar magoada. No entanto, neste momento, aceitava de bom grado essas duas consequências por uma noite com o Carl.

Apoio a cabeça nas mãos e afundo-me mais no meu sonho acordado. Imagino que estamos a beijar, a tocar, a fazer sexo. O Carl a virar-me para cima de um balcão como se eu fosse uma boneca. Ele dentro de mim e ambos a atingir o orgasmo numa tempestade imunda de fluidos corporais.

- Olá.

A saudação faz-me saltar de susto quando abro os olhos ao ouvir a voz do Carl. Sinto-me impossivelmente culpada, como se o tivesse usado numa das minhas fantasias sem lhe pedir permissão. Será que consegue perceber em que estava eu a pensar? Claro que não, isso é estúpido. Mas pela maneira como olha para mim, podia jurar que sim. Solto uma risada nervosa e observo o vulto dele delineado na penumbra da porta.

- Está sempre a apanhar-me de surpresa quando tenho os olhos fechados - observo, contente por a quase escuridão

disfarçar o meu rubor.

- Bom, a Esther fecha os olhos muitas vezes. - Ele sorri.

Oh, meu Deus, não sei se aguento mais esta tensão entre nós. Parece que vou morrer.

Engulo em seco e desvio o olhar.

- Já foram todos embora? - pergunto num sussurro sensual.

Ele avança um passo na minha direção.

- Sim - responde numa voz grave e repleta de algo. - Só cá estamos eu e tu. Só nós os dois, Pequena Esther Adams. Nós os dois sozinhos, na despensa, às escuras.

Não consigo resistir a olhar novamente para ele. Fitamo-nos durante uns longos dez segundos, a energia a faiscar entre nós no silêncio escuro.

É demasiado. Vou explodir se não o beijar. Não consigo resistir mais.

Atiro-me para a frente, agarro-o pela jaleca branca e puxo-o para mim. Os lábios dele esmagam os meus e beijamo-nos freneticamente, mãos por todo o lado. Roupas voam em todas as direções e reparo vagamente no baque de batatas a cair da prateleira. Ele tira-me a roupa interior com destreza e ergue-me pelo rabo para cima dele. Abraço-o com as pernas e sinto-o a fazer pressão contra mim.

- Oh, meu Deus, és tão sensual - diz ele num sussurro urgente. - Como pode alguém não se deixar seduzir por esses olhos? Seduziste-me de um lado ao outro da cozinha, sua cabra sensual.

Cabra? Pois, não... não, não tem mal. Isso é... sensual. Eu *quero* ser a cabra dele.

- Tu és um...

Não me ocorre qual é o equivalente masculino para cabra? Sacana? Canalha? Não sei se posso dizer isso ao meu patrão.

- Tu és... - volto a tentar - ... a porra de *chef* muito sensual.

Felizmente, ele está a arfar tanto que não me ouve.

Quando ele se vem dentro de mim, o que não me incomoda de todo porque posso comprar uma pílula do dia seguinte na farmácia perto do meu apartamento, volta a chamar-me cabra e algo se incendeia dentro de mim. Nunca me senti tão desejada ou tão usada. E sei, com cada centímetro do meu corpo, que preciso de mais.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

- Estás a tomar banho? - pergunta a voz suave da Lou, abafada pela porta fechada. - Posso entrar?

Observo-me e movo espuma espessa estrategicamente para cima dos mamilos e das virilhas.

- Sim - respondo, sem grande ânimo.

Estou finalmente a lavar-me como deve ser, preparando-me para a visita ao meu antigo local de trabalho pela manhã. Não estou com grande disposição para uma Conversa Séria.

- Só queria ver como estavas.

Ela entra de pijama, com uma expressão preocupada no rosto. Faz-me sentir ainda pior; alvo de condescendência e sozinha em tudo isto.

- Estás bem, Esther fofa?

- Claro - respondo facilmente, movendo mais espuma à superfície da água. - E tu?

Ela senta-se no rebordo da banheira e esfrega os olhos, um pouco sonolenta.

- Lou - digo, num tom mais meigo. - Não precisamos de fazer isto agora. Vai dormir, estás claramente exausta.

- Não, não. - Ela boceja. - Estou bem. Fala comigo. Estás bem?

- Ótima - respondo mecanicamente. - Amanhã vou visitar, hum, o Carl. Sabes, o meu erro no trabalho? Vou até ao *A'Diva*, o restaurante onde trabalhámos juntos quando eu tinha 21 anos. Quando ele era o meu *chef de cuisine* e eu era apenas uma humilde estagiária! - Não lhe digo o resto. Que ele já não trabalha lá. Que saiu envolto numa aura de

mistério. – Oh, além disso, o Alistair continua a mandar montes de mensagens, por isso parece mesmo que não está *assim* tão apaixonado pela tal namorada. – Ponho o sorriso mais alegre que consigo. Ela não parece muito convencida. – Está tudo bem – acrescento rapidamente. – Estou tão feliz por tudo isto ter acontecido! Finalmente, tenho opções. Há anos que não tinha opções!

Solto uma risadinha e a Lou esboça um sorriso.

– Isso é bom – diz ela gentilmente. – Acho que... quer dizerr, sim, ótimo, isso é muito bom.

Ela faz uma pausa e eu espero. Esperamos as duas em silêncio.

Eu cedo primeiro.

– Tiveste notícias dela?

Não vale a pena fingir que a Lou não sabe a quem me refiro, mas ela clareia a garganta e demora um segundo a responder.

– Algumas – assente, atrapalhada. – Não muitas, para ser franca. Acho que não quer que sintas que estou a tomar partido de alguém.

Ergo o olhar para poder ver bem o rosto dela.

– E *estás* a tomar partido de alguém?

– Claro que não! – exclama ela, chocada.

Porra. Tinha mesmo esperança de que ela estivesse a tomar o partido de alguém e que esse alguém, obviamente, fosse eu.

– Ela, hum... – A Lou tossica ligeiramente. – Teve uma oferta de emprego!

– Ah, certo.

Não sei bem como reagir a isto. Sei que a Bibi anda à procura de emprego há séculos, mas da única vez em que não estou a torcer por ela, tudo se resolve. Ela espeta-me uma faca nas costas, rouba a minha amiga mais antiga, põe em risco tudo por que sofri durante anos, começa até uma relação amorosa, algo que tenho desesperadamente tentado fazer nos últimos meses com a porra de uma *missão* e tudo. E agora, ainda por cima, tem um emprego novo e excitante. A velha Bibi aterra sempre de pé.

- Bom - comento relutantemente -, que bom para ela. É mesmo uma felizarda.

A Louise põe uma expressão desconfortável e voltamos a cair num silêncio. Gostava que ela fosse embora. Gostava que me deixasse em paz. Sei que está a tentar ser solidária, mas não é o tipo de solidariedade de que preciso neste momento. Preciso do tipo de solidariedade incondicional que me diz que estou um milhão por cento certa em tudo isto. O tipo de solidariedade que toma completamente partido por mim e me diz que a Bibi está a ser uma cabra. Preciso de uma amiga que diga mal dela comigo e me ajude a dissecar a personalidade dela. Que enuncie todas as atitudes frias e rudes da Bibi que até agora nunca me tinham incomodado muito.

Pego num pano e pouso-o na cara. Em parte, para a Lou perceber a dica e ir embora, em parte, porque quero travar eventuais lágrimas antes que comecem a correr-me rosto abaixo.

Ela ignora o sinal.

- Ah, é verdade - começa ela, bastante animada, mudando de assunto -, ainda acho que o tio-avô Merlin me está a assombrar. Esta semana, tropecei a meio de uma audição e juro que foi porque umas mãos fantasmagóricas me deram um pequeno empurrão!

Acho mesmo que neste momento não tenho a energia para lidar com a culpa mal direcionada da Lou... ou seja lá isto o que for.

- Oh, meu Deus - murmuro por baixo do pano.

Por acaso, cheira bastante mal. Acho que alguém o deixou molhado e enrodilhado, cheira a mofo. Mas se o tirar agora, a Lou vai pensar que quero falar sobre esta parvoíce. Mas devo ser educada.

- Então, não ficaste com o papel?

Sinto-a a abanar a cabeça e o silêncio volta a cair sobre nós.

- Gostava que falasses com a Bibi - sussurra ela, por fim.

Estas palavras ficam a pairar no ar por alguns momentos, fazendo a água do banho parecer fria. Sob o pano, sinto todo o tipo de emoções, mas não digo nada.

Após alguns minutos, sinto-a a levantar-se e a sair discretamente da casa de banho, fechando a porta devagar ao sair.

Fecho os olhos com força e deixo-me afundar na água. O pano afasta-se a flutuar e a água bloqueia todo o som. Tudo fica escuro e silencioso.

Veem como é fácil isolarmo-nos do resto do mundo?

EX-NAMORADO N.º 2: CARL HURST

O Erro no Trabalho

Parte Três

Restaurante *A'Diva*

Bancada da cozinha

23h12

- Estive a noite toda à espera de ficar a sós contigo - murmura ele ao meu ouvido.

Sinto um aperto dentro de mim, não muito agradável. Agarra-me pela cintura e vira-me para ele, como se eu não pesasse nada. Isso costumava fazer-me sentir desejada e sensual, mas agora sinto-me... outra coisa.

- Talvez não devêssemos... - começo, a pensar na outra mulher que o vi a abraçar hoje.

Mas ele já está a beijar-me o pescoço e parece falta de educação pedir-lhe que pare.

A verdade é que estive a tentar evitá-lo a noite toda. As coisas entre nós, ultimamente, têm uma nota dissonante. Sinto-me cada vez mais... não é bem *usada*, mas, bem, sim, usada. É cada vez mais difícil ignorar o falatório sobre nós na cozinha e a forma como todos me olham com desconfiança e pena. Torna-se cada vez mais difícil ignorar que o Carl tem outras mulheres na vida dele. Até ouvi rumores de que tem alguém em casa. O que pode explicar

porque só me deixou ir lá ter com ele uma vez. Mas não posso perguntar-lhe, pois não? Seja como for, evitar o homem com quem andamos a dormir não é fácil quando esse homem é o nosso patrão.

Hoje, o restaurante esteve movimentado e eu esperava conseguir escapar assim que fechássemos, mas o Carl ordenou-me em voz alta que não me fosse embora e o ajudasse a limpar os frigoríficos. Vi a maneira como os meus colegas de trabalho olhavam uns para os outros quando foram embora. Até o Paul não me conseguiu encarar nos olhos quando se despediu de mim.

- Põe-te de joelhos - ordena-me ele agora, já a desapertar o cinto.

Esta foi uma noite mais atarefada do que o habitual e estivemos de pé numa cozinha escaldante durante dez horas seguidas. Ele não vai saber bem.

Isto é sensual, lembro a mim mesma. Eu sou sensual. Sou uma mulher forte e empoderada a fazer uma escolha empoderada.

Ele agarra-me pela nunca e penetra-me com força. Engasgo-me com a pila dele e não consigo respirar.

Sou uma mulher forte e empoderada a fazer a escolha empoderada de me degradar. De deixar que ele me faça isto. Ele grunhe e empurra com mais força contra a minha garganta. Quando começo a engasgar-me de novo, ele volta a grunhir ruidosamente, como se os sons estrangulados que estou a fazer o excitassem ainda mais.

Doem-me os joelhos. Ainda tenho escoriações doridas da última vez que fizemos isto. O azulejo elegante não foi

concebido para alguém se ajoelhar.

Quero parar. Quero mesmo parar. O sabor dele é horrível, estou coberta pela minha própria saliva fétida e só quero ir para a cama e dormir 12 horas seguidas. Estou cansada, do trabalho e dele. Quero que pare. Tudo aquilo.

Mas estou sempre a dizer-lhe que sim, por isso, porque ouviria ele um não agora?

- O QUE DIABO SE PASSA AQUI?

A voz furiosa parece vir do nada. O Carl larga-me a cabeça e eu caio para a frente, para cima dos meus joelhos. Deixo-me ficar assim, numa pose infantil de ioga... receosa de levantar a cabeça para ver o que está a acontecer.

- LEVANTA-TE!

Reconheço agora a voz. É a do Hugo, o dono do restaurante. O meu patrão, o patrão do Carl, o patrão de toda a gente aqui.

- LEVANTA-TE JÁ, IMEDIATAMENTE!

Ele está a gritar comigo, com ambos, e tento encontrar forças para me levantar no meio desta humilhação.

Fomos apanhados em flagrante. Apanhados pela única pessoa que o Carl não pode intimidar para não dizer nada. Outras pessoas já nos surpreenderam antes, serventes de cozinha, empregados de mesa, uma vez até um cliente, mas o Carl sabe como manter os outros calados.

O perigo, o risco horrível, até nos excitava.

Demoro alguns segundos até me conseguir mover. Quando finalmente olho para cima, o Carl já tem as calças vestidas e está ao lado do Hugo, a falar em voz baixa. Ouço

algumas palavras, apesar de os dois estarem já a afastar-se, a sair da cozinha.

- Seduziu-me... Implorou... Sabes como são estas miúdas...

Fico imóvel, com uma sensação de horror a rastejar sobre mim. Apanhada por alguém que respeito tanto, a fazer algo assim... Nunca imaginei nada disto. Mas foi tudo culpa minha, tudo escolha minha. Comecei isto, queria isto.

Sinto as minhas entranhas em sobressalto, como se quisessem sair de mim para nunca mais voltar.

Em vez disso, sacudo os joelhos e saio pelas traseiras, o mais depressa que consigo. Ao sair, ao fechar a porta exterior, sei que não vou regressar.

Mais tarde nessa noite, recebo uma mensagem breve e abrupta do Carl, a dizer-me que seria melhor se eu encontrasse outro sítio para trabalhar. E depois recebo uma transferência bancária que me faz sentir pior do que em qualquer outra altura destes últimos sete meses. Nunca mais volto a ver o Carl ou o Hugo, ou qualquer um dos meus colegas de trabalho, exceto um.

Mas as palavras do Carl para o Hugo ficam comigo durante muito tempo. Porque, veem, eu *realmente* seduzi-o. Eu *realmente* implorei. Não me disse ele essas mesmas palavras tantas vezes enquanto fazíamos sexo? E eu não *gostei*?

Sou nojenta e tudo isto foi, e é, inteiramente culpa minha.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Já consigo ouvir os gritos da Louise quando ponho a chave na porta.

- PORRA PRA SANITA! - grita ela.

Espero um momento para me acalmar antes de entrar. Olho para as minhas mãos trémulas e ordeno-me a parar, respirando ar fresco em longas inalações. Posso reagir às últimas horas *mais tarde*.

Respiro fundo, colo um sorriso hirto no rosto e entro.

A Louise está corada e ofegante quando aparece no corredor.

- Socorro! - diz simplesmente, agitando inutilmente a escova da sanita no ar. - Podes ir buscar a jarra?

Assinto e entro em ação.

Na casa de banho, caímos na nossa nova rotina, a esvaziar a água retida na sanita para a banheira e a queixarmo-nos do senhorio.

- Oh! - exclama a Louise, alguns minutos depois. - Não ias hoje ver o teu erro no trabalho? Como correu?

Baixo o olhar e fico a ver a água a escorrer pelo ralo da banheira. Não ia dizer nada. Não queria admitir a minha última humilhação devastadora. Mas a Louise já viu e ouviu tanto acerca de mim. Especialmente nos últimos meses. É tudo um desastre.

- Decidi não ver o Carl - digo-lhe, clareando a garganta. - Pelo menos, não cara a cara. - Faço uma pausa e ergo o rosto para fitar os olhos gentis dela, curiosos e redondos. - A

verdade é que não fui lá hoje para o ver hoje, mas para ver o *A'Diva*.

- Mas ele não estava lá? - pergunta ela, a encher a jarra. - Já não trabalha lá?

Abano a cabeça.

- Não, eles livraram-se dele. Ele despediu-se, mas apenas para não ser despedido. O que ele me fez - exalo bruscamente -, também fez a montes de mulheres jovens. Caso atrás de caso. E durante todo esse tempo era casado.

- Oh, meu Deus - sussurra ela, visivelmente chocada. - Isso é horroroso. Como é que sabes?

- Falei com alguém que trabalha lá agora - explico. - É a chefe de sala e eu disse-lhe que já tinha trabalhado para o Carl. Sentámo-nos, tomámos café e ela disse-me que ele andava há anos a assediar mulheres jovens que trabalhavam para ele. Tantas jovens vulneráveis que o admiravam. Safou-se sempre, mas as coisas mudaram desde o *MeToo*. Já não conseguia escapar deitando as culpas para as pobres vítimas. Além disso, o Hugo, o dono anterior, reformou-se e a filha tomou conta do restaurante. Ela tinha os olhos bem abertos para este tipo de coisa. - Sorrio, sentindo-me ligeiramente melhor por estar a falar. - Ao que parece, ela chegou ao restaurante há uns meses, convocou todos os empregados e enumerou todas as coisas nojentas e depravadas que o Carl fez... que ela soubesse. - Baixo o olhar para o chão. - Então, ela convidou-o a demitir-se. Pelos vistos, foi glorioso.

A Louise parece escandalizada.

- Uau! Aposto que ficou furioso.

- Sim - confirmo. - A mulher disse que ele estava a ferver de raiva, parecia que ia bater na nova patroa. Alguns dos ajudantes dele entrevistaram e levaram-no para fora do edifício. Pelos vistos, estavam mais do que satisfeito por pô-lo na rua! Toda a gente estava farta dele. - Lembro-me então de outro detalhe. - Ah, e alguém disse à mulher dele e ela pediu o divórcio.

A Louise morde o lábio.

- Essa mulher com quem falaste, a chefe de sala, achas que pode ter sido uma das vítimas do Carl?

Tiro-lhe a jarra das mãos para ter algo para fazer.

- Não perguntei, mas acho que sim. Ela tinha um olhar que me pareceu familiar. Mas não sei ao certo.

Ficamos caladas por alguns momentos.

- Como te sentes? - pergunta ela por fim.

Encolho os ombros e deixo-me descair.

- Pior? Melhor? Não sei bem - admito. - Nunca quis dizer em voz alta até que ponto aquela relação foi horrorosa. E como me sentia impotente. Eu queria mesmo acreditar que a decisão tinha sido minha. Que era uma mulher adulta a fazer as minhas próprias escolhas. Por outro lado, ajuda saber que aquilo que sentia sob a superfície, que ele era um monstro horrível, era mesmo verdade. E é bom que tenha percebido isso. Acho que era muito ingénua quando tinha 21 anos. - Abano a cabeça, a pensar em mim quando era mais jovem. - Na altura, pensava *mesmo* que ele era sofisticado e sensual. Pensava que a maneira como ele se comportava era muito adulta e que isso fazia de *mim* uma adulta por alinhar em tudo. Mas, na verdade, ele abusou de uma jovem e baralhou-

lhe a cabeça. Pior, não apenas uma jovem, mas uma jovem que trabalhava para ele! Foi tudo tão errado. – Faço uma pausa. – Mas acho que é por isso que homens mais velhos andam com mulheres mais novas, não é? Quando somos novas, não sabemos o que está certo ou onde estão os limites. Não protestamos nem resistimos tanto. Achava que o Carl sabia mais do que eu, porque era mais velho, porque era o meu herói, e nunca lhe dizia que não. – Passo-lhe a jarra e retorço as mãos. – Acho que homens como o Carl não conseguem lidar com mulheres ao mesmo nível. Mulheres que não aturam esse tipo de comportamento doentio. – Paro e fico a pensar em tudo a que me submeti. – Seja como for, a humilhação faz parte do processo, não é verdade? Tenho de visitar todos estes erros para ver se podia ter feito algo de maneira diferente ou ter aprendido alguma coisa. – Ergo o queixo. – E aprendi que nunca mais volto a sair com um tarado sexual.

– Bom, essa é uma boa lição para se aprender – ri-se a Louise.

A sanita solta subitamente um gorgolejo intimidante e afastamo-nos ambas num salto.

– Uh, só queria que a Bibi estivesse aqui – digo em voz alta, irritada. A Lou levanta-se e lança-me um olhar esperançoso. – Apenas porque é a vez dela de tirar água da sanita! – explico com um revirar de olhos. – Não é justo, ter de lidar com a sanita sem ela. Ela devia estar a ligar para o senhorio e gritar-lhe acerca dos direitos do inquilino. Fiz isso da última vez e foi uma porcaria.

A Lou deixa tombar a cabeça.

- Eu sei. Tentei antes de chegares, mas não consigo soar severa quando falo com ele. Ele prometeu que desta vez enviava um canalizador a sério! Jurou sobre a campa dele!

- Acho que uma pessoa não se pode jurar sobre a *própria* campa - pondero. - Possivelmente, porque não *tem* uma campa se não estiver morta.

A Lou parece novamente confusa.

- Oh. Bem, desculpa se não ajudei muito. A Bibi é que tinha jeito para reclamar com ele. Lembras-te de quando lhe chamou um cabrão cornudo? Lembras-te?

Lembro-me, mas não estou preparada para pensar nisso. Foi demasiado divertido; nós as três paradas à volta do telemóvel da Bibi enquanto ela gritava cobras e lagartos ao nosso senhorio.

A Louise volta a ficar em silêncio, mas não desvia o olhar de mim.

- O quê? - pergunto numa voz irritada.

- Sabes bem o quê - responde ela num sussurro.

- Ouve, é óbvio que a Bibi também não quer falar comigo! - protesto com um aceno de mão. - Não tenho notícias dela desde que se mudou para casa da Alex. E o que quereria ela de mim, hum? Tirou tudo o que queria desta situação, não foi? A namorada, o emprego perfeito...

- Ela ainda não aceitou o emprego - interrompe a Lou. - É um pouco mais corporativo do que ela estava habituada e não tem a certeza...

Interrompo-a também.

- Oh, tenho a certeza de que, no fim, tudo se vai resolver na perfeição! - remato, sem reconhecer a minha própria voz.

- A Bibi nem sequer precisa de se esforçar para que tudo lhe corra de feição. Tudo se resolveu para ela, não foi? Tenho a certeza de que o emprego também vai ser um sonho! Sortuda da Bibi!

Esta não sou eu. Sei bem como a Bibi se esforçou por encontrar um emprego. Detesto a pessoa a falar com a minha voz, mas ainda estou demasiado zangada para ser razoável.

A Lou parece confusa.

- Mas adoras o teu emprego, não adoras? Pensava que sim.

Oh, perfeito, mais uma pontada de culpa. Como se já não tivesse suficiente.

Sim, adoro a porra do meu emprego. Que bem lembrado! Porque, ultimamente, tenho andado a sabotá-lo também, juntamente com tudo o resto. Coro de vergonha ao pensar no pouco que me esforcei no trabalho ao longo destes últimos meses. A Katie tem andado a correr de um lado para o outro, a fazer todo o meu trabalho enquanto eu ignoro as minhas responsabilidades.

Abro a boca e sou salva pela campainha.

É, previsivelmente, o genro inútil do nosso senhorio e a Lou deixa-o o entrar, passando-lhe a jarra para as mãos. Retiramo-nos então para a sala de estar, onde continuamos a falar no sofá em sussurros embaraçados.

- Estou aborrecida. Vamos ao *The Swab*?

Lanço-lhe um olhar chocado.

- Ao bar da Bibi?! Claro que não podemos ir lá, a Bibi e a Alex podem lá estar!

A Lou solta uma risadinha.

- Oh, não, decididamente, não vão estar lá. A Bibi não trabalha esta semana e elas nunca iam lá, a Bibi dizia que o apetite sexual dela morria mil vezes só de ver o Franco.

- Quando é que ela disse... - Franço a testa quando começo a perceber. - Espera lá... Lou, tu sabias? Tu *sabias* acerca delas? Tu sabias da porra do caso da Alex e da Bibi?

Ela fica muito pálida ao perceber o que disse. E o que isso significa.

- Sim - responde simplesmente, baixando o olhar para as almofadas entre nós, envergonhada. E subitamente não é só a traição da Bibi, nem mesmo a traição da Lou, mas toda a discriminação e exclusão. As minhas três melhores amigas tinham um segredo juntas. Sem mim. - Mas, ouve, não era uma conspiração nem nada disso - continua rapidamente a Lou. - Apenas reparei que se passava algo. Parecia-me um pouco óbvio, toda aquela tensão estranha entre elas! Todo o embaraço e a Bibi sempre a implicar com a Alex, como se estivessem no recreio. E, credo, os olhares desejosos a toda a hora!

- Pensava que se detestavam! - grito. - E nunca vi porra nenhuma de olhares desejosos.

A Lou demora um segundo antes de responder.

- Bom - começa ela, hesitante -, tens andado um pouco distraída nos últimos meses com a tua Missão dos Sete Ex-Namorados.

Há uma crítica nestas palavras, mas não estou a entendê-la.

- Mas estávamos nisto juntas - protesto, na defensiva. - Pensava que vocês estavam tão investidas na missão como eu. Vocês sabiam como era importante para mim.

Ela assente.

- Claro que sim! E nós apoiamos-te. Falámos *tanto* disso. Mas... - Ela volta a hesitar. - Às vezes, parecia que só falávamos disso. Eu e a Bibi também temos os nossos problemas.

- Não me venhas agora dizer que nunca vos perguntava nada acerca das vossas vidas!

Procurro na memória, mas não me ocorre nada específico. Mas, decididamente, falei com elas sobre a vida delas; não sou uma cabra egoísta que só se preocupa consigo. Eu *sei* que lhes perguntei sobre o que se passava na vida delas.

- Não, não - diz a Lou, a abanar a cabeça. - Desculpa, não foi isso que quis dizer. Tu és uma boa amiga, a sério. Mas eu e a Bibi passámos por situações parecidas no último ano, as duas sempre a tentar lançar as nossas carreiras, enquanto tu tinhas isso resolvido. Fomos a inúmeras entrevistas e audições, sem qualquer resultado visível. E tu tens sido muito simpática e solidária! Mas torna-se aborrecido estar sempre a falar do assunto. Sabemos que é aborrecido de ouvir e, acredita, também é aborrecido para nós. Mas isso não significa que não paire sobre tudo o que fazemos. Tudo anda à volta de eu conseguir uma audição ou a Bibi conseguir uma entrevista. E a seguir, se somos escolhidas, depois de todo aquele trabalho e investimento emocional. É esgotante e cansativo... *mas aborrecido*. - Faz uma pausa, com uma expressão dolorida. - Acho que isso nos aproximou

um pouco nos últimos meses. Temos uma espécie de dor partilhada.

- Pois, e eu não podia compreender o laço entre vocês -
riposto abruptamente, sentindo pontadas de dor na barriga.
- Sabes que não fui eu que despedi a Bibi ou que te forcei a
escolher uma carreira tão difícil, Louise.

Ela parece momentaneamente triste, mas por fim assente.

- Eu sei, Esther. Só estou a tentar explicar. É só que tu
tens a tua vida organizada, nos eixos, e nós sentimo-nos tão
atrás de ti.

- Não tenho nada nos eixos! - expludo, lembrando-me
então do tipo na casa de banho e baixando a voz. - Lou, isso
é ridículo. Sabes que a minha vida amorosa é uma desgraça!
É esse o objetivo de tudo o que tenho feito nos últimos
meses!

- Mas tens uma casa, amigas e uma carreira que adoras -
lembra ela, numa voz implorante, a olhar para baixo. - Tens
um salário decente e regular, e isso dá-te tanta liberdade.
Não fazes ideia do medo terrível que a Bibi e eu sentimos
todos os meses, de não termos dinheiro para pagar a conta
do gás ou a comida. Tu tens a parte importante da vida
resolvida. E entendo que queiras conhecer alguém! Mas isso
não é vital, pois não? Só tens 29 anos! Não tarda muito, os
humanos vão viver até aos 150 anos, queres mesmo passar
os próximos 120 com a mesma pessoa? Encontrar um
parceiro não é a coisa mais importante na vida, pois não?

Olho atentamente para ela, a tentar perceber se está a
falar a sério. Claro que é! Certamente? Ou não será? Eu
pensava que era?

Um silêncio incómodo tomba sobre nós. Estou zangada, furiosa, na verdade, mas não posso zangar-me também com a Lou. Podia começar a parecer que o problema sou *eu*.

- Então - digo, momentos depois -, tu, a Alex e a Bibi partilham tudo porque eu tenho um bom emprego. Sempre soubeste que estavam juntas e achas que são um casal perfeito e não antecipas quaisquer problemas quando elas acabarem.

Sei que o meu tom é agressivo e sarcástico, mas não me consigo conter. Porque não pode ela ver as coisas do meu ponto de vista?

A Lou respira fundo.

- Bom - começa ela cautelosamente -, sim, acho que elas ficam bem juntas. - Interrompe-se por um momento. - E se acabarem, sim, vai ser horrível e difícil e triste. Pode tornar as coisas horríveis outra vez e também não quero voltar a perder a Alex, sabes? Mas o amor é acerca de correr este tipo de riscos. E se a Bibi e a Alex realmente encontraram a felicidade uma na outra, então merecem correr esse risco. - Isto é um discurso muito assertivo para a Lou. - E, para ser franca, Esther. - Oh, raios, creio que não preciso de franqueza neste momento. - Acho sinceramente que, na altura, foste muito mais imatura na maneira como lidaste com a Alex. Lamento dizer-te isto. Mas acho que é por isso que estás a reagir tão radicalmente a tudo... porque sabes que, na altura, cometeste um erro enorme e que uma parte de ti sabia que era má ideia desde o início. Mas ignoraste esse aviso na tua cabeça. Foi *parcialmente* por culpa tua que perdemos a Alex dessa vez, e acho que é por isso que te

sententes responsável por elas e pelas decisões delas. E estás zangada porque não tens qualquer controlo sobre o que fazem ou o que pode acontecer. – Solta um suspiro pesado. – Mas, olha, a Alex e a Bibi são bem mais velhas do que nós éramos na altura. Compreendem melhor as suas escolhas. E mais do que isso, estão apaixonadas. *Amam-se!* Foi por isso que não pararam, mesmo sabendo que te podiam magoar. E isso não é um erro. Aconteça o que acontecer entre elas, e entre nós as quatro, isso não pode ser um erro.

Estou a conter as lágrimas. Quero discutir e dizer-lhe que está errada. Mas não está.

– Esther – retoma ela lentamente, num tom diferente –, não me odeies por dizer isto, mas talvez esteja na altura de parar com esta missão? Tem sido um enorme fardo emocional para ti. Tiveste desilusões tão grandes com o Alistair, o Paul e o Idris. E depois confrontas-te com o teu historial, com tarados como o Carl! Deve ter sido horrível. Tem sido uma viagem interessante, mas não *tens* de ir até ao fim. Ambas sabemos que o Rich é um sacana, da cabeça aos pés. Voltar a vê-lo só pode ser terrível. Especialmente quando estás a passar um mau bocado com a Bibi e a Alex.

Pondero nestas palavras. Penso no alívio que seria concordar com ela. Acabar com isto e voltar à minha vida. Dedicar-me ao meu trabalho, em vez de sabotar tudo. Admitir que estou errada acerca da Bibi e ir ter com ela para lhe dar um abraço. Pedir desculpa a toda a gente por ter sido uma cabra egoísta nestes últimos meses, ao forçar toda a gente a juntar-se a mim nesta missão alucinante. Seria tão libertador acabar com tudo isto de uma vez por todas.

Mas não posso. Tenho de ir até ao fim. Fui demasiado longe com tudo isto e fiz toda a gente sofrer demasiado. Esperei tempo de mais pelo autocarro noturno, não posso desistir agora e ir a pé.

Mas, e se a Lou tiver razão? E se uma relação não consertar tudo por magia? E se ter alguém ao meu lado não compensar o facto de estragar as minhas amizades e a minha carreira?

Abano a cabeça pesarosamente.

- Vou até ao fim, Lou - digo-lhe simplesmente. - Vou mandar uma mensagem ao Rich esta noite.

Ela parece alarmada.

- Estás a falar a sério? - exclama ela numa voz aguda. - Por favor, diz que não estás a falar a sério. Nunca pensei que chegarias até ao Rich, o Sacana. E se voltares a ficar enredada na conversa sedutora dele, Esther? - Ela soa frenética. - Porque não, hum, fazes antes planos com o Alistair e decides isso depois de veres se ele é O Tal ou não.

Abano a cabeça.

- Não, não vou esperar mais. Esta missão tomou conta da minha vida e tens razão acerca do esgotamento emocional. Preciso de acabar isto. Devia ter andado a ver mais do que um ex-namorado desde o início, isto demorou demasiado tempo.

A Lou fica de uma cor arroxeadada e explode.

- Isto é um erro enorme! Não consegues ver? Esse sacana tem um poder sobre ti e tu não vais conseguir resistir se o voltares a ver! Não sabes o suficiente sobre essa relação para o ignorares? Só acabou, tipo, há oito meses! Não

consegues ver como vai ficar convencido quando te vir a correr de volta para ele?

- Não vou *correr de volta* para ninguém! - protesto, com as costas hirtas. - E vejo que não estás a entender. Preciso de fazer isto, Lou.

- Mas *porquê?* - interroga ela, desesperada.

- Não ias entender - repito, pegando no telemóvel com uma determinação renovada a pulsar-me pelos dedos.

A Lou põe-se de pé.

- Bom, não vou ficar aqui a ver-te fazer isto - diz ela, abalada. - Deixo-te em paz.

Começa a caminhar lentamente para a porta, como se estivesse à espera que eu a chamasse.

- Até logo - digo-lhe secamente.

Ela deita-me um último olhar de tristeza antes de sair da sala. Ouço a porta dela bater com força precisamente quando o genro espreita para dentro da sala.

- Acho que a sanita está completamente lixada - lamenta-se ele.

- Não é a única - murmuro, enquanto escrevo com determinação a minha mensagem para o Rich.

EX-NAMORADO N.º 7: RICH LOWE

O Sacana

Parte Um

Strawberry Moons

O bar

23h50

Sinto o olhar dele sobre mim antes mesmo de o ver. É como um *laser*, quente na minha nuca.

Ou talvez seja só a tequila. Depois de sete *shots*, algumas garrafas de vinho e muita dança durante quatro horas seguidas, seria um desafio encontrar qualquer parte de mim que não estivesse a esquentar.

Limpo o rosto suado à manga antes de olhar em redor, à procura de algo, e encontro a porra dos olhos mais sensuais que alguma vez vi. E estão a observar-me do outro lado do bar.

O homem com aqueles olhos está encostado a um pilar, a fitar-me enquanto avanço para ir buscar ainda mais bebidas. Há horas que não quero saber do meu aspeto, horas a beber e a gritar com as minhas amigas sem qualquer motivo, com uma camada de álcool a bloquear como parecemos estúpidas para os outros foliões à nossa volta. Agora, todo o constrangimento regressa de uma vez só. De repente, percebo, com uma perturbadora consciência de mim mesma,

como devo parecer nojenta. A minha roupa está toda desalinhada e a maquilhagem escorreu por todo o lado. Preocupo-me, súbita e intensamente, com o bronzeado artificial nos meus braços que migrou exclusivamente para cotovelos, axilas e a margem das unhas.

Equilibrando com cuidado as bebidas que acabei de comprar, volto a olhar para ele. Ainda está a olhar para mim, a observar-me com um olhar quase clínico. Por um momento, interrogo-me se será um médico que viu algo de errado em mim. Não será isso mais provável do que um *pedaço* de homem como este se interessar por mim? É um esforço acreditar que alguém gosta de mim, mesmo quando estou com o meu melhor aspeto.

Tropeço ligeiramente e verto o topo da bebida da Bibi por cima das costas de alguém. Um homem encorpado vira-se para trás, olha-me de alto a baixo e grita comigo.

- Desculpe - digo numa voz arrastada.

Ele chama-me cabra.

- Olha a linguagem - avisa uma voz severa atrás de mim.

- Não fales assim com uma miúda.

- Porra de cavaleiros andantes - murmuro ao virar-me. - Não preciso do teu sexismo benevolente, muito obrigada. Sou perfeitamente cap... - Paro de falar quando percebo que é o tipo dos olhos sensuais. - Oh, és tu.

- Tenho andado a observar-te - diz ele ao aproximar-se do meu rosto.

Ao perto, é avassaladoramente lindo. Quase não consigo respirar. Contudo, mais uma vez, isso pode ser da tequila.

- Eu sei que sim - replico, com um nível de confiança que não sinto. - Só não sei porquê. - Sinto-me tão desconfortável sob o olhar dele. E desconfortável em geral, pois o meu sutiã, de alguma forma, torceu-se sobre si mesmo e uma das copas tenta galantemente suportar todo o peito. - Podes segurar nisto por um segundo?

Passo-lhe para as mãos as bebidas que comprei para a Bibi e a Lou, interrogando-me brevemente se estarão a ver isto. Espero bem que sim. Alguém tem de me ver a falar com este deus do sexo, tem de ser registado para a posteridade, porque provavelmente não volta a acontecer. Ele olha para as bebidas enquanto eu componho o sutiã.

- Posso provar uma? - pergunta ele, dando um gole longo no *mojito* da Bibi.

Na verdade, espero que ela não esteja a ver. Vai ficar furiosa.

- Hum, isto é mesmo bom, vou ficar com esta. - Ele não espera pela minha permissão, mas perdi todo o dom da fala.

- Sou o Rich, já agora. Como te chamas, coisa boa?

- Quem é este sacana convencido? - pergunta a Bibi, subitamente ao meu lado.

Ela lança um olhar turvo, mas decididamente desdenhoso, ao Rich.

- Sou o Rich. - Ele sorri, aparentemente encantado com o próprio nome.

- E eu sou a dona furiosa dessa bebida - responde ela friamente. - Que *tu* estás a beber.

- É deliciosa - diz ele, continuando a sorrir, sem o mais pequeno sinal de arrependimento.

- O que se passa?

A Louise também chegou, alarmada com a possibilidade de ficar de fora. Ainda está linda, mesmo depois do *brunch* regado a vinho que se tornou numa farra pela noite dentro.

- Ela tem namorado - digo para o Rich, apontando para a Louise.

Ele olha para mim, divertido.

- E tu, tens namorado?

Ele inclina-se para mim e olha-me de alto a baixo. Faz-me estremecer por dentro.

- A Esther é, decididamente, solteira! - intervém a Louise, com entusiasmo. - Está solteira há séculos! Tipo, praticamente desde sempre! Devias sair com ela!

- Obrigadinha, Lou - resmungo.

- Acho que devia levar-te para *casa* - diz ele, os olhos intensamente fixos nos meus.

OMD estou a passar-me.

- Credo, Esther, não vais cair nessa cantiga horrível, pois não?

Se eu conseguisse afastar os olhos do Rich, certamente veria a Bibi a revirar os dela.

Claro que vou cair nessa cantiga. Ele podia ter-me dito para aplicar creme de hemorroides no pénis dele para me fazer sexo anal e eu teria dito que sim, porque, oh, meu Deus, ele é *podre de bom*! Como é que adultos normais resistem a fazer coisas que sabem que são más? Tenho 28 anos, já devia ter percebido isso.

Certo, é perfeitamente óbvio que este tipo é mais um parvalhão, até mesmo um sacana, como disse a Bibi. E já

conheci tantos sacanas. *Tantos*. Já aviei milhares deles no *Tinder*, no *Bumble*, no *Hinge* e em qualquer outro espaço onde ainda deixamos que os homens continuem a ser a porra que são. E jurei que não voltava a cair nessa. Não vou voltar a cair nessa. A Bibi tem razão. Talvez, para variar, eu consiga ser a adulta e dizer não quando sei que devo dizer não. Não vou deixar que me enganem com falinhas-mansas. Vou ser uma pessoa adulta e sensata que dá mais valor à bondade do que a abdominais bem definidos.

- E então? - pergunta o Rich, o Sacana, com um sorriso confiante. - Posso levar-te para casa?

Desta vez, não. Não vou ser mais uma idiota que vai para casa com um desconhecido sensual só porque ele é sensual. Não me vou deixar seduzir pelo charme inegável de um sacana.

Tomo uma decisão ali mesmo, tirando-lhe da mão com determinação a bebida da Bibi e deitando-lhe um olhar férreo.

- Rich - digo numa voz firme, de queixo erguido -, deixa-me só acabar esta bebida e vamos apanhar a porra de um *Uber* imediatamente.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Na banca, a Lou está a lavar as mãos com uma expressão intensa no rosto. Então, olha para mim.

- Ah, lírios estúpidos - queixa-se, a abanar os dedos na minha direção. - Parece que estive a comer caril com os dedos.

Inclino a cabeça e reparo nas unhas manchadas de laranja.

- Lou, não tem mal se *estiveste* a comer caril com os dedos, não precisas de fingir que é por causa de flores.

Ela aponta para a mesa e arregalo os olhos ao ver o enorme ramo de lírios cor-de-rosa, dispostos um pouco à toa na nossa jarra da sanita à volta de umas plantas verdes.

- Uau - murmuro, aproximando-me para os cheirar.

Nunca temos flores ou plantas no apartamento. Não deixamos entrar nada vivo, porque nós matamos tudo. Certa vez, o Idris comprou-nos um gato porque disse que não dava para falhar, mas ficou amarelo no espaço de uma semana.

- São lindas - digo para a Lou, ainda a lavar as mãos na banca da cozinha, de costas para mim. - São do Sven?

Vejo-a a ficar visivelmente tensa.

- Hum, não - responde ela rapidamente. - São da minha agente.

Está a mentir.

Vou até à banca para lhe poder ver o rosto.

- Da tua agente? Porque havia a tua agente de te enviar flores? Conseguiste um papel?

A Lou abana a cabeça, sem olhar para mim.

- Não, é só, hum, uma coisa anual para me fazer sentir especial.

- Provavelmente, sentias-te bem mais especial se ela atendesse as tuas chamadas - observo.

O riso dela soa tenso.

As coisas no apartamento têm andado muito tensas desde o outro dia, quando lhe disse que ia mandar uma mensagem ao Rich. Sei que está irritada comigo, mas a verdade é que eu estou irritada com *ela*! Somos melhores amigas há quase 20 anos e a recusa dela em ficar do meu lado contra a Bibi é uma treta. Para nem falar do facto de saber o que elas andavam a fazer e não ter dito nada.

Mas nem sequer é por isso.

É por causa do grande segredo que ela está claramente a esconder. E já dura há séculos. Ela tem a coisa romântica e maravilhosa que eu quero mais do que tudo, um parceiro fantástico que a adora, e é cada vez mais óbvio que está a dar cabo disso. Não o queria admitir, e ainda espero estar errada, mas não vejo outra explicação. Volto a olhar de relance para as flores.

Eu *disse-lhe* como era horrível ser infiel! Eu disse-lhe como carregamos essa culpa para sempre, como ainda penso naquela coisa imperdoável que fiz ao Idris. Como *pôde* ela?

Ela move-se para pegar no pano de cozinha e repara finalmente na minha roupa.

- Estás o máximo! - elogia ela, com uma nota de surpresa na voz.

Estou a usar o meu melhor vestido, mas o choque dela, provavelmente, deve-se mais ao facto de eu andar quase

sempre de pijama desde o Caso Bibi-Alex.

- Vou ver o Rich - revelo-lhe maldosamente, querendo provocar uma reação.

A Lou volta-se de novo para a banca, mas consigo ver as costas dela a ficarem tensas.

- Está bem - responde simplesmente, o que ainda me deixa mais furiosa.

- Sim - insisto numa voz tensa. - Acho mesmo que ele deve ter mudado. Pareceu superexcitado por ter notícias minhas.

Ela não morde o isco.

- Certo - responde friamente.

A verdade é que a resposta do Rich, o Sacana, à minha mensagem vaga não foi particularmente excitada. Foi uma resposta entusiasmada, mas neutra. Disse que era bom ter notícias minhas e que tomar um copo lhe parecia boa ideia, mas não acrescentou muito mais. E à medida que se aproxima a hora de me encontrar com ele, mais forte fica a sensação horrível e arrepiante de que talvez a Lou tenha razão. Eu nem sequer lhe devia dizer olá.

O problema é que não sei porque o faço. Eu *sei* que não quero voltar a ter uma relação com ele. Eu *sei* que ele é um sacana que seria, que foi, um péssimo parceiro. Sei que devia fugir dele a sete pés.

Então, porque vou encontrar-me com ele? Porque não cancelo o encontro? Será que gosto mesmo de me flagelar?

Não creio que seja isso.

Acho que talvez seja pela possibilidade de o confrontar. Talvez seja essa a minha motivação com o Rich. Preciso de

lhe dizer, finalmente, o quanto me magoou, explicar-lhe na cara como foi horrível. Dizer oficialmente àquele rosto sensual que é um narcisista patológico, um diagnóstico de algibeira que lhe atribuí inúmeras vezes enquanto bebia abundantemente com as psicólogas clínicas Bibi e Louise. Claro que lhe disse uma data de coisas quando estávamos juntos, mas foram sempre palavras ditas no calor da discussão, num ambiente de amor desesperado e disfuncional. Talvez agora ele ouça, se lhe disser o mesmo numa voz calma, com o benefício da distância e de emoções menos agitadas?

Quer dizer, não seria espetacular? Dizer-lhe olhos nos olhos que é um cabrão e saber que está a *ouvir*! Talvez até me peça desculpa! Imaginem a satisfação. E as meninas ficariam tão orgulhosas de mim por o fazer. A Louise teria de engolir as palavras, depois de me implorar para não me encontrar com ele. Ficaria encantada por eu ter ignorado as palavras dela! Dir-me-ia que sou genial por ter conseguido essa resolução e diria à Bibi que, afinal de contas, está a ser uma cabra egoísta. Então, terminaria seja o que for que anda a fazer nas costas do Sven e dir-me-ia que eu tive razão o tempo todo.

A Louise não se move.

- Então, adeus - digo-lhe.

E saio antes que ela consiga topar como estou quase a chorar.

EX-NAMORADO N.º 7: RICH LOWE

O Sacana

Parte Dois

No prédio

Diante da porta da frente, a gritar para o telemóvel

20h50

- Rich! - Odeio o som da minha voz, soa aguda e lamentosa. - Liga-me para a porra do telemóvel, OK? Responde às minhas chamadas só para eu saber que não estás morto.

Desligo, furiosa, e volto a premir o nome dele.

Voice mail. Outra vez.

- Ouve lá, ó cabrão, estás duas horas atrasado para o nosso encontro, o que se passa? Não vou continuar a aturar isto, estás a ouvir? Estou farta. Mereço mais do que as tuas tretas.

Volto a desligar, mas não chega. Tenho tanto mais para dizer. A raiva dentro de mim não está a diminuir. Está novamente a ferver e a transbordar para a rua como a porra de um caldeirão mágico que nunca para de borbulhar.

Voice mail outra vez.

- Rich, não podes continuar a fazer-me isto. - Soar destrocada é ainda pior do que soar lamentosa. Quem sou eu, afinal? - Não podes andar sempre a dizer que gostas de

mim e que me amas e que me queres ver para depois me fazeres esta porra. Já não consigo lidar com este quente e frio! Estamos quase nos 30, por amor de Deus, não temos 21 anos. – Respiro fundo, a tremer. – Tratas-me como uma porcaria. Chegas atrasado aos encontros, não respondes às minhas mensagens durante horas, apesar de eu conseguir ver as marcas azuis, meu! E sei que ainda andas com outras mulheres. Porque me fazes isto?

E porque deixo eu que me faças isto? Isso não pergunto. Ao invés, desligo o telefone e deixo-me cair no degrau. A pedra está fria através das meias-calças pretas e grossas, e agasalho-me no casaco, sentindo-me uma idiota com aquele vestido justo. Pensei que esta noite seria encantadora. Ele prometeu levar-me a um restaurante fino. Tirei a noite de folga porque ele parecia tão entusiasmado. Era suposto ser a compensação pela última vez que me tratou como uma porcaria e mal me deu uma explicação.

Não posso deixar que esta raiva fuja. Se a deixar fugir, vou chorar. Não posso chorar, detesto chorar. Chorei tanto nos sete meses desde que comecei a andar com o Rich. Sei que a relação não está bem, sei que é tudo demasiado disfuncional e infeliz. Mas não consigo acabar com ele. Porque não consigo afastar-me dele? Qual é o meu problema? Sei que isto está errado, mas estou sempre a voltar.

Tenho de me focar na raiva.

Porque me deixo seduzir sempre pela promessa de que tudo irá mudar? Porque continuo a acreditar nele quando diz

que quer ficar comigo? O problema é ele ser tão sedutor quando estamos juntos. É tão bonito e sensual e persuasivo.

Não devia ter gritado ao telemóvel agora mesmo. Desta vez, pode ter-lhe acontecido alguma coisa. E se estiver tombado na berma da estrada, depois de ter sido atingido por um autocarro, e quando os polícias recuperarem o telemóvel dele, tudo o que ouvirem for os meus gritos e insultos à pobre vítima do acidente?

Vou ligar-lhe uma última vez. É melhor pedir-lhe desculpa.

Alguém me tira o telemóvel da mão e senta-se ao meu lado.

- Olá, querida.

É a vizinha idosa do andar de cima. Acho que se chama Sophie? É de França ou de um desses países europeus sensuais.

- Oh! - Estou demasiado surpreendida para responder como deve ser. Não sei se devo ficar zangada ou confusa por me ter tirado o telemóvel. Especialmente quando a vejo a guardá-lo no bolso do casaco dela. - Hum, não se importa... - começo.

Mas ela manda-me ficar calada.

- Sei que não fomos devidamente apresentadas - diz ela com um sorriso gentil. - Eu vivo acima do vosso apartamento barulhento? Chamo-me Sofia.

Ela estende-me uma mão ossuda e eu aperto-a, sentindo-me um pouco pateta. É macia como tudo. Isto não é a mão de alguém que trabalhou duro.

- Chamo-me Esther - digo-lhe, e sinto a garganta seca de tanto gritar ao telemóvel. - Desculpe se não lhe demos as boas-vindas quando se mudou para o prédio. Instalou-se bem?

Ela assente alegremente.

- A vossa amiga Louise bateu-me à porta - explica. - Disse-me os vossos nomes e contou-me a história das vossas vidas. E trouxe-me biscoitos. Eu comi-os, mas não eram muito bons.

- Parece coisa da Lou - fungo.

Ficamos sentadas em silêncio por algum tempo e eu tremo ao frio.

- Tem frio? - pergunta-me ela gentilmente.

- Um bocadinho - assinto, olhando de relance para a idosa ao meu lado. - Hum, pode devolver-me o telemóvel, por favor.

Ela ignora o meu pedido e inclina-se para trás, apoiada nas mãos.

- Eu tenho uma política. - Sorri para mim. - Pessoas que nos fazem sentir frio não merecem o nosso tempo. - Ergue o olhar para o céu noturno. Está demasiado nublado para ver seja o que for, mas faço o mesmo. Quero ver o que ela vê. - Pode estar na rua em pleno dezembro, vestida apenas de cuecas... - Ela volta a sorrir, timidamente. - E acredite em mim, Esther, já me *aconteceu*... mas se estiver com alguém bondoso e especial, não vai sentir frio.

Baixo o olhar.

Não deixes escapar a raiva, digo a mim mesma, severa. Nada de lágrimas.

Ela continua no mesmo tom suave, o sotaque francês agora mais cerrado.

- Esse homem com quem estava a gritar ao telefone, ele é *très froid*. - Ela estende o braço para me segurar a mão. Os dedos dela estão quentes. - Deixou-a aqui ao frio. Fê-la ter frio. Podia estar sentada diante de uma fogueira com a camisola mais grossa e mesmo assim sentiria *froid* com esse homem.

Sinto frio. Sinto frio há meses.

- As suas amigas estão lá dentro? - interroga ela passado um momento. - São boas meninas. Elas vão aquecê-la. Mantenha-as por perto e elas vão mantê-la quente, Esther.

Levanta-se, ainda a segurar a minha mão, e entramos juntas.

A Sofia não me devolve o telemóvel durante dois dias. Quando o faz, não tenho chamadas nem mensagens do Rich.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Quase não o reconheço quando entra. É o mesmo Rich perigosamente bonito que conheci há um ano, mas agora está completamente irreconhecível. A postura é diferente, algo mudou nos olhos e quase parece mais pequeno.

Terei sido eu? Eu fiz-lhe isto? Certamente, não.

Ele avista-me e vem ter comigo, sorrindo debilmente.

- Ei.

Até a voz está diferente.

- Olá.

Engulo em seco. Alguma da minha justa indignação esfumou-se. Quem é este homem?

Ele senta-se devagar, como se tivesse estado doente, e olhamos um para o outro por um momento. Respiro fundo. Mesmo que tenha estado doente, ainda tenho o direito a fazer o discurso. Continua a ser responsável por todo o mal que fez.

Ficamos sentados em silêncio por alguns momentos. Estou sem palavras. Como começava mesmo o meu discurso?

Clareio a garganta, à procura de uma forma de começar. É então que ele se inclina para a frente.

- Hã, hum, antes de dizeres alguma coisa, Esther - titubeia ele, num tom muito pouco típico do Rich -, quero agradecer-te por me teres mandado aquela mensagem. Tenho tanto para te dizer. Tem sido um fardo tão pesado para mim desde que nos separámos.

Tem sido um fardo pesado para *ele*?

O Rich volta a respirar tremulamente.

- Devo-te uma desculpa - prossegue, debruçado para a frente, com um ar assombrado. - Um enorme pedido de desculpas. Tenho tanta vergonha da maneira como te tratei.

Sinto-me a abrir e a fechar a boca. Espera lá, o quê?

- Sinto-me terrivelmente mal por tudo o que aconteceu e pela maneira como te tratei. Fui incrivelmente injusto e horrível para ti.

- Hum... - Eu estava preparada para estas palavras, mas saídas da minha boca, não da dele. - Sim... pois foste.

Ele abana ligeiramente de trás para a frente e reparo nas olheiras.

- Não foi por tua causa. A sério que não foi. Eu estava... a passar por uma situação difícil. - Volta a inclinar-se para trás, como se estivesse a distanciar-se das palavras. - Há muito que sofro de problemas mentais e o tempo que passámos juntos foi numa das minhas piores fases. Conseguia aguentar-me por uma noite de vez em quando, quando andava contigo, mas durante a maior parte do tempo estava uma desgraça. E não consegui encontrar coragem para me abrir contigo e te dizer.

Não estava nada à espera disto. Não fazia ideia de nada durante o ano que andámos juntos. Não sei o que dizer e fico em silêncio. Mas a sinceridade daquelas palavras é transparente.

- Tentei ligar-te algumas vezes, sabes, depois de acabarmos, para pedir desculpa e explicar, mas...

- Eu bloqueei o teu número - limito-me a confirmar.

- Fizeste bem - assente ele, e fica em silêncio.

- Desculpa, não fazia ideia - digo por fim.

Ele abana a cabeça com força.

- Não, por favor, não peças desculpa. - Estende o braço por cima da mesa, mas não chega a tocar-me na mão. - Não tens motivos para pedir desculpas. Sei que, se tivesse falado contigo, em vez de te castigar e torturar, tu terias sido bondosa. Terias tentado ajudar-me. Mas nessa altura eu não queria ajuda. - Abana a cabeça, a recordar-se do que aconteceu. - Mas depois de me deixares, fiquei num sítio mesmo mau e isso forçou-me a confrontar certas coisas.

Eu queria que ele confrontasse muitas coisas. Mas coisas mais mesquinhas, como ser mais simpático para as mulheres e não ignorar mensagens de WhatsApp, não isto. Nunca lhe teria desejado isto.

Ele tosse debilmente.

- Estou em terapia há alguns meses e começo a compreender algumas coisas importantes. - Desvia o olhar e observa o bar. - Estou a falar com uma pessoa fantástica, uma psiquiatra, e sei que ela vai ajudar-me. Também estou a trabalhar com o meu médico para descobrir que medicação funciona melhor para mim. Vai ser um processo longo, mas estou preparado para fazer o esforço.

Assinto, assimilando a informação. Pensei que eu era a culpada pelo comportamento dele na altura, mas afinal era por causa dele. Algumas partes tornam-se claras; os desaparecimentos regulares, quando ficava distante e silencioso durante dias ou semanas e depois voltava todo sorrisos e desculpas. A recusa em deixar-me entrar na vida

dele. Finalmente, começa a fazer sentido. Agora entendo... tanto quanto consigo entender.

- Só lamento que tenhas sido apanhado no fogo cruzado da minha saúde mental - continua ele, a olhar para as mãos.
- Não é fácil admitir que temos uma depressão, especialmente para um homem. Nenhum dos meus amigos alguma vez falou de algo assim. Sentia-me uma aberração. - Faz uma pausa. - O mais estúpido é que, quando finalmente falei com eles sobre isto, alguns confessaram que estavam a passar por situações semelhantes. Estávamos todos a esconder os nossos problemas.

- Gostava que me tivesses dito - murmuro, sabendo que não ajuda.

- Desculpa - repete ele, procurando o meu olhar com o dele. - Estou tão contente por finalmente estares disposta a falar comigo para eu poder explicar. Sei que não achavas que tivesses sido importante para mim, mas foste e precisava mesmo que soubesses isso. Todas aquelas noites...

- Queres dizer quando eu pensava que estavas com outras mulheres? Quando desligavas o telemóvel e não respondias...

Há ainda uma nota de acusação na minha voz.

- Posso dizer-te agora que estava num buraco muito, muito escuro no meu quarto em casa. - Ele para e observa o meu rosto, um pouco ansioso. - Não sei se isso ajuda ou se torna tudo pior. Mas lamento muito.

- Para com isso - protesto, a abanar a cabeça. - Para de pedir desculpa. Lamento muito não ter sabido.

- Bom, se não posso pedir mais desculpa, tu também não podes.

Trocamos pequenos sorrisos cautelosos, reconhecendo uma estranha espécie de tréguas entre nós.

Tantas emoções estranhas agitam-se na minha barriga. O meu coração sofre por este homem que, na verdade, nunca conheci. Amei-o, mas conhecia apenas a camada superficial que o Rich me deixava ver. Ele não confiou em mim com o resto de si e isso magoa, mas também compreendo. É assustador, muito mais assustador do que o amor, deixar que as pessoas vejam todos os pedaços despedaçados de quem somos.

Ele senta-se um pouco mais direito, como se tivesse largado um peso.

- É tão bom ver-te de novo, Esther.

- Igualmente. - Sorrio, observando o novo Rich.

O Rich que teve a coragem de procurar ajuda. O Rich que começou a desmontar quem era para se refazer melhor.

Isso torna-o tão mais atraente, para ser franca. E agora que sei que não foi por minha causa, que nem sequer namorei com o verdadeiro Rich, então talvez... Não, não devo pensar isso. Mas... e se... Sinto uma fenda de luz a quebrar a muralha de ódio que ergui. Pela fenda brilha algo que parece ser esperança.

E se toda esta treta tivesse sido apenas para me trazer aqui? E se estes últimos meses horríveis fossem o caminho que eu tinha de seguir para encontrar este novo Rich, que já não é o Sacana? E se eu tivesse de passar por todos aqueles tipos para reencontrar o ex-namorado n.º 7, o último ex-namorado, aquele por quem acalentava menos esperança? E

se isto fosse precisamente o que tinha de acontecer? E se eu o pudesse ajudar agora, como não pude há um ano?

Olho para os enormes e voluptuosos olhos do Rich e sinto-me a cair.

Ele estende o braço por cima da mesa e desta vez segura-me a mão... e eu derreto por completo. Como sempre.

EX-NAMORADO N.º 7: RICH LOWE

O Sacana

Parte Três

Em casa

A chorar para cima de um iPad

1h12

Os homens são todos iguais. Cruéis, maldosos, insensíveis, nenhum deles quer saber de porra nenhuma. Não sentem nada, são um bando de carapaças frias com um pénis. Odeio tanto os homens. Não quero saber se é injusto e buá-buá *hashtag nemtodososhomens*, porque SIM, TODOS OS HOMENS. Odeio todos os homens, sem exceção. Nenhum deles quer saber como trata as outras pessoas. São todos iguais.

Choro e deslizo o ecrã. Choro mais um pouco, deslizo mais um pouco.

- Pronto, querida, vai ficar tudo bem.

A Lou faz-me festas nas costas e a Bibi puxa-me com mais força para o espaço entre a cabeça e o ombro dela.

- Estás a fazer a coisa certa - acrescenta a Bibi, numa voz suave.

Estou a apagar fotos de mim e do Rich, e cada *selfie* estúpida e desfocada de uma noite embriagada numa discoteca faz-me chorar ainda mais. Só quero pegar no

telemóvel e mandar-lhe uma mensagem. Quero *implorar-lhe* que venha cá ver-me. Preciso que me peça que não faça isto. Ele tem de me dizer que o amor entre nós vale a pena. Quero que me diga que nem toda a gente entende a nossa relação, que eles não *nos* entendem, mas vale a pena salvá-la.

Só não estou a fazer isso por causa da Bibi e da Lou. Estão, literal e metaforicamente, a segurar-me e não posso voltar a desiludi-las. Outra vez, não. Já passámos por isto tantas vezes. Eu a dizer que acabei com ele, a sério desta vez (todas as vezes), e depois a deixá-lo voltar às minhas boas graças. Mas agora acabou. Ele tratou-me mal pela última vez.

Isto é a coisa certa a fazer, a única coisa a fazer. Ele está a destruir-me e não aguento mais. Mas. Mas. Mas.

Não faz sentido; é ele que me faz chorar desta maneira e, ainda assim, sinto que ele é a única pessoa que quero que me venha confortar. Porque é o amor tão ilógico?! Certamente, a evolução devia ter eliminado esta falha no amor. Esta maldita *esperança* estúpida que o amor nos impinge.

Respiro fundo e continuo a percorrer as fotos. Algures dentro de mim, encontro a força para continuar, porque sei que não posso continuar assim. Não aguento mais as mentiras e a crueldade. Não suporto mais a frieza e a insensibilidade e os encontros falhados e as mensagens ignoradas. Acima de tudo, não aguento mais o monstro em que isso *me* transforma! Cheguei ao limite da minha paciência. Estou para lá do limite da minha paciência. Estou para lá da paciência, onde só existe o mais puro ódio. É a

única coisa que me impede de colapsar enquanto deslizo, choro, apago.

- Não devias também bloqueá-lo nas redes sociais? - pergunta a Louise, hesitante.

Ela está a ser cautelosa, porque já fiz isto antes. Levei-a a dizer mal do Rich e depois voltei para ele. Mas a Bibi não é dada a tais subtilezas.

- Claro que o vamos bloquear! - impõe ela, furiosa. - É a única maneira de o tirar para sempre da tua vida. - Faz uma pausa. - E da tua cabeça, Esther.

- Certo.

Fungo alto e uma delas dá-me um lenço de papel. Primeiro limpo o ranho e depois a cara. Uso as mangas para secar os olhos.

- As lágrimas pretas são tão perturbadoras, não são? - comenta a Lou, observando o meu rosto. - Parece que estamos a verter alcatrão ou algo assim. Faz-me lembrar os *Ficheiros Secretos*.

- Obrigadinha - resmungo, e ela segura-me a mão.

- Desculpa, não estava a falar de ti. Tu ficas incrivelmente bem com a maquilhagem por todo o lado. Na verdade, até te fica *bem*.

Abro o perfil do Rich no Facebook. Nem sequer somos "amigos". Ele não aceitou o meu pedido de amizade, mesmo depois de namorarmos há quase um ano. Mas isso não me impedia de vigiar obsessivamente o perfil dele, dia após dia. A maioria das fotos são públicas e eu passava horas na minha secretária a olhar para elas, interrogando-me quem seria aquela mulher e quando fora aquela festa. Sempre que

estamos numa relação tóxica, as redes sociais são um *troll* por direito próprio, instigando-nos a uma autotortura.

- Muito bem - assente a Bibi, quando carrego no botão para o bloquear.

Ficamos em silêncio, e eu fito o rosto sorridente do Rich no ecrã. Jamais alguém diria que ele era um sacana irredimível. Um monstro sem sentimentos, sem compaixão, sem remorsos e, decididamente, sem bondade. E nunca será capaz de ter alguma dessas qualidades.

UUUHHH. Os homens são todos iguais. E não volto a namorar com sacanas, que são TODOS OS HOMENS, nunca mais.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

De mãos dadas, sinto um súbito impulso de afeto por este homem frágil e alquebrado.

Sofreu tanto. Se tivesse falado comigo há um ano, eu teria entendido. Teria feito qualquer coisa por ele, para o ajudar a sobreviver. Nenhum de nós é imune a problemas de saúde mental e eu teria compreendido.

O Rich retira as mãos passado um momento.

- Claro que não estou aqui para tentar reconquistar-te ou algo do género! - Ri-se com um pouquinho de entusiasmo a mais e sinto o coração a cair-me aos pés. - *Obviamente*, não estou em condições de começar, ou recomeçar, uma relação. - Ri-se de novo. - Mesmo que ainda houvesse algo entre nós, que não há, certo? - Ele não espera que eu responda. - Esta não seria uma boa altura. O amor e a luxúria representaram para mim, durante muito tempo, manobras de diversão. Um mecanismo de sobrevivência. Até deixar de funcionar. - Faz uma pausa. - A minha psiquiatra diz que não vou estar pronto para uma relação afetiva saudável durante muuuuuuito tempo. - Parece incrivelmente alegre quando diz isto. - Provavelmente, anos! - Sorri, antes de dar uma palmadinha na minha mão. - Primeiro tenho de aprender a ser bom para mim, antes de conseguir ser bom para outras pessoas. A este ritmo, vou ficar solteiro para sempre! - termina ele, rindo-se.

Oh, pois. Sim, é justo. Faz sentido.

Mas porra, a sério? Lá se vai a minha teoria do destino.

Ele volta a reclinar-se na cadeira com um ar contemplativo.

- Seja como for, Esther, espero que saibas que mereces bem melhor do que um homem que foi sempre um sacana para ti.

Assinto lentamente.

- Começo a ver isso - sussurro.

Ele sorri.

- Já chega de falar sobre mim e a minha vida! Fala comigo, Esther. É tão bom ver-te com um aspeto tão saudável e feliz.

Saudável e feliz! Que monte de tretas. Nunca me senti menos saudável ou feliz em toda a minha vida.

- Pois! - Engulo o nó a formar-se na minha garganta. - Hum, sim, está tudo... bem.

Ele observa o meu rosto em silêncio por um momento e depois fala-me numa voz gentil. Uma voz que nunca ouvi passar pelos lábios do Rich.

- Esther, a sério, estás bem? Porque me procuraste depois de tantos meses?

Fito a mesa, incapaz de falar, mas ele deixa a pergunta no ar, sabendo que acabarei por responder se ele me der espaço.

- Não sei - replico por fim, a minha voz um pouco trémula. - As coisas têm andado um pouco estranhas ultimamente. - Hesito. - Não, estranhas não, *horríveis*. - Encaro-o nos olhos e ele assente ao de leve, encorajando-me a continuar. - Tive uma, hum... - Respiro fundo. - Uma

discussão feia com duas das minhas melhores amigas. Não sei como lidar com isso.

Ele deixa passar alguns momentos antes de responder.

- Lamento muito. - Está a falar a sério. - Sei como as tuas amigas são importantes para ti. Foi com a Lou? Com a Bibi?

Abano a cabeça, ligeiramente espantada por ele se lembrar dos nomes das minhas companheiras de casa. Parecia tão desinteressado em mim e na minha vida quando estávamos juntos. Mas agora sei porquê.

- Principalmente com a Bibi, sim. E uma amiga chamada Alex. Nunca conheceste a Alex, mas éramos melhores amigas na escola.

Ele assente pacientemente, e de repente sinto uma necessidade urgente de lhe contar tudo. Não por se tratar do Rich, nem mesmo por ser uma pessoa que outrora amei. Apenas porque não aguento mais ficar calada. Preciso de falar com alguém. Alguém que não faça parte da porra deste disparate. Preciso da perspetiva e da bondade de um desconhecido. E este Rich é basicamente um desconhecido para mim. Nunca conheci *este* Rich.

Hum, será por isso que toda a gente adora terapia?

Então, conto-lhe tudo. Conto-lhe como tinha uma vida boa, como adorava o meu emprego e as minhas amigas e a minha vida. Mas faltava-me algo. Conto-lhe acerca da Missão dos Sete Ex-Namorados e como ele é a última viagem pela memória. E como tudo isto tem sido bom e mau e horrível e maravilhoso. Conto-lhe como algumas partes foram catárticas e tenebrosas, conto-lhe a quantidade de coisas que percebi. Explico-lhe como visitei quem fui e me perdoei

várias vezes e me ri de mim mesma. E como tudo culminou naquela enorme e horrível traição por parte da Bibi e da Alex. Uma traição que não consigo contornar, apesar de sentir tantas saudades delas que quero chorar a cada minuto da porra de cada dia.

E isso ajuda.

O Rich é *tão* simpático. É bondoso e tolerante. Faz-me perguntas sem insistir, perguntas que me ajudam a ver as coisas com um pouco mais de clareza, mas não me diz o que devo fazer ou pensar.

Ele sorri como um gato quando finalmente termino.

– Portanto, a grande pergunta é: a missão foi um sucesso? Sei que aprendeste muito acerca de ti e tudo isso, mas, e quanto ao amor? Algum dos teus ex-namorados foi mais ou melhor do que esperavas? Existe a esperança de encontrar a tua alma gémea no meio de tudo isso?

Inspiro lentamente. Porque tenho andado a pensar muito nessa pergunta na última semana. Deitada na cama, a olhar para o teto, a ignorar as minhas amigas, a manter os outros à distância, a tentar forçar algo com o Paul ou com o Will... a tentar até, desesperadamente, sentir algo pelo Rich neste momento, quando consigo ver perfeitamente que ele não estará pronto para uma relação durante muito tempo... Ao longo de tudo isso, existiu sempre uma pessoa.

– Talvez – respondo com um sorriso tímido.

– Bom – diz ele com uma risada feliz –, espero que encontres o amor, se é isso que queres. – Levanta-se e envolve-me num abraço de urso. Quando me larga, deita-me um longo olhar reconfortante. – Tu mereces ser feliz –

continua ele. – És boa pessoa, Esther, nunca sintas que não és. Todos cometemos erros e às vezes somos sacanas. – Tossica ligeiramente, reconhecendo o seu próprio passado de sacanagem. – Mas isso não significa que *somos* sacanas. É demasiado fácil perder a cabeça e descarregar nas outras pessoas. Mas toda a gente tem problemas, ou está a sair de um período difícil, e andamos todos a fazer o melhor que podemos num mundo duro.

Assinto e ele volta a dar-me um abraço, desta vez de despedida.

– Lembra-te, todos cometemos erros – sussurra-me ele ao ouvido. – As tuas amigas cometem erros, tu cometes erros... todos o fazemos. Faz parte de ser humano e, decididamente, não tem de ser o fim. Há sempre algo mais a dizer.

O Rich dá-me um beijo na cara e sorri quando se vira para ir embora.

Fico a vê-lo a afastar-se, sentindo todo o tipo de emoções e afetos em relação aos nossos altos e baixos. Hum. *Aquele* tipo vai fazer alguém feliz, um dia. E percebo, encantada, que não quero que essa pessoa seja eu. Já passámos por tanto, e estou mesmo feliz por o Rich estar melhor, mas ele tem razão, eu mereço melhor do que esperar por alguém que sempre me tratou mal. Quero um dia encontrar um parceiro, mas é melhor estar sozinha, rodeada de amigas, do que estar com alguém que me faz sentir menos feliz.

Num impulso, pego no telemóvel e mando uma mensagem a alguém que foi sempre gentil comigo, acontecesse o que acontecesse. Mesmo quando *eu* não estava a ser especialmente gentil.

Alistair Morris (escola)

Estou tão contente por sermos amigos xx

22h22

CAPÍTULO TRINTA E OITO

- Está aqui alguém para falar contigo.

Ergo o olhar e vejo a Katie parada à porta do meu gabinete. Ela parece perplexa.

- Para falar comigo? - pergunto distraidamente.

Mas os meus pensamentos voam a cem à hora. Ando há semanas à espera de uma chamada da Neima, dos Recursos Humanos. Sabem, para falar das minhas ausências recentes e da ética de trabalho de treta. E ela é o tipo de pessoa que poria a coisa nestes termos.

Olho para o relógio de parede. São 17h10 de sexta-feira. Certamente, não esperariam até ao último momento da semana para me despedir, pois não?

Oh, porra, claro que esperariam. Ninguém para fazer perguntas quando eu for embora com as minhas tralhas... e menos perguntas quando eu não reaparecer, na segunda-feira. Porra, Neima. Que cabra esperta. É boa de mais no seu trabalho.

A Katie alterna o peso de um pé para o outro.

- Sim - responde ela num tom estranho. - É um tipo. Parece um bocadinho agitado. Um bocadinho suado. Não estavas à espera de ninguém, pois não? Não está nada na agenda.

Claro que não está nada na agenda! É sexta à tarde. Mesmo que não estivesse a passar por uma fase de ser especialmente má no trabalho, nunca marcaria reuniões para essa altura da semana. Eu teria de ser um monstro.

Abano a cabeça.

- Chamo a segurança?

A Katie está praticamente a saltar.

- Isso é capaz de ser um pouco exagerado - replico gentilmente.

Mas estou a pensar: TALVEZ DEVÊSSEMOS. TALVEZ DEVÊSSEMOS LIGAR JÁ PARA O 112, POR AMOR DE DEUS.

- Vamos ver quem é primeiro antes de alertarmos as autoridades.

Rio-me um pouco, tentando acalmar os receios dela, MAS OH, MEU DEUS JÁ ESTOU A CARREGAR NAS TECLA DO TELEMÓVEL PARA O CASO DE SER UM MALUCO.

É o Alistair.

Pestanejo ao vê-lo ali, parado na receção a olhar para uma fotografia sem importância na parede. Parece tão deslocado aqui, tão incongruente neste mundo. Estende a mão para tocar na moldura e a fotografia cai da parede. Ele apanha-a, fica um segundo a fazer malabarismo com a peça de arte institucional e volta a pô-la no sítio com um ar culpado. Sempre o mesmo trapalhão.

- Olá - saúdo, o mais normalmente possível.

Ele vira-se para mim e o rosto ilumina-se com um sorriso enorme, o dente torto à vista.

- Esther! - diz ele.

Sinto a Katie a pairar nervosamente atrás de mim.

- Está tudo bem - sussurro para ela. - É um velho amigo, eu conheço-o. Podes voltar para a tua secretária. Não é preciso chamar a segurança.

Também não sei bem que segurança tencionava chamar ela. O Barnaby, o velho de 95 anos sentado na receção, no andar de baixo?

Ela parece um pouco desiludida com a ausência de malucos, mas obedece, deitando olhares curiosos ao afastar-se.

- O que fazes aqui? - pergunto, com uma nota de espanto na voz quando o Alistair me dá um abraço. - Quer dizer, é bom ver-te, mas...

Afasta-se, mas o rosto dele continua perto do meu.

Oh, o cheiro do Alistair. Credo, faz-me ficar sem força nos joelhos.

- Preciso de falar contigo - revela ele num tom urgente.

Ao perto, reparo que ele está realmente um pouco suado, mais do que o normal, e parece agitado.

- O que se passa?

Agora estou preocupada. Terá acontecido alguma coisa?

- Será que podemos... - Ele larga-me e começa a andar de um lado para o outro. - Podemos, sei lá, ir a algum lado? Para falar? Preciso mesmo de falar contigo.

Não sei o que pensar disto.

- Hum... Só saio às 18h00...

Gesticulo impotentemente, e ele segura-me nas mãos.

- Por favor? - pede ele, com um olhar que me penetra na alma e não me deixa recusar-lhe seja o que for.

- Está bem! - sussurro. Olho para trás de mim para ver quem está por perto. Ninguém. - Vai, vai, vai! - digo-lhe com veemência. - Vou ter contigo lá fora dentro de dois minutos.

Ele corre para o elevador e eu hesito. Vou mesmo sair do trabalho sem dizer nada? Isto é assim tão importante? Será que ele vai dizer o que eu acho que vai dizer? E se for, não valerá a pena?

Que se lixe. Corro para o meu gabinete, pego na carteira e no casaco, e corro porta fora antes que a Katie tenha tempo de dizer seja o que for. Sinto uma pontada de algo indistinto, mas ignoro a sensação e foco-me no Alistair, lá em baixo à minha espera.

Está encostado à parede e sorri de orelha a orelha quando me vê. O meu coração desata aos saltos assim que o vejo. Está tão bonito, como sempre. Imagino-o no recreio, repas a voar ao vento enquanto passava a bola para o Nick e os outros rapazes.

Ele jogava futebol tão bem.

- Esther.

Volta a dizer o meu nome quando se aproxima de mim e tenho a certeza de que me vai beijar.

Mas ele tem namorada.

Recuo um passo e o Alistair olha para o chão.

- Podemos dar um passeio? - pergunto, a olhar por cima do ombro para ver se alguém do emprego me seguiu. - Posso meter-me em sarilhos se for vista aqui fora.

Ele assente e começamos a caminhar sem destino.

- Ouve - começa ele, soando ofegante. - Tenho de te dizer uma coisa depois da tua mensagem de ontem à noite. E sinto-me como um idiota chapado por te ter mentido, mas fiquei tão abalado por te voltar a ver... sei lá. - Solta um suspiro e sinto a minha testa a franzir. - Muito bem, vou

dizê-lo de uma vez por todas e compreendo se não quiseses voltar a ver-me. – Respira fundo antes de continuar. – Não tenho namorada. A minha última relação acabou há um ano. Inventei aquilo porque fiquei assustado com o tudo o que estava a sentir por te ver de novo. Tinha medo de voltar a envolver-me contigo ou do que isso poderia significar. Tinha medo da maneira como me sentia ao ver-te de novo. Tinha medo de como isso me fazia perceber que nada tinha mudado para mim. – Olha-me de lado, timidamente. – E talvez quisesse também causar-te alguns ciúmes, sei lá.

Não ergo o olhar e continuo a andar, com o coração aos saltos.

Não faço ideia do que sentir acerca disto. Ele mentiu? Mais uma pessoa que me mentiu. Mas esta mentira não parece uma traição. Parece... lisonjeira? Querida? Ternurenta? Dou uma palmadinha mental a mim mesma. Estou contente com o que ele me está a dizer. Estou aliviada por não ter uma namorada à espera. Não aconteceu nada entre nós, mas o elemento de envolvimento emocional sempre me preocupou. Vê-lo e saber o que sentia por ele fazia-me sentir horrível.

Consigo sentir a ansiedade dele quando recomeça a falar.

– Mas depois vimo-nos outra vez e outra vez... e a minha mentira começava a parecer cada vez mais parva. E embaraçosa. Que tipo de idiota faz algo assim?! Senti-me tão estúpido! Quis dizer-te tantas vezes, mas não fui capaz.

– Então, porque me estás a dizer *agora*? – pergunto-lhe, tentando manter a voz firme.

Ele faz uma pausa, para-me com a mão e vira-me para ele.

- Não é óbvio? - diz ele.

O velocidade do meu coração salta de rápido para explosão nuclear.

Não dizemos nada durante algum tempo, apenas olhamos um para o outro.

- Vamos continuar até South Bank? - sugere casualmente o Alistair. Ele sorri e pega-me na mão. Começamos a caminhar outra vez. - Está a escurecer e era romântico passear à beira-rio, não achas?

- Muito romântico - respondo, todo o meu corpo a encher-se de calor quando ele entrelaça os dedos nos meus.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

És a pessoa para mim, Alistair?

És o tal? És a pessoa com quem, finalmente, de algum modo, serei inteiramente *eu*?

Imagina que és essa pessoa! Imagina que és alguém com quem me posso *soltar*. Alguém diante de quem posso deixar de me preocupar com parecer que aguento tudo. Imagina que posso ser tudo aquilo em *mim* que tanto detesto; que és a única pessoa no mundo que não me censura por isso. Imagina que não tenho de pedir desculpa sempre que deixo escapar as partes de mim de que não gosto. Que me abraças com força quando fico ansiosa sem motivo aparente. Que me afagas o cabelo durante as ressacas sem juízos de valor, que me trazes chá com três colheres de açúcar de manhã sem que eu tenha pedido, que deixas as toalhas da maneira específica que eu gosto. Imagina que és alguém a quem posso mostrar o meu peito flácido e a minha barriga descaída e gostas ainda *mais* de mim. Imagina que te ris quando me peido na cama ou compras mais chocolate sem dizer nada sempre que eu como todas as reservas para o nosso pequeno-almoço uma semana antes do período. Imagina que és o tal.

És a pessoa com quem conseguirei falar de todas as coisas que me entristecem? Serei capaz de chorar diante de ti sobre tudo o que aconteceu, sem sentir vergonha de mim mesma? Posso embebedar-me contigo e dizer disparates demasiado alto, ficar obcecada por aquela rapariga que detestava na escola e agora tem um negócio de bolos no

Facebook que parece estar a correr irritantemente bem... e *não* acordar às 2h00, com o coração a ribombar de horror com o receio de te ter enojado e alienado com o verdadeiro eu? És o tal?

Olho para aqueles maravilhosos olhos grandes, observando as pestanas longas e escuras, bem mais bonitas do que as minhas, e interrogo-me em silêncio: és O Tal?

Ele segura a minha mão, beija a parte com as veias a latejar no lado de dentro do meu pulso e aproxima-se para me beijar na boca.

Porra. Acho que podes bem ser.

Quando o Alistair chega mais perto, com o rio escuro e cintilante atrás dele, penso como será a sensação de finalmente tocar nos lábios dele com os meus. Finalmente libertar todos os sentimentos que ando a esconder há meses. Os sentimentos que escondi durante *anos*. Tudo parece mover-se em câmara lenta, os olhos dele fixos nos meus. Não posso crer que isto está a acontecer. Ele é tão sensual. Quero isto há tanto tempo, mal posso acreditar que vai finalmente acontecer.

Acabou-se a procura, acabou-se a pesquisa inútil em aplicações de encontros, as mensagens cansativas com desconhecidos, o cortejo de desilusões. Apenas eu e o meu primeiro amor, o Alistair Morris. O Alistair Morris, da equipa de futebol, que será meu para sempre. Só meu. O meu primeiro e último amor.

Quando os nossos lábios finalmente se tocam, passa-me pela mente uma imagem do nosso casamento. Eu de vestido branco, a rir-me, enquanto ele fica de lágrimas nos olhos a

ver-me a caminhar para o altar. Vejo-nos a festejar histericamente um teste de gravidez que deu positivo. Vejo-nos a discutir sobre de quem é a vez de deitar as crianças. Vejo-nos a ficar velhos e a fazer troça das rugas um do outro. Vejo-nos de mão dada, como estamos agora, sentados no nosso jardim de tamanho médio, a ver os nossos netos e os nossos cães a afugentar pombos. Vejo-nos a inclinar-nos um para o outro para nos beijarmos, como estamos a fazer agora, e...

Oh.

Oh, não.

Oh, não, o que se passa aqui? O que é isto? Ele está a golpear com a língua, os lábios dele sempre a chocar nos meus. Isto não é um beijo, isto é um dentista com excesso de zelo à procura de cáries. Oh, meu Deus, o que se passa agora? Ele parece estar a morder o meu lábio inferior. Essa porra dói, para ser franca. Oh, agora está outra vez à procura de cáries. O que... Oh, porra, isto é mau.

Todo o horrível sexo adolescente que costumávamos ter vem-me subitamente à memória, avivado por este momento dentário.

Ele era bom a jogar futebol, lembro-me de pensar isso na altura, mas uma nódoa na cama. E como adolescente, a combinação não me incomodava. Agora? Não é a mesma coisa. E a julgar por este beijo, não melhorou muito no departamento íntimo nestes anos que passaram.

- Hum... - Afasto-me um pouco, mas ele volta a golpear-me mais uma vez com a boca. - Tipo, *huuum*! - acrescento rapidamente. - Isto foi meeeesmo bom! Mas, hã, talvez

pudéssemos, hum, avançar um pouco mais delicadamente? – sugiro.

Ele merece pelo menos um bocadinho de educação. Talvez isto ainda possa funcionar. Devemos isso aos nossos netos.

Ele assente com entusiasmo.

– Meu Deus, é tão bom finalmente beijar-te! – diz ele, voltando a aproximar-se.

Desta vez, não golpeia, esmaga. Empurra os lábios com força contra os meus e lambe a minha língua com uma intensidade até à data utilizada apenas por cães a lamber rabos.

Volto a afastar-me e ele estende a mão para, não sei como o descrever de outra forma, *espremer* a minha mama direita. Estremeço de dor e deito-lhe um olhar de pânico.

Isto é catastrófico.

Porque não se trata apenas de beijar mal e apalpar mal. Tudo isso pode ser resolvido com tempo, se a pessoa estiver recetiva a ser cuidadosamente educada, mas isto é fazer *tudo* mal. Não há química absolutamente nenhuma entre nós. Não sinto fogo de artifício dentro de mim. Quando muito, a minha vagina está a retrair-se ainda mais para dentro do meu corpo. Consigo senti-la ressequida dentro de mim, desesperada por uma gota de líquido como uma pessoa perdida no deserto.

Credo. Como foi isto acontecer? Terei confundido nostalgia com sensualidade? Volto a observá-lo e ele olha para mim, olhos semicerrados, pupilas dilatadas.

Oh, não. Não me sinto minimamente atraída por ele.

Quer dizer, consigo ver que é bonito e sinto um carinho intenso por ele e pelas memórias que partilhamos. Mas é só isso.

Oh, meu Deus, oh, meu Deus, Oh, meu Deus. Tenho a certeza?

Volto a olhar para ele, implorando ao meu corpo que faça irromper uma faísca. Pela mais pequena faúlha dentro de mim.

Nada.

Oh, não. PORRA. Ele não é O Tal. Nem de perto.

Oh, meu Deus, dei-lhe tantas esperanças! Iludi-o por completo. Olhem para nós, o casalinho romântico aos beijos junto a um rio iluminado pelo luar. Isto parece tirado da porra de um *filme*! Vai pensar que estou perdidamente apaixonada por ele. Até acabou tudo com a namorada falsa. O que posso fazer?

- Vamos caminhar um pouco?

Engulo um pouco do que espero ser a minha saliva e viro-me para o caminho. Turistas continuam a passar por nós e sorriem ternamente na nossa direção, sem terem consciência de que todas as minhas noções românticas acabaram de se desfazer em minúsculas migalhas.

Ele volta a dar-me a mão e solta um suspiro feliz. Até não é mau. As mãos dele estão quentes e o tempo está um bocadinho frio, mas não há mais nada.

Enquanto caminhamos num silêncio aparentemente satisfeito, percebo que todas as imagens que me passaram pelo cérebro enquanto nos beijávamos podiam ter sido com qualquer pessoa. Não têm nada que ver com o Alistair em si.

Eram ideais românticos que muitas pessoas desejam para o seu futuro. Não há mal em ter esses desejos, mas não o posso usar para os alcançar. Não quando ele não é a pessoa certa para mim.

Com a outra mão, tiro algo preso nos meus dentes. Parece um pedaço de um *snack* cor de laranja. Será que eu...? Não, não comi nada assim o dia todo. Deve ter vindo da boca do Alistair. Quase vomito, mas contenho-me.

- Estou tão feliz - diz o Alistair, encantado, a baloiçar os nossos braços enquanto caminhamos.

Oh, meu Deus. Sinto-me *tão* inacreditavelmente horrível.

A Louise tinha razão, eu não devia ter feito isto. Devia ter terminado esta missão, esta experiência, antes de ir longe de mais. Estava tão obcecada com o que este projeto poderia fazer por mim que me esqueci de que podia magoar seriamente os sentimentos de outras pessoas. Magoei a Bibi, magoei a Alex, magoei a Lou, magoei a Katie, no trabalho. E agora vou magoar o Alistair.

Mas tem de ser.

- Alistair...

Respiro fundo e paro de andar. Por um segundo, deito um último olhar para a vista atrás dele. É tão bonito aqui, à beira-rio. Se eu estivesse a passear com a pessoa certa, seria completamente mágico e maravilhoso. Mas ele não é a pessoa certa, tenho a certeza. Nenhum dos sete ex-namorados revelou ser a pessoa certa. É por isso que são ex-namorados! Quando muito, esta missão deixou-me ainda mais só do que antes. Esta obsessão estúpida tirou demasiado de mim.

- Sim?

Ele olha para mim, com o encantador sorriso torto, ansioso por mais um beijo genuinamente horroroso, e eu digo-lhe a verdade.

Vejo a alegria a fugir-lhe do rosto, lentamente, a pouco e pouco, mas à medida que as palavras me saem da boca, sinto-me mais e mais forte. Estou a fazer a coisa certa.

E ainda vou a tempo de remediar as coisas. Posso remediar tudo isto.

CAPÍTULO QUARENTA

Decido caminhar até casa.

A teoria era que me daria tempo para pensar e compreender onde tenho a cabeça neste momento. Para tentar ver uma lógica nos últimos meses. Para pensar nos meus sete ex-parceiros e se algum deles significou alguma coisa. Para perceber uma maneira de não ser despedida na próxima segunda. Para decidir de uma vez por todas o que fazer acerca da Bibi e da Alex.

Mas também porque me pareceu um pouco dramático e fixe? Um pouco cinematográfico, uma caminhada solitária de duas horas na escuridão da noite. Mas não foi nada cinematográfico. A não ser que estejam a pensar numa *sitcom* deprimente? Está um frio de rachar e pisei uma poça logo nos primeiros dez minutos, o que significa que tive de fazer o resto do caminho com o pé direito encharcado. Então, o meu pé esquerdo começou a doer um pouco. Assim, em vez de pensar na minha situação romântica, acabei por pensar mais em como estava em baixo de forma e que devia ir mais ao ginásio.

A dada altura, passei por uma estação de metro, mas disse a mim mesma: *Não, assumiste este compromisso, decidiste caminhar*. Então, ralhei comigo durante a meia hora seguinte por ser uma idiota teimosa e orgulhosa, por me forçar a manter o rumo quando nem sequer há alguém por perto para me censurar.

Quer dizer, lá porque decidimos fazer uma coisa, isso não significa que temos mesmo de a fazer! Podemos tentar e, se

não funcionar, ou se ficarmos com a porra do pé encharcado logo no início, podemos parar. Claro que é boa ideia tentar coisas novas e expandir os nossos limites, mas se esses limites se recusam a expandir e damos por nós num estado miserável, é melhor pararmos de fazer essa coisa!

Uh. A minha vida inteira é um pé molhado.

A dez minutos de casa, avisto ao longe o nosso querido bar nojento.

Meu Deus, preciso mesmo de uma bebida. Preciso de afugentar a desilusão que foi esta noite e aquecer os ossos depois desta caminhada nada cinematográfica.

Mas não posso entrar, pois não? Porque a Bibi pode estar a trabalhar. E ainda não estou pronta para a ver.

Ou estou?

E se estiver?

Solto um suspiro. Afinal, porque estou *ainda* zangada?! Se tenho assim tanto medo que aquele novo relacionamento destrua a minha amizade com elas, porque estou a esforçar-me tanto para a destruir? Não seria melhor continuar a ser amiga delas e deixar a coisa rolar? Ou corto relações com elas antes que a situação acabe com elas a cortar comigo, ou fico amiga delas e espero que tudo corra bem. E se é por ciúmes que me mantenho longe delas, então tenho de calar a porra da boca.

Francamente, acho que apenas o meu ego me impede de aceitar isto. A ideia da minha ex-namorada com a minha amiga. A ideia de elas se escolherem uma à outra, em vez de a mim. É um medicamento amargo para se engolir.

Mas sabem o que é muito mais fácil de engolir? Uma bebida.

A minha sede de álcool vence o meu ego frágil. Vou entrar no *The Swab*.

Sinto um nó na barriga quando entro, mas o cheiro ligeiramente plástico do ar quente a jorrar dos aquecedores acalma imediatamente as minhas muitas maleitas. Reparo que o bar está relativamente cheio, o que me surpreende. Contudo, olho para o relógio, já passa das 23h00 e é sexta-feira. Nós somos mais clientes de horas mortas, quando o bar está mais calmo. Deviam mesmo dar-nos um desconto.

Observo a sala freneticamente. Nem sinal da Bibi. Talvez esteja nas traseiras ou, valha-nos Deus, a servir clientes?! Sento-me no bar a medo e espero que me sirvam, com as costas a queixarem-se da caminhada estúpida.

Uma mulher a dois bancos de distância inclina-se na minha direção e quase cai abaixo do banco.

- Ei - chama ela numa voz arrastada. - Queres um *shot*? Acabei de pagar *shots* a toda a gente, queres um? - Acena para o empregado de bar. - Mais um *apple sour*!

Gosto quando pessoas bêbedas insistem em pagar-nos *shots*. Se me derem a escolher, provavelmente agradeço e recuso, mas quando insistem, é ótimo! Está fora das nossas mãos, *temos* de beber o *shot*.

O empregado de bar pousa um copo com um líquido verde à minha frente e eu faço uma careta, sem saber ao certo se hoje aguento um *apple sour*. Fazemos um brinde e eu agradeço-lhe, engolindo o *shot* num gole só e pedindo um *gin* para acompanhar.

- Noite má? - pergunta a mulher.

Assinto com uma risada curta.

- Muito, muito má.

A mulher vira-se no banco e quase cai outra vez.

- Conta-me, por favor. Preciso de ouvir o sofrimento de outra pessoa... Fui despedida, hoje. É a terceira vez que me acontece.

- Credo, isso é horrível, lamento muito - exclamo. - A minha amiga foi despedida no ano passado e tem sido tão... - Paro de falar. - Seja como for, lamento muito.

- A culpa não é tua - diz a mulher, encolhendo os ombros e fazendo sinal ao empregado para lhe trazer mais um *shot* verde. - Foram as minhas más escolhas que me trouxeram até aqui. Trabalho numa indústria em vias de extinção. Sempre que encontro um emprego novo, seis meses depois a porra da empresa fecha.

Assinto solidariamente.

- O mundo não para de mudar - comento, querendo soar sensata e soando apenas idosa. - Chamo-me Esther.

Ela estende-me uma mão flácida.

- Demi. Prazer em conhecer-te, Esther. E então? Diz-me porque estás a ter um dia de merda.

- Bom... - Respiro fundo e decido que ela está demasiado bêbeda para se lembrar do que eu lhe disser. - Ultimamente, tenho estado envolvida numa missão estúpida. Estive a procurar todos os meus ex-namorados para ver se tinha deixado escapar alguém fantástico.

- Uau, ex-namorados. - Ela ri-se ligeiramente, equilibrando o banco só em duas pernas.

É muito difícil concentrar-me quando estou constantemente preocupada com a possibilidade de ela abrir a cabeça. Tento distraí-la com a história da minha vida.

- Não é? - assinto. - Tem sido uma verdadeira montanha-russa. Para ser franca, tem disso sobretudo um festival de más escolhas e rejeições embaraçosas. - Faço uma pausa. - Mas esta noite, pensei mesmo que o meu primeiro amor pudesse ser O Tal. - Baixo o olhar. - Mas não é. É um tipo mesmo simpático, mesmo bonito e otimista e bondoso e gentil, mas não há nada entre nós. Não há química. Foi como beijar as costas da minha mão.

A Demi tomba ligeiramente para a frente.

- Dá-lhe o meu número, não me importo de beijar mãos.

Ignoro o comentário dela.

- Portanto, agora não sei o que fazer. Pus tudo o que tinha neste projeto e nenhum dos ex-namorados era uma opção decente.

- Tudo? - Ela pestaneja.

- A sério! - confirmo. - Começou mesmo bem. Reencontrei uma velha amiga, o que é encantador, e até tirei algumas coisas do meu sistema. Mas ultimamente tudo parece dar para o torto e voltei a perder essa amiga e mais outra.

A Demi volta a pestanejar.

- Oh, não! - Dá mais um gole na bebida. - É o problema dos ex-namorados. Só trazem problemas.

- É mesmo isso! - resmungo, fazendo sinal ao Franco para me trazer vinho. - Entrei em pânico, com o pensamento de que nunca conheceria alguém. Li um artigo antigo que dizia

que uma pessoa só tem direito a sete relacionamentos na vida e que um deles é a nossa alma gémea.

A Demi tomba na minha direção.

- Espera lá - diz-me ela, fitando-me com olhos um pouco mais sóbrios. - Não foi na *Cosmour*, pois não? Há uma data de *anos*?

- Hum, por acaso, sim - respondo, a franzir a testa. - Também leste o artigo?

Ela ri-se com gosto, a cabeça tombada para trás, o cabelo a cair para lá do banco.

- Podes crer! - Continua a rir. - E também o escrevi! "Os sete relacionamentos que todas as mulheres têm na sua busca para encontrar O Tal." Certo? Estive a ver o meu portefólio aqui neste bar há coisa de uns meses e tirei para fora esse número da *Cosmour*. Até acho que o deixei aqui.

- Oh, meu DEUS! - grito. O Franco lança-me um olhar preocupado. Faço-lhe sinal de que está tudo bem e viro-me para a Demi. - Tu és a Demi Doris?

- Sou eu! - Ri-se.

- Então, *eu* é que te vou pagar um *shot*! - declaro, encantada. - Provavelmente, encontrámos a tua revista. Esse artigo mudou a minha vida.

Ela volta a franzir a testa.

- Mas não para melhor, pelo que vejo. - Faz uma pausa. - Desculpa.

Prendo-a com um sorriso tímido.

- Oh, isso já não sei. - Observo atentamente a madeira do balcão. - Acho que foi mais positivo do que negativo. É melhor saber do que *não* saber, se é que isso faz sentido? E

agora sinto que posso seguir em frente, sabendo que a minha vida amorosa chegou ao fim. Acabei.

- O quê? - ronca ela.

- Nenhum deles é O Tal - digo lentamente. - Portanto, acho que é o fim. O artigo dizia que aquilo era confirmado por estudos científicos, lembra-te?

Desta vez, quando ela se inclina para mim, cai mesmo abaixo do banco. Apanho-a no meu colo e ela não consegue parar de rir enquanto volta a sentar-se.

- Oh, meu Deus, não sejas ridícula, Esther! Não acabei de te dizer que *eu* escrevi o artigo?! Eu! Uma mulher estúpida, completamente a leste e permanentemente solteira! Foi só mais um artigo à pressão entre despedimentos coletivos. Malditas revistas, a morrer umas atrás das outras. O artigo era um chorrilho de disparates. Era só um texto ligeiro e divertido, sabes? Algo para aliviar o ambiente entre artigos sobre os talibãs e o contrabando de escravas sexuais.

- O que estás para aí a dizer? Descrevia perfeitamente a minha situação!

Sinto-me ultrajada.

- Descrevia mesmo? - interroga ela, a olhar para mim enquanto tenta voltar a subir para o banco. - Ou apenas viste o que querias ver?

Abano a cabeça, furiosa.

- Não, não, eu tive-os a todos... O Primeiro Amor, O Erro no Trabalho, O Amigo Colorido, A Oportunidade Perdida, O Namorado Sério, A Transição, O Sacana...

Recito-os com tanta facilidade. Andam às voltas na minha cabeça desde que li o artigo.

- É como a leitura da sina ou o horóscopo - insiste ela, abanando a mão no ar. - As pessoas leem, ou ouvem, o que querem. Quer dizer, se alguma vez foste adolescente, tiveste um primeiro amor! Mesmo que não tenha sido correspondido ou, sei lá, um dos Irmãos Jonas. - Torço o nariz com o exemplo, mas ela ignora a minha reação. - Todas estivemos apaixonadas uma primeira vez, certo? Quanto aos outros, são apenas óbvios. - Ela faz uma pausa e verte alguma da bebida verde para cima do balcão. - E aposto que os teus ex-namorados podiam ter sido descritos de mil outras maneiras e mesmo assim tê-los-ias reconhecido. - Ela pensa por um segundo. - Tipo, aposto que se eu tivesse incluído uma categoria chamada a Separação Difícil... - O Idris vem-me ao pensamento - Ou o Caso Secreto. - Agora o Carl. - Ou o Tipo Com Altos e Baixos. - Esse seria o Rich. - Ou, sei lá, o Tipo Que Era Quase Bom Que Chegue. - O Will - Todas as relações podem ser descritas de mil maneiras diferentes.

De novo em cima do banco, ela parece um pouco mais sóbria e continua a falar.

- Somos seres humanos e somos um pouco de tudo. E cada relacionamento tem pontos altos e baixos. Eu estava a escrever um artigo com uma contagem de palavras muito rígida, os editores gritavam muito comigo e não dá para inserir matizes em tudo. Mas a vida tem uma *porrada* de matizes, Esther. Prometo-te que um dia vais voltar a apaixonar-te, se é isso que queres. Talvez encontres a tua alma gémea, talvez encontres apenas um tipo decente com quem queiras começar uma família. Talvez encontres amigos

ou um emprego que te faça sentir essa paixão, e então um relacionamento não tenha assim tanta importância...

Interrompo-a então.

- Eu *tenho* um emprego e amigas que me fazem sentir essa paixão! - grito, um pouco alto de mais, e o Franco volta a olhar na nossa direção. - Adoro o meu trabalho e adoro as minhas amigas!

A Demi deita-me um olhar solene.

- Então, porque era a missão tão importante para ti?

As palavras dela deixam-me confusa.

Não faço a mais pequena ideia.

Porque é assim tão importante ter uma relação? Antes de tudo isto, a minha vida era interessante e *divertida*! Eu, a Lou e a Bibi a conversar e a rir neste bar todos os fins de semana. Eu e a Katie a arrasar no Museu Norris durante a semana. Eu era verdadeiramente feliz. A única parte que me desanimava, a parte que me fazia pensar que *tinha* de encontrar alguém, era os encontros. Os encontros eram a única coisa que me deixava infeliz.

Então, talvez seja esse o problema. Os encontros. Perseguir o mito do grande amor que pode fazer-nos felizes ou não, esse é o verdadeiro problema. Não a minha vida, a minha vida é o máximo! Ou era. Antes de eu lixar tudo.

De repente, a verdade atinge-me em cheio. Estraguei tudo. Ignorei a Lou e afastei-a. Disse à Bibi e à Alex para saírem da minha vida. Há meses que não me esforço no emprego. Se não estavam já a pensar despedir-me, agora estão, de certeza, depois de hoje eu sair do trabalho sem dizer nada. E têm razão.

A Demi começa a procurar a carteira.

- Certo. Estou no ir, miúda. Foi bom falar contigo.

Ela cambaleia para a saída e eu fico sentada por um momento, a sentir nos ombros o peso de tudo.

É demasiado e corro para a casa de banho dos deficientes ao lado da cozinha, com lágrimas a correrem-me pelo rosto. Só lá entrei uma vez, há vários anos, e entro a correr, dando graças a Deus por não estar trancada. Não conseguia lidar agora com bêbedas atenciosas a oferecerem-me batom e lenços de papel. Fecho a porta e dou um salto no ar quando me viro e percebo que a casa de banho está a ser usada. Pelo Franco.

- Oh, meu Deus, desculpa, Franco! - grito, tentando abrir a porta com a cara lavada em lágrimas.

- Ei, ei! - Ele está a abanar os braços e gotas de líquido voam por todo o lado. - Não tem mal! Esther! Estava só a lavar as mãos! - Ele mostra-me as mãos e eu acalmo-me ligeiramente. - Estás bem? - Ele deita-me um olhar preocupado. - Estás a chorar, o que se passa?

Põe-me uma mão no braço e inspiro tremulamente.

- Não é nada! - tento responder, mas apenas sai um guincho.

- Senta-te por um minuto - pede ele, numa voz firme e gentil. - Eu sento-me no mudador de fraldas. - Ele sobe para cima do mudador e indica-me a sanita. - Podes sentar-te aí.

Assinto e sigo as instruções dele. Estou demasiado fraca e esgotada para protestar.

- Queres falar do assunto? - pergunta ele, um momento depois.

Hesito.

- Nem por isso - replico com franqueza. Estou farta de falar. Contar toda esta experiência ao Rich e depois à Demi pôs algumas coisas em perspetiva. Sei o que tenho de fazer a seguir; de momento, é tudo demasiado grande e simplesmente demasiado. - Estou bem, só preciso de um minuto a sós.

- Precisas de um abraço?

Ele sorri e é um bocado manhoso.

- Hum, não, obrigada - respondo, perguntando-me subitamente porque ficou ele aqui.

Eu era uma mulher a chorar numa casa de banho, que claramente queria ficar sozinha. Não somos amigos e eu disse que não queria falar. Ele não era obrigado a ficar. Na verdade, é até estranho que tenha ficado.

- Anda lá, deixa-me dar-te um maminho. - Ele levanta-se e vem na minha direção. Recuo, um pouco alarmada. - Vais sentir-te melhor, prometo.

Ele agarra-me e prende-me nos braços dele. Tento fugir, mas ele é forte. O que se passa aqui?

- Larga-me, Franco, a sério - digo num sussurro envergonhado.

Porque não estou a gritar? Porque estou *envergonhada*?

As mãos dele descem até ao meu rabo e algo em mim solta-se. Levanto o pé o mais alto que consigo e piso o pé dele com toda a força. A seguir, com a outra perna, assento-lhe uma joelhada em cheio nos tomates. Ele solta um grito e cai para o chão enquanto eu corro para a porta.

Segundos depois, estou livre e corro para a saída do bar. Só paro quando dou por mim na rua, ofegante.

Porra, a Bibi tinha razão acerca do Franco. Deve ser por isso que ela o detesta tanto! Porque está sempre a dizer-lhe para se pôr a andar e tenta sempre manter-nos longe dele. O tipo é um monstro tarado que assedia mulheres.

Tenho de falar com ela.

CAPÍTULO QUARENTA E UM

A minha entrada furiosa pela porta do apartamento e pelo corredor faz barulho suficiente para atrair a Louise para fora do quarto.

- Hum, estás bem?

Ela fecha a porta do quarto com pouca subtileza. Não costumava fazer isso.

- Desculpa - titubeio. - Tive de rejeitar o Alistair e depois lutar com o Franco.

A cara dela transforma-se numa máscara de pura confusão.

- O quê? Desculpa, o quê? Espera... - Ela tenta compreender as minhas palavras. - Tu... Quando é que estiveste com o Alistair? Porque é que... disseste *rejeitar*? E o que disseste acerca do Franco? O Franco da Bibi? Estiveste no bar? O que...

- É uma longa história - digo, ao passar por ela na direção da cozinha. - Queres uma bebida? Vou beber uma. Ou umas 55. O teu companheiro secreto também quer uma?

Não me viro para ela, mas ouço a culpa na voz quando me responde.

- O que queres dizer com *companheiro secreto*? É só, hum, o Sven!

Reviro os olhos, já com a mão dentro do frigorífico.

- Claro que é.

Hum, tenho quase a certeza de que abrimos esta garrafa há dois meses. Mas não tem mal, certo? O vinho é como o

queijo, fica melhor com o tempo. Às vezes, só temos de raspar o bolor.

Pego num copo grande, sirvo-me de uma dose generosa e dou um gole, ignorando a película reluzente de líquido estagnado à superfície. A Louise junta-se a mim e sirvo-lhe um copo também. Ela olha para o copo de testa franzida, mas não diz nada e segue-me para o sofá, onde me deixo cair.

- Fala comigo - pede ela, após um gole enojado. - O que aconteceu? Estiveste com o Alistair?

- Sim - assinto, sorvendo mais um longo travo. - Ele mentiu acerca da namorada e queria que ficássemos juntos. Mas parece que beijar o Alistair é como subir por uma mina e ser atacada na cara com uma picareta.

Ela solta uma exclamação, seguida de outra.

- Espera lá - diz ela, erguendo um dedo. - Pois era. Ele sempre deu maus beijos quando vocês estavam juntos, não era? Mas *deve* ter melhorado desde então. Todos dávamos maus beijos na escola.

Solto um suspiro.

- A culpa não é dele. - Pouso o copo na mesinha de café e volto para o sofá. - É minha. Ou não é de ninguém, sei lá. Nós temos qualquer química, foi horrível. Estou tão triste e sinto-me horrível por o magoar assim.

A Lou reclina-se para cima de mim e entala-me o braço. Solto o braço e passo-o pelos ombros dela.

- Bom - diz ela lentamente. - Eu sei que era totalmente a favor do Alistair, mas também estava um pouco preocupada com a possibilidade de voltares para ele.

- Estavas?

- Sim! - confirma ela, encostada ao meu ombro. - Tipo, fiquei com a impressão de que ele não mudou muito desde os tempos da escola. Ainda é amigo de montes de pessoas da escola, a organizar reuniões e tudo isso. Continua obcecado com a namorada da escola. Ainda usa *Lynx Africa*, como quando tinha 15 anos. E falaste com ele acerca do apartamento onde vive? São os pais que lhe pagam a renda! Ele contou-me isso numa das reuniões! - Arregala os olhos. - Ele não amadureceu muito, pois não? Fez aquela birra no vosso primeiro encontro, saiu de rompante para te castigar por dizeres algo que nem sequer era assim tão mau!

Mudo de posição para olhar para ela.

- Não disseste nada na altura! Achei que tinha dito algo inapropriado e que foi por isso que ele saiu assim.

Ela encolhe os ombros.

- Bom, o que disseste foi *um bocadinho* inapropriado. Mas os adultos não podem lidar com os problemas saindo porta fora o tempo todo, pois não? Isso foi foleiro. E não achas que foi imaturo ao mentir-te acerca da suposta namorada? E para quê? Para te fazer ciúmes? - Ela ergue as mãos no ar e verte vinho velho para cima de mim. - Quer dizer, a sério, isso não é nada fixe! Como seria a vossa relação a longo prazo se ele mentisse ou fizesse uma birra sempre que as coisas não corressem como ele queria?

Pondero nestas palavras. A Louise praticamente não passou tempo com o Alistair durante estes últimos meses, mas parece entendê-lo melhor do que eu. Talvez eu nunca o tenha querido conhecer como adulto; como o Alistair é

agora. Eu queria reviver os dias de glória com o capitão da equipa de futebol da escola. Talvez nunca fosse funcionar porque não me permitia conhecê-lo como ele é *agora*.

- Talvez tenhas razão - anuo lentamente, sentindo a culpa e o arrependimento acerca do Alistair a aliviar.

- Numa relação a longo prazo - continua ela num tom de autoridade -, temos de ser honestos e francos.

Hã.

Afasto-a do meu ombro e viro-me para ela. Não posso continuar a fingir. Quero que fale comigo. Que me diga a verdade, seja qual for. E por muito mau que seja para o seu pobre namorado, de quem gosto genuinamente.

- Hum, como tu és com o Sven? - pergunto, o mais suave e bondosamente que consigo.

Não quero que se sinta julgada.

A Louise olha para o copo que tem na mão.

- Está bem, sim, nem sempre fui honesta com ele, mas estamos a trabalhar nisso. Estou a melhorar.

- A sério?! - exclamo, incrédula. - Queres dizer, tirando a - vou dizê-lo, vou mesmo dizê-lo - infidelidade?

A Louise ergue o olhar, com uma expressão inescrutável.

- O quê?

- Vá lá, Lou - suspiro. - Quem está mesmo no teu quarto? Com quem tens andado a trocar mensagens em segredo nos últimos meses? Estás a trair o Sven, não estás? É mesmo óbvio. Fala comigo.

Algo lhe passa pelo rosto e por um momento penso que vai começar a chorar. Ela esconde a cara nas mãos e o corpo dela começa a tremer. Mas, não, ela está... a rir. A rir, rir,

rir, até ficar ligeiramente histérica. Fico a olhar para ela, perplexa.

Quer dizer... deve ser um alívio, ser finalmente confrontada com isso? Isto é alívio, não é? Ela devia estar a morrer de vontade de contar a alguém. De confessar.

- Não estou a *trair* o Sven! - consegue dizer por fim, entre gargalhadas. - Quem está no meu quarto agora é o Sven, podes ir verificar! - Ela acalma-se um pouco. - Mas não vás, por favor, ele ficaria muito envergonhado por causa da sua fantasia.

Agora estou mesmo confusa.

- *Fantasia?*

- Sim! - assente ela com entusiasmo. - Ultimamente, andamos a fazer montes de *role-play*. Vestimos fantasias e assumimos personagens. É um bocadinho embaraçoso, mas ajudou imenso a nossa vida sexual. Sinto-me mais próxima dele do que alguma vez me senti. Estamos mesmo, mesmo bem.

- E toda aquela culpa deslocada que andavas a sentir? - interrogo. Ela põe um ar perplexo. - Sabes! Acerca do meu tio-avô Merton? Estavas claramente a sentir-te mal acerca de alguma coisa. Pensei que fosse porque andavas a trair o Sven e sentias-te um pouco assombrada com tudo isso.

- Não! - diz ela, a abanar a cabeça, muito séria. - Sinto-me mesmo mal acerca do tio-avô Merton. Fomos tão desrespeitosas no funeral dele.

- A sério? - estranho, ainda cética.

- A sério. - E confirma as palavras assentindo freneticamente. - E acho mesmo que ele anda a assombrar-

me, para ser franca. Sinto-me assombrada. Mas não emocionalmente. Literalmente!

Abano a cabeça e tento compreender.

- Mas o que mudou? - pergunto. - Tu e o Sven fazem sexo chato há anos. De onde veio todo este esforço renovado?

Ela fica séria por um segundo antes de responder.

- Foi aquela cena que disseste há séculos, no começo de tudo isto. - Ela vira a cara, subitamente tímida. - Tinhas acabado de reencontrar o Alistair e eu perguntei-te se achavas mesmo possível ter um relacionamento diferente com alguém que já tinhas tentado amar. Tu disseste que sim e isso pôs-me a pensar que talvez as coisas pudessem ser melhores entre mim e o Sven. - Solta uma risadinha. - Se tu ias tentar isso sete vezes, porque não podia tentar eu uma? Sabes, *tentar* ter um relacionamento diferente com o Sven, que incluísse a intimidade física de que eu sentia falta. E acontece que era mesmo possível. E tão fácil. Ele é uma pessoa tão bondosa e maravilhosa, Esther, e estava mais do que disposto a tentar isto comigo. - A Lou vira-se para mim com um ar sonhador. - Ainda temos os nossos momentos, sabes, ninguém é perfeito, mas tenho muita sorte por ter o Sven e sinto-me mesmo grata. Temo-nos divertido tanto a experimentar coisas novas e a dar um ao outro toda a nossa atenção. Pelos vistos - prossegue ela com um ar surpreendido -, sou completamente louca por ele e pelo pénis dele.

- Uau! - sussurro.

Ela baixa a cabeça.

- Desculpa por não ter partilhado nada disto mais cedo. E desculpa por ter andado tão misteriosa, mas sentia-me um pouco pateta. Era tudo um pouco embaraçoso de mais para explicar a cena do *cosplay*.

- Oh, meu Deus, isso é maravilhoso! - grito, abraçando a Louise com força. - Estou tão contente por vocês. Vai dizer-lhe que se vista, não quero mesmo ver o Sven com uma fantasia erótica, e vamos apanhar uma bebedeira juntos.

Ela ri-se também e abraça-me por um longo momento.

- Lamento muito toda a cena com o Alistair - segreda ela ao meu ouvido. - Também lamento pelos outros.

- Não tem mal - garanto-lhe, e estou a falar a sério.

Ela vai buscar o Sven e percebo que o meu telemóvel está a vibrar.

Porra.

É a Katie, e o nome dela lança terríveis ondas de culpa através do meu corpo. Quero tanto ignorar a chamada. Quero continuar a fingir que está tudo bem e que ultimamente não me tenho comportado como uma idiota no trabalho.

Mas tenho de começar a agir como uma adulta e aceitar a porra da responsabilidade pelos meus atos. Se vou ser despedida, a Katie não merece ser despedida também. Não a posso arrastar na minha desgraça. Ela é fantástica e eu desiludi-a.

- Estou - atendo num tom solene. Não recebo logo uma resposta. - Estou? - volto a tentar.

Desta vez, a Katie solta um longo suspiro de alívio do outro lado da linha.

- Oh, graças a Deus que estás bem! - declara ela, com a voz um pouco trémula. - Estava tão preocupada. Mande-te mensagens, tipo, cinco vezes, a perguntar o que aconteceu. Estava quase a chamar a polícia. Pensei que aquele maluco suado te tinha raptado.

- Lamento muito, Katie - digo eu, a falar a sério. - Tive de tratar de... uma coisa e tive de sair. Desculpa, sei que ultimamente ando a desiludir-te. - Ao falar, percebo como, nos últimos meses, senti falta de me entregar ao trabalho. A verdade é que adoro trabalhar no Museu Norris, adoro organizar eventos! E antes de tudo isto, eu e a Katie formávamos uma equipa fantástica. Estraguei tudo com a minha obsessão por esta missão. - Juro que vou atinar daqui em diante - digo-lhe. - A partir de segunda-feira, estou de novo no ativo. - Faço uma pausa. - A não ser que os Recursos Humanos já tenham decidido despedir-me. Francamente, não os censurava. Lamento muito.

- *Despedir-te?* - solta a Katie, chocada. - Por que diabo te despediriam? Eles adoram-te, eu adoro-te... toda a gente te adora!

A generosidade dela faz-me estremecer.

- Katie, é muito simpático da tua parte, mas sei que ultimamente tenho sido inútil. Falto dias inteiros, ignoro eventos, passo o trabalho todo para ti. E depois desapareço do escritório, como hoje.

Ela fica calada por uns segundos.

- Quer dizer - começa ela -, sair do escritório meia hora mais cedo à sexta-feira não é o fim do mundo. Especialmente

quando nem sequer temos um evento agendado. A maioria da equipa faz isso, não reparaste?

Oh.

Oh, pois, acho que é verdade. Agora que penso nisso, eu e a Katie éramos, provavelmente, as únicas no museu quando saí a correr. Nós e o Barnaby, o segurança de 95 anos. Até a Danielle, a rececionista, se tinha posto a andar, foi por isso que a Katie teve de vir dizer-me que o Alistair estava ali. Provavelmente, também foi por isso que ficou tão assustada. Estávamos completamente sozinhas naquele andar.

- E quanto ao resto - diz ela numa voz triste -, eu pensava mesmo que estavas a dar-me mais tarefas e um maior controlo sobre os eventos porque eu estava a fazer um bom trabalho. Fiquei encantada! És uma chefe fantástica e muito competente no que fazes, mas às vezes esqueces-te de delegar. Pensava que finalmente começavas a confiar em mim para me deixares fazer as coisas por minha conta.

- Oh, Katie! - apresso-me a interromper, sentindo-me horrível. - Eu *confio* em ti, juro. E tens feito um trabalho fantástico em tudo o que te dei para fazer. - Meu Deus, tenho andado a ser uma maníaca do controlo? - Prometo que vou continuar a delegar, que vou continuar a baldar-me para poderes fazer mais. - Faço uma pausa. - Mas então, e todos os dias de folga e de férias que andei a meter?

Ela volta a rir.

- Esther, acho que te esqueceste que de já não trabalhas numa cozinha. Tens *direito* a tirar dias de folga, sabes? Ninguém se importa. Na verdade, a única altura em que alguém diz alguma coisa negativa de ti é quando se queixam

de que fazes o resto do pessoal fazer má figura quando não usas todos os teus dias de férias. Tu trabalhas demasiado, ou trabalhavas. – Ela faz uma pausa. – Na verdade, eu estava contente por ver que estavas finalmente a dar prioridade à tua vida fora do trabalho.

As palavras dela começam a ter impacto.

– Queres dizer que não fizeste queixa de mim à Neima, dos Recursos Humanos? Ou aos nossos patrões? – pergunto a medo.

– Fazer queixa de ti? – A voz dela soa horrorizada. – Esther, nunca faria isso! Mesmo que pensasse que eras uma baldas. Que não penso! És a melhor chefe que já tive. Os outros sítios onde trabalhei eram tão stressantes e gritavam tanto comigo. Tu és mesmo paciente comigo. Aprendi montes de cenas a trabalhar contigo. A sério, Esther, és uma ótima chefe.

Engulo o nó que começa a formar-se na minha garganta.

Não lixei tudo no meu emprego. A sério, graças a Deus. Não sei o que faria se o tivesse feito. Graças a Deus.

– Obrigada, Katie – sussurro. – Estou a entender. – Então, sorrio. – Agora, para de dar graxa à tua chefe e vai desfrutar do teu fim de semana. É tarde que se farta, sabias?

Despedimo-nos e tomo uma nota mental para falar com o meu patrão na segunda-feira, de forma a pedir um aumento para a Katie. Ela mais do que merece. Vou até à cozinha e encontro a garrafa de *whisky* de dez anos que guardo para uma emergência. Tomo outra nota para comprar mais álcool para este apartamento, mas, por enquanto, é tudo o que temos e preciso de celebrar.

E também preciso de alguma coragem líquida para o que tenho de fazer a seguir.

Apesar do que acabei de dizer à Katie, não quero saber se é tarde. Tenho de ir ter com a Bibi.

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

Com a Louise atrás de mim, abro de rompante a porta do nosso prédio e o ar frio desperta-me por completo, preparando-me para toda uma nova missão.

Esta missão não é acerca de ex-namorados, mas *é sobre* amor. Mas um amor muito melhor do que essa estupidez do amor romântico. É acerca das minhas amigas.

A Lou segue, ofegante, logo atrás de mim, demasiado perto de mim, mas estamos ambas demasiado excitadas para abrandar. E é assim que acabamos por chocar com um casal no degrau do nosso prédio.

- Descuuuulpem - gritamos ao levantarmo-nos do chão.

- Desculpem, estávamos cheios de pressa - acrescento. - Vocês estão bem?

Baixamo-nos para ajudar o casal, que ainda estão emaranhados um no outro, e percebemos que são o Ivan e a Sofia.

A Louise solta uma exclamação.

- Vocês estavam aos beijos! - diz ela, observando o óbvio.

O que até dá jeito, porque ainda não compreendo bem o que estamos a ver.

- Finalmente! - guincho. - Demoraram o vosso tempo.

- Sim, de facto! - anuncia a Sofia, parecendo verdadeiramente deliciada. - E foi mesmo muito bom.

- Sortuda - resmungo, os meus lábios ainda doridos das mordidelas desse dia.

- É o nosso terceiro encontro - explica o Ivan, com um sorriso atrevido. - Espero ter sorte esta noite.

A Sofia dá-lhe uma cotovelada.

- Já tens sorte só por saíres comigo, meu jovem.

- Pois tenho. - Ele sorri, puxando-a para mais paerto.

- Mas... mas...

A Lou não consegue dizer uma frase completa.

- Então, quem é a Pérola?

- Pérola?

O Ivan parece perplexo, mas a Sofia desata a rir. Ela sussurra-lhe algo e o resto dele desanuvia.

- Ah, certo, isso é o que eu chamo aos meus dentes - revela ele com um sorriso enorme. - Tenho de tratar bem as minhas Pérolas.

A Louise solta um barulho estranho e cora intensamente.

- Oh - tartamudeia. - Então está bem.

- Mas como foi que isto aconteceu? - pergunto, sentindo-me emotiva contra a minha vontade.

Isto é tudo de mais. É tudo bom de mais.

- Fizemos correspondência no *Tinder*! - replica a Sofia, visivelmente excitada.

- Pois foi - confirma o Ivan, com um ar sério. - Defini a distância para o mínimo para ter a certeza de que a encontrava lá!

- Mas se estava assim tão interessado, porque recusava sempre que a Sofia o convidava para tomar chá? - quer saber a Louise, ainda com dificuldade em entender.

- Oh - resfolega ele. - Não consigo subir as malditas escadas! Tenho 72 anos, sabem.

- Eu tenho 77 - troça a Sofia. Ele sorri para ela, deitando-lhe um olhar de adoração. - E podias ter-me convidado para

tomar chá em tua casa.

- Isso seria um gesto muito impertinente da minha parte!
- exclama ele. - Não te queria deixar pouco à vontade, Menina Dove. Sei lá, nem consigo pensar nisso! Convidar-te para o meu apartamento de solteiro, o que pensariam as pessoas de ti e da tua reputação?

- Sei que tem 70 e poucos anos, Ivan - digo gentilmente -, mas já não vivemos em 1953.

Ele assente lentamente.

- Talvez ande a ver demasiado *Downton Abbey* - admite, com um rosto pensativo.

- Então, não devias esperar ter *sorte* sem uma declaração como deve ser - observa a Louise.

O novo casal troca olhares tímidos. O Ivan respira fundo, vira-se para a Sofia e começa a ajoelhar-se.

- OH, MEU DEUS, ELE VAI MESMO PEDIR! - grita a Louise.

O Ivan e a Sofia começam a rir. Ela ajuda-o a levantar-se.

- Estava a brincar, querida - diz o Ivan. - Vocês, jovens, estão demasiado embrenhadas nas vossas patéticas românticas de contos de fadas e finais felizes.

Culpada.

- Oh - solta a Louise, com um ar desapontado. - Mas os finais felizes são tão giros!

A Sofia dá-lhe uma palmadinha reconfortante.

- Talvez façamos isso um dia, mas não temos pressa - diz ela gentilmente. - Temos muito tempo. Eu só tenho 77 anos!

Dito isto, começam novamente aos beijos e nós afastamo-nos discretamente, eu a tentar não chorar e a Lou a

murmurar algo acerca de lhes fazer biscoitos de namorados.

Consigo recompor-me, por enquanto ainda não estou a chorar. Algo que me diz que ainda vai haver muita choradeira e não quero ficar demasiado desidratada.

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

Parada no degrau que dá para a porta da Alex, sinto-me subitamente cheia de calor. Com tanto calor que preciso de tirar o casaco.

- O que estás a fazer? - sussurra a Louise. - Toca à campainha!

- Estou a tentar tirar o casaco! - respondo-lhe, irritada. - Tenho demasiado calor para ver a Alex e a Bibi agora. Preciso de arrefecer. Como queres que peça devidamente desculpas quando estou a MORRER DE CALOR?

O fecho do casaco abre até meio. Puxo-o várias vezes. Não se move mais.

- Precisas de ajuda? - propõe a Louise, prestável.

- Claro que não preciso de ajuda! - protesto. - É um FECHO, Lou, sei muito bem como funciona um fecho, usei fechos a vida toda. Está encravado, mais nada!

- Talvez tenha ficado um bocadinho de tecido preso? - sugere.

Viro-me para ela.

- Claro que ficou um bocado de tecido preso no fecho, *claro*, Louise - replico, zangada. - Desde o início dos tempos que os fechos ficam encravados precisamente por causa disso, conheço bem essa situação. Eu *sei* que o mais provável é ser um pedaço de tecido encravado no fecho. EU SEI ISSO, LOUISE.

Ela encolhe os ombros.

- Só estava a tentar ajudar.

- EU SEI QUE ESTÁS A TENTAR AJUDAR - grito-lhe, com demasiado calor para falar baixo. - MAS ESSE TIPO DE AJUDA NÃO AJUDA MUITO, POIS NÃO? TODA A GENTE SABE QUE OS FECHOS FICAM ENCRAVADOS, TODA A GENTE SABE COMO FUNCIONAM OS FECHOS E TODA A GENTE SABE QUE PEDAÇOS IDIOTAS DE TECIDO PODEM ENCRAVÁ-LOS FACILMENTE. PARA SER FRANCA, É MESMO ESTRANHO QUE TENHAMOS INVENTADO *DRONES* E ARMAS NUCLEARES, MAS AINDA NINGUÉM SE TENHA LEMBRADO DE ALGO MELHOR DO QUE FECHOS QUE ENCRAVAM TÃO FACILMENTE...

A Alex abre a porta, sonolenta.

- Hum, meninas? Porque estão aos gritos a falar de fechos à minha porta?

- PORQUE ESTOU A MORRER DE CALOR, ALEX!

Paro quando percebo que ela está mesmo ali, à minha frente. A pessoa a quem vim pedir desculpas, com quem estou a gritar agora.

- Inventaram o velcro - murmura a Louise, atrás de mim.

- Desculpa - digo mais baixo, desistindo do casaco. - Desculpa por te acordar e... - Desato a chorar ali à porta de casa dela, com o casaco quente aberto até meio. - Desculpa por tudo, Shelley.

Ela vem para o exterior, envolve-me num abraço e aperta-me com força.

- Fui mesmo uma cabra. - Choro no ombro dela, com os olhos fechados.

De repente, sinto outro par de braços à minha volta. Não preciso de abrir os olhos para saber quem é, consigo sentir o

perfume da Bibi.

- Desculpa, Bibi. - Choro alto, envolta em braços e corpos.

Nunca tive tanto calor na minha vida, mas não me podia importar menos.

- Desculpa-me também. - Agora é ela quem chora, com uma emoção que nunca ouvi antes. - Lamento *tanto*. Sinto-me tão mal por tudo o que aconteceu. Quis dizer isso logo, mas as palavras não me saíam.

- *Tu* sentes-te mal?! - soluço. - *Eu* sinto-me mal! Foi tudo culpa minha. Não fizeste nada de errado. Tornei tudo isto acerca de mim quando não tinha nada que ver comigo. - Recuo um pouco para poder olhar para as duas. Estamos todas lavadas em lágrimas e muito coradas, apesar do ar fresco da noite. - Devia ter sido acerca de vocês! Devia ter-vos ouvido e ter ficado contente por vocês. Detesto que tenham pensado que tinham de esconder isto de mim! Mas a culpa é minha, eu sei, porque vocês sabiam como eu ia reagir mal! Não vos dei espaço para me contarem nem motivos para me confiarem o vosso segredo. Tenho tanta vergonha de mim mesma.

- Não devíamos ter escondido nada! - chora a Alex. - Mas ficámos tão chocadas quando as coisas aconteceram entre nós. Foi tão inesperado, mas... - Uma expressão de vergonha passa-lhe pelo rosto. - Também tão espantoso. E depois, acho que só queríamos ter a certeza de que era real antes de fazermos um grande anúncio e correr o risco de perturbar toda a gente. - Ela olha para a Bibi com uma expressão que nunca lhe vi quando estávamos juntas. - *É* real, não é, Bibs?

- A Alex sorri, num vislumbre da sua velha natureza australiana. - E também tão *irreal*.

A Bibi assente com um sorriso etéreo. Ela tenta olhar para mim, mas mal consegue desviar os olhos do rosto da Alex.

- É completamente real e irreal. - Ela sorri, virando-se finalmente para mim. - É tão real, Esther. Não te teríamos feito isto se não fosse.

- Vocês não *me* fizeram nada - protesto, a fungar. - Eu não devia ter tornado isto acerca de mim. É sobre vocês. E estou mesmo, mesmo feliz pelas duas.

- CALEM A PORRA DA BOCA - grita alguém da janela de uma das casas. - SÃO DUAS DA PORRA DA MANHÃ.

Soltamos risadinhas e começamos todas a chorar de novo quando a Louise abraça o grupo tudo.

- Estou tão feliz por sermos todas amigas outra vez - murmura ela, abraçando-nos com força. - Gostava que parassem de se zangar umas com as outras.

- VOU CHAMAR A PORRA DA POLÍCIA - grita o vizinho.

No meio do abraço a quatro, a Alex parece preocupada.

- Acho que devíamos entrar...

- Sim, entrem todas! - A Bibi soa exuberante quando nos larga e reparo pela primeira vez que está de pijama. Elas são mesmo um casal. - Preciso de ouvir tudo o que perdi. Tens de me pôr a par! O que aconteceu na missão?!

Não espera pela resposta para nos levar a todas para dentro. A Louise e eu temos apenas meio segundo para olharmos uma para a outra. Temos tanto para lhe contar que nem sei por onde começar.

CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

- Adivinha só! - Sento-me no grande sofá de canto da Alex e olho para a Bibi. - A Louise *não anda* a enganar o Sven!

A Bibi chega-se à frente, com um ar fascinado.

- Não anda? - Vira-se para a Lou, que põe um ar indignado. - Tinha a certeza de que andavas!

- Não. - Abano a cabeça, encantada. - Só anda a fazer sexo fantástico com o namorado dela!

A Alex parece interessada.

- Com o Sven? Não era sexo chato, Lou?

- Era - admite a Lou, na defensiva. - Mas agora já não é.

- Que porra! - grita a Bibi, chocada e encantada.

- Estão a ver, foi exatamente por causa disto que demorei uma eternidade a contar-vos - resmunga a Lou. - Porque sabia que iam gozar comigo. Não é fácil experimentar algo novo, sabem? Basicamente, sou supercorajosa.

A Bibi e eu rimo-nos, de novo unidas a fazer troça da Lou.

- Não, és mesmo corajosa - digo com sinceridade. - E estou tão feliz por vocês, Lou. É genial. Tu e o Sven merecem toda a felicidade do mundo. Ele é um tipo às direitas.

Ela acalma-se e fica toda dengosa.

- Ele é fantástico.

- O Sven é o máximo. - A Bibi sorri calorosamente. - E estamos mesmo contentes por vocês.

A Alex pousa uma mão carinhosa na mão da namorada e eu reviro os olhos.

- Uh - protesto, apenas meio a brincar. - Vou ter de lidar com vocês as três todas melosas daqui em diante? - A Bibi e a Alex riem-se uma para a outra. - Pensei que os últimos meses eram acerca de encontrar o *meu* feliz para sempre. Estúpida Missão dos Sete Ex-Namorados.

- Então, fica assim? - pergunta a Bibi, um pouco triste. - Acabou a missão? E nenhum deles era O Tal? Nenhum dos teus ex-namorados?

- Não - suspiro. - Acho que, afinal, terminei todos esses relacionamentos por algum motivo. Quem diria que a jovem Esther até tinha algum juízo? - Hesito por um momento. - E, surpreendentemente, sinto-me bastante bem! Ganhei uma nova perspetiva das coisas, sabem? Tenho um emprego que realmente adoro... - Faço uma pausa e penso na conversa com a Katie. - E que, não sei bem como, consegui milagrosamente não lixar. Tenho umas amizades fantásticas que também consegui não lixar *demasiado*. - Sorrio para as minhas três melhores amigas. - E, acreditem ou não, depois de tudo o que aconteceu, ainda tenho esperança de que apareça alguém simpático que um dia queira casar comigo. Não sei porque tinha tanta pressa, tenho muito tempo! Tenho todos os meus 30 anos!

- E depois vem o circuito dos divórcios, quando uma data de novas opções entra novamente no mercado - observa a Bibi, prestável. - Não vais voltar a pensar nos teus sete ex-namorados.

- Tecnicamente, acho que eram só seis ex-namorados - pondero. - Claramente, o Paul nunca contou como ex-

namorado. Ele nunca foi uma Oportunidade Perdida. Era apenas um idiota.

- E a tua outra Oportunidade Perdida? - pergunta a Lou, franzindo a testa. - Ele conta como o teu sétimo ex-namorado.

A Alex inclina-se para a frente, intrigada.

- Que sétimo ex-namorado?

- Vocês sabem! O *outro* ex-namorado! - A Lou olha para mim, para a Bibi e para a Alex com expectativa. - Sabem? - insiste, revirando os olhos. - O Nick!

Todas olham para mim.

A Lou bate com o pé no chão impacientemente.

- Sei que não o incluístes na Missão dos Sete Ex-Namorados, Esther, mas pensei que fosse apenas porque não encaixava bem no artigo da revista. O encaixe era tão perfeito com os outros ex-namorados que pensei que o tinhas deixado deliberadamente de fora porque querias, sei lá, que tudo encaixasse na narrativa. Ele não batia certo com os outros.

- Oh, meu Deus, há um oitavo ex-namorado secreto?! - exclama a Alex. - O Nick quê?

- Não, não! - Rio-me nervosamente. - Ele não foi, não é, um ex-namorado.

- Claro que foi! - protesta a Lou.

A Alex chega-se mais perto.

- Espera aí. O Nick da escola? O Nick Wilde?

- Não! - insisto, desta vez com mais firmeza. - Nunca namorámos, a Lou está a passar-se. Nunca saímos juntos! Ele *não é* meu ex-namorado, cala-te, Lou!

Ela fita-me fixamente e vejo-a a assumir uma postura hirta e a baixar a voz.

- Não me mandes calar, Esther! - diz ela numa voz baixa, mas resoluta. Esta missão sexual secreta que ela e o Sven têm andado a fazer reforçou-lhe claramente a confiança. - E sabes que tenho razão.

Ela vira-se para a Bibi e a Alex, boquiabertas, que, reparo, estão a dar as mãos excitadamente.

- Eles tiveram uma cena passageira na faculdade e depois voltaram a encontrar-se há uns anos. - Ela volta a olhar para mim. - Só porque não foi mais longe, não significa que não tenha sido verdadeiro.

Porra. Nunca lhe devia ter contado. Porque é que lhe contei? Sabia que não podia confiar nela. Quer dizer, hum, não podia confiar nela para guardar este segredo durante, tipo, mais de dez anos.

A Bibi arregala os olhos.

- Anda lá, conta-nos! O que aconteceu entre vocês na universidade?

Respiro fundo. Que se lixe.

EX-NAMORADO SECRETO N.º 8: NICK WILDE

*O Ex-Namorado Que Não Era
um Ex-Namorado*

Parte Um

Universidade de Durham

Bar dos estudantes

2h31

– Sempre tive um fraquinho por ti na escola, sabias?

O Nick está deitado ao meu lado, num banco coberto de pilas desenhadas. Os estudantes universitários podem ser tecnicamente adultos, mas não têm muita maturidade. Especialmente quando operam sob a combinação tóxica de marcadores e bebidas alcoólicas.

– Não tinhas nada, está calado – replico, e solto uma gargalhada.

Ele vira-se para mim, com um ar sério.

– Tinha, sim, acredita que sim. Mas então o Alistair disse-o primeiro em voz alta e eu sabia que ele ficaria irritado se eu dissesse que também gostava de ti. Ou talvez tivesse medo de que pensasse que o estava a imitar ou algo assim. Por isso, tornei-me o vosso casamenteiro e gritei para ti do outro lado do recreio! – Ele solta uma risada um pouco cínica. – Que coisa tão imatura.

Fico em silêncio por alguns momentos, a pensar. A imaginar como poderia ter sido. Como a escola teria sido diferente se tivesse sido Esther e Nick, em vez de Esther e Alistair.

Sento-me no banco das pilas e observo-o com atenção, tentando assimilar esta noite tão estranha.

Para ser franca, quando o nosso olhar se cruzou pela primeira vez no bar dos estudantes, a minha primeira reação foi ir para casa.

Desde o começo das aulas, há uns meses, que evito o Nick. Primeiro, porque decididamente *não* éramos amigos na escola. Ele era um idiota linguarudo que passava o tempo todo com os outros rapazes e parecia achar que as raparigas eram nojentas. Segundo, ele era amigo do Alistair e eu terminei tudo com o Alistair, por isso não quero que o Nick lhe vá falar do meu comportamento inebriado e promíscuo.

Mas, acima de tudo, evito o Nick porque ele me lembra a minha vida antiga. Quem eu fui. Ele conhecia-me como *Fanny Adams*, a falhada que deixei para trás na escola. Neste momento sou uma estudante universitária! Reinventei-me e agora sou a Esther fixe e sensual. Alguém que encaixa neste mundo de gente fantástica e inteligente. Tanto quanto sabem os novos amigos que comprei com bebidas alcoólicas, sou o máximo. E não quero que descubram que, na verdade, não sou. Não quero ver aqui alguém que tenha conhecido a velha eu, a verdadeira eu, que me lembre de como sou uma falhada total. Não quero que o Nick conte a toda a gente que passei o tempo todo na escola escondida atrás da arrecadação das bicicletas.

O problema é que ele é o novo empregado do bar dos estudantes.

Impossível de evitar.

Quer dizer, o que vou fazer agora? Ir a um bar diferente e pagar preços a sério?! Quando já gastei todo o meu dinheiro no espaço de poucas semanas? Isso seria uma idiotice.

Por isso, fiquei. E descobri, com o passar da noite, que estava a olhar para ele cada vez mais. A vê-lo numa espécie de luz diferente. E quando ele veio ter comigo para dizer olá, não era nada como o rapaz irritante que eu recordava. Era simpático, engraçado, educado, atencioso, pateta, bondoso. Tudo o que eu quero.

Percebo então que ele deve estar a fazer o mesmo que eu. Também se reinventou. Na verdade, provavelmente deve recriar tanto como eu que o denuncie aos seus novos amigos.

- És tão diferente aqui - digo-lhe agora, mudando-me para o banco dele e deitando-me cara a cara com ele.

Ele põe um ar pensativo.

- Não sei se estou assim tão diferente. Acho que, quando muito, sou mais *eu* aqui do que era na escola. Lá havia uma pressão tão grande para ser uma determinada coisa. Ou, acho que é mais correto, para *não* ser uma determinada coisa. Para te integrares, havia todo um conjunto de regras que tinhas de seguir. Não estou a falar das regras escolares. Quero dizer, tipo, regras *sociais*. Perdi tanto tempo e energia a tentar ser o rapaz que toda a gente pensava que eu devia ser na altura. Quando vim para aqui, foi como se tivesse saído da prisão.

- Então, estás a gostar da universidade? - Sorrio enquanto olho para a boca dele a mover-se.

Ele assente com uma risada.

- Estou a adorar. E este novo emprego no bar é um estrondo! Bebo de borla e de vez em quando posso ficar aqui com alguém depois do fecho.

Ele fita-me nos olhos e o meu estômago dá um pequeno salto.

Isto está tão errado.

Mas parece-me estranhamente certo. Estar com o Nick Wilde no bar já vazio da universidade, mais ninguém aqui além dele, de mim e de milhares de copos de plásticos cheios até meio com *cocktails* cor-de-rosa, à espera de serem recolhidos.

- E tu? - pergunta ele com sinceridade. - Estás a gostar?

Pondero a possibilidade de mentir e não o faço.

- Não, nem por isso - suspiro. - Tem partes divertidas, mas não entendo metade do que dizem nas aulas. Acho as matérias aborrecidas e confusas. Na verdade, nem sei bem porque estou aqui. Sinto-me um pouco como se me tivesse deixado levar pelas sugestões dos meus pais de “fazer algo da minha vida”. Acima de tudo, só queria sair dali.

Faço uma careta e interrogo-me se lhe devo contar a parte seguinte. Ele olha para mim, pacientemente à espera, como se soubesse que ainda há mais para contar.

Meu Deus, ele é muito mais intuitivo do que eu julgava. Nick Wilde, o empático! Quem diria? A Shelley e a Lou vão passar-se quando lhes contar. Talvez não lhes conte.

- Então - respiro fundo -, comecei a trabalhar num restaurante italiano, ainda só estou a lavar pratos, mas, de uma forma estranha, gosto mesmo muito. Sempre gostei de cozinhar, mas nunca pensei em fazer disso profissão. E ver os *chefs* a trabalhar é fantástico. - Olho para as minhas mãos. - Francamente, é como se tivesse, tipo, uma *vontade* de estar a cozinhar com eles. No outro dia, um deixou-me ajudar com as entradas e fiquei a vibrar durante horas. - Desvio o olhar, envergonhada. - É uma patetice.

- Achas que é isso que queres fazer? - pergunta ele numa voz séria. - Tipo, a sério? Com a tua vida, quero dizer?

Penso nisso, ainda sem olhar para ele.

- Acho que sim - respondo por fim, sentindo algo a esvoaçar na minha barriga. - Quero mudar-me para Londres com a Shelley e a Lou, e arranjar um emprego janota num restaurante glamoroso! Mas claro que primeiro tenho de acabar o curso. Depois vejo o que acontece.

- Mas porquê? - estranha ele, confuso. - Se sabes o que queres fazer e não estás a gostar muito da universidade, para quê desperdiçar estes três anos? Não é como se estivesses a estudar algo relacionado com comida e não é uma carreira que exija um curso universitário.

Franzo a testa.

- Porque... - Não me ocorre uma única razão. A única resposta que tenho é: porque os meus pais me disseram que eu devia tirar um curso. - Porque já gastei todo o meu empréstimo estudantil? - digo em vez disso.

Ele ri-se. Como é que nunca reparei que ele tinha uma risada fantástica? Dá vontade de rir também e nunca mais

parar.

- Bem, só vais gastar uma tonelada mais de dinheiro nos próximos anos. - O Nick faz uma pausa. - Ouve, se eu for egoísta, quero mesmo que fiques. - Os nossos olhares voltam a cruzar-se e algo como uma onda de calor passa entre nós. - Mas a universidade não é a opção certa para toda a gente. Apesar de tudo o que nos disseram quando éramos miúdos. Se queres mesmo ser uma *chef*, deves fazer por isso. Acho que é uma ideia fantástica. E se já gostas disso, é algo especial.

Meu Deus, quero tanto beijá-lo.

Segue-se um silêncio entre nós, enquanto mordo o lábio e sento-me no banco, tentando não olhar para o torso magro e musculado dele. O polo, com o logótipo do bar e tudo, fica-lhe justo. Aquilo por baixo não podem ser abdominais, pois não? Nenhum dos rapazes com quem estive tinha abdominais. Ir ao ginásio não era considerado fixe na escola. Os rapazes só jogavam futebol. Futebol não dá abdominais, pois não? O Alistair não tinha abdominais, tinha um corpo de rapaz. E se o Nick Wilde tiver um corpo de homem?

- Só vou dizer - continua ele algum tempo depois, indiferente aos pensamentos obscenos que me passam pela cabeça - que tenho um tio que é *chef*. Ele adora, mas diz que é um dos empregos mais intensos de *sempre*. Trabalha mais horas do que qualquer outra pessoa que eu conheça. Raramente o vemos. Além disso, diz que pode ser um mundo dominado por homens e com uma linguagem rude, não é para pessoas sensíveis.

- Eu aguento. - Sorrio, enchendo o peito. - Adoro linguagem rude.

Ele volta a sorrir para mim e a tensão entre nós fica subitamente tão densa que quase a consigo saborear. Ele afasta o cabelo da cara, atrapalhado, e eu resisto a um impulso de lhe agarrar a mão e lambê-la. Quero lambe-lhe o corpo todo. Quero os dedos dele em cima e dentro de mim, quero aquele corpo de homem pressionado contra o meu. Todo o meu corpo anseia por ele.

E apesar de, em toda a minha vida, nunca ter querido algo com tanta força, de nunca ter desejado alguém daquela maneira, de nunca ter implorado assim em silêncio, sou quase apanhada de surpresa quando ele me beija.

Os lábios dele encontram os meus e é como uma espécie de explosão, como se eu nunca tivesse sido beijada antes. É um beijo sôfrego e apaixonado, e tem língua e lábios e mãos por todo o lado. Não se assemelha a nada que eu tenha sentido antes. Passei a última semana a beijar todas as pessoas que conseguia agarrar e o ano antes disso sempre a beijar o Alistair, e nada disso se compara a este beijo.

Pensar no Alistair traz-me de volta à realidade.

- Não podemos fazer isto.

Sou a primeira a afastar-se, mas não sei como sou capaz. Tenho a cabeça a andar à roda e a visão desfocada. E quando vejo o desejo no rosto do Nick, quase me atiro de novo para cima dele. Quero-o tanto.

Mas não posso. Não está certo.

- Acabei recentemente com o Alistair - lembro-lhe, numa voz baixa e rouca. - E tu és amigo dele, não podemos.

Ele fita-me intensamente.

- Tens razão - diz ele por fim. - Sei que tens razão. - Afastamo-nos um do outro, ambos ofegantes, como se tivéssemos vindo a correr. Quando ele volta a falar, a voz soa determinada. - Certo, vamos fingir que isto não aconteceu. Eu não digo a ninguém. O Alist... *ele* não precisa de saber. - Volta a olhar para mim demoradamente e quase perco a força nas pernas. - Mas - prossegue ele, observando-me fixamente - não sei se vou conseguir manter-me longe de ti se estivermos juntos na universidade durante os próximos três anos...

CAPÍTULO QUARENTA E CINCO

- Credo, não posso crer que beijaste o Nick Wilde da equipa de futebol da escola!

A Alex arregala os olhos e sinto uma pontada de irritação.

- Eu *não* beijei o Nick Wilde da equipa de futebol da escola - protesto, deitando-lhe um olhar severo. - Beijei o Nick Wilde, estudante universitário e empregado de bar sensual, muito obrigada. São pessoas completamente diferentes. Ele amadureceu e reinventou-se. Eu beijei o Nick Wilde sensível e bondoso, que tinha barba e sentimentos, mesmo aos 18 anos.

- Sabem que mais? - diz a Louise, com um ar contemplativo. - Os homens são mesmo complicados, não é verdade? Tipo, *tão* complicados como as mulheres.

- Acho que tens razão! - Assinto para ela. - Ultimamente, tenho andado a pensar o mesmo. Sempre pensei nos homens como uns cabrões que não querem saber de nada, mas creio que os homens podem ter *camadas*. Acho que também podem andar a debater-se com dificuldades e problemas, tal como nós. Tipo, vejam só o Rich, que pelos vistos não era nada um sacana. Era apenas um homem num sítio verdadeiramente mau. E procurou ajuda! Essa porra requer coragem, a sério. Especialmente quando dizemos aos homens que não lhes é permitido ser vulneráveis ou tristes, nunca.

- Exatamente - concorda a Lou. - Estamos todos juntos. Às mulheres é negado o dinheiro, mas aos homens são

negadas as emoções! Precisamos de igualdade sentimental tanto quanto precisamos de igualdade salarial.

A Bibi abana a cabeça com tristeza.

- Sê um homem, mostra que tens tomates, não sejas mariquinhas. As coisas que dizemos aos rapazes são verdadeiramente patéticas.

- Mas eu até gosto de *florzinha de estufa* - pondero. - É tão evocativo. Talvez pudéssemos recuperar a expressão, sabem? Dar-lhe uma nota positiva? Tipo, quem não gostava de viver numa estufa? Estar num sítio quentinho e ser apaparicada o dia todo!

- *Apaparicar* é uma palavra estranha - murmura a Alex.

- Quem é que não gosta de ser apaparicada?! - declara a Louise, num tom ferveroso. - Toda a gente quer ser apaparicada!

- Eu acho que homens e mulheres estão igualmente avariados - declara a Bibi, solenemente. - É muito simplista dizer que todo um género é um bando de cabrões. Somos todos pessoas, todos solitários e magoados, a tentar sobreviver.

A Alex aperta-lhe a mão com força.

- Isso! - anuo, pensando noutra coisa. - Há exceções dos dois lados, claro. Quer dizer, o Franco, decididamente, não é uma florzinha de estufa. É uma besta.

A Bibi fica hirta e uma sombra cai-lhe sobre o rosto.

- O que foi? O que é que fez?

A Alex e a Lou olham para nós, confusas.

- Hum?

- Ele, bem, ele tentou forçar-me - admito, sentindo-me estupidamente envergonhada, mesmo sabendo que não tenho motivos para me sentir assim.

A Lou solta uma exclamação e envolve-me num abraço.

- Porra - sussurra a Bibi. - Desculpa, Esther. A culpa é minha. Fiz o que pude para vos manter longe dele. Ando há meses a tentar que o despeçam.

- Também te fez o mesmo? - pergunto, subitamente assustada.

E se eu não tivesse conseguido escapar? O que teria feito ele? O que poderá ter feito à Bibi?

Felizmente, ela abana a cabeça.

- Não, mas só porque sabe que eu lhe cortava os testículos com uma faca ferrugenta. - Faz uma pausa. - Uma vez, quase fiz isso mesmo. - Ela olha para todas nós e solta um suspiro. - Já fez essa porra a todas as outras mulheres que trabalham no bar. Muito antes de eu começar a trabalhar lá. Na verdade, avisaram-me para ter cuidado com ele logo no primeiro dia, mas não levei a coisa muito a sério, até que, um dia, o apanhei a apalpar o rabo de uma das mulheres. Ela estava tão perturbada.

- Porque não nos disseste nada? - pergunta a Louise, horrorizada.

A Bibi olha para baixo.

- Porque sabia que vocês tentariam convencer-me a despedir-me ou a fazer algo acerca dele. E a verdade é que não me podia dar ao luxo de perder o emprego. Dessa vez, quando lhe disse para deixar a minha colega em paz, ele encurralou-me mais tarde e disse-me que fazia com que me

despedissem se eu revelasse alguma coisa. Eu não conseguia pagar a renda sem aquele emprego e, como bem sabem, não conseguia encontrar trabalho em lado nenhum, por muito que me esforçasse.

Seguro-lhe a mão e ela lança-me um olhar de gratidão.

- Então, quando o apanhei outra vez a fazer o mesmo, fui falar com ele depois do fecho... com uma faca na mão.

Oh, meu Deus, a Bibi é mesmo da *pesada*.

- Estava a segurá-la casualmente - acrescenta ela rapidamente, quando a Lou solta uma exclamação. - Tipo, eu *sou* empregada de bar, é perfeitamente normal ter uma faca na mão. Às vezes, tenho de cortar um limão! Mas não lhe disse isso. Disse-lhe que, se voltasse a importunar as mulheres do bar, eu ia atrás dele. Agora acho que tem mesmo medo de mim.

Penso em todas as vezes que estivemos no bar e o Franco passou por nós com um ar assustado ou não insistiu com a Bibi quando ela era rude com ele. Eu julgava que ele tinha medo dela porque a Bibi consegue ser uma pessoa intimidante, não porque o tivesse ameaçado.

- Estavas a proteger as mulheres com quem trabalhas - exclamo, admirada com a Bibi e a força dela. - És incrível.

Ela fica um pouco tímida.

- Bom, foi um pouco estúpido e eu podia facilmente ter-me magoado... ou pior. Não é algo que recomende. Mas ele deixou toda a gente em paz desde então. - Uma expressão dolorida passa-lhe pelo rosto quando olha para mim. - Até agora. Lamento muito, Esther. O pior de tudo é que tenho andado a trabalhar com o departamento de recursos

humanos na sede. Eles pediram-me que documentasse tudo o que ele fez e está prestes a ir para o olho da rua.

- Deviam pô-lo na porra da *prisão*! - grita a Alex, furiosa.
- É o Harvey Weinstein dos bares reles.

- Bem, isso é o passo seguinte - assente a Bibi. - Também falaram com a polícia e algumas das mulheres com quem trabalho vão prestar declarações.

- Uau - sussurro. - Também posso prestar declarações, se for preciso. - Abano a cabeça. - Achava que ele era só um homenzinho patético e inofensivo. Não posso crer como estava errada. Qual é o meu problema? Será que dou algum sinal a predadores como o Carl e o Franco?

Olho em redor, sentindo-me abalada.

- O problema são eles, não és tu - diz a Bibi, em voz baixa. - E todas já passámos por isso. É o mundo que precisa de mudar, não tu.

A Alex abana a cabeça e deita um olhar de admiração à nova namorada.

- Tu és fantástica, amor, és tão corajosa.

- Mal posso *esperar* por dizer àquele cabrão onde pode enfiar o emprego - responde a Bibi, entre dentes.

- Oh! - exclamo, excitada. - Sempre aceitaste a tal oferta de emprego?

A Bibi sorri timidamente.

- Na verdade... não. - Ela olha para a Alex, que assente em sinal de encorajamento. - Recusei-a. Não era o que eu queria fazer a longo prazo e decidi lançar-me a solo! Abri atividade como trabalhadora independente e vou começar o

meu próprio pequeno negócio de *marketing* e consultadoria. A Alex vai ajudar-me com a página de Internet.

- Oh, meu Deus! - grito, deliciada. - Isso é perfeito! É absolutamente fantástico! Estou tão orgulhosa de ti.

Ela encolhe os ombros, claramente encantada.

- Além disso, conheci tantos executivos talentosos durante a minha procura de emprego. Podemos trabalhar juntos, formar uma empresa, tornar tudo mais oficial. E posso continuar a trabalhar no bar em *part-time*, enquanto a coisa não arranca. Agora que o Franco vai embora, até é capaz de ser divertido. O resto do pessoal do bar é simpático e acho que vão gostar mais de mim se eu começar a trabalhar a sério.

- Eu *sei* que os meus patrões vão mandar-te algum trabalho - comento alegremente. - Pelos vistos - digo num tom tímido -, parece que sou muito respeitada e prezada pela minha equipa. Quem diria!

A Bibi revira os olhos.

- Claro que és. É tão estranho, a maneira como estás sempre a duvidar de ti. Tu és genial.

- E por falar na genialidade da Esther - diz a Alex, virando-se para mim com um ar de excitação -, conta-nos lá como foi a vez seguinte que viste o Nick, depois da vossa noite frustrantemente sem sexo na universidade.

Baixo o olhar para as minhas mãos.

- Está bem - respondo em voz baixa, sentindo-me estranha. - Eu tinha 24 anos e foi poucos meses antes de conhecer o Idris...

O grupo assente excitadamente.

EX-NAMORADO SECRETO N.º 8: NICK WILDE

*O Ex-Namorado Que Não Era
um Ex-Namorado*

Parte Dois

The Swan Swab

Saída

19h15

Vamos a caminho da saída quando o vejo.

- Hum, vemo-nos depois em casa - digo à Louise. - Acabei de ver alguém que conheço.

Ela assente, mal olhando para trás.

- Estou de rastos, miúda - boceja ela. - Vou direta para a cama, vemo-nos amanhã de manhã.

Ela vai embora e eu viro toda a minha atenção para o bar. Por muito que adore a Lou, não quero partilhar esta pessoa com ela.

Só viemos uma ou duas vezes a este bar, apesar de ficar a poucos minutos do nosso apartamento. É bastante sujo e antiquado, mas começamos a gostar de cá vir. Até pode vir a ser o nosso ponto de encontro regular.

Atravesso a sala e toco-lhe ao de leve no ombro. Ele vira-se e eu derreto ao ver-lhe a cara.

- Esther? - O Nick soa incrédulo, como se não pudesse acreditar que sou mesmo eu. - Já passaram anos! Credo, como estás?

Envolve-me num abraço e eu desejo instantaneamente que não o tivesse feito. O odor dele é demasiado, incendeia algo dentro de mim.

- O que estás aqui a fazer? - Rio-me, deliciando-me com aquele belo rosto, tão feliz por me ver.

Tem mais barba do que da última vez que o vi no bar de estudantes e agora usa óculos, ficam-lhe bem. Tirando isso, está na mesma.

- Ando a percorrer bares com colegas de trabalho - responde ele com um revirar de olhos. - Na verdade, íamos sair para o sítio seguinte. Estavas de saída? Queres ficar e beber um copo comigo?

Ele despede-se do grupo ruidoso e leva-me até uma mesa no canto. Sentamo-nos e olhamos um para o outro timidamente.

- Esta zona é simpática - começa ele a medo, olhando em redor. - Até gosto deste bar imundo! Nunca vim para estes lados. Tenho andado a pensar em mudar de casa, talvez me mude para cá.

Fitamo-nos nos olhos e fico subitamente com a boca seca.

- Posso dar um gole?

Indico a cerveja dele e o Nick abana-se de alto a baixo.

- Claro, mas deixa-me pedir uma para ti. Desculpa, não estava a pensar direito.

Ergo as mãos em protesto.

- Não, não, provavelmente já bebi demasiado. Estive aqui no bar o dia todo com a Louise, lembras-te da Louise Hickman, da escola?

Ele solta uma risada.

- Como podia esquecer-me da Louise? Ela está bem?

Assinto e trocamos as frases simpáticas do costume. A conversa fiada parece estranhamente íntima; natural e calorosa. Como se pudesse estender a mão e tocar-lhe sem ser estranho. Podia coçar-lhe a barba com as unhas e beijar-lhe o pescoço.

Alto lá, isso era capaz de ser estranho.

Ele gesticula para a sala.

- Lembras-te de quando eu trabalhava no bar da universidade?

- Claro que sim! - Rio-me. - Mas só estive na universidade por mais umas semanas depois, hum, *dessa noite*.

- Sim. - Ele sorri com um toque de tristeza. - Não conseguimos voltar a ficar secretamente fechados no bar. - Faz uma pausa. - Mas esse momento foi decididamente inesquecível...

Imagens dessa noite pairam no ar entre nós e eu tusso desajeitadamente.

- E então? - pergunta ele. - Sempre te tornaste uma *chef*? Vais seguir nas pisadas do Gordon Ramsay?

- Espero que não - respondo com uma careta. - Mas, sim, estou a trabalhar como *chef*!

Ele parece contente, até reparar na minha expressão.

- Oh. Não é tão divertido como esperavas?

- Ahhh - suspiro. - Não sei, Nick. Adoro o que faço em vários aspetos. Mas o horário está a dar cabo de mim. Hoje foi a minha primeira folga em seis meses, daí ter passado o dia todo a beber com a Lou!

Ele ri-se em solidariedade, de queixo erguido, e volto a olhar para a barba por fazer. Talvez só uma coçadela rápida? Talvez ele não se importe?

- E algumas das pessoas não são muito simpáticas - acrescento num sussurro, lembrando-me do episódio desagradável com o Carl.

Deixar esse emprego tão de repente foi intensamente humilhante, para não falar da quantidade de pessoas na indústria que, aparentemente, sabem o que aconteceu. Acabei por encontrar emprego noutra cozinha, mas alguns dos meus colegas ainda fazem comentários acerca do Carl como se eu tivesse provocado a situação, como se a culpa fosse minha.

- Ainda somos novos - diz o Nick, numa voz gentil. - Temos 24 anos, isso não é nada! Ainda temos muito tempo para mudar de ideias acerca do que queremos fazer na vida. Os nossos sonhos podem adaptar-se e mudar de direção. - Ele assente, quase para si mesmo. - Num instante, estou a sonhar com *zombies*, no instante seguinte, estou a sonhar que levo as calças erradas para o emprego. Os sonhos são uma maluqueira.

Solto uma risada. Meu Deus, ele é tão simpático. E tão bom.

- Aposto que és mesmo boa no que fazes - continua ele. - Fui a uma festa de trabalho na semana passada e a comida

era tão má. – Faz uma careta. – Pode mesmo estragar uma noite. Se calhar, devias trabalhar na organização de eventos, para poderes garantir que a comida é sempre boa.

Ele ri-se, e eu também, mas...

Mas...

Hum, eventos. Vale a pena pensar nisso. Eventos... Porque adoro o processo de criar algo especial para outras pessoas. Fazer algo a partir do nada, algo que as pessoas recordem. Adoro participar na criação de uma noite especial que traz alegria a um grupo de pessoas. Hum.

– E tu? – interrogo rapidamente, para mudar de assunto. – És feliz? Como vai a tua vida, agora que vais para os 20 e muitos anos?

– Bastante bem. – Ele sorri. – Estou a pensar em arranjar um cão. Achas que seria uma loucura? É muita responsabilidade, não é?

Estendo o braço e dou mais um gole atrevido na cerveja dele. O Nick não reage de imediato, apenas observa-me a fazê-lo. E vejo as pupilas dele a mudar de cor.

– Oh, meu Deus – solta ele, apoiando a cabeça nas mãos. – Esther, não quero fazer conversa fiada contigo. Quer dizer, é divertido e encantador, mas só consigo pensar em beijar-te. Ainda gosto muito, muito de ti. – Ele faz uma pausa e depois sorri. – És solteira? Podemos, tipo, sair num encontro a sério?

Engulo o sim instantâneo. Não pode ser tão simples como apenas dizer sim.

– Hum, ainda és amigo do Alistair? – pergunto por fim.

Ele fita-me por uns segundos.

- Mais ou menos - admite ele. - Hoje em dia, já não somos amigos chegados, não como éramos na escola. Mas ainda o vejo de vez em quando.

Afasto o olhar dele.

- É demasiado complicado - sussurro, a olhar para as minhas mãos. - Há a questão do Alistair...

Penso em como o meu primeiro amor ficaria magoado. E depois lembro-me do Paul. Por agora, somos apenas amigos, mas sinto cada vez mais que algo pode acontecer entre nós, pois finalmente estamos os dois solteiros ao mesmo tempo. Temos assuntos inacabados que vão atrapalhar tudo se eu começar a andar com o Nick Wilde. Só porque temos esta química estranhamente intensa não significa que seja a coisa certa a fazer.

Tento acalmar a respiração.

- Desculpa, Nick, acho que não nos devíamos ver. Eu não posso... É muita coisa, é demasiado intenso.

Ele olha para mim e depois expira em desânimo.

- Se é essa a tua decisão, acho que vou ter de a aceitar. - Faz uma pausa. - Mas acho que estás errada. Há algo muito bom aqui, entre nós. E acho que também o sentes. - Estende o braço para me segurar a mão e sinto arrepios a percorrerem-me o corpo. Ele inclina-se para mim. - Ouve - sussurra num tom urgente -, podemos passar só uma noite juntos? Esta noite? Agora mesmo! Para tirarmos isto do sistema? Sinto que nunca mais desejarei alguém como te desejo agora. Só uma noite?

Ele segura-me a outra mão e sinto fogo de artifício dentro de mim.

Não posso, não devo. Há outras coisas a considerar. Isto não é sensato.

Oh, meu Deus, ele vai beijar-me.

Ele beija-me, debruçado por cima da mesa, e é como da última vez, mas ainda melhor. Sinto o sabor dele na minha boca e quero mais.

- Podemos ir para tua casa? - segreda ele, ofegante, ao meu ouvido.

- Quero mesmo muito - digo, engolindo em seco. - Mas a Louise está lá e tenho um vizinho de baixo que é mesmo horrível e bate no teto sempre que fazemos barulho. Odeio-o.

O Nick fica desiludido e isso torna-o ainda mais sensual.

Meu Deus, desejo-o tanto.

Quando as pessoas falam de não conseguir resistir a alguém, sempre tomei isso com desdém. Tipo, *claro* que conseguem resistir! Isso é tão estúpido. As pessoas só dizem isso como desculpa para fazerem disparates ou fazerem sexo sem proteção ou algo assim.

Mas, francamente, se o Nick me pedisse para engravidar neste momento, eu aceitava.

- Segue-me - sussurro-lhe.

Ele faz o que lhe digo e caminhamos os dois para a casa de banho.

Ah, cá está. Eu sabia que tinha de haver uma casa de banho para deficientes algures por aqui. Mesmo ao lado da cozinha.

Com o Nick logo atrás de mim, entramos, fechamos a porta e esperamos que alguém bata à porta e nos mande sair. Quando isso não acontece, caímos um em cima do

outro. Beijamo-nos e agarramo-nos e apalpamo-nos. Roupas são despidas, o meu sutiã solta-se, passo as mãos pela barriga rija e tonificada dele, a torcer-me por dentro. Desejo-o tanto. Mais do que alguma vez desejei alguém.

Agora estamos os dois nus e continuamos a beijar-nos freneticamente. Sinto-o a levantar-me pelas ancas, a pressão da pila dele contra mim. Quero-a tanto dentro de mim, quero-a *tanto*. Sinto-o a entrar em mim quando alguém bate à porta e quase nos mata de susto.

- Porra, porra! - exclama ele, saindo de mim.

A porta abre-se de rompante e um homem de aspeto nervoso, com uma placa na qual se lê "Franco", fica ali parado, com um ar horrorizado no rosto ao contemplar a cena: nós os dois em flagrante.

- Saiam imediatamente! - grita o homem.

Vestimo-nos à pressa, demasiado envergonhados para erguer o olhar.

- Ele parecia mesmo um parvalhão - resmunga o Nick, quando nos apressamos para a saída do bar, sempre a olhar para o chão.

CAPÍTULO QUARENTA E SEIS

- Então - digo, triunfante -, não conta, pois não?

A Lou fica de boca aberta e parece demasiado excitada para responder.

- Como é que não conta? - protesta a Bibi, de testa franzida.

- Quer dizer... - Reviro os olhos dramaticamente. - A ponta só entrou um bocadinho, por isso não conta. Nunca considereei o Nick como um dos meus parceiros sexuais.

- Bom, então és uma galdéria mentirosa - diz a Alex, parecendo divertida. - A ponta entrou, isso conta, companheira.

- O que sabes tu sobre pénis? - resmungo. A Alex estala a língua para mim. - Seja como for, ele não é um ex-namorado - reajo, fazendo beicinho. - Foram só aqueles dois encontros até o voltar a ver naquela reunião com o Alistair.

- E como te sentiste quando o viste de novo? - pergunta a Bibi.

Três pares de olhos fitam-me intensamente, à espera.

Como me senti?

Como disse a mim mesma que me senti? Ou como *realmente* me senti, naquele lugar no âmago do meu ser para onde normalmente me recuso a olhar?

Sou salva pelo telemóvel da Lou a vibrar e olho de relance para o ecrã. De cabeça para baixo, avisto um nome no ecrã. O mesmo que apareceu no telemóvel dela na noite em que levámos a Bibi ao hospital. A porra do mesmo nome! Pego no telemóvel dela. Não acredito que, afinal, eu tinha razão!

Toda aquela história de eu-amoo-Sven foi apenas um monte de treta? Que porra?

- O que estás a fazer? - grita ela, enquanto tenta recuperar o telemóvel.

- Porque estás a receber mensagens do Nick? - grito. - Porque me estás a forçar a falar dele? É só porque queres saber se ainda estou interessada? O que se passa aqui, Lou?

Uma expressão confusa passa-lhe pelo rosto e desaparece logo a seguir.

- O Nick? - diz ela, com ar de quem vai desatar à gargalhada. - Achas que o Nick está a mandar mensagens para *mim*? Porque me mandaria ele mensagens? - Ela ronca uma risada e acena para o telemóvel na minha mão. - Vê melhor.

Viro o telemóvel para mim e leio lentamente as palavras no ecrã.

- Nikar?... Hã, hum, o quê?

Volto a olhar para ela, com a fúria a dar lugar ao embaraço.

A Lou também parece embaraçada.

- É o *alter ego* do Sven - explica ela num sussurro. - Nikar, o Mago. Tentámos vários cenários e esse foi o personagem de que mais gostámos.

A Bibi e a Alex contêm uma risada, e a Lou vira-se para elas.

- O quê? É bom que não estejam a rir! Ouvi parte da vossa conversa de sexo através da parede, não estão em posição de criticar!

A Alex cala-se, mas a Bibi tem a ousadia de pôr um ar divertido.

- É melhor teres cuidado, *Bibi!* - avisa a Louise. - Ou ligo à tua mãe e descubro qual é o teu nome verdadeiro de uma vez por todas. Aposto que é pior do que Nikar, o Mago.

O sorrisinho desaparece.

- Oh, meu Deus - titubeio. - Desculpa, Lou... foi completamente despropositado da minha parte. Pensei que dizia... bem, sei lá! Não paravas de falar dele quando o encontrámos na reunião do Alistair. Estavas sempre a olhar para ele e a dizer como estava podre de bom. A babar-te por causa da barba sensual e tudo... Parecia que estavas a namoriscar com ele o tempo todo e até o convidaste a vir connosco ao hospital...

A Lou solta uma risadinha.

- Claro! Estava a ver se admitias que ainda gostavas dele. Pensei que concordarias comigo que ele era podre de bom e que podíamos persegui-lo para *ti*. Estava a tentar fazer-te ver que havia outras opções para lá dos sete ex-namorados. - Ela estala a língua. - Além disso, a barba dele é fantástica.

- E as flores que recebeste noutra dia, que te deixaram tão atrapalhada? - ocorre-me subitamente. - Que disseste que eram da tua agente?

Ela franze a testa.

- Oh, essas eram mesmo do Sven, mas estavas a ser tão intensa acerca da tua missão do amor que me senti mal em esfregar na tua cara os gestos românticos do meu namorado.

Abro a boca para negar e volto a fechá-la. Ela tem razão, eu fiquei demasiado intensa. Deixo afundar a cabeça nas

mãos.

- Desculpa - murmuro. - Parece que gosto mais do Nick do que pensava.

- Então, *podemos* chamar-lhe um ex-namorado? - ri-se a Alex.

Encolho os ombros, a tentar não sorrir. A Louise lança-me um olhar severo.

- Então, só para esclarecer, não ando a trocar mensagens com o Nick, mas sabem quem *devia* fazer isso mesmo? Quem devia ter mandado uma mensagem ao Nick há muito tempo?

Desta vez, sorrio. De orelha a orelha. Porque, sim, sei. E acho que agora estou pronta.

EX-NAMORADO SECRETO N.º 8: NICK WILDE

O Ex-Namorado Que Não Era um Ex-Namorado Mas Agora Está Oficialmente Classificado Como Ex-Namorado

Parte Três

Casa de Alex Shelley
Telemóvel de Esther
2h32

Nick Wilde (escola)

Olá, Nick, desculpa a mensagem assim sem mais nem menos.

Queria dizer como foi bom voltar a ver-te recentemente e como tenho muito mais para te dizer. Penso muito em ti e nas noites que passámos juntos há muitos anos. Nunca me esqueci dessas noites e nunca me esqueci de ti.

Foram uns meses esquisitos para mim, para ser franca, mas hoje vi duas das minhas melhores amigas a apaixonarem-se, o que foi a melhor coisa em todo o universo e fez-me querer ser mais corajosa do que sou. Sei que tudo isto parece um pouco estranho e

exagerado, mas se não te fizer esta pergunta, acho que me vou arrepender e passar o resto da vida a pensar como teria sido. Por isso, respiro fundo!, gostavas de sair comigo num encontro a sério na próxima semana? É claro que a *Jackie Weaver* também está convidada.

Esther x

2h33

Porra, sim!

2:35

EPÍLOGO

UM MÊS DEPOIS

- Não posso crer que isto está mesmo a acontecer - diz a Lou, enquanto limpa os olhos. - Nunca pensei que este dia pudesse chegar.

Solta uma risada trémula e eu abraço-a, tentando não lhe amarrotar o vestido.

- Nem eu - assinto, pegando num lenço de papel para limpar também o meu rosto. - Não pensei que fosse ficar tão emocionada. É tão patético, detesto chorar! Sempre jurei que não choraria.

- Bom... - A Lou respira fundo. - Hoje é um grande dia. Um dia mesmo especial. Acho que podemos emocionar-nos. Já esperávamos isto há tanto tempo.

Volto a dar-lhe um abraço. Quando nos afastamos, olhamos uma para a outra, com sorrisos luminosos e os olhos húmidos e reluzentes.

- Adoro-te, Esther - sussurra ela.

Uma lágrima cai-me pelo rosto.

- Também eu, Louise - sussurro de volta.

- OK, A SANITA ESTÁ ARRANJADA - grita o canalizador do interior da casa de banho.

- VIVA! - berramos as duas em simultâneo.

Nenhuma de nós quer acreditar que demorou tantos anos a arranjar devidamente a sanita. Por um canalizador profissional, não pelo genro incompetente do senhorio. Não admira que estejamos tão emocionadas.

- Podemos ver? - Passamos as duas pela porta da casa de banho e arrulhamos uma para a outra, enquanto o canalizador olha para o teto, aborrecido. - É espantoso! Não está a transbordar água! - digo numa voz pasmada. - Podemos puxar o autoclismo? Não vai verter para fora?

O canalizador torce o nariz ao ouvir a minha pergunta.

- Claro que não vai verter, por acaso sou a porra de um idiota? Foi um conserto fácil.

- Uau! - solto, dando um passo à frente para testar o manípulo.

- Espera! - diz a Lou, receosa. - Vou recuar um passo. Não quero sujar o vestido se borrifar água ou algo assim.

- Bem pensado - concordo reverencialmente.

A Louise tem um novo emprego como, adivinhem só, assistente de mágico. É perfeito, não é? Ela adora o emprego e tem de usar uma roupa incrível. A Louise diz que o tio-avô Merton a ajudou a conseguir o emprego, mas acho que está a confundir fantasmas com magia. É um contrato de um ano e vai viajar com o espetáculo por todo o país. Está tão excitada! Tem toda a emoção de estar num palco diante de um público, sem ter de representar. O que dá mesmo jeito, porque, aparentemente, ela é mesmo má atriz. Conseguiu finalmente um trabalho com uma fala na série *Casualty*, e quando foi para o ar, cortaram-lhe a cara da imagem. Só dava para ouvir a voz dela fora do enquadramento a gritar: "Alguém ligue para o 112!" E até fora de imagem conseguiu soar muito pouco convincente. Seja como for, está feliz e o novo emprego está a dar-lhe montes de material para fazer *role-play* na cama com o Sven.

O canalizador solta um resmungo zangado e cruza os braços.

- Não vai borrifar água nenhuma. Que raio de sanita borrifava água para fora?

Ambas olhamos para ele.

- Já passámos por muito com esta sanita, companheiro - digo-lhe calmamente.

Ele não faz ideia.

Alguém bate à porta.

- Meninas? - A voz da Sofia ecoa no corredor.

- Estamos na casa de banho! - grito em resposta. - Com o canalizador.

- Estão a filmar pornografia?

Ela espreita pela porta e assente para o canalizador carrancudo.

- Oh, nunca ouvi essa piada antes - resmunga ele, revirando os olhos. - Muito bem, quem é que me vai pagar?

A Lou e eu olhamos uma para a outra. O senhorio não nos vai lixar outra vez, pois não? Ele prometeu que estaria aqui para tratar da fatura.

A Sofia apercebe-se do nosso olhar preocupado.

- Ele está lá fora. Acabei de passar por ele. Está a gritar com alguém ao telemóvel.

Ergo um sobrolho. É claro que está. Deve estar a fustigar outro pobre inquilino que paga os olhos da cara para poder morar num dos seus vários pardieiros em Londres.

- Eu vou lá - voluntario-me corajosamente, sorrindo ao passar pela Sofia.

Ultimamente, ela tem passado muito tempo connosco, é agradável. Principalmente agora que a Bibi não vive cá.

Abro a porta da frente.

- Sr. Whittle? - chamo, nervosa.

- ESPERE!

O homem segura o telemóvel com uma mão e espeta a outra na minha cara, palma da mão para a frente. Continua a gritar para o telemóvel durante mais algum tempo, enquanto eu mudo o peso de um pé para o outro, a morrer de frio, sem casaco no corredor.

Passado um minuto, volto a tentar.

- Sr. Whittle, o canalizador está lá dentro e quer...

- Fique CALADA - brada ele na minha cara, exibindo dentes amarelos. - Estou a falar com um inquilino e está a ser malcriada.

Eu estou a ser malcriada? EU?

- Na verdade, está a *gritar* com um inquilino - digo, furiosa. - Como faz com todos nós. O senhor é um *rufia*, sr. Whittle, e já estou farta. - Subitamente, estou a gritar com ele. - Lá porque é o senhorio, pensa que tem todo o poder. Mas nós temos direitos, sabe? Já aturámos muita porcaria sua ao longo dos anos e sempre fomos boas inquilinas. Pagamos a renda, que o senhor sobe todos os anos, e pagamos as contas. Não pode tratar-nos com tanto desdém. Aposto que se ligássemos a todos os seus inquilinos, todos diriam o mesmo.

- Como se ATREVE a...

O peito do sr. Whittle expande-se para o dobro do tamanho habitual quando ele avança sobre o meu espaço

peçoal. Mas a tirada furiosa é interrompida quando a Sofia e o Ivan aparecem do nada. Com uma passada leve de bailarina, a Sofia aparece subitamente à minha frente.

- Recue imediatamente, *monsieur*! - Ela em toda a sua altura , acima do entroncado sr. Whittle. Ele estremece. - Não só vamos encontrar todos os seus inquilinos - ameaça ela, com os olhos a faiscar quando o confronta -, mas eu e o Ivan também vamos apresentar queixa. Há leis para impedir parasitas como o senhor de tirarem proveito da crise de alojamento. Vai levar umas multas, senhor! Todos sabemos que o telhado está cheio de amianto e não dizemos nada. Se fizermos uma queixa, vai custar-lhe milhares de libras.

O Ivan junta-se a ela, mais um corpo entre nós.

- E sabemos que a instalação elétrica não está conforme o regulamento. Ou a canalização. Até lhe saltam os olhos, companheiro. É melhor começar a atinar por estes lados.

O Whittle parece chocado com tudo isto. Inquilinos a unirem forças para se ajudarem mutuamente? É o pior pesadelo dele. Que horror!

Chego-me à frente.

- Vá pagar ao canalizador por finalmente arranjar a sanita, sr. Whittle. Ah, e aquela maldita mancha amarela no teto do meu quarto também vai ser arranjada, não vai? - Uma sombra cai-lhe sobre o rosto quando desfiro um golpe mortal. - Porque - faço uma pausa dramática -, a Bibi pode estar a mudar de casa, mas eu *mando-a* atrás de si, se for preciso. Acredite em mim quando lhe digo que ela já lidou com cabrões piores do que o senhor.

Não menciono a ocasião em que ela ameaçou um homem com um faca. Neste momento, temos a vantagem moral; não quero desperdiçar isso.

Ele fica pálido ao ouvir o nome da Bibi, como seria de esperar.

- Está bem - protesta. - Vou pagar ao homem. E vou tratar da estúpida mancha no teto. Mesmo tendo a certeza de que foram vocês que fizeram isso. - Fita-me com um rosto furioso, os olhos semicerrados, como se eu andasse mesmo a infiltrar humidade. - Tome - diz ele, entregando-me uns documentos. - Dê isto à sua amiga que vai sair da casa. É a papelada dela.

Recebo os documentos e olho-o fixamente quando ele vai para dentro do apartamento.

- Obrigada, pessoal. - Sorrio alegremente para o Ivan e a Sofia. - Fico contente por terem ficado amigos.

Eles sorriem um para o outro.

- Nós também!

Uma parte de mim está triste por o Ivan e a Sofia não terem ido além do quarto encontro, mas não há ressentimento entre eles. Foi a Sofia quem acabou tudo, explicando que tinha demasiadas opções no *Tinder* para se contentar com apenas um homem. Disse que percebera finalmente como adorava ser solteira. Adora a liberdade, a aventura e a espontaneidade que daí advém. Além disso, há a solicitação constante das aplicações de encontros. Seja como for, agora entendo o que ela quer dizer. Ser solteira pode ser fantástico, se estivermos no estado de espírito certo.

Levo os documentos para dentro e deixo-os em cima da antiga cama da Bibi. Ela pode levá-los quando ela e a Alex vierem cá jantar, logo à noite.

No corredor, consigo ouvir o canalizador a discutir com o Whittle acerca de dinheiro e a Louise na sala de estar, a rir-se ao telefone com o Sven – ou Nikar. Mas fico aqui por mais um momento, a olhar em redor, a observar tudo. É tão estranho ver o quarto da Bibi assim vazio. Desapareceram todas as coisas encantadoras dela. Bom, não desapareceram, apenas se mudaram para casa da Alex. Que nem sequer é assim tão longe. São apenas três paragens de metro.

Solto um suspiro.

A mudança é estranha, não é? Tento não resistir-lhe, tento até abraçar as mudanças boas, mas não deixa de ser estranho. E parece que os últimos meses foram feitos apenas de mudança.

Vou fazer 30 anos, a Bibi vai mudar-se, o Sven vem para aqui. A Bibi está a começar o novo negócio dela e vamos trabalhar juntas em eventos divertidos. Na verdade, vai ser fantástico. Os meus patrões ficaram encantados com a ética de trabalho dela. Também eu, considerando o que tinha visto no *The Swab*. Até estão a falar em assinar um contrato formal com a empresa dela. Tipo, com algum tipo de avença. É fantástico e sei que a Bibi está a divertir-se como nunca. Além disso, faço boa figura por ter sido eu a apresentá-la.

Que mais, que mais? Ah, sim.

O Nick.

– Oláááá? – grita uma voz familiar no corredor, acompanhada pelo som frenético de unhas de cão em chão

de madeira.

A *Jackie Weaver* aparece subitamente à porta e fica histérica quando me vê. Vem ter comigo aos saltos, língua de fora, salta pelo ar, atira-me para cima do velho colchão da Bibi e cobre-me a cara de lambidelas delirantes.

- Também tenho direito a um beijo?

O Nick está apoiado na ombreira da porta, a sorrir para a luta entre mim e a *Jackie*.

Como referi, algumas mudanças são boas. Mesmo muito boas.

Ainda estamos no início, mas sei o que o Nick e eu temos. É a primeira vez em que não há joguinhos nem esquemas. Ele responde logo às minhas mensagens, aparece a horas aos encontros, diz-me que sou bonita sem eu ter de lhe dar dicas pouco discretas. Não estou com grande pressa de tornar a coisa séria ou tentar defini-la, não como antigamente, mas divertimo-nos muito os dois. Damo-nos tão bem e o sexo é fantástico. Especialmente agora que conseguimos enfiar mais do que a ponta.

- Vem cá ajudar-me. - Rio-me quando a *Jackie* me lambe um olho.

O Nick acede ao pedido e luta até mim para me levantar e abraçar-me, cumprimentando-me como deve ser.

Meu Deus, os beijos dele ainda me deixam tonta.

- Estás pronta para o nosso passeio no parque? - murmura ele mesmo junto ao meu pescoço.

Subitamente, não estou nada pronta. Na verdade, posso mesmo ter de o levar até ao meu quarto e...

- *Jackie!* - exclamo ao afastar-me do Nick, quando ela deita ao chão a papelada que o sr. Whittle me deu para entregar à Bibi.

- Desculpa - diz o Nick, segurando a *Jackie* pela coleira. - Vou tirá-la daqui. Vemo-nos lá fora dentro daqui a pouco?

Assinto e ele inclina-se para me dar mais um beijo antes de sair.

Enquanto recolho todos os papéis e os arrumo numa pilha, algo faz-me parar bruscamente.

Oh, meu Deus.

Não pode não pode não pode.

É o nome dela. O nome completo da Bibi. Está mesmo aqui, nos documentos. Preto no branco.

Valha-me Deus.

Birgit Morag Colmer.

BIRGIT. Que porra mais genial.

Ouçõ a porta a bater quando o senhorio e o canalizador saem juntos, ainda a discutir ruidosamente.

Tiro o telemóvel para mandar uma mensagem à Bibi, desculpem, à Birgit, para lhe dizer que finalmente sei o segredo dela. Mas então paro.

Ela não quer que saibamos e gosta de nos provocar. Posso deixá-la ficar com isso. E se um dia nos quiser dizer a verdade, posso sempre fingir-me surpreendida. Posso dar-lhe isso. Ela dá-me tanto mais. Ela, a Alex, a Louise. São as melhores pessoas do mundo e quero ficar perto delas para o resto da vida.

Estou excitada com o Nick, estou mesmo. Excitada com as aventuras que podemos vir a ter, mas agora sei o que é

importante. Ele não é *tudo* o que preciso num homem, e compreendo isso. Ele acrescenta algo à minha vida; faz-me sorrir e rir, e é divertido ter alguém na minha equipa, alguém com quem fazer coisas divertidas. Mas dá um toque de encanto a algo que já era maravilhoso. Não preciso de um parceiro para tornar a minha vida boa, porque já é boa. Estou tão, tão feliz por finalmente compreender isso; por compreender como tenho sorte. Não há nada melhor no mundo. E estou estranhamente grata a cada um dos meus sete ex-namorados por me terem ensinado isso. Ajudaram-me a compreender-me e a dar forma à pessoa que sou hoje. Todos me trouxeram até aqui, ao sítio onde estou agora, com as melhores amigas do mundo ao meu lado e um emprego que adoro, mas que não me impede de ter uma vida. E trouxeram-me até ao Nick.

Sinto-me grata.

A Louise espreita pela porta do quarto. Tem o fato novo do número de magia todo encharcado e parece stressada.

- A sanita está avariada outra vez, miúda. Já fui buscar a jarra, agora é a tua vez.

Agradecimentos

Olá, leitores estranhos e sensuais que leem estas últimas páginas. Primeiro, quero agradecer-VOS do fundo do coração. Porque ninguém me deixaria escrever livros se vocês não os lessem e dissessem coisas simpáticas sobre eles. Vocês são, francamente, as melhores pessoas do mundo e ADORO-VOS.

O meu grande agradecimento seguinte vai para a minha linda editora (ela é mesmo linda, procurem-na no Google), Molly Crawford, e à minha maravilhosa editora Simon & Schuster. MUITO obrigada a todos. Foram verdadeiras estrelas durante todo o processo e não vos posso agradecer o suficiente. MUITO obrigada, Sabah, sua bela maga da publicidade, por me deslumbrares por completo. À SVJ, por organizares as melhores festas e escreveres as minhas piadas para me poderes contar de volta. E, acima de tudo, ao *gin House of Virtue*! Tipo, UAU. Um milhão de agradecimentos à Clare, por me trazer para a família S&S, à Amy Fulwood, pela sua magnífica proeza de *marketing*, à Jess, pelo cabelo fantástico, à Pip, pela capa maravilhosa, e ohmeuDeus, à gloriosa equipa de representantes, Amy, Ben e Maud, que trabalharam tanto para fazer com que o livro fosse vendido em tantos sítios excitantes por esse mundo fora. Desculpem se estou sempre a mandar-vos mensagens lamechas e a dar-vos abraços estranhos.

Quero agradecer também à Olivia Barber, que me ajudou imensamente nas primeiras fases do *brainstorming* deste livro e que é um ser humano genuinamente encantador e talentoso.

Diana Beaumont, tão régia como o nome sensual parece implicar, adoro-te tanto. Obrigada pelo apoio e carinho que me dás. Não posso crer que ainda não vi O Vestido, que diabo.

Um agradecimento infinito a todas as autoras generosas e bondosas que foram tão queridas e simpáticas comigo. Quando comecei a escrever livros, não fazia ideia de que encontraria uma comunidade tão calorosa e inclusiva de mulheres talentosas que gritam coisas simpáticas umas acerca das outras para o mundo todo ouvir. Dá-me vontade de chorar, saber como vocês são tão BONDOSAS. Há muitas mais pessoas a quem devia agradecer. Se por acaso fores uma amiga escritora e o teu nome não estiver aqui, fica a saber que tenho vários amigos íntimos e parentes queridos que literalmente me esqueci de convidar para a minha festa de casamento. É esse o tipo de cérebro que temos aqui.

Obrigada às gloriosas Lindsey Kelk, Daisy Buchanan, Lauren Bravo, Beth O'Leary, Holly Bourne, Caroline Corcaran, Paige Toon, Ayisha Malik, Isabelle Broom, Rosie Walsh, Cesca Major, Kate Riordan, Caroline Hulse, Marian Keyes, Milly Johnson (Johnny), Mhairi McFarlane, Salma El - Wardany, Paige Toon, Louise O'Neill, Lia Louis, Justin Myers, Lizzy Dent, Beth Reekles, Hannah Doyle, Poorna Bell, Kate Weston e, Oh, meu Deus, tantas, tantas outras que foram ridiculamente encorajadoras a apoiar os meus livros

agora e no passado. Um agradecimento do tamanho do mundo.

Um agradecimento enorme, e um pouco tocado, aos meus amigos e à minha família; vocês são todos espantosos e sinto-me grata por todo o apoio que me dão continuamente. Obrigada por me ouvirem sempre com simpatia quando me queixo por passar o dia todo na cama a chorar por procrastinar. Acabei este livro, OK?

Também quero agradecer ao David H-HH. Entre a escrita deste livro e a sua publicação, fugimos juntos para Las Vegas, juntamente com a Sarah e o Fred, para nos casarmos, o que foi bom. O David é um tipo muito fixe que tem sido incrivelmente fantástico para mim nos últimos anos, principalmente quando eu tentava, em vão, pôr palavras numa página. Obrigada por me fazeres rir todos os dias. Vamos beber bebidas roxas até eu te sufocar.

Obrigada mais uma vez a todos vocês, humanos lindos. Provavelmente, é melhor parar por aqui, porque a Molly quer o próximo livro dentro de algumas semanas e só escrevi umas dez mil palavras, por favor, não lhe digam. A principal razão para estes agradecimentos serem assim tão longos é porque são mais uma desculpa para não trabalhar no novo livro. Lalalalalalalalala. Certo, vou abraçar os meus cães durante meia hora. Adeus.